OBRAS INEDITAS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

CARTAS E OPUSCULOS

DOCUMENTANDO AS MEMORIAS PARA A SUA VIDA INTIMA
E SUCCESSOS DA HISTORIA LITTERARIA E POLITICA DO SEU TEMPO

COM UMA PREFAÇÃO CRITICA

POR

THEOPHILO BRAGA
Socio effectivo da Academia

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias
1900

OBRAS INEDITAS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

CARTAS E OPUSCULOS

TRABALHOS ACADEMICOS

DE

THEOPHILO BRAGA

Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrucção publica portugueza.

Tomo I (1289 a 1555.) XVI–600 pag. Lisboa, 1892. In-8.° gr. .... 1 vol.
Tomo II (1555 a 1700.) 846 pag. Lisboa, 1894. In-8.° gr. .... 1 »
Tomo III (1700 a 1800.) 772 pag. Lisboa, 1898. In-8.° gr. .... 1 »
Tomo IV (1800 a 1872.) *No prelo* .... 1 »

Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra. In-4.° XLII–168 pag. Lisboa, 1894 .... 1 »

(Vem publicado nas *Memorias da Academia*, tomo VII, parte I, da 2.ª Classe, servindo de introducção á *Relação do estado da Universidade de Coimbra de 1772 a 1776*, apresentada ao governo por Dom Francisco de Lemos.)

Centenario do Descobrimento da America. Lisboa, 1892. In-4.° 20 pag. (Serviu de introducção ao volume das *Memorias da Academia*: Commemoração da descoberta da America) .... Folh.

Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo, por Innocencio Francisco da Silva. Obra posthuma: organisada sobre tres redacções de 1848, 1854 e 1863, e ampliada em quanto a *Documentos* e *Bibliographia* por Theophilo Braga. Lisboa, 1898. In-8.° XX–440 pag.... 1 vol.

Obras ineditas de Jose Agostinho de Macedo — *Cartas e Opusculos*, documentando as Memorias para a sua Vida intima, e successos da Historia litteraria e politica do seu tempo. Com uma prefação por Theophilo Braga. Lisboa, Typ. da Academia, 1900. In-8.° gr. XLVIII–230 pag.... 1 vol.

—— *Censuras a diversas Obras*, (1824 a 1829) com varias *Composições lyricas, didacticas e dramaticas.*— Com um Estudo sobre a Censura litteraria por Theophilo Braga. *No prelo* .... 1 vol.

Proposta para a impressão dos Cancioneiros trobadorescos portuguezes, apresentada na sessão da 2.ª Classe da Academia em 24 de fevereiro de 1898. Typ. da Academia .... Folh.

(Liga-se-lhe o PARECER da Secção de Historia, *em contrario*, assignado pelos academicos Gama Barros *relator*, Silveira da Motta e Teixeira de Aragão.)

A Congregação do Oratorio em Portugal. Preambulo ás Cartas autographas ineditas do P.e Bartholomeu de Quental. *(Em preparação.)*

OBRAS INEDITAS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

CARTAS E OPUSCULOS

DOCUMENTANDO AS MEMORIAS PARA A SUA VIDA INTIMA
E SUCCESSOS DA HISTORIA LITTERARIA E POLITICA DO SEU TEMPO

COM UMA PREFAÇÃO CRITICA

POR

THEOPHILO BRAGA
Socio effectivo da Academia

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias
1900

SOBRE ESTES INEDITOS

Chegou a formar-se antes de 1860 uma sociedade com o fim de publicar as *Obras ineditas* de José Agostinho de Macedo; o possuidor de um grande numero de autographos e copias, José Pedro Nunes, prestava-os para a impressão, e Innocencio Francisco da Silva organisava a disposição dos volumes com annotações e commentarios, acompanhando tudo com o livro que compozera das *Memorias biographicas de José Agostinho de Macedo;* não faltava quem corresse com as despezas e mais trabalhos editoriaes, mas, por circumstancias immanentes a um meio mental mesquinho, a generosa empreza não se tornara effectiva. Desmembraram-se os *Ineditos* de José Agostinho de Macedo, e as *Memorias biographicas* escriptas por Innocencio permaneceriam na sombra, e perder-se-iam, se a Academia real das Sciencias não accolhesse a offerta do seu intelligente possuidor, dando realidade ao frustrado pensamento de Innocencio.

Estão já publicadas as *Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo;*[1] seguem-se agora as *Cartas*, que documentam mui-

---

[1] Um volume in-8.º grande, de XXIV–436 paginas, com o retrato phototypico, impresso na Typographia da Academia real das Sciencias. Os herdeiros de Innocencio,

tos successos da vida do escriptor e factos importantes da historia litteraria e politica do seu tempo; bem como as *Censuras*, de 1824 a 1829, por onde se conhece o estado das idéas n'esse periodo agitado da implantação do regimen constitucional. A collecção de *Cartas*, que formam este volume, não constituem a Correspondencia particular completa de José Agostinho, que chegou a reunir Francisco de Paula Ferreira da Costa; Innocencio, não podendo obtel-as todas, comprou copias d'aquellas que mais documentassem a *Memoria biographica* em que trabalhava. O culto pelo grande polygrapho approximara aquelles dois colleccionadores acérrimos, mas sempre desconfiados um do outro; os *Ineditos* de Macedo eram a unica receita de que vivia Ferreira da Costa, que a final vendeu tudo para comer na sua desamparada velhice.

Das collecções de Francisco de Paula Ferreira da Costa escreve Innocencio:

«Não é menos para notar outra amplissima collecção por elle formada, dos escriptos do P.^e^ José Agostinho de Macedo (com quem teve por largos annos tracto de intima amizade); a qual além de completa no que diz respeito ás Obras impressas do celebre escriptor, por mais insignificantes que sejam, *contém todas as ineditas que d'elle se conhecem, tanto em verso como em prosa*, inclusivè algumas *centenas de Cartas* missivas de sua correspondencia, sobre assumptos politicos, litterarios, etc.» *(Dic. bibl.*, t. III, p. 22.)

Ferreira da Costa, tendo seguido a causa de D. Miguel, soffreu os accidentes da lucta, tendo de fugir de Lisboa em julho de 1833 para unir-se ao exercito, e ficando sem nenhum dos seus empregos sob o regimen constitucional. A consequencia foi achar-se no fim da vida sem amparo, luctando com a miseria, tendo como unico recurso o vender copias dos Manuscriptos das Obras do P.^e^ José Agostinho de Macedo, e por fim vendendo por um conto e quinhentos mil réis todas as suas

---

que receberam metade da edição, acharam em livrarias portuguezas o preço de 50 réis por cada exemplar! Comprehende-se por que motivo Innocencio não pensou mais em publicar o seu importante trabalho.

collecções bibliographicas ao corretor Pereira Merello. Da opulenta collecção de Poemas, que hoje figura no Catalogo Merello, escrevia Innocencio em 1859:

«Entre alguns milhares de volumes, ajuntados com diligente e incansavel curiosidade, e nos quaes se comprehende bom numero de livros portuguezes antigos, raros e estimaveis, conserva uma collecção de Poemas nacionaes, impressos e manuscriptos (muitos d'estes autographos), a mais copiosa sem duvida que até agora conseguira reunir algum bibliophilo dado a esta especialidade.» *(Ib.)*

As copias obtidas por Innocencio abrangem especialmente as *Cartas* dirigidas de 1828 a 1830 a Frei Joaquim da Cruz, Procurador geral do Mosteiro de Alcobaça, que então subsidiava a propaganda doutrinaria da *Besta esfolada* contra o Constitucionalismo; algumas outras a Frei Fortunato de San Boaventura, caudilho da reacção absolutista, a Ribeiro Saraiva e individuos menos representativos.

No empenho de ampliar o numero das *Cartas* obtivemos os *autographos* das que foram dirigidas a Frei Francisco Freire de Carvalho, que nos confiou o seu sobrinho bisneto o garboso poeta Eugenio de Castro, nosso dedicado amigo, e que abrangem uma época interessante do escriptor, de 1806 a 1813. Tambem copiámos do *Conimbrisense* as quatro *Cartas* dirigidas em 1829 e 1830 ao Dr. Frei Domingos de Carvalho, graciano, lente de prima da Universidade, ás quaes Martins de Carvalho, que as possuia, déra publicidade em 1871.

Ha porém no presente volume a série completa das *Cartas á Freira Trina* do convento do Rato, de que Innocencio teve tradição, mas que nunca conseguira vêr, nem determinar o seu paradeiro.[1] Ha felicidades no trabalho do estudioso, como no do mineiro, que topa casualmente com os brilhantes de numerosos quilates, ou com os filões de ouro que em um momento coroam todas as fadigas. Assim me aconte-

---

[1] Nas *Memorias para a Vida intima de José Agostinho de Macedo*, p. 293, diz: «Ha tambem uma collecção especial de setenta e tantas Cartas escriptas a uma Freira trina do Convento do Rato pelos annos de 1821 e 1822, que não são por certo as menos curiosas.» Erra no numero, porque a collecção é de 57 cartas.

ceu ao communicar ao meu leal amigo Brito Aranha, digno consocio da Academia e meritissimo presidente da Associação dos Jornalistas, o andamento em que levava a impressão das *Cartas de José Agostinho de Macedo;* com a mais franca espontaneidade, e um nobilissimo desinteresse, confessou-me Brito Aranha que possuia no proprio autographo a collecção das *Cartas á Freira Trina* do convento do Rato, e que as punha á minha disposição para se enriquecer o monumento litterario iniciado por Innocencio Francisco da Silva. Que emoção de surpreza! mais um raio de luz para dentro da alma do grande luctador, e ao mesmo tempo que cooperação sincera, digna, desinteressada em antinomia com os esconderijos e alçapões, tão frequentes entre os investigadores, que levam a prelibação do documento historico até conserval-o mysterioso e quasi problematico. Brito Aranha contou-nos que as *Cartas á Freira Trina,* que são a joia impagavel d'este livro, pertenceram a José Pedro Nunes; que este fervoroso collecionador macedino tencionara vendel-as ao falecido visconde de Alemquer, e não lhe convindo o preço as offerecera a elle como continuador do *Diccionario bibliographico portuguez.* Offerecendo-as para completarem este livro, Brito Aranha conquistou mais um titulo de benemerito das lettras patrias, e prestou á Academia um serviço inolvidavel. E, para não dar ao louvor a fórma encomiastica, declaramos ainda que Brito Aranha nos confiou o texto autographo das *Censuras de José Agostinho de Macedo,* sobre o qual se faz a revisão typographica no respectivo volume.

Na coordenação das *Cartas* poder-se-ia ter seguido a ordem chronologica, sendo isso mais vantajoso para o estudo da vida de José Agostinho de Macedo, com desvantagem dos documentos historicos, que ficariam baralhados. Innocencio adoptou nas suas copias as séries, conforme as pessoas a quem as *Cartas* eram dirigidas; é plausivel esta disposição, que preferimos tambem, reservando para um estudo preliminar o tracejar o quadro chronologico implicito n'ellas.

As *Cartas* mais antigas de José Agostinho de Macedo aqui reunidas começam em 1806, accentuando uma época nova da sua individualidade. Para traz ficaram as loucuras de uma mocidade turbulenta,

em revolta com a disciplina monachal, transferido de convento para convento, expulso da communidade dos Gracianos, e sob a alçada da Intendencia da Policia, na agitação de delirio de um forte temperamento que não se conforma com o seu meio. Porém esse sentimento exagerado da sua personalidade, temperando-se n'essas mesmas violencias, passou do estimulo de um delirio inconsciente a ser um impulso de actividade tendente a dar um relêvo superior á sua individualidade. O alienista Maudsley, na *Pathologia do Espirito,* descreveu lucidamente estas duas phases, quando em um caracter commum predomina «um sentimento pessoal exagerado e mal temperado, em consequencia do qual resulta a incapacidade de vêr as cousas nas suas verdadeiras relações e nas suas verdadeiras proporções. Um sentimento vivissimo do eu, com poucos conhecimentos e pouca vontade, é o estofo favoravel ao desenvolvimento da paixão egoista, quer se trate da paixão que se traduz pelos esforços que faz o individuo para se satisfazer a si proprio, a ambição, a avareza, o amor, ou se trate da paixão que indica a recção do eu contra o que se oppõe á sua satisfação, como a inveja, o ciume, os resentimentos de amor proprio, a dependencia. E a expressão natural de uma tal paixão levada ao extremo é o delirio.» [1]

Todo o passado de José Agostinho de Macedo resultou d'este excesso de sentimento da personalidade, servindo-se os seus antagonistas das deploraveis manifestações do *delirio* que até á morte lhe exprobraram.

Começou, porém, um tempo em que esse temperamento forte venceu os estimulos que o desvairavam, servindo-se d'essa energia para um maior relêvo de caracter. Foi uma nova manifestação da existencia, na sua mais intensa actividade pessoal e influxo social. Maudsley descreve esta phase psychologica: «Apesar de tudo, ha grandes vantagens em ter o sentimento exagerado do seu valor; elle dá energia e vigor ao caracter; o que por vezes é um mal, dando força a convicções acanhadas, o que inflamma um zelo intemperante, pode prestar

---

[1] *Pathologie de l'Esprit,* p. 262.

serviço ao individuo, permittindo-lhe reagir fortemente á opposição, resistindo inteiramente só.» E concluindo: «Pode-se pois notar que o sentimento do seu valor pessoal dá o poder a um individuo de tornar-se um reformador, ou o leva a ser um alienado, conforme as circumstancias da vida lhe são ou não favoraveis, e segundo o maior ou menor gráo de capacidade intellectual ou da vontade com que elle se acompanha.» Menos forte e saudavel, menos intelligente e activo, José Agostinho de Macedo ficaria um frade devasso, morrendo obscuramente em algum *in pace*, ou na enxurrada da gentalha; esse excesso do sentimento da personalidade, que tantas vezes prorompe no orgulho litterario, suscitou-lhe a ambição de um reformador, começando pela aspiração a transformar a Litteratura e por ultimo a dirigir a Politica, sendo o unico elemento de resistencia doutrinaria na crise da transição do regimen do Absolutismo para o das Cartas *outorgadas*. Toda a sua existencia é uma documentação d'essas doutrinas da psychologia pathologica, e synthetisa-se nitidamente na fórmula de Maudsley.

Na época em que José Agostinho entra em correspondencia com Frei Francisco Freire de Carvalho. superior do Collegio da Graça, de Coimbra, ha ainda reminiscencias á vida desenvolta, mas preoccupa-o acima de tudo a ambição de uma reforma da Litteratura portugueza. Lêa-se a carta datada de 20 de setembro de 1806; a nação acha-se comprimida entre duas potencias, a França napoleonica e a Inglaterra que dirige a reacção continental, e a Litteratura está como o espirito nacional, apagada e quasi extincta; José Agostinho tem uma fé: «virá um tempo em que o gosto desperte.» Elle proprio quer metter hombros a essa empreza e denuncia-lhe o seu plano: «Eu trago em vista uma pequena *Arcadia*, onde poucos opponham uma barreira ao veneno das *Bocagiadas* e das *Nissenadas*, que infestam o Tejo e o Mondego. Veja se attrae o não sabido Costa, moço de genio, e se acorda outros.» (P. 135.)

Em primeiro logar José Agostinho estava ainda sob a impressão prestigiosa da *Arcadia lusitana*, e seguindo esses moldes imaginava estabelecer uma disciplina de gosto, sem conhecer que o gosto é uma resultante do aperfeiçoamento geral dos costumes e da elevação das idéas. Aquelles que mantendo o culto de admiração por Bocage, imi-

tando a sua maneira, combatiam desesperadamente contra a personalidade de José Agostinho, reuniam-se no botequim de José Pedro da Silva, a que chamaram a *Arcadia das Parras,* consagrando automaticamente esse antigo e geral prestigio.[1] José Agostinho, apesar de em 1806 estar morto Bocage, ainda luctava com a sua sombra: «O astro Moniz eclipsou-se, cousa fatal, desappareceu esta nebulosa estrella, ou lhe não ponho a vista em cima ha oito mezes; *ainda não parou a desintheria que inquieta as cinzas do extincto* vatalhão Bocage, *que mania!*» Apparecera por este tempo o retrato de Bocage em uma bella gravura de Bartholozzi; Macedo incommodou-se com isso, e na carta referida nota: «Viu já luz a grande estampa de Bartholozzi, acceitou a dédica Antonio de Araujo, vende-se a 800 réis e gasta-se.» O rancor contra Bocage exacerbou-se com a publicação da Satira *Pena de Talião,* e con-

---

[1] Na Satira inedita *A Vingança das Musas, ou Abreu Lima* transformado em Burro,* ha uma referencia á Arcadia:

> Qual outr'ora os das Ménalas montanhas
> Da Lusitania, os *Arcades* zelavam
> As leis, as justas leis, que o d'Estagira
> E o de Venusa oraculo, dictaram,
> Hoje, quasi, entre nós desconhecidas.
> *Coridon* immortal, o grande *Elpino,*
> E os socios divinaes que começaram
> Co'as lições e co'exemplo memorando
> A restaurar da Patria a gloria antiga,
> Que os Sás, Camões, Bernardes e Ferreira
> Nas azas de ouro aos céos guindado haviam,
> Lá do cume do Monte bipartido
> A um sôpro seu das faldas enxotavam
> Nojosas gralhas, que piar ousassem,
> E ao som encantador dos alvos cysnes
> Afogadas no charco as rãs morriam.
> Era já nova Athenas Ulysséa.
> . . . .
> . . . . Notar cumpre
> Que inda que os sabios *Arcades* se extingam
> Seus raios darão luz perpetuamente.
>
> (Bibl. nac., Ms. n.º 7008.)

* **Padre José Manuel de Abreu Lima, auctor das comedias:** *O Duque de Saboya, O Serralheiro hollandez, A conquista de Lisboa, Pedro Grande,* etc.

tra o grupo de *Elmanistas*, que se reunia no *Agulheiro dos Sabios*, no botequim das Parras, dando origem á primeira elaboração do poema os *Burros*. Referveram as Satiras e as criticas em prosa na improvisação jornalistica, dando logar a varios Requerimentos de José Agostinho ao Desembargo do Paço contra Pato Moniz e João Bernardo da Rocha Loureiro.[1] A lucta dos *Elmanistas* prolongou-se indefinidamente, e por si constitue um capitulo da historia litteraria do fim do arcadismo. José Agostinho luctava tambem contra as *Nicenadas* ou as imitações de gosto *Filintista*. O nome poetico de Francisco Manuel do Nascimento era *Niceno*, como o conheciam no tempo da *Guerra dos Poetas* em 1767; D. Leonor de Almeida (Marqueza de Alorna), quando prisioneira de estado em Odivellas, deu-lhe o nome de *Filinto*, ao qual depois da expatriação em 1778 accrescentou o epitheto de *Elysio*. Durante o seu longo desterro Filinto Elysio sustentou, de 1778 a 1818, uma incansavel cruzada a favor da Litteratura e da Lingua portugueza. Não tinha uma doutrina esthetica, mas por intuição approximou-se das fontes populares da tradição e da linguagem; sustentava a necessidade de se estudarem os escriptores Quinhentistas, de aproveitarem as riquezas do seu vocabulario, em grande parte archaico, combatendo por esse modo os neologismos imbecis dos *francêlhos*, que mesclavam o portuguez com inopportunos gallicismos. Filinto Elysio, por falta de criterio historico, manifestara-se tambem inimigo declarado da *Rima*, e impunha o verso solto como a fórma perfeita da metrica.

Abundaram os sectarios da eschola *Filintista*, que consideravam o sympathico poeta desterrado como um genio superior; não se deu um rompimento entre *Elmanistas* e *Filintistas* porque Bocage, pouco antes de morrer, recebeu de Filinto a consagração devida ao genio do *numeroso Elmano*, que diante de uma tal apotheose concluiu uma Ode com o verso feliz: «Zoilos, tremei! Posteridade, és minha.» O talento irrequieto de José Agostinho de Macedo não se conformava com estas

---

[1] Acham-se de p. 245 a 256 d'este volume. Deu-nos indicação d'esses Requerimentos o nosso estudioso amigo Pedro Augusto de Azevedo, digno official da Torre do Tombo.

mutuas glorificações e pensou em atacar tambem as *Nicenadas*. Como tinha combatido de frente com Bocage, prejudicava-o o assalto directo com Filinto, foragido da patria e abandonado pelos seus conterraneos. Suggeriu a alguem que entrasse na lucta; appareceu então uma Satira á influencia litteraria de Filinto com o titulo de *Apologia das Obras novamente publicadas por Francisco Manuel em Paris*. As Obras a que se refere são da edição de 1797 a 1801, o que nos limita o periodo da redacção da *Apologia*. A satira é anonyma, mas sabe-se, e soube-o Francisco Manuel, que a compozera a celebrada poetisa Viscondessa de Balsemão, D. Catherina Michaela de Sousa e Lencastre, mulher do ministro Luiz Pinto de Sousa.[1] Mas quem moveria a poetisa *Natercia*, como ella se denominava, a atacar o velho purista? Houve para isso suggestão extranha; Filinto tambem soube que fôra *um frade*, que era leigo, quem suggestionara a auctora, que era velha. Effectivamente D. Catherina Michaela de Sousa nascera em 1749 e entrava muito pelos cincoenta annos; o frade de corôa que se tornara leigo era José Agostinho de Macedo, expulso da Ordem dos Gracianos em 1792 e secularisado por breve de 27 de fevereiro de 1794.

Á critica de D. Catherina Michaela de Sousa allude Filinto, annotando o verso:—Tu fallas contra o bello consoante—: «Assim me arguiu já Dona Fufia de Rebique e Barambazes, n'uma Satira que fez contra os meus primeiros versos que imprimi; á qual ella (por maganice ou por esturdia) poz o titulo de *Apologia*. Cá a tenho na gaveta, com as suas notas marginaes que lhe ajuntou o sr. Clemente de Oliveira e Bastos. Talvez que um dia lh'a remetta.»[2] Incommodado com as reflexões da *Apologia*, escreveu Filinto uma longa Satira intitulada *Molhadura de certa Obrinha*, e em nota explica-lhe o intuito: «Muitos annos depois de correrem por este mundo algumas trovas minhas, que primeiras imprimi, me veiu á mão uma Satira contra ellas; e o amigo que m'a deu nunca me quiz nomear a pessoa que a fez; sómente me disse (rindo) *que a fizera uma mulher*, e que a emendara *um frade;*

---

[1] Innocencio, na edição das *Obras de Bocage*, t. I, p. 423.

[2] *Obras*, t. V, p. 43. Filinto usava varios pseudonymos nos folhetos.

que a mulher era velha, e tinha cara de bruxa, e que o frade era de corôa, porém leigo. Não fiz então caso algum da Satira, nem da velha, nem do frade; etc.»[1] A questão levantada pela auctora da *Apologia* era sobre a conveniencia da *rima* na Poesia. O frade de corôa, porém leigo ou secular, a que elle allude, era o P.e José Agostinho de Macedo, ex-graciano, que no principio do seculo estava em proclamada revolta contra as *Nicenadas*.

Apesar de resistir contra a influencia de Filinto, o P.e José Agostinho de Macedo era arrebatado na corrente do estudo de Horacio, proclamado como norma suprema da poesia por Filinto. Da sua traducção das *Odes* de Horacio escrevia José Agostinho de Macedo a Freire de Carvalho, em 1806: «Está impresso na Regia o primeiro volume da traducção de *Horacio*, em máo papel, genero carissimo»; referia-se apenas ás *Odes*, e quanto ás *Satiras* e *Epistolas* dizia-lhe: «se se gastar (sc. o 1.º volume das *Odes)* irá o segundo.» Do destino d'este segundo volume, das *Satiras* e *Epistolas*, falla mais tarde em uma carta ao P.e Frei Joaquim da Cruz: «eu traduzi ha vinte e seis annos as Obras de Horacio, as *Odes*, estrophe por estrophe e verso por verso, quanto poude ser; aqui está um exemplar impresso, que escapou ao naufragio da maior maroteira que então se commetteu no mundo; como então sahiu a traducção de Antonio Ribeiro dos Santos, que é basbalhada por cabula, por intriga, por inveja, por adulação, por vaidade (como traducções!!), Frei Marianno Velloso, frade de projectos botanicos e com quem D. Rodrigo de Sousa Coutinho gastou um bom centenar de contos, sumiu a minha edição, que nunca appareceu, nem se poz á venda, e a outra metade das Obras de Horacio, que são as *Satiras* e *Epistolas* e a *Arte poetica* manuscriptas, abalou no anno seguinte de 1807 com ella para o Rio de Janeiro, onde se afogou, que não vi mais tal Horacio; fatalidades minhas!» (P. 66.) Em uma carta a Frei Domingos de Carvalho, lente de prima de Theologia em Coimbra, torna a fallar n'esta perda da sua traducção de Horacio. (P. 166.) Sob a influencia filintista entregava-se ás traducções dos poetas latinos, empenhando-se

---

[1] *Ibidem*, p. 38.

a levar a cabo a versão da *Thebaida* de Stacio, que Bocage chegou a revêr, como o alardêa na memoravel Satira *Pena de Talião.* O mesmo Francisco Freire de Carvalho, com quem estava em communhão litteraria, usava o nome poetico de *Filinto Junior,* e o Costa era José Maria da Costa e Silva, que elle mais tarde satirisou em uma Ode, imitando ou parodiando-lhe as palavras compostas com os donaires da louçã *lingua Filintia.*

A corrente poetica do principio do seculo XIX esterilisava-se no genero didactico, em um hybridismo scientifico; Bocage entrou n'essa corrente como traductor de poetas francezes, e José Agostinho teve mais pujança lançando-se á idealisação de assumptos novos, com fórma original. D'aqui proviera a dissidencia entre aquelles dois espiritos. Macedo revelara-se com a *Contemplação da Natureza,* em 1802, e apresentara á Censura em 1806 *A Natureza,* poema didactico, que foi mandado denominar *A Creação.* Allude a isso na Carta a Freire de Carvalho: «Venha a Lisboa, e dará um passo *A Natureza,* ou *A Creação,* como quer o Tribunal (sc. da Censura).» (P. 134.)

O genero didactico tornara-se a manifestação mais predilecta do seu talento, e em differentes épocas da vida, e através das mais acirradas polemicas de uma politica intransigente, ou das doenças mortaes que o victimaram, como a gôta, a estranguria e a anasarca geral, sempre trabalhou n'esses poemas, a *Meditação, Newton* e a *Viagem extatica ao Templo da Sabedoria.* E estas elaborações poeticas, resentindo-se do seu genio exclusivamente rhetorico e emphatico, desvanecem-no, dando base ás expansões do sentimento exagerado da sua personalidade. Assim diz elle em uma carta a Frei Domingos de Carvalho: «O poema *Meditação,* segunda edição, é unico no seu genero; o poema *Oriente* vale mais que os *Lusiadas,* e avulta mais que o *Caramuru* do nosso bom Durão. O poema *Newton* é um compendio de erudição antiga e moderna. Pois meu bom amigo, nem me dão aquillo de que os gregos eram só avarentos — *Praeter laudem nullius avari.* — O que os portuguezes me não fazem, cuidam em fazer os estrangeiros. Não ha muito me chegou de Roma um diploma da Academia Tiberina, que se emprega no aperfeiçoamento das Sciencias e Boas Artes. De Napoles

tambem me mandaram um outro diploma, e de Inglaterra me mandaram retratar, e alli está o artista para isso; mas com isto não se manda ao açougue, nem melhora a minha sorte.» (P. 167.)

Todas estas circumstancias tendiam a excitar-lhe esse personalismo que se traçava uma missão reformadora. O triumpho sobre as suas angustias economicas pela industria da prédica tambem o embalava na segurança da sua importancia pessoal; diz elle ao seu velho amigo: «desde 1793, com o meu trabalho do pulpito, tive e conservo a mais commoda subsistencia; etc.» Os Sermões, que foram a sua primeira fonte de receita, tornaram-se com a amplitude da aura popular e burgueza uma das fórmas da acção politica que veiu a exercer nas luctas do governo absolutista. Na Carta em endecasyllabos escripta a Freire de Carvalho, em 21 de maio de 1808, descreve-lhe a sua situação de prégador:

> Eu vivo, caro amigo, pois não morre
> A innumeravel turba dos carolas,
> Encanzinados a louvar os Santos,
> Que lá na gloria repimpados jazem,
> Zangados, como eu creio, da assuada
> Que lhe fazem de cá roucas rabecas,
> E as mentiras que eu prégo, e mais os outros,
> Que a pasmada plebécula suspendem,
> Com frias Orações, Discursos ôcos.
> De vintens basculhados inda ateimam...
>
> (*Cartas*, p. 141.)

Os grandes acontecimentos da Politica europêa, que se reflectiam em Portugal, fazendo que o seu rei o abandonasse, diante da invasão napoleonica, á occupação ingleza, não menos terrivel, fizeram com que a personalidade de José Agostinho exercesse o seu criterio apreciando os acontecimentos no aspecto historico e social. É de 29 de maio de 1808 o *Parecer dado ácerca da situação do estado de Portugal depois da sahida de Sua Alteza Real e invasão que n'este reino fizeram as tropas francezas.* (De p. 296 a 313.)

Ninguem viu mais claro o problema; emquanto os poetas e os musicos celebravam o heroismo com que D. João VI fugira para o

Brasil,[1] José Agostinho via o triumpho da politica ingleza revelada no discurso de Pitt em 1800, que resistia ao *blocus continental* desde que podesse cruzar o Atlantico, e exportar para o Brasil as suas mercadorias e abastecer-se das materias primas d'esse vasto territorio. José Agostinho de Macedo conhecia a origem d'essa idéa do exodo para o Brasil: «este projecto sahiu primeiro da cabeça do maior politico de Portugal, Antonio Vieira.» E em nota accrescenta: «Alexandre de Gusmão o lembrou a el-rei D. João V; ambos se enganavam.» E diante da realidade crúa dos factos escreve: «mas nunca se realisaria, se a supposta e até agora não vista força o não obrigasse; e o para sempre dia memoravel 30 de novembro de 1807 deu nova face ao mundo.» E na conclusão do seu exame á situação desgraçada de Portugal apresenta-lhe o aspecto do seu futuro: «ou uma colonia do imperio do Brasil, com uma Regencia livre e honrada; ou desmembrando-se do Brasil, *reduzir-se a uma rigorosa democracia*, para imitar a Hollanda no com-

---

[1] No *Hymno patriotico*, que se cantava no fim da guerra peninsular, e para o qual o celebre maestro Marcos Portugal fizera a musica, exaltava-se D. João VI por ter fugido para o Brasil, abandonando a nação á invasão napoleonica:

Ao mar vos destes
A bem dos vassallos,
Jurando livral-os
Do impio poder.

É inaudita a inconsciencia moral, maior ainda do que a indignidade com que estas cousas se escreviam e cantavam. Nas *Rimas* de Sabino: «Á partida de nosso augusto Principe Regente para os seus estados da America pela proxima invasão dos Francezes em novembro de 1807», lêem-se estes suggestivos tercetos:

Heroes tem Lysía ornado singulares,
Mas nenhum lhe prestou tal garantia,
Qual foi Sexto João sulcando os mares:

Frustrando illusa a Gallia aleivosia,
João salva, deixando os patrios lares,
Ao sangue a Patria, ao jugo a Dynastía.

(*Rimas*, p. 46.)

mercio, franquear os seus portos a todas as nações, negociar com os generos do paiz, etc.» (P. 313.)

As intrigas politicas agradavam ao seu antigo genio aventureiro, chegando a correr que fôra empregado como policia secreto para se descobrir a conspiração de Mafra pela qual D. Carlota Joaquina em 1807 planeara desthronar seu marido o rei D. João VI. Termina o poema *O Gama* em 27 de janeiro de 1811, originando-lhe as virulentas polemicas com Pato Moniz; ataca a mania dos Sebastianistas, que no meio dos desastres nacionaes appellavam para um salvador, um Soter, no apparecimento do vencido de Alcacer-Quibir. O poema dos *Burros* torna-se o libello tremendo contra os litteratos, os frades e os politicos do tempo que vae atravessando; está no seu vigor physico e intellectual, em um estado plethorico que lhe faz ser designado pela alcunha do *Padre Lagosta*, e com uma fecundidade litteraria verdadeiramente vertiginosa. Em uma época de instabilidade de instituições e de opiniões não admira que elle tambem cahisse na versatilidade de caracter, combatendo aferradamente na velhice as idéas que proclamara na virilidade.

José Agostinho de Macedo publicou em 1822 e 1827 as *Cartas a Joaquim José Pedro Lopes*, em numero de trinta e duas, nas quaes julgava os acontecimentos da Revolução de Vinte e da outorga da Carta; Paulo Midosi, o amigo de Garrett, achava-se emigrado em Londres, e começou a escrever uma série de Cartas em resposta a José Agostinho sob o titulo *De um Solitario da Serra de Cintra ao seu compadre Lagosta;* a primeira carta foi publicada no Porto em 1827, bastante mutilada pela Censura; uma segunda e terceira Cartas foram apprehendidas na imprensa em Lisboa. Paulo Midosi escreveu dez Cartas, que reuniu em um volume manuscripto, dedicado ao proprio P.e José Agostinho, em 14 de novembro de 1829, sob o pseudonymo de Simão da Serra; n'ellas se encontram particularissimas referencias á vida do virulento folliculario, e ás opiniões da época sobre a versatilidade do padre e contradicções das suas obras. Em uma Carta de 18 de dezembro de 1830 a Frei Fortunato de San Boaventura escrevia Macedo: «O *Midosi* e o *Garrett* ainda atiram.» (P. 127.)

Referia-se ás polemicas jornalisticas do *Chaveco liberal*, do *Paquete* e do *Portuguez;* esse periodo violento e final da sua vida acha-se documentado na collecção das Cartas ao Procurador geral de Alcobaça, em que o homem odiado chega a despertar piedade. Entre a lucta contra os Vintistas e a campanha da *Besta esfolada* ou contra a Carta outorgada ha um episodio na vida de José Agostinho nada conhecido, e que é de um interesse vivo, em que se destaca a sua personalidade.

A collecção das *Cartas á Freira Trina* do convento do Rato comprehende-se entre as datas de 30 de janeiro de 1820 e fins de 1822. Foi este o periodo mais activo de José Agostinho de Macedo, prégando em todas as festas e arraiaes, e sendo ouvido com interesse, pela sonoridade da sua voz e vehemencia das paixões que suscitava nas allusões á crise politica do tempo. As freiras acreditavam no seu saber e sentiam-se fascinadas pela auctoridade do padre, que as lisonjeava em um galanteio molinosista. Na Carta XXXV conta uma anecdota caricata de D. Joanna Thomazia de Brito Lobo de Sampaio, os seus antigos amores do mosteiro de Odivellas, que por 1818 foram substituidos pelos de D. Maria Candida do Valle, freira do convento de Coz, da ordem das Bernardas: «A tal Mestra de Noviças me contou uma historia de Joanna Thomazia, que eu não sabia; eil-a aqui tal e qual: As Bernardas, além do eterno officio, têm todos os dias o de Defuntos, e de certo não é pelos que matam com a sua formosura e descrição; a Noviça, se a ha, levanta a primeira Antiphona de vesperas, e aponta o Psalmo. Ensinou-a pois a Mestra, e disse-lhe:—Olhae, haveis de dizer *Me suscepit,* de pé; e depois, *Deus, Deus meus,* sentada; assim o fez Joanna Thomazia, e disse tudo: *Me suscepit, de pé*; *Deus, Deus meus, sentada,* e tudo no mesmo tom latino e portuguez tudo junto, sem se lembrar que a pé e sentada era a cerimonia; e desatando as freiras a rir, ella muito arrenegada gritou para a Mestra:—Não me ensinasse assim! Se você é Bernarda eu sou Dominica. Eu ri devéras, e não ha um só destempêro de Joanna Thomazia que não faça rir.» (P. 224.)

Na Carta em verso a Francisco Freire de Carvalho, *Filinto Junior*, de 21 de maio de 1808, em que manifesta intenção de fugir de Lisboa

por causa da occupação dos Inglezes, falla-lhe d'estes amores com a freira de Odivellas:

Ha seis dias e mais, tudo anda em ancias.
Se aos vulcaneos canhões a mecha chegam,
Lá me tens, bom Filinto, á desfilada,
Que não 'stou para vêr moscas por cordas.
Vê se ha no monte Herminio alguma gruta
Em que eu *e uma Vestal mimosa e bella*
Que aos ferros se evadiu, e me acompanha,
Possamos evitar a surriada
Das ameixas crueis de todo o anno.

(*Cartas*, p. 142.)

José Agostinho não sahiu de Lisboa, e a Vestal volveu aos ferros ou grades de Odivellas, continuando esse idylio freiratico; lisonjeava-a na sua curiosidade litteraria, dedicando-lhe em 1815 as *Cartas philosophicas a Attico*, com um elogioso preambulo; e ainda em 1818 dedicou-lhe a novella *Arrependimento premiado*, que traduzira e publicara anonymamente. Mas estes amores terminaram pelo triumpho de uma rival, que D. Joanna Thomazia fizera notar a José Agostinho pela belleza das suas cartas: D. Maria Candida do Valle veiu attrahida do convento de Coz para Odivellas, e d'ahi para casa do Padre, onde residiu até á sua morte. A *Lyra anacreontica*, publicada em 1819, é dedicada a D. Maria Candida do Valle, que inspirara essas cem cançonetas. Não admira pois que nas *Cartas á Freira Trina* falle com desdem de D. Joanna Thomazia; mas o seu temperamento sarcastico tambem não poupava D. Maria Candida, pelos seus numerosos achaques de *gôta rosea* nas faces, segundo diagnosticava o medico Abrantes, e uma aneurisma no pescoço. Offerecendo uma caixa preciosa á Freira Trina, que a não queria acceitar, dizia-lhe: «Olhe que se fica vae ter ás mãos da Maria Candida, e que esta não tem que lhe metter dentro mais que *unguentos para a cara* e *ataduras para o pescoço*, e das mãos da emplastrada é arrepanhada logo pelas gulosissimas das Portas da Cruz.» (P. 206.)

E em outra Carta lhe refere: «desfez-se o triste encanto das minhas jornadas, pensões e cuidados, que tudo isto quer dizer que se au-

gmentou repentinamente o volume da aneurisma no pescoço da pobre e attribulada Maria Candida...» (P. 227.)

Em outra carta conta-lhe uma aventura comica passada com D. Maria Candida, que fôra apresentada a D. Miguel em uma funcção: «no fim veiu El-rei acima tomar um refresco, já tinha conversado muito commigo, e estando eu com a *bostelenta de cara* no meio de uma escada por onde elle passava, beijei-lhe a mão, e elle me levantou, pegando-me em ambas as mãos, e voltando-se para a Freira disse-lhe: —Esta é sua irmã? Responde ella:—e uma fiel vassalla de *V.ª Ex.ª*— No dito não o mostra, acudi eu, e ella fazendo peor a emenda que o soneto disse:—de V. Magestade.—Elle riu muito, e mais os que com elle vinham, e como elle estava de confiança, pois até lhe disse que alimpasse a cara que estava muito suada, remendei toda aquella scena com esta exclamação:—Seja tudo para honra e gloria do bemaventurado S. Bernardo! Ainda riu mais, e esqueceu-lhe por um pouco que já não era rei.» (P. 237.)

O nome da freira que em 1822 alimentava as idealisações de José Agostinho de Macedo, que elle tratava por *mana*, intercalando em monogramma as iniciaes de *J* e *F* (p. 206), deduz-se da propria correspondencia; em uma das cartas põe este fecho: «Por *F. R.* andará hoje até tolo *J. A.*» (P. 223.) N'uma outra vem no final: «Eu não tenho outra felicidade mais que *Feliciana*. Isto não é nome, é vida para mim.» (P. 238.) E ainda n'um pequeno bilhete: «eu não quero senão *Feliciana*, só esta fez e fará feliz *J.*» (P. 241.)

A correspondencia termina justamente em uma época de agitação politica, quando José Agostinho começou a combater a Constituição de 1822, e quando a sua actividade foi occupada em exercer a Censura litteraria por incumbencia do patriarchado. Pelos successos da sua vida vê-se que fôra victima dos amores profanos como o da Benigna e o da Domingas Ebrard; com os amores *freiraticos* não havia perigo, pela necessidade de mutuas cautelas ou recatos. Segundo os costumes do seculo XVIII, e pelas repressões legislativas mais se nota, havia uma categoria de namoradores, que segundo a giria do tempo preferiam a todas as mulheres *o peixe de grêlha;* as freiras eram requestadas em

Outeiros poeticos, e em visitas assiduas aos locutorios ou grades e ás festas dos Conventos. Na poesia satirica do fim do seculo XVIII acham-se fortes cargas a esse erotismo mystico.

Em uma *Bulla das Indulgencias concedidas aos Freiraticos* vem a seguinte Ladainha (1790):

....

San Bento de Cister,
Cujas freiras hão mister
Que as renoveis e reformes,
Ora pro nobis.

Santo Agostinho,
Cujas freiras sem caminho
Tomem o caminho que podes,
Ora pro nobis.

San Bernardo,
De cujas freiras magoado,
Tu que as vês e não lhe accodes,
Ora pro nobis.

Santa Catharina,
Que foste freira divina,
Sem teres grades pregadas,
Ora pro nobis.

Santa Thereza,
Freira da maior pureza,
Sem freiraticos amores,
Ora pro nobis.

*

Das Freiras d'esta cidade,
Que andam de grade em grade,
Com quem temos pouca fé,
Libera nos, Dominé.

Da que se finge noviça,
Da que tem tia postiça,
Da que vive de alquilé,
Libera nos, Dominé.

Da que tem mano e maneira
Depois que toma a gateira
Canta sem solfa o Lé Lé,
Libera nos, Dominé.

D'aquella que faz versinhos,
Da que escreve com pontinhos,
Da que falla per sé sé,
Libera nos, Dominé.

Da que de saber se preza,
E que do côro e da reza
Não saiba que cousa é,
Libera nos, Dominé.

D'este sexo sem lealdade,
Cheio de toda a maldade,
Que professa nenhuma fé,
Libera nos, Dominé.

*

Que da mais firme e leal
Nos livreis, que esta tal
É serpe feroz,
Te rogamus, audi nos.

Que dos devotos freiraticos
Livreis, Senhor, as cegueiras
Que o demonio lhe poz,
Te rogamus, audi nos.

Que fujamos sempre d'ellas,
Que roubam, sem para ellas
Haver forca, nem algoz,
Te rogamus, audi nos.

Que para nos enfadar,
Não nos deixeis enganar,
Com pratos de doce arroz,
Te rogamus, audi nos.

Que desfaçaes seus feitiços,
Que em vosso santo serviço
Vivamos sem ellas, sós,
Te rogamus, audi nos.

*

Que nos não fique fazei
Tão grande peste em pé,
Ex audi nos, Dominé.

E se de seu amor nos livramos
Sem saber o que bem é,
Parce nobis, Dominé.

E porque assim ignoramos
Suas fingidas vozes,
Miserere nobis.

Ouvi, Senhor, vozes tão sentidas!
E livrae-nos de Freiras tão garridas.

O costume caracteristico dos amores *freiraticos* correspondia a uma excitação da religiosidade levada ao fanatismo, sobretudo no sexo feminino, mais interessado nas praticas cultuaes, e pela apathia da claustração cahindo inevitavelmente na subjectividade contemplativa ou mystica. Maudsley explica as consequencias d'esta situação especial na *Pathologia do Espirito:* «Se mulheres não casadas têm por desgraça, em consequencia da sua condição e tendendo por isso a fazel-o, de supportar o zelo ignorante e inopportuno de padres inconsiderados que tomam por um profundo sentimento religioso aquillo que, na realidade, não é mais do que um sentimento morbido que tira a sua origem no fundo de *um instincto não satisfeito* ou em uma outra acção uterina, o mal é consideravelmente aggravado.—Os arrôbos extacticos das santas mulheres, que, como Catherina de Senna e Santa Thereza, acreditavam que eram visitadas pelo Salvador e recebidas no seu seio como verdadeiras esposas, nenhuma outra cousa eram, apesar da sua intenção, senão um modo de orgasmo sexual, estado de cousas que a contemplação intensa da figura de um homem nú, gravado ou esculpido sobre uma cruz com todas as suas proporções, é o mais proprio para suscitar em mulheres novas de um temperamento nervoso e susceptivel, do que se pode imaginar. Todo o medico experimentado tem visto casos de mulheres celibatarias sem filhos dedicarem-se com um zelo extraor-

dinario aos exercicios religiosos habituaes; e que, enlouquecendo no apogeo do seu fervor erotico, manifestaram logo a mescla a mais triste de symptomas religiosos e symptomas eroticos, uma effervescencia de concupiscencia na voz, na expressão, nos gestos, sob a deploravel degradação da doença.»[1] Tal e o caso do molinismo e dos directores espirituaes; nas relações dos *freiraticos* ha este mesmo fundo de instincto não satisfeito, mas a intelligencia está acima da religiosidade e define com clareza a situação, simulando mesmo o hymeneo moral.

As *Cartas á Freira Trina* pintam todo esse viver clerical e monastico, que em breve ia transformar-se por uma revolução profunda; José Agostinho a previra, chegando mesmo a reconhecer que as Ordens monachaes estavam em perigo de se extinguirem, e todo o resto da sua vida foi dispendido n'uma lucta fremente contra a marcha dos acontecimentos que fatalmente se impunham. Já em 1823 era reconhecido o seu influxo politico. Entre os varios Pasquins que a Policia arrancou do largo de S. Paulo, em 1823, lia-se um contra o P.e José Agostinho de Macedo, que conspirava com D. Carlota Joaquina, reclusa na Quinta do Ramalhão, d'onde dirigia a conjuração absolutista dos *Apostolicos:*

> Oh P.e José Agostinho de Macedo,
> Se as rédeas te lançam da mão,
> Conto que não vaes só para o Ramalhão.[2]

Depois das luctas litterarias com os elmanistas da Arcadia das Parras, que inspiraram a José Agostinho de Macedo o poema satirico *Os Burros*, em quatro cantos, os seus odios foram-se alargando, e o poema complicava-se, abrangendo os jornalistas contemporaneos e os Frades Bernardos, que passavam como objectivo de todas as anecdotas de imbecilidade. Depois de um Requerimento do jornalista Luiz Sequeira de Oliva e Sousa Cabral, que se dava por injuriado por Macedo, foi passado um Aviso pela Secretaria do Reino, em 11 de fevereiro de 1812, para se fazer a apprehensão do poema *Os Burros;* e pelo Officio

---

[1] *Pathologie de l'Esprit*, p. 153.

[2] Papeis da Intendencia. *Correspondencias*, maço 135.— Pinto, *Lisboa de outro tempo*, t. II, p. 144.

da Intendencia da Policia, de 18 de maio de 1815, é José Agostinho apontado como auctor d'esse causticante poema. Parece que para o tornar mais impessoal, ou por desdem intimo que Macedo nutria pelas *bernardices* tradicionaes dos frades cistercianos, *Os Burros* foram dedicados em uma das suas ultimas redacções ao Abbade geral dos Bernardos, com uma extensa justificação em prosa. Em 1811 era Fr. Fernando Pimentel o Geral de Alcobaça, e seria este porventura o escolhido para ser encabeçado o poema? É certo que José Agostinho fez uma nova remodelação aos *Burros*, eliminando todas as referencias aos Frades Bernardos, e chegando mesmo a negar que o poema fosse seu, e principalmente a dedicatoria. Os Frades de Alcobaça conheceram quanto os prejudicava na sua opulencia feudal esse golpe sarcastico, e com o tino de um bom conselho vieram ao encontro do poeta, e tiveram artes de amansal-o e mesmo de o desarmar. José Agostinho de Macedo apaixonara-se por uma Freira do convento de Coz, que pertencia á regra dos Bernardos; os frades fizeram a vista grossa e transigiram que o Padre vivesse de *casa e pucarinho* com a freira bernarda, a doentissima D. Maria Candida do Valle. Por esta tolerancia tiveram o poeta e folliculario sempre manietado, e, o que mais é, submettido ao seu serviço. Em uma carta á *Freira Trina* queixa-se ou desculpa-se José Agostinho de estar «occupado com papeladas de *Frades Bernardos, que por me tratarem bem aquella gallinha choca os aturo em tudo* e os defendo com esta tal ou qual penna quanto posso.» (P. 241.)

Apesar d'esta situação de dependencia, em muitas cartas nunca o genio caustico de Macedo deixou de ferrar o dente na estupidez proverbial dos Bernardos; assim na carta á *Freira Trina* falla-lhe dos disparates de um frade que encontrou n'uma jornada a Mafra, que o moeu «com aquelle chorrilho de parvoices de que eu não sei se S. Bento se Bernardo fôra mais liberal para com seus filhos.» (P. 219.)

E descrevendo uma colica de D. Maria Candida, volta ao mesmo estribilho: «Foi aquella *Bernarda na profissão e no miolo* metter-se, sahindo quente da cama, hontem pelas cinco da manhã na frigidissima agua do mar em Paço de Arcos...» (P. 221.)

Em outra carta á mesma já alludia ao cêrco que os Frades de Alcobaça lhe faziam para apoderarem-se do seu talento de polemista para os defenderem contra as idéas politicas dos liberaes de 1822: «Toda esta semana passada andei eu mettido com os Frades Bernardos; está ahi o Geral, e cuidam em se justificar de suppostos crimes com que os têm enxovalhado n'esses papeis publicos; tenho-lhe feito varios requerimentos e representações, *porque, emfim, tratam-me bem aquella emplastrada;* agora me mandaram aqui um caixote de pecegos que vêm quasi todos tocados, porque metter pecegos verdes em caixote, e este mui bem pregado com fortes pregos, só Frades Bernardos; etc.» (P. 236.)

O resto da carta consta de *bernardices* de que ainda se riu mais o rei D. Miguel.

O Procurador geral do mosteiro de Alcobaça, Fr. Joaquim da Cruz, tratou de captar a benevolencia de José Agostinho de Macedo, e por meio de presentes de presuntos, marmelada, fructas, e ainda a lisonja de lhe mandar imprimir obras suas, e consultal-o sobre as compras de Livros para a rica Bibliotheca da opulenta Abbadia, apoderou-se completamente do animo do terrivel prégador e polemista. Funccionava a *Junta de melhoramento das Ordens religiosas,* as quaes estavam quasi todas falidas, e era preciso um homem intelligente que defendesse a Abbadia de Alcobaça contra veleidades reformadoras; Fr. Fortunato de San Boaventura era especialmente um erudito, um temperamento timorato, apesar dos seus exageros polemicos, improprio para essa lucta, em que elle quanto fizesse era *pro domo sua.* José Agostinho de Macedo foi uma acquisição de primeira ordem, e a titulo de consulta encarregaram-no de fazer requerimentos e representações varias, diante da invasão da fazenda publica nos bens da communidade.[1] Quando co-

---

[1] Sobre esta situação economica encontramos a seguinte nota manuscripta de Ferreira da Costa ao poema *Os Burros:*

«É incrivel o pezo das contribuições que opprimiam as Ordens monasticas em Portugal, estabelecidas por causa das Invasões francezas, dos Systemas constitucionaes, e mesmo do Governo realista, porque uma vez posta uma contribuição tudo se extingue, menos o que fôr tirar dinheiro. É tanto o que dão as Ordens religiosas de-

meçou a reacção contra a Carta constitucional outorgada em 1826, José Agostinho de Macedo tornou-se o campeão doutrinario contra os ideologos do liberalismo; era preciso um orgão jornalistico para combater esse codigo politico, e Fr. Joaquim da Cruz, com os vastos recursos pecuniarios do mosteiro de Alcobaça, que elle administrava, subsidiou uma publicação periodica, que com o titulo *A Besta esfolada* publicava mensalmente o P.e José Agostinho de Macedo. A *Besta* era a Carta constitucional, assim denominada por uma metaphora grosseira; a *esfola* era a analyse dos artigos, feita em uma linguagem de rhetorica arrieiral, segundo o temperamento impetuoso de José Agostinho. Comprehende-se como serão cheias de curiosidade e de revelações historicas as Cartas de Macedo ao P.e Fr. Joaquim da Cruz n'esse periodo mais intenso da lucta dos *Apostolicos* contra o liberalismo, e tratando em especial dos numeros successivos e das peripecias da *Besta esfolada*. A collecção formada por Ferreira da Costa, fanatico por Macedo e sincero realista, começa em julho de 1828 e chega a 1830, quando o terrivel escriptor agonisa sob incomportaveis soffrimentos physicos e se conserva em uma tensão moral nas violentas polemicas doutrinarias contra os liberaes. (P. 1 a 90.)

Quem escrever a historia moderna de Portugal nos desencontrados e incoherentes conflictos da implantação do regimen constitucional, ha de encontrar n'esta série de Cartas relampagos de luz esclarecendo esse momento decisivo da lucta de 1828 a 1830. Ahi se verá o trabalho preparatorio para a introducção dos Jesuitas em Portugal como meio de consolidar o absolutismo, e como José Agostinho, forçado a defender a Companhia, contra a qual escrevera annos antes, mantinha o seu sentimento intimo, apesar das glorificações officiosas.

---

baixo dos titulos de *Decima, Meneio, Quinto de bens da Coróa, Collectas*, etc., que se pode assegurar que, junto a *Dizimos*, despezas de amanhos e outras bagatellas, nada resta aos infelizes proprietarios: — ... resultando d'aqui estarem empenhadissimas todas as Ordens religiosas.» (Nota 1416.)

A extincção das Ordens religiosas em 1834, na sua essencia foi uma liquidação final de uma ruina economica de longa data, ficando a responsabilidade ao regimen liberal.

Quando em 1829 Macedo se tornava o sustentaculo doutrinario dos Jesuitas em Portugal, usava este nome no sentido de pérfido, escrevendo ao Procurador de Alcobaça: «É preciso inventar alguma *jesuitica* para nos descartarmos de tal homem...» (P. 30.)

Na carta de agosto dirigida a Fr. Joaquim da Cruz communica-lhe: «Sei que vieram os Jesuitas, porque n'elles se põe alguma confiança; o que elles fazem tambem os outros o podiam fazer se as cousas se tratassem sériamente, e se em tudo e de tudo não dispozesse a pedreirada, e se muitas das corporações religiosas não estivessem contaminadas.» (P. 35.)

Apresentaram-lhe o projecto de defeza escripto por Fr. Fortunato de San Boaventura, sobre o qual mandou indicações, em carta de dezembro, dizendo: «Sim, senhor, convenho no que diz respeito aos Jesuitas e para se publicar pela imprensa *vejo que não é politico*, e devendo-se imprimir deve-se tirar ou accrescentar-lhe notas, pondo tudo o que ha duro na bocca de muitos philosophos do tempo, e exhortar Fr. Fortunato a que prosiga, e alli mesmo lhe lembrarei as cousas do Paraguay...» (P. 54.)

Com um certo tino pratico Macedo aconselhava a Fr. Fortunato que a *Apologia* dos Jesuitas deveria ser feita de um modo geral, evitando os factos particulares e concretos, porque poderiam ser interpretados diversamente. Era esse o modo como procurava conciliar a sua alta idéa da Companhia de Jesus, que proclamava em 1830 no seu folheto *Os Jesuitas e as lettras*, com a carga terrivel que lhe dera no opusculo de 1810 *Os Sebastianistas*. N'este folheto, em que imputava aos Jesuitas a redacção das Prophecias sebasticas no tempo de D. João IV, é vehemente no julgamento da Companhia:

«O mundo está cheio de livros contra os Jesuitas desde a sua origem até á sua extincção. Isto é innegavel. Homens respeitaveis por caracter, por santidade, por doutrina, escreveram contra os malvados Jesuitas, causa de tantos males. Os tribunaes de todas as nações onde existiram, os Parlamentos da França catholica, da França illustrada, condemnaram todos e enforcaram alguns. Os soberanos da França, de Portugal e da Hespanha os expulsaram. O pontifice Clemente XIV os

extinguiu. A bulla d'este pontifice, dirigida ao Cardeal Malvezi, legado de Bolonha, os manda prender, sequestrar, exterminar.

«A historia do affectado reino de Paraguay os faz abominar de todos os povos, quando se viu nas calças d'aquelles feito rei Nicolau I com artilheiros allemães a seu serviço.

«Elles arruinaram as Universidades, foram causa da decadencia da Litteratura em Portugal. A cadeira de Diogo de Teive foi substituida por um roupeta asselvajado. Ninguem podia saber senão aquillo que os Jesuitas deixavam saber.

«A sua moral era a mais corrompida, foram convencidos de regicidas, elles aguçaram os punhaes de Jacob Clemente, de Ravaillac, de Thomaz Roberto, Francisco Damiens, tio de Robespierre, irmão de sua mãe. Por isto foram punidos João de Mattos, João Alexandre, Gabriel Malagrida.—Pascal, o profundo mathematico Pascal, o sublimissimo metaphysico Pascal, empregou o seu milagroso talento em os combater sem réplica.—Em summa os Jesuitas eram péssimos, porque o dizem os Reis, os Papas, os Tribunaes, os sabios, os santos, e mais que tudo a sua mesma conducta manifesta em tantos livros, tantos documentos, tantos tratados existentes, partos das mais doutas pennas.»

E como na polemica sebastica de 1810 atacaram Macedo pelo odio que revelava contra os Jesuitas, elle lhes replica que é absurdo o que dizem «á face de um reino onde os Jesuitas foram origem de tantas desgraças.» E fortificando-se na historia patria, lembra a carta da rainha D. Catharina ao geral Francisco de Borja, porque o jesuita confessor de seu neto o rei D. Sebastião «o deitava a perder, e fomenta impias divisões e partidos entre os vassalos.» E mostrando-se compungido com a enternecedora carta, accrescenta:

«Ora isto era na origem da mesma Companhia, e que será depois que elles começaram a deitar os bracinhos de fóra e a apoderar-se dos confessionarios dos principes e dos grandes, a dominar os povos, a tyrannisar a mocidade com o jugo dos seus chamados Estudos!»

Depois d'estas affirmações criticas tão cathegoricas como é que Macedo se acha em 1829 fazendo *uma alta idéa da Companhia?* Desde que lhe insuflaram a idéa de que a Revolução franceza e todas as suas

consequencias temporaes até ao regimen das Cartas, que elle agora combatia, eram resultantes da quéda dos Jesuitas no seculo XVIII, logicamente era levado a considerar a restauração do Absolutismo como dependente da reintegração da Companhia. Então não se via mais fundo o problema da Revolução franceza senão como uma explosão local e casual, quando esse phenomeno era commum á Europa inteira solidaria na decomposição do regimen catholico-feudal. Os politicos que trabalharam na reorganisação do absolutismo em França, começaram pela readmissão da Companhia de Jesus, entregando-lhe novamente o ensino publico. Em Portugal seguiu-se a mesma pista, e a chamada dos Jesuitas ligava-se á causa miguelista como um meio estrategico. Os Jesuitas eram profundamente odiados em Portugal, conforme o declarava D. Francisco Alexandre Lobo ao P.^e^ Delvaux; escrevia este jesuita em 26 de novembro de 1829 para França ao seu provincial: «O bispo de Vizeu, encarregado da Direcção dos Estudos, nos disse sem rodeios que *tinhamos contra nós a massa da nação*, e n'esta massa a parte que elle chama influente; e que nem mesmo se devia pensar em um decreto de justificação.» Vê-se pois que diante d'esta antipathia geral da nação contra os Jesuitas era preciso captar a auctoridade polemica do P.^e^ José Agostinho; para isso foram humildemente visital-o e pedir-lhe conselho e informações sobre certos cathecismos. Macedo, abordado de perto, como elle mesmo confessa, era um homem incapaz de dizer—não—a qualquer pessoa; tinha as fórmas exteriores da impetuosidade brusca e da phrase grosseira, em parte sobrexcitado por graves doenças, mas no intimo era um coração benevolente. Os Jesuitas foram bem aconselhados quando se approximaram do athleta, e da sua conquista escrevia para França o P.^e^ Delvaux, em carta de 27 de maio de 1830, ao P.^e^ Ruillet:

«Depois da minha ultima carta, *o primeiro escriptor de Portugal* emprehendeu publicamente a nossa apologia.

«N'uma preciosa brochura provou que se não podia mais repellir a Companhia do que se podia provocar a destruição da Misericordia, estabelecimento precioso em Portugal, que se estende a todo o reino, e abraça todas as obras de misericordia corporal.

«N'uma segunda, que vae apparecer, elle estabelece como facto que, quando, como impossivel, todos os livros do mundo viessem a perecer, salvo os escriptos pelos Padres da Companhia, nada se teria perdido de essencial em qualquer genero de conhecimentos.

«Estabelece subsidiariamente como facto que *sem a destruição da Companhia nunca haveria Revolução franceza.*

«Devo dizer-vos que este auctor é um poço de sciencia, de uma memoria prodigiosa, e um pouco original. O seu estylo é vivo e mordente; o seu primeiro numero era dedicado ao rei.»

Referia-se o P.ᵉ Delvaux ao primeiro folheto de José Agostinho de Macedo, intitulado *Os Jesuitas, ou o Problema que resolveu,* e ao muito alto e poderoso rei o senhor D. Miguel, como nosso senhor consagrou, etc. É datado de Pedrouços, onde o padre vivia por causa de doença, em 1830. N'este folheto escreve elle desvanecido: «Estes bons Padres da Companhia me fizeram a honra distinctissima de me visitar, o que eu previniria se não fosse um entrevado, e ligado a um leito de dôr pelas mãos da enfermidade. Não lhes ouvi uma palavra que me não edificasse; não lhes percebi uma intenção que me não satisfizesse, e vi que os seus discursos correspondiam a alta idéa que sempre formei da Companhia de Jesus.» Eram as manhas de combate; as phrases escriptas para o publico em serviço da causa absolutista não condiziam com as que intimamente escrevia ao P.ᵉ Fr. Joaquim da Cruz, apontando os absurdos da prédica dos Jesuitas em Carnaxide.

Em março de 1830 escrevia sobre este mesmo assumpto ao Procurador geral de Alcobaça:

«Muita inveja me teria hoje o sr. Fr. Fortunato se soubesse que quinta feira estiveram aqui commigo os Jesuitas até meia hora depois do meio dia, e me pediram a faculdade de continuarem sempre as suas visitas. Era o prelado e um polaco; ambos se exprimiam toleravelmente em portuguez, e n'isto admirei o polaco. Vinham e vieram para se instruirem em cousas pertencentes á instrucção religiosa no ministerio do pulpito, pois o Senhor Nuncio os manda missionar na egreja do Loreto; (esta missão pertence ao Patriarcha e não ao Senhor Nuncio; vamos adiante.) . . . Tambem me disseram que este pequeno que ahi anda,

chamado Marquez de Pombal, lhes fôra pedir que perdoassem a seu avô (ainda vinha a tempo o perdão!)» (P. 56.)

Em uma outra carta chama com graça aos Jesuitas—filhos de Santo Ignacio e *enteados do Marquez de Pombal.* N'esta primeira visita os Jesuitas deram-lhe a conhecer que o apontavam como inimigo da Companhia; e n'este intuito fôra José Agostinho solicitado a escrever um libello famoso, como elle conta em outra carta a Fr. Joaquim da Cruz: «Eu não sou amigo de dinheiro... se o fosse seria esta a occasião de o ter, porque:—Vossê faz um livro em dez dias (me veiu dizer um alto magistrado) escreva-o e intitule-o *Exame dos factos e doutrinas que deram motivo á extincção dos Jesuitas n'este Reino,* dedicado a Sua Magestade, etc., por José Agostinho de Macedo; dê vossê (como pode) o aspecto a estes horrendos factos e analyse estas doutrinas e *verá esta cáfila posta fóra do reino,* e conte com avultadissima remuneração.» E em seguida escreve Macedo: «agora vejo porque vieram cá os Jesuitas, ou foi este o principal motivo porque insistiam, até na escada, em dizer que fôra seu inimigo, e que por algum motivo o poderia agora tornar a ser...» (P. 59.)

José Agostinho confessa comtudo que podia muito contra a entrada dos Jesuitas: «Eu não sou um mathematico (e poucos o são) como o jansenista Pascal, que morreu de trinta e outo annos, mas *tenho atinado melhor que elle com as fontes do engraçado e do ridiculo...* e os metteria á bulha e faria rir mais de que o mesmo Pascal fez com as *Cartas a um Provinciano,* que tanto estampido têm feito no mundo...» E contornando factos condemnaveis dos Jesuitas, conclue: «se Deus me der alguma melhora no terrivel estado em que me vejo, eu escreverei duas ou tres folhas, *que segurarão os Jesuitas...*» (P. 60.)

E em outra carta, fallando de varias caricaturas espalhadas contra os Jesuitas em Lisboa em 1830, diz que «isso não persuade, nem faz temer os pobres Padres da Companhia», desejando que ninguem em Portugal conheça o livro da *Monarchia Solipsorum,* escripto por um jesuita egresso, «que os põe a pão e laranja, e sem réplica, porque elle falla como ladrão de casa, a quem nada se occulta.» (P. 61.)

Taes eram os preambulos com que se preparava para rehabilitar

politicamente os Jesuitas sob o governo miguelino. O P.° Fr. Joaquim instava pelo escripto a favor dos Jesuitas, sem se importar se José Agostinho se achava pouco menos que agonisante; em carta de 1 de abril escrevia o atormentado folliculario: «Assim mesmo, como era ardentissimo o desejo que tinha de satisfazer a determinação de V.ª S.ª sobre os *Jesuitas*, antes de hontem, 30, pelo meio dia, me puz a escrever o papel, a que faltam só duas paginas; fazia tenção de lh'o remetter hoje pelo mudo, mas não me foi possivel, pela vehemencia das dôres, que só deitado as podia tolerar, nadando em ourina.» E n'esta mesma carta apresenta o seu juizo sobre o folheto a favor dos Jesuitas: «papel, que na verdade, em estylo sério, é o ultimo esforço do raciocinio e talvez da eloquencia portugueza.—Eu o intitulo—*O Problema resolvido*—e com effeito resolve-se com a rasão, e a apologia dos Jesuitas não tem que desejar mais nada. Têm os Jesuitas e os homens de bem que me agradecer, e até Deus que me premiar, dando-me algumas melhoras.» (P. 62.)

A entrada dos Jesuitas em Portugal encontrou o mais completo desdem fóra do mundo politico, que pensava derramar as idéas liberaes pela sua acção de presença. José Agostinho de Macedo, apesar de exaltal-os por ordem superior, escrevia em 8 de junho de 1830 a Fr. Joaquim da Cruz: «Tenho observado com muita reflexão o que eu esperava a respeito dos Jesuitas, summa frieza e summo indifferentismo, o que era de presumir, conhecendo nós os barões assignalados em cujas mãos se depositou o pandeiro.» (p. 70.)

É esta ainda a caracteristica da opinião publica em Portugal «summa frieza e summo indifferentismo.» José Agostinho queria vêr n'isso uma tendencia para o reconhecimento dos quatro poderes outorgados na Carta, e concluia com amargura: «Eis aqui o que se quer, e os Jesuitas vistos pelas costas, e isso acontecerá.» E assim aconteceu. No emtanto os Jesuitas encetaram as suas prégações, encabeçando-as com o milagre da *Senhora Apparecida* em Carnaxide.[1] Este milagre consistiu no encontro de uma pequena e tosca imagem da Conceição por uns ra-

---

[1] Acha-se largamente descripto no *Diario de Noticias* de 30 de setembro de 1883.

pazes, em 23 de março de 1822, em uma gruta na ribeira de Jamor; ligou-se a opportunidade d'esse acontecimento á quéda da Constituição de 1822, tornando-se essa devoção o ponto de convergencia dos sentimentos a favor da restauração do absolutismo. Os Jesuitas apoderaram-se logo d'esse symbolo piedoso da guerra santa; e o P.e Delvaux, em carta datada de 24 de setembro de 1829, contando ao P.e Varlet o facto do apparecimento da Senhora da Conceição da Rocha, ahi lhe revela a intenção politica do milagre:

«Era o tempo da *primeira Constituição;* as Côrtes se espantam d'este concurso, querem impedir a affluencia e os milagres; impossivel. —Os bons portuguezes lhe attribuem a volta do seu Rei. Não cessam de a invocar a favor d'elle, durante a sua longa ausencia; assim um dos seus primeiros cuidados, quando chegou, foi de se ir deitar a seus pés.

«Quanto os conselhos de Deus, quanto suas misericordias são admiraveis! Um pouco de barro, uma pequena boa Virgem do tamanho das dos pulpitos de vossos filhos! Oh sabedoria humana, onde estaes vós!

«No emtanto é muito verdade que *Nossa Senhora da Rocha* fez recuar a revolução de 1823, no dia mesmo da sua apparição; que tem feito mais milagres em Portugal do que tinha sido preciso para n'elle plantar a sua fé.»[1]

E em outra carta de dezembro de 1829 escrevia de Lisboa o P.e Delvaux para o P.e Gury, em Paris: «Já vos fallei de *Nossa Senhora da Rocha*. É a salvação de Portugal; e para nós é bem consolador vêr que o bom Deus parece ter destinado a nossa pequena Companhia para explorar, se posso fallar d'esta sorte, cada vez mais esta devoção n'este reino, em seu proveito.» Confessada assim a exploração jesuitica do milagre, vejamos como José Agostinho, que tambem foi levado a compôr uma *Novena* para essa devoção,[2] chasquêa dos exploradores: fal-

---

[1] Transcripto no *Conimbricense* de 30 de outubro de 1888 (n.º 4:297).

[2] Na carta de 23 de maio de 1827 escreve ao P.e Cruz: «Estou gravemente enfermo, mas não ocioso. Fiz uma *Novena* (cousa mui séria) da *Senhora Apparecida,* que se imprime, e já vae servir. De que serve cá isto? dirão os Paes da Patria, no meio do derramamento das luzes do seculo e dos progressos da civilisação? Este diabo os

lando de versos como «um rapto, um extasis, ou tombos e cabriolas de imaginação sem freio» conclue: «e ás vezes *dizem mais apparentes desconnexos que um Padre da Companhia a prégar em Carnaxide;* a mesma gente rustica, que de lá vinha hontem de tarde, e enchia esta larga rua (de Pedrouços), vinha ás gargalhadas. Em cá me apparecendo eu lhe lerei a Cartilha e os porei em caminho de me não deixarem mentiroso. Estes filhos de Santo Ignacio e enteados do Marquez de Pombal, cuidarão que todos os portuguezes são crianças?» E com um desdem sangrento exclama em seguida: «Não ha dentista ou belforinheiro do norte ou do sul que não apprenda primeiro a propriedade de alguns termos portuguezes, para abrir tenda ou armazem; mas vir e prégar logo!» (P. 72.)

E em uma longa carta a Fr. Fortunato de San Boaventura a proposito do seu escripto intitulado *Apologia dos Jesuitas,* depois de irrespondiveis factos historicos, diz-lhe: «Estão admittidos os Jesuitas, eu já vi dois, um de hombro com outro, pareceram-me homens como os mais, algum medo me incutirám em razão dos chapéos uniformes e desconformes; mas, dizia eu commigo: os chapéos são da fórma de convés de náo de alto bordo; as batinas são umas sotainas lisas como balandráos, o gesto é estudadamente composto, os passos medidos como os de recrutas na fila com sargento impertinente; mas nem estes noveis Jesuitas, nem os passados, que não ensinaram estes, têm a condição de Jeremias, a quem Deus deu a patente ou alvará de prégador régio...; o chapéo não é lição, nem o balandráo é discurso. Quem ha de ensinar estes para depois de ensinados ensinarem aos futuros rapazes *Grammatica latina no curto espaço de sete annos?»* [1] E continuando no mesmo protesto de bom senso, escreve a Fr. Fortunato: «Quem, pois, ha de ensinar essa meia duzia que ahi appareceu, para

---

atacou na resposta ao da Commissão da Censura, agora os suspenderá de todo com a *Novena.*» (P. 82.)

Fizeram-se duas edições d'esta *Novena,* uma em 1827 e outra na Impressão régia em 1832, isto é, officialmente para o effeito da propaganda ou exploração jesuitica.

[1] Macedo apodava estes *sete annos de latim,* a que regressámos na ultima reforma.

nos ensinarem a nós? Os seis, cuido eu que são—de toda a tribu e de toda a lingua,—nós nos devemos matar para os ensinar primeiro a elles; para elles depois nos ensinarem a nós, vindo n'isto a custar mais cara a mecha que o cebo. Para os justos e honestos fins a que são chamados e admittidos os Jesuitas tinhamos nós outros, que não espantavam tanto, e aproveitavam mais, que vem a ser o chamamento dos *Padres das Escholas pias.* Este instituto, não mui antigo, é maravilhoso, e grandes fructos tem d'elle colhido a Italia, e colhem todos os reinos da christandade em que se tem estabelecido; mas não bastam que se estabeleçam, é preciso que se sustentem; mas aonde? Os que estão, têm a barriga vasia, e os que de novo vierem morrerão com fome.» Alludia ao estado de fallencia em que estavam as Ordens religiosas em Portugal em 1829, e por isso exclama na referida carta: «Pois se não ha de comer para os que estão, como haverá de comer para os que vêm? Elles não comem do que trazem. A *Cartilha* de Mestre Ignacio, e a *Prosodia* de Bento Pereira não fazem sôpas; sôpas fazem-se com pão, e o pão come-o Adonirão. Se foi um erro acabal-os, não é uma discrição reproduzil-os. Ora pois eu não sou inimigo dos Jesuitas, por que do coração não posso ser inimigo de ninguem, a não me fallarem em Systema representativo, porque então esbarrunto, e me converto em diabo vivo, sendo eu um bonacheirão meio morto; só conservo um indomavel odio no coração ao Marquez de Pombal, porque extinguiu os Jesuitas e abriu a porta á filharada de Adonirão.» (P. 103.)

O que queria dizer José Agostinho com estas referencias a *Adonirão* e *Adoniramitas?* Referia-se á seita maçonica, que tinha o seu maior numero de adeptos na burguezia, desde o tempo em que na côrte de Luiz XIV os Jesuitas se lhe ligaram para derrubarem os Jansenistas e conseguirem a revogação do Edito de Nantes. Os *Adoniramitas* eram a burguezia que invadia tudo, e que Macedo detestava pela sua representação no regimen da Carta. E por isso dizia ao mesmo Fr. Fortunato: «Restabelecer os Jesuitas, é impraticavel; remediar os nossos males, impossivel. Deixe os Jesuitas, olhe que zomba o mundo dos seus esforços; a frieza e indifferença que eu vejo destroe todos os argumentos e tira a força á mesma verdade.» (P. 103.)

E depois n'um arranco de colera suscitada pelas dôres, que lhe fazem perder o bom senso, escreve: «Defender os Jesuitas? Ninguem os offende, e pouca gente sabe em Lisboa que elles aqui existem, ou que vieram para nos ensinar e menos para extirpar os Pedreiros; isso não se faz com frades, faz-se com forcas.» Pela suggestão das tautologias a idéa do frade suscitava-lhe a da forca. E depois diz-lhe com amargura: «se os Jesuitas vêm (nem de outra sorte os queira cá o nosso soberano) já vêm emendados, e eu creio que se hão de metter mais com os rapazes para os ensinar, que com os gabinetes para os dirigir; nem com as beatas ricas, porque nem ricas nem pobres existe já essa casta de despejadoras de pias de agua benta e tambem de caldos de gallinha.» E mette a ridiculo o castigo da cana, que os Jesuitas, segundo o processo orbilianista, usavam nas suas aulas. (P. 114.)

Com sarcasmo sangrento, no momento mais critico da reacção miguelina, Macedo termina a carta vaticinando abundancia de linho para cordas: «o ponto está que se sirvam d'ellas, e os homens da maior moderação serão obrigados a confessar que sem ellas não se faz nada.» (P. 123.)

Este furor sanguinario não estava no caracter de José Agostinho; era uma especie de estertor de desesperado no equleo de uma prolongada e terrivel doença. Ninguem o conheceu n'esta misera situação.

Antes da doença, a senilidade cooperava na intolerancia e dogmatismo das suas idéas; José Agostinho de Macedo contava os seus setenta annos, trabalhados por uma irremediavel doença. A edade não lhe permittia conformar-se com as novas instituições, e a doença suscitava os impertinentes rancores. Transcrevemos aqui o retrato que Maudsley, na *Pathologia de Espirito*, faz do velho, que tanto attenua os aspectos crús da personalidade de Macedo: «Na realidade acha-se (sc. o velho) em um estado de dissolução gradual, e é natural que elle não tome parte em um processo de evolução; elle louva o passado, de que se recorda emquanto aos interesses, politica e emprezas; entre os homens do presente já não encontra os gigantes do seu tempo, e admira-se de que o mundo continue a subsistir com as suas mudanças revolucionarias. Além d'isso, ha um começo de depressão nas faculdades

moraes, que só se extinguem completamente na demencia senil; um máo humor, mesmo ralhador, avareza, uma vaidade excessiva, uma teimosia obstinada nas opiniões, uma vontade absoluta, o cynismo e a misanthropia são os differentes aspectos com que se manifesta a decadencia moral.—Ainda que a demencia senil se estabelece ordinariamente por uma decadencia gradual—em alguns casos é annunciada por *um periodo de excitação mental,* que dá ao doente uma apparencia passageira de energia e de potencia. Elle tem uma grande excitação mental e grande confiança em si mesmo;... elle lança-se em especulações de um caracter nitidamente insensato, e ninguem o pode persuadir que os seus projectos e especulações não sejam excellentes... elle impacienta-se com uma advertencia ou com uma opposição; etc.»[1] O proprio partido que Macedo servia pedia-lhe moderação na linguagem; elle insurge-se contra a censura ecclesiastica, e mais ainda contra o Desembargo do Paço, vendo em tudo maquinações da Pedreirada, que lhe difficultava a violenta expansão da *Besta esfolada,* que depois de supprimida foi continuada com mais destempêros no *Desengano.* É assim que se concilia esta antinomia com o seu caracter dotado de bondade, mas proclamando com fórmas odiosas opiniões obstructivas. Além da edade, a doença levava-o a estes delirios; nas suas cartas elle queixa-se de se achar por vezes tolhido de gôta. Maudsley falla da influencia d'esta doença no tom mental:

«Sem que alguma mudança se haja operado nas suas relações, um homem virá, em consequencia de um excesso de bilis no sangue, a considerar o presente e o futuro sob as côres as mais sombrias; algumas horas bastarão para que as cousas lhe pareçam inteiramente differentes, e ao fim de algumas horas ellas lhe apparecerão de novo sob um differente aspecto, sendo durante este tempo victima de um humor que elle não pode repellir. A philosopnia de nada lhe pode servir, porque não se pode livrar do estado do systema nervoso, que um sangue impuro produziu, e que occasiona as suas idéas negras e essas concepções dolorosas.—Tambem a presença no sangue de um producto de nutri-

[1] *Pathologie de l'Esprit,* p. 504.

ção incompleta dá logar a uma *irritabilidade de temperamento* que nenhum esforço do exame proprio pode supprimir, ainda que ás vezes se consiga dissimular-lhe as manifestações. O tom mental, sendo, como já se disse, a expressão de uma condição physica do elemento nervoso, algumas vezes está fóra da direcção da consciencia, da mesma fórma que o delirio e as convulsões de um doente que morre de anemia estão fóra da vontade. Todos os auctores, que têm escripto sobre gôta, são concordes em reconhecer que a suppressão de um ataque pode produzir uma desordem mental grave, e que o subito desapparecimento de uma inchação gottosa é ás vezes seguido de uma desordem semelhante.» (P. 210.)

É interessantissimo o processo com que este estado morbido leva o tom mental a fixar-se em uma causa objectiva; José Agostinho esgrime contra a Carta outorgada, contra a Pedreirada, contra os ideologos do liberalismo, contra a moderação dos realistas que não se sustentam pelas forcas. A formação da illusão mental acha-se admiravelmente descripta por Maudsley: «O effeito o mais ligeiro e o primeiro em data de uma alteração do sangue não é um verdadeiro delirio, nem uma incoherencia de pensamento, mas um desarranjo do *tom* mental. Sensações de um singular mal-estar ou de depressão, de irritabilidade ou de inquietação, desvendam uma modificacão no estado statico dos elementos nervosos, e uma grande disposição para uma emoção penivel é o lado objectivo d'este estado, a psychose, que é a expressão das perturbações da nevrilidade.» E apontando a grandissima irritabilidade que a presença da ureia no sangue produz nos individuos gottosos, até ao ponto da melancholia e da vesania, descreve magistralmente: «Ainda que elle não possa ter nenhuma illusão positiva, as perturbações emocionaes existem por si mesmas, as idéas que se produzem n'estas circumstancias trahem a influencia do sentimento morbido que as affecta profundamente; ellas são obscuras, peniveis, ou, em um certo sentido, não representam claramente e fielmente as circumstancias externas.— mas, como é uma disposição irresistivel do espirito o representar os seus estados de consciencia como qualidades dos objectos exteriores, como na nossa vida mental nós projectamos sempre exteriormente os

nossos estados subjectivos, acontece ordinariamente que por fim de um certo tempo a victima de uma perturbação emocional produzida por estado intimo procura fóra de si uma causa objectiva do seu estado, e quando cuida encontral-a cae na illusão; está em desaccordo com o exterior, e estabelece esse equilibrio entre si e o mundo exterior, creando as suas idéas em harmonia com a sua vida interna.» E chegado a esta observação, Maudsley mostra como um *acontecimento importante* pode suggerir esta illusão de natureza organica, e como um certo *grupo de idéas* se associam por habito a uma fórma particular da acção morbida. (P. 216.)

Nunca os criticos de José Agostinho de Macedo julgaram o pensador e escriptor sob este aspecto scientifico; começaram por ignorar os seus grandes soffrimentos physicos.

Na carta de julho de 1828, que começa a correspondencia com Fr. Joaquim da Cruz, já faz sentir o estado deploravel da sua saude: «apesar da minha desesperada enfermidade, que me faz insupportavel a existencia...» (P. 1.)

Em setembro do mesmo anno: «declarou-se um diabetes doloroso e sem remedio, e os restos da minha existencia serão contados pelas dores mais crueis » (P. 4.)

Em novembro, em data de 13: «estava na cama horrivelmente atacado; n'ella me tenho conservado sem poder voltar o corpo de uma para outra parte, chegando ao extremo da vida, como me succedeu hontem, 12, pelas outo horas da noite, porque a uma dôr insupportavel se seguiu uma convulsão fortissima; agora dizem que é pedra que cahiu da bexiga na uretra e que não pode sahir.» (P. 7.)

Comprehende-se que por vezes a doença o fizesse desarrazoar, como confessa: «Quando estou mais desesperado com a minha desesperada molestia, que não retrocede, nem sei o que digo.» (*Ib.*, p. 8.)

Em dezembro d'este anno descreve a situação infernal em que se vê com a doença e trabalhos obrigatorios: «a minha existencia é milagrosa, não estou um quarto de hora sem ourinar, com dôres que me deitam no chão; de noite é preciso tomar tinturas de laudano para fechar por minutos os olhos. Levanto-me, forcejando sobre as minhas

forças, aqui estou assim mesmo escrevendo, ou Sermões para pessoas de quem sou amigo, porque elles o são, ou revista e Censura de papeis e Relações de Livros...» (P. 11.)

Era sob esta impressão terrivel que elle escrevera duas laudas da *Besta esfolada;* e fecha a custo com este quadro: «ás tres horas da tarde me deito gemendo, e começo com as fomentações e banhos, e chapinhações de agua-ardente de canna, quando me faltam os pulsos; bato todas as noites na parede das casas altas visinhas para me acudirem.» Em carta de 18 de dezembro, interrompida pelos soffrimentos, diz: «Aqui chegava eu hontem, 17, de tarde, quando o terrivel impeto do meu mal me obrigou a ir para a cama, onde das tres para as quatro da noite me achei em artigos de morte, e foi preciso acudir-me até com fortissimo banho aos pés; a dôr da uretra diminuiu alguma cousa; o dia vae quasi da mesma sorte na dolorosissima soltura da ourina.» (P. 13.)

Era n'esta agonia mortal que o partido o forçava a ir de Pedrouços a Santo Antonio da Sé prégar um Sermão na festa em acção de graças pelas melhoras de D. Miguel: «N'este infeliz estado em que estou me vejo obrigado a fazer o que não posso. Sabbado de manhã me levarão d'aqui ás costas, para me metterem n'um bote, e levarem-me até ao Terreiro do Paço, e de lá a Santo Antonio, onde o Senado vae dar graças a Deus pela melhora d'El-rei; etc.» (*Ibid.*)

E em janeiro de 1829: «estou feito môlho de villão, picado e rasgado com dôres, ha tantos dias de cama, sem remedio e já sem paciencia, porque para tanto padecer não chega o valor humano: aqui estou quasi debruços em cima de uma taboa escrevendo...» (*Ib.*, p. 17.) «Com uma baeta quente que me cinge a cintura.» (P. 18.)

Em 5 de fevereiro de 1829: «a minha enfermidade chegou até onde só a morte pode ser o seu termo; tenho todos os signaes de uma inflammação na bexiga; as dôres são as mais violentas e não param nem um minuto ou segundo; a ourina, em grande abundancia, não pára nunca meia hora; de noite, n'este espaço, posso seguidamente dormir: a passada cuidei que era a ultima da minha attribulada existencia: n'este estado como posso eu escrever uma letra? Agora mesmo, nem

de pé, nem sentado posso escrever, sem me sentir atravessado de ferros em braza; este é um dos martyrios em que estou, o outro é grande, mas é evitavel, que vem a ser as importunações de toda a casta com escriptos incessantes...» (P. 19.)

Quando trabalhava no n.º 11 da *Besta esfolada* escrevia para Alcobaça em março de 1829: «Tenho chegado a artigo de morte com espasmos e desfalecimentos, sendo preciso pôr-me sobre o coração panos de vinho ou agua-ardente de canna. Eis aqui como eu estou quasi sempre.—Não se admire V. S.ª de ler alguma graçola, é um esforço que faço, mas nem assim chego a dissimular o martyrio: agora mesmo estou supportando lancetadas agudissimas, e crueis puchões que me suffocam de dôres.» (P. 20.)

Em uma carta de abril diz que o «descompõem de homem venal e vendido a diversos e encontrados partidos; e já estou insensivel a tudo: digam e façam o que quizerem;... desesperadas dôres me fazem de pedra.» (P. 22.)

Elle conhece desde quando começou o padecimento: «gostoso estaria eu no Limoeiro ou nas galés, com tanto que diminuisse metade do martyrio das minhas infernaes dôres,—a molestia é de muitos annos, não foi aqui adquirida, mas sim aggravada. Sempre padeci esta dessuria, mas não dolorosa, e já lhe conto de edade trinta e outo annos (1791.) Tem chegado ao extremo a dôr em ambas as vias, e desde sabbado que estou como desesperado, e desejo do coração terminar a minha existencia.» (P. 26.)

«...mas, que horrivel é este mal! é preciso pôr de instante a instante sobre esta região ordinaria uma baeta quente, a ferver, para poder exhalar a respiração do peito, que até se comprime: digo-lhe a verdade como amigo, chego em suóres frios a artigo de morte.» (P. 28.)

E em carta de 14 de junho de 1829: «ás duas horas estive quasi a expirar e não esperava vida: deram-me uma ajuda de dormideiras e linhaça, com que á noite senti algum allivio; eu batalho contra a natureza e contra a terrivel enfermidade. Hoje me levantei com dôres, é verdade; mas não d'aquellas que me deixam immovel, n'um espasmo mortal.» (P. 29.)

Em 7 de julho ainda as terriveis lamentações: «Eu estou cada vez peor, são maiores as dôres, e chegam a tanto que me sae pela bocca o sangue do peito ha quatro dias; não posso dar um passo pela casa, e para vir da cama sentar-me a esta mesa é preciso encostar-me ás paredes muito curvado...» (P. 31.)

No meio das intrigas que por causa da *Besta esfolada* lhe armavam diante de D. Carlota Joaquina e D. Miguel, escrevia para Fr. Joaquim: «Eu estou gravemente enfermo; além da molestia habitual deito pela bocca muito sangue pisado, cousa medonha! emfim, estou como desesperado...» (P. 36.)

As cartas começam sempre por um arranco; assim em novembro escrevia: «Estou doentissimo, e mais com certeza de morte, do que com esperanças de vida.» (P. 40.)

E emquanto ia recebendo recados de D. Miguel por causa da *Besta esfolada,* elle escrevia para Alcobaça: «aggravou-se o meu mal a ponto de me vêr morrer com uma inflammação hemorrhoidal; não me pude levantar, assim fiquei, e de noite mais de trinta vezes ourinei com dôres mortaes; emfim isto é um individuo mais ou menos que existe na terra.» (P. 44.)

Os impetos da linguagem da *Besta esfolada* eram-lhe refreiados pelo Desembargo do Paço; Macedo sentia-se arrebentar de desgosto e escrevia em 9 de fevereiro de 1830: «Havia trinta e seis annos consecutivos em que pelo ministerio do pulpito me sustentava com tres cousas: com muita honra, muita independencia e muita abundancia: a doença insanavel me privou d'este recurso, trabalhoso na verdade, porém proficuo, e que alguma estimação me mereceu entre os homens; acabou o exercicio de fallar e foi substituido pelo de escrever; e de repente, com a maior e mais escandalosa de todas as injustiças, me vejo privado de tudo. El-Rei sabe que defendia seus direitos; *que dirigia bem a opinião dos povos;* que me mostrei sempre intrépido em tão perigosa contenda, antes e depois da sua vinda, o que não foram capazes de fazer os seus aulicos, grandes, titulares e senhores nossos...» (P. 50.)

Abafavam-lhe a *Besta esfolada,* e para compensação era nomeado Chronista-mór do reino, que elle considerava como uma ignominia suc-

cedendo a Fr. Claudio da Conceição. Os Frades da Graça, que tinham expulso da Ordem em 1792 ao impetuoso Macedo, agora já lhe offereciam o claustro para recolher-se no apaziguamento da vida; em fevereiro de 1830 escrevia ao P.^e^ Fr. Joaquim da Cruz: «Os Frades da Graça me tem sollicitado muito e muitas vezes, mas eu não faço figuras perto da morte, e eu preferirei sempre uma hospedagem caritativa em Alcobaça como clerigo secular, ás distincções de *mestre* da Ordem, e aos privilegios de prégador régio.» (P. 51.)

Chega a causar piedade o estado do soffrimento prolongado em que vae avançando para a morte; em dezembro de 1829 escrevia ao frade que o instigava ás polemicas a favor do miguelismo: «ha doze dias que me vejo doentissimo, porque hoje mesmo (que é uma hora), desde que me levantei ás outo, tenho ourinado vinte e quatro vezes; isto é estar muito doente; ajunte-se a isto uma sêde continua, com tanta secura que me custa a despegar os beiços, e não ha agua fria que me farte; de noite é peor, porque se fecho os olhos é tal a soltura de ourina que me acho alagado, e é preciso metter lençoes, camisas sujas, e quantos trapos ha em casa, onde tudo o é, excepto a minha lingua. Este é o meu estado miseravel.» (P. 53.)

Obrigaram-no a defender a entrada dos Jesuitas em Portugal e elle em carta de 20 de março de 1830 pinta a angustia em que se extorce: «Com indizivel trabalho me tiraram agora (onze horas) da cama, para me sentar n'esta cadeira; e com a perna esquerda horrivelmente inchada, e o pé com inflammação, e a dôr de gota, e peor do que já tive; como o ataque é geral, renovou-se a dôr de pedra, parou a ourina com uma irritação e dôr mortal; emfim, estou em estado lastimoso, e faz compaixão aos mais indifferentes; não me poupo a remedios... estou um martyr, e sem terminar o martyrio, que em tal estado desejava que fosse pela morte.» (P. 59.)

E ainda em um fragmento da carta ao mesmo: «Deitado escrevo; quer Deus apurar a minha cansada paciencia; fui accommettido de um tão violento ataque de gota no pé e perna esquerda, que está em monstruosa inflammação, com dôres que juntas ás da pedra, que é melhor a morte...» (P. 90.)

Nas angustias da prolongada doença era ainda na idealisação litteraria que Macedo procurava algum allivio. Diz elle do poema que ia passando a limpo, a *Viagem extactica:* «Cuidarei (nos intervallos) em pôr a limpo a ultima composição minha, que fará estrondo se o amor das lettras ressuscitar e levar um estupor os secretarios das Academias todas.» (P. 2.)

Já se não referia ás Arcadias, mas á Academia real das Sciencias, onde não soubera introduzir-se, e contra a qual conservou vivo despeito. Depois de ter descripto um forte ataque de bexiga, torna a referir-se ao poema: «Tambem desejo não morrer sem trasladar para limpo o livro de versos em que fallei a V.ª S.ª, cousa que se não pode mandar fazer, porque só eu posso desembrulhar aquelle cahos, a que dei a mais séria applicação e que bem desejo deixar como um testamento de lettras a Portugal e ao mundo.» (P. 8.)

Em carta de 28 de dezembro voltava á mesma preoccupação: «Os cirurgiões gritam que esteja fóra da cama, e eu o farei se podér; e para disfarçar tão horriveis dôres verei se posso ir tirando do cahos a obra de maior trabalho, erudição e empenho que V.ª S.ª aqui viu, e que desejo veja o mundo das lettras.» (*Ib.*, p. 15.)

Em carta de 5 de fevereiro de 1829, verdadeiramente impressionante: «Se algum espasmo de dôr me não levar com brevidade, entre *Besta* e *Besta* irei trabalhando o trabalhado e trabalhoso Poema, e na verdade lhe digo que só tenha pena de morrer sem o vêr publico por uma asseada e não mesquinha impressão; depois d'isto nada mais tenho cá que fazer.» (p. 20.)

Em 3 de junho escrevia ao mesmo: «Não têm intervallos as dôres, se os tivessem eu poderia fazer o que me diz, e mais alguma cousa; e assim mesmo o 1.º canto da *Viagem estatica ao Templo da Sabedoria* já está tirado a limpo, e que trabalho!» (P. 30.)

Em outra carta de setembro de 1829: «Fiz o drama para os comicos, talvez uma das melhores cousas que eu tenho feito na minha vida: não lh'o mando, porque esta tarde aqui ha de vir um comico e mais uma comica para lhe ensinar a pronunciar os versos, e apontarlhe o que se chama scenario. Que visitas tão honradas e respeitadas!

Mijarei n'ellas, e para ellas, porque o diabetis está furioso, nem dormir meia hora seguida me deixa.» (P. 40.) O drama era:

«*A Volta de Astréa,* Drama allegorico para se representar no Theatro portuguez da rua dos Condes em 26 de outubro de 1829, no faustoso anniversario natalicio de Sua Magestade Fidelissima o senhor D. Miguel I, nosso amabilissimo senhor e soberano.» Foi impresso n'esse anno tres vezes, sendo uma d'ellas por conta de Fr. Joaquim da Cruz. Em carta ao Procurador de Alcobaça escrevia Macedo: «A respeito do Drama allegorico (que não foi licenceado pelo Desembargo malhado) é cousa de nenhuma entendidade; foi excessivamente applaudido, e por mim desprezado, pois sei o que faço, e não queria que levasse o meu nome; foi devoção dos comicos, como o *humilde* e *reverente.* A palavra *humilde,* nem para o rei;...» (P. 41.)

E descrevendo a sua situação, illaqueado por pretendentes e no meio de irremediaveis dôres, exclama: «E a *Viagem ao Templo?* Quasi concluido está o segundo canto, e com vagar irá, não só pelo estado que lhe exponho da minha situação escrava, mas porque tudo mudo, pois nunca me agrada o que fiz, só me agrada o que faço. Tudo faço de novo.» (p. 43.)

A doença e a polemica politica, na lucta de vida ou morte de um partido que se batia no terrivel cêrco do Porto, davam ao caracter e á linguagem de José Agostinho de Macedo um rancor que contrastava com a sua organisação benevolente. Elle mesmo o reconhece nas suas cartas; mas os acontecimentos e os doestos pessoaes exaltavam-o, e elle como sincero excedia-se. Um contemporaneo seu, que o conhecera já na velhice, escreveu passados muitos annos estas palavras: «Era o rosto mais sympathico e bello de ancião que hei conhecido.—Quem lêsse os seus furibundos escriptos politicos diria que elle tinha um genio irascivel e cruel; todavia no seu trato familiar era affabilissimo, tinha um coração bondoso, e era excessivamente generoso e bem fazejo...»[1] Vê-se que o homem moral esteve sempre submerso entre instituições que o deformaram, como a vida claustral, o absolutismo

---

[1] Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno,* t. I, p. 361.

monarchico, a rhetorica da prédica e das Arcadias, as refregas doutrinarias de ideologismo liberal. Elle pouco se conheceu, e os seus contemporaneos julgavam-se na verdade detestando-o. O Systema monarchico absoluto agonisava diante do cêrco do Porto, e a vida de Macedo exhauria-se em uma prolongada agonia. Accommettido de uma *sezão maligna*, em 2 de outubro de 1831, José Agostinho de Macedo expirou, na casa que habitava em Pedrouços, ás 11 horas da manhã; em um manuscripto contemporaneo acha-se assim consignado o facto odiosamente: «Morreu finalmente este Padre, tendo uma edade avançada, na sua propria casa em Pedrouços, *e no seu leito, o que é para admirar,* tendo innumeraveis inimigos de todas as classes e gerarchias de ambos os sexos, a quem tinha excitado grande odio pelos seus escriptos!» E conclue o acerbo necrologio: «por evitar maiores males, que os seus escriptos podiam fazer á Nação portugueza, enviou-lhe (a Providencia) uma *Sezão maligna,* que em poucos dias o levou á sepultura.» Era medico assistente o Dr. João Henriques Paiva, que não conseguira debellar-lhe a febre, complicada por uma inflammação de bexiga. De uma compleição forte, Macedo manteve a sua rasão até á agonia, e quando foi sacramentado pelo P.e José Barreiros, prior de Bemfica, fez uma prédica aos assistentes, pedindo perdão a quantos offendera em sua vida, ou se julgassem por elle offendidos. Declarou então que desejava ser sepultado na egreja das Freiras Trinas do Rato, defronte do altar de S. Thomaz, e para tal fim dava a esmola de 480$000 réis, que entregou logo de mão, porque como clerigo não podia testar. O seu enterro foi sumptuoso; D. Miguel mandou um coche da Casa real, a quatro parelhas, para transportar o cadaver, que foi acompanhado por alguns ministros e numerosos convidados. Era o symbolo do enterro do Systema absolutista, que succumbia com o seu valente polemista doutrinario. As irrefreaveis paixões que o fizeram detestado passaram; sómente ás serenas emoções estheticas é que compete collocar em um fóco de verdade esse vulto que a Historia litteraria de Portugal não poderá deixar de estudar.

THEOPHILO BRAGA.

CARTAS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

AO P.e FR. JOAQUIM DA CRUZ

Procurador Geral do Mosteiro de Alcobaça

I

Ill.mo Sr.

Se V. S.a me tivesse insinuado que a cousa urgia, apesar da minha desesperada enfermidade, que me faz já insupportavel a existencia, no mesmo instante a teria feito; porque sei o que devo a toda a Congregação, e á amisade especial de V. S.a Agora, nove da manhan, arrastando-me da cama que está no meio da casa, escrevi, e são já nove e meia; nunca cousa tão pequena me levou tanto tempo; mas digo-lhe a verdade, que é preciso não saber o que é latim, para escrever o latim curial da Dataria e Chancellaria romana, ou alfandega marroquina. Eu não tenho melhoras; as dôres são fixas, e sempre activas. A casa está sempre cheia; agora deram os guerrilheiros de alta patente em a vir entulhar. Vasconcellos, Quadros, Cachapuz, general Jordão, tudo aqui está: quatro frades vicentes com seus chapéos de borlas fazem a partida a este entrevado, partida muda, porque todos quatro são quatro doctores ouvidores. Todo o mundo pede *Besta*, eu não sou o Troca; se o mundo se contentasse com as que aqui vêm, bastava uma viva, para supprir um cento das minhas escriptas e mortas: comtudo, esta semana que entra, como podér albardarei uma. Já disse quem era a *Besta*, n'esta segunda direi as manhas que tem, e depois se irão expondo os couces que deu. Creio que não continuará a espinotar o Freire de Andrade, e irá a cousa mais depressa: em quanto com muita pausa, muita reflexão, e muita verdade protesto que sou

De V. S.a

... Julho de 1828. Am.o cert.o e obrig.mo

J. A. de M.

II

Ill.mo Sr.

Estou opprimido com o pezo de tantos obsequios, que recebo todos os dias das generosas mãos de V. S.ª Eu com a minha molestia tenho para pêras, mas estas que recebo são taes, que se Adão e Eva as comessem, apezar da infracção da Constituição primitiva, tinhão desculpa, e nós ficariamos sem pagar as favas. Torno por ellas a beijar as mãos de V. S.ª A sua carta me encheu de consolação entre tantos padecimentos, e me animou a proseguir na esfolação em algum intervalo, que é só pela manhan antes de se affervorar o dia. Tiraram-me os facultativos da alcôva em que estava, e me estenderam a cama n'esta egualmente pequena casa de fóra, e como a tomo toda, e os importunos, como não tem onde se sentem, tem desabelhado bastantes, e ainda bem, que me deixam respirar! Cuidarei (nos intervalos) em pôr a limpo a ultima composição minha, que fará estrondo se o amor das lettras resuscitar, e levar um estupor os secretarios das academias todas. Aqui passou hoje o Provincial do Carmo, e me disse tinha jantado com o Ill.mo sexta feira, e me deu a grande nova da consulta sobre a Junta do Melhoramento: acabou-se, e aproveitou o papel; falta dar cabo da Commissão da Censura, e no proximo numero da *Besta*, que ainda se vai em preliminares e preparatorios, levará um golpe macio, mas decisivo.

Eu me recommendo a P.e M.e Fr. Alvaro, a quem remetto esses dous livros; deixemos cousas extranhas, cá nos aproveitaremos de remedios caseiros, e os couces da *Besta* farão milagres. Queira V. S.ª dizer-lhe, que fico entregue da obra remettida, e que a remetterei com brevidade. Custa muito escrever na cama, sendo a meza uma das caixas de doces que tenho recebido da mão de V. S.ª. De escriptorio tão doce irão saindo amarguras para a canalha, e consolações para os homens de bem. Tremem-me muito os braços, e não posso escrever mais, porém sempre serão firmes e vigorosos para escrever e assignar que sou bem do coração

De V. S.ª

obrig.mo amigo

11 de Agosto de 1828.

J. A. de M.

III

Ill.^{mo} Sr.

Desde o dia 19 do corrente, que pelo augmento da minha terrivel enfermidade tenho chegado aos ultimos apuros, ou ao termo da existencia: e até hoje, e até este momento em que escrevo, sinto grandes desfalecimentos no coração. Não tive força para responder a V. S.ª quando aqui veiu o criado, e menos tive um momento de socego para converter aquellas poucas regras em latim da Curia romana. Domingo, se algum alento tiver, irei pela manhan cedo a Lisboa, fazendo por chegar a esse domicilio, e tambem ao do Forno do Tijolo, e então conversaremos algum momento. O medico, que por sua devoção me assiste, e o cirurgião que eu chamei, e o boticario, que é o executor d'esta justiça brava, em nada acertam; eu tambem não consinto que em mim façam experiencias da sua arte exterminadora: teimam com dozes de opio, eu não engulo nenhum, e da botica vai para a rua. Os politicos, que já nos não adormecem, entram, é verdade, pelos ouvidos, não se demoram, e lá vão como os da botica para a rua, ou para onde elles quizerem.

Chegou a Guimarães a 14 o Visconde da Azenha: aqui me escreve dizendo-me que por estes dias vem a Lisboa solicitar o seu despacho, e que fosse eu andando com a penna nas necessarias disposições. Tem razão, eu conheço o Principal, Enfermeiro-mór do Hospital; e na enfermaria de baixo, que tem um pateo onde elles passeam, se cuidará em algum quarto mais decente! Foi fado meu atural-o da outra vez, e é fado meu atural-o d'esta.

O intrepido Raymundo aqui me prometteu outro dia trazer-me os diarios, feitos por elle, das suas campanhas para lh'os pôr em ordem. Elle commandou a acção grande, em que o Principe de Hesse teve o cavallo ferido; — o Raimando não o foi, porque sendo a acção no adro da egreja de S. Victor, no campo de Sancta Anna, o Raimundo commandava do alto da Falperra por ajudantes de campo, e de ordens. Alguns sargentos velhos, e invalidos, que tinham vindo de Valença, foram promovidos (diz o Raimundo) a grãos-majores. Eu lhe aconselhei, como amigo que sou de militares de taes talentos, que com o valimento do Principe de Hesse, se fosse offerecer como voluntario ao Imperador da Russia para commandante dos primeiros cossacos que entrarem em Constantinopla. A lingua dos cossacos, e a do Raimundo,

têm a mesma raiz, entendem-se bem. O imperador, se lhe não der o habito de S.to André, certamente lhe dará o de S. Cornelio. Foi-se embora o Raimundo, cheio de idéas de Carlos Magno, e a esta hora já terá feito a proposta ao Principe de Hesse; e a patria, se fica privada da gloria que lhe tem ganhado este general, e da que lhe dá com a sua presença, adquire a que elle lhe vai adquirir na tomada dos Dardanellos. Ora basta, e muito basta para quem escreve na cama taes lettras, e tão tortas regras, em cima da caixa das pêras, e para pêras tenho eu com tal enfermidade, que nem os discursos do Raimundo me podiam distrahir da acerbidade das dores. Tenha V. S.ª saude, que é um bem egual ao da existencia. Recommende-me respeitosamente ao Ill.mo, e affectuosamente ao P.e M.e Fr. Alvaro, e de uma e outra maneira se recommenda a V. S.ª

Seu am.o obrig.mo

26 de Agosto de 1828.

J. A. de M.

IV

Ill.mo Sr.

A minha vida é já problema entre uns enterradores chamados medicos, e cirurgiões: declarou-se um diabetis doloroso e sem remedio, e os restos da minha existencia serão contados pelas dores mais crueis. Farei tudo o que V. S.ª me ordena, porque tudo devo fazer quanto me ordenar sempre. Tinha levado quasi ao meio a terceira *Besta*, a mais formosa e boa que farei. Veiu aqui mandada por Sua Magestade uma das primeiras auctoridades, com um infame impresso em Inglaterra contra Sua Magestade: mandou-se que logo e já respondesse largamente, para se imprimirem outo mil exemplares, e distribuirem-se pelo reino, e que lhe pozesse o meu nome, Nos intervalos de minha mortal doença já tenho escripto 37 grandes paginas, e não vou no meio da obra exigida; eis aqui porque prendi a *Besta* na manjadoura, mas não fica alli. Sem attender-se ao meu lastimoso estado, e a não poder escrever nem uma lettra de noute, porque ainda de dia me deito, e hontem terça feira estive sempre de cama, querem sabbado tudo prompto. Guarde n'isto segredo, porque assim o mandam. José *Lapis*, a quem o Marquez de Borba queria cá hoje, promettendo vir não appareceu. O Marquez ficou espantado, e me mandou dizer que me agradecia a honra que lhe tinha feito, em lhe dar conhecimento com um

genio tão extraordinario. Veremos se apparece. Tenha V. S.ª saude, leia como podér estas garatujas de um tremulo e até surdo, e em tudo que eu escrever, e em tudo que eu disser leia V. S.ª, e lerá sempre que sou

De V. S.ª

Am.º obrig.mo e fiel

... Septembro de 1828.

J. A. de M.

V

Ill.mo Sr.

Ou eu me não expliquei bem, ou V. S.ª não reparou no ennunciado. Eu tinha chegado ao meio do 3.º n.º da *Besta*, e com muito gosto a estava albardando, quando por esta casa entrou o Intendente geral da Policia com uma ordem d'Elrei, e um livro na mão vindo de Inglaterra, para lhe responder extensamente, para se mandar imprimir outo mil exemplares, e distribuirem-se pela nação. Prendi logo a *Besta*, e no miseravel e lastimoso estado em que me vejo, afogado em gente que entulha a casa sempre, e até andam aqui dentro aos murros, como succedeu hontem a dous officiaes generaes do exercito emigrado; e vinda, comecei a escrever, e muito tenho escripto, e muito, e muito, e vou no meio da obra, que concluida e sem deixar copia (do que tenho pena) a entregarei ao mesmo que a veiu encommendar. Este é o caso, e peço segredo, porque assim m'o ordenaram. O Intendente já tornou, e viu o que eu tinha adiantado. E mandam que lhe ponha o meu nome. O Visconde de Canellas aqui me mandou o presente de um optimo livro impresso em Paris, no mez de Agosto d'este anno, e aqui virá tambem hoje: e eu, a ourinar com dores do inferno, de quarto em quarto de hora! Vi os catalogos; não ha cousa notavel, só dous dignos da livraria de Alcobaça pela sua raridade, que vão apontados com uma cruz. Ha outro rarissimo, que vem a ser — *Viagens antigas* de Pietro de la Valle.—Poucos exemplares haverá na Europa d'esta obra. Adeus, ahi está gente, e dous cirurgiões. Adeus *Besta*, adeus papel de Inglaterra, adeus tudo, que a casa está cheia, mas nunca o meu coração estará vazio da amisade, que professa a V. S.ª

8 de Outubro de 1828. *J. A. de M.*

VI

Ill.^{mo} Sr.

O meu estado se torna cada vez mais lastimoso, e todos os dias cresce sem remedio: este é o motivo porque não vou procurar já e já a V. S.^{a}, obrigando-me a dar-lhe um incommodo, e não pequeno, que vem a ser chegar a este sitio e triste morada, se não podér ser ámanhan sabbado 18, seja no domingo 19; e como não é possivel ver esta choupana despejada de gente, redobro o incommodo do que lhe dou, pedindo-lhe que seja no fim da tarde, porque só a noute, ou o diabo os leva d'aqui para fóra, e o negocio pede recato e segredo. Hontem 16 ao meio dia acabei a obra, que leva 112 paginas de quarto grande em lettra muito miuda, e mettida. Hontem mesmo esperava pela quarta vez o Intendente, porque assim tinhamos ajustado; não veiu, porque teria embaraço invencivel nas Necessidades; hoje aqui vem, para se determinar definitivamente o modo porque se ha de imprimir com as duas condições que El rei apontou, que não se revelasse o segredo, e que se não conhecesse que intervinha n'isto a sua auctoridade, e assim se removia toda a suspeita de que elle mandara encommendar a obra para se defender a si, lembrando que pozesse eu o meu nome. Ella não deve só ser distribuida n'este reino, mas enviada a todos os estrangeiros. N'este caso, estando eu como entrevado, e não podendo dar um passo, proponho ao Intendente que a pessoa de mais confiança e confidencia a quem se pode commetter esta empreza de tanta ponderação, é unicamente V. S.^{a}, e nenhuma outra. Já disse ao Intendente, que outo mil exemplares que queriam era um nunca acabar com a impressão, e lhe mostrei que bastariam tres mil, e mais um cento em papel fino; e que antes de sair da officina, apresentando-se o rol da despeza seria paga pelo cofre da Intendencia, que estas eram as ordens dadas. N'este caso é preciso que fallemos, para se apresentar o manuscripto ao Sr. Fr. Henrique de Jesus Maria, declarando-lhe com algum rebuço uma parte d'esta marcha, para mais prompta expedição do negocio, e tractar-se do papel, se o houver capaz, na mesma Officina regia, e da lettra, que não deve ser miuda; pois segundo se me diz, não se olha a despeza alguma. Estou hoje tão doente e penetrado de dores, que nem escrever posso; e assim é preciso que fallemos ámanhan sabbado, depois de se desembaraçar do seu correio.

Am.^{o} obrig.^{mo}

17 de Octubro de 1828. *J. M. de M.*

VII

Ill.^mo Sr.

Aqui esteve hontem á noute o Intendente, e ficou contentissimo com a segura disposição que se deu ao negocio, como V. S.ª já terá conhecido, visto lhe ter fallado. Não approvo o numero de exemplares, bastam e sobejam quatro mil. O expediente de vir licenceado ás folhas, é perigoso, porque nos caminhos se pode perder alguma, e como se ha de remediar, se não ha uma copia? O trabalho de noute bom será, porque a pressa que dão é excessiva. Ajustei com o Intendente que depois de paga a impressão na officina, fosse a edição para o Desterro, e que de lá em porções se lhe daria a direcção que se determinasse. Vamos com isto. As visitas de manhan, apezar das minhas dores e cruel martyrio, fizeram que não saisse d'aqui hoje a *Besta* apparelhada de todo; o apparelho é novo e rico, e já fico pela andadura que ha de ter. Depois de ámanhan irá, e este rapaz será o arrieiro, e eu o velho albardador, cheio de mataduras; se tivesse, não quatro pés, isso não, mas quatro mãos, com todas ellas escreveria em lettra bem clara, e de modo que todos entendessem, que sou

De V. S.ª

O am.º mais obrig.^do

20 de Octubro de 1828. *J. A. de M.*

VIII

Ill.^mo Sr.

Não respondi a V. S.ª porque estava na cama horrivelmente atacado; n'ella me tenho conservado sem poder voltar o corpo de uma para outra parte, chegando ao extremo da vida, como me succedeu hontem 12, pelas outo horas da noute, porque a uma dôr insupportavel se seguiu uma convulsão fortissima; agora dizem que é pedra que caiu da bexiga na uretra, e que não pode sair. Levantei-me agora um bocado, que são nove da manhan, unicamente para lhe escrever, porque espero hoje o rapaz. N'este miseravel estado, nem uma lettra tenho escripto da impugnação dous papeis aqui trazidos pelo Inten-

dente. Esta fatalidade da molestia d'El rei tudo atraza, nem o homem encarregado das traducções, que prometteu vir para conferenciar, aqui tem apparecido. Seja o que fôr, n'este estado nada me interessa. Lembra-me só que era tempo de V. S.ª apresentar ao Intendente o rol da enormissima despeza de papel e impressão, porque o cófre da Intendencia não é dos vazios, e quando as cousas se demoram, esquecem. Toda a turba (que ninguem pode contar) aqui vem; toda diz que é geral a acceitação do papel, e antes de hontem á noute aqui disseram os filhos do Marquez de Borba, que a Marqueza de Bellas tinha mandado alguns a um filho, que tem em Inglaterra. Acceitei o sermão da bulla, e não posso acceitar o honroso convite que para o almoço se dignou fazer-me o Ill.mo Sr. Esmoler-mór, porque eu vou em uma cadeirinha do hospital, que me deve d'aqui levar em direitura a S. Roque. Não ha condição mais triste! Nem uma *Besta* posso albardar, cousa que me levava poucas horas, e a materia sempre disposta, e qualquer cousa rende muito. A dotação que a nação faz ao rei, e os alimentos que lhe determina, assim como é o ultimo desaforo, é fertilissima e vasta materia para uma parelha. Tambem desejo não morrer sem trasladar para limpo o livro de versos em que fallei a V. S.ª cousa que se não pode mandar fazer, porque só eu posso desembrulhar aquelle cahos, a que dei a mais séria applicação, e que bem desejo deixar como um testamento de lettras a Portúgal, e ao mundo. O Lopes emendador lá poz na *Gazeta* algumas correcções da *Refutação;* algumas pessoas que aqui vem, ou que d'aqui se não tiram, já lhe pozeram á margem os dous pontos, e o mais que pareceu ao Lopes; e a mim parece-me que ninguem é de V. S.ª

Mais cordeal amigo

13 de Novembro de 1828.

J. A. de M.

IX

Ill.mo Sr.

Quando estou mais desesperado com a minha desesperada molestia, que não retrocede, nem sei o que digo. Como eu nada sabia, e só me tinham dito que era para se distribuir gratis por todo o reino, com razão me espantei de a vêr posta á venda, sem atinar com o motivo d'esta medida. O Intendente aqui veiu já, esteve muito tempo commigo, e me satisfez plenissimamente, e me disse que se punham á

venda muitos exemplares, para que o seu producto revertesse para seu auctor. Nada me interessa no miseravel estado em que estou, seja o que fôr.

Hontem á noute, quando veiu o seu criado, estava este chiqueiro com a costumada enchente, ouvindo um sermão, que nunca acabava, prégado pelo Senhor Antonio de Vasconcellos Leite Pereira, general supremo de todos os guerrilhas que houve, e ha de haver em S. Gregorio; a que se seguiu a leitura de noventa e quatro officios mandados a todo o genero humano, que móra no Minho, e a maior parte d'elles a Capitães móres, commandantes, ou senhores commandantes dos corpos milicianos dos diversos districtos; e para que? para guardarem as costas de Raimundo José Pinheiro, nas suas tentativas sobre Braga, creio que nas operações naturaes, pois segundo se collige, o susto lhe tinha soltado o ventre. É fatalidade! não ha general ladrão, nem alto guerrilheiro ratoneiro, que não venha acabar de matar com sua honra e proezas este atribuladissimo enfermo, de cujos olhos vai fugindo a scena do mundo. No sabbado aqui esteve tambem algumas horas da tarde o Senhor Arcebispo de Lacedemonia; ao menos cederam as armas á toga, e os louros marciaes á lingua eloquente. Fallaram as lettras, e ensarilharam-se as armas. Estou ameaçado de um aproche tambem militar do Visconde de Canellas, que assim m'o mandou annunciar o Lopes. Outra visita, e tambem de horas: hontem domingo de manhan veiu aqui um hespanhol, homem de bem, e erudito, com uma carta do Intendente para o ouvir e resolver. Está encarregado de uma traducção franceza da *Refutação;* e já trazia um grande pedaço, muito bem e muito litteralmente traduzido: deve tornar, e se o mais corresponder áquelle ensaio, bem ficaremos. Elle me disse, que tambem se começara já a traducção ingleza. Tantas honrarias me obrigam a dizer, que depois do asno morto cevada ao rabo. Estimarei vêr já, e sem perda de tempo o sermão do P.^{e} M.^{e} D.^{r} Fr. Fortunato: este nome é para mim de summo respeito, e em cuja gloria tanto me interesso, mas não é inferior a que tenho em ser

De V. S.^{a}

Amigo obrigadissimo

... Novembro de 1828.

J. A. de M.

X

Ill.^mo^ Sr.

Recebi hontem 2 do corrente a apreciavel e estimada carta, por José *Lapis*, e quasi pincel, com que V. S.ª tanto me honra. V. S.ª vê em mim dous milagres, o primeiro a continuação da minha existencia no meio de tão intoleraveis tormentos, que nem por um instante se suspendem; e se os dias são crueis, mais atribuladas levo as noutes: o segundo é poder eu, em algum intervalo, só de manhan, escrever alguma cousa entre a importuna caterva que d'aqui se não tira; porque estando eu duas horas apenas fóra da cama, mal pego na penna se abre a porta, ou galopa pela casa dentro, porque a porta já se não fecha. Assim mesmo, ahi vai o quarto numero da *Besta*. Ella fará mudar de conceito o P.^e^ M.^e^ Fr. Alvaro a respeito do n.º 3. Este quarto tem cousas novas, e algumas tiradas muito eloquentes. Deixêmos os gabos da noiva, que não a quero casar. A respeito de traducções, confesso-lhe que já não entendo similhante salgalhada, sem acabarem com uma só cousa. O Lopes me mandou dizer que estava reformando e emendando a da *Refutação* em francez: eu aqui tenho a ingleza, e largos dias tem cem annos; ou eu martyr de dôres e ancias mortaes não entendo o que me dizem, porque de toda a parte me dão noticias, que eu não posso entender. V. S.ª se me fizer a honra de responder-me, para me certificar da entrega da *Besta*, e se lá apparecer o José Lapis, seja por elle, pois elle me disse que ia lá sexta feira, ou eu entendi mal, o que me succede com todos. Pedi ao Lopes que viesse cá, para mandar por elle a traducção ingleza, porque temo desvio na mão do rapaz mudo; não apparece Lopes até hoje; tambem isto fica por entender. Eu cada vez estou mais tolo: paciencia; mas por certo não sou tolo em ser de V. S.ª verdadeiro amigo, e o mais obrigado e agradecido

J. A. de M.

Quartel dos Politicos, e estrebaria das *Bestas*, 3 de Dezembro de 1828.

XI

Ill.mo Sr.

Depois que o mudo d'aqui foi, a minha existencia é milagrosa: não estou um quarto de hora sem ourinar, com dôres que me deitam no chão; de noute é preciso tomar tinturas de laudano para fechar por minutos os olhos. Levanto-me, forcejando sobre as minhas forças, aqui estou assim mesmo escrevendo, ou Sermões para pessoas de quem sou amigo, porque elles o são, ou revista e Censura de papeis, e relações de livros; em fim cuidando não poder hoje nem sentar-me, e determinando mandar vir de casa uma batina que me resta (e lá deixaram as sobrepellizes por escarneo) para me amortalharem, se aqui acabar: e não tendo esta manhan mais que um unico politico, que puz na rua, escrevi duas laudas da *Besta*, e não ha meia hora, a moça das cinco mulheres da visinhança, enxotando-me as moscas, entornou o tinteiro, e caiu um borrão em cima das margens do papel, que me agoniou deveras, porque eu nunca deitei borrão na materia. Interrompi a serie das manhas para tractar dos couces, e vai o titulo — 1.º Couce — que vem a ser, os que atiram os patifes que estão em Inglaterra.

Estimo que chegasse o P.e Fr. Alvaro, e de véras o estimo, e me recommendo para o que eu poder n'este miseravel estado. Agradeço a V. S.a o tabaco, mas nunca dirá ao mundo que V. S.a me foi ás ventas; se o disser, eu lhe responderei que com cousas boas. Se o P.e M.e Fr. Alvaro tem que approvar no 4.º numero, o 5.º o satisfará. De traducções e traductores, que os leve o diabo, poucos sabem traduzir, fica tudo ranho em parede. Eu já não vivo, não tenho forças, senão appareceria do *D. Miguel* o que appareceu no *Elogio de Pio VII*, primeira e ultima traducção da minha vida. O mudo deve cá vir depois d'ámanhan, mande-me V. S.a dizer se a *Besta* passou da estrebaria de Fr. Henrique, e se se imprime a traducção franceza da *Refutação*. Não digo que irá o n.º 5 depois d'ámanhan, porque ás tres horas da tarde me deito gemendo, e começo com as fomentações e banhos, e chapinhações de agua-ardente de cana, quando me faltam os pulsos; bato todas as noutes na parede das casas altas visinhas para me acudirem. Ora não tenha V. S.a nada d'isto, mas tenha todos os bens que lhe deseja

Seu verdad.ro am.º

... Dezembro de 1828.

J. A. de M.

XII

Ill.^{mo} Sr.

Que dia este para mim! O mais atribulado com dôres que tenho tido; a casa cheia de diabos; um com um mappa de minas de ouro que ha no reino, e tão impertinente que lhe pedi com as mãos postas, que me deixasse ir ao bispote: então se foi. Veiu outro com um requerimento para o Duque, disseram-lhe lá que não ia em fórma, pede que lhe faça um melhor; esse ainda aqui está. Assim mesmo acabei o 5.º numero agora, com o tal requerimento aqui. Ahi vai, lêa V. S.ª, que é cousa que nem me deixam fazer. Pelo que me lembro de ter escripto, este primeiro Couce é a melhor cousa que haverá escripta. Decidirão. Mando o mudo a correr, que são tres horas. Eu me preveni com escripta para outra vez. Logo torna o do rol das minas, e eu minado de dôres. Veja V. S.ª se este Couce se imprime logo. Recommende-me ao P.^{e} M.^{e} Fr. Alvaro, e com muita particularidade ao Ill.^{mo} Sr. P.^{e} Geral, de quem naturalmente sou amigo, e com o mesmo puro sentimento é de V. S.ª egualmente

Amigo

1 de Dezembro de 1828.

J. A. de M.

XIII

Ill.^{mo} Sr.

Depois que hontem 16 recebi a sua carta, com a récua das seis, fui como dizia, deitar-me para passar a noute mais terrivel de quinze horas de tormentos: assim amanheci, assim me levantei para acabar de albardar a *Besta*, o que fiz, apezar de vir primeiro o cirurgião: depois veiu um acabar de matar-me com um plano de agricultura. Vae pois, e creio que a melhor e mais gorda da mesma récua; desejaria que se apressasse mais a impressão, mas que se não imprimissem tantos exemplares. O povo está cansado de papeis, que por mais que digam, menos se faz: tudo está em perfeita frialdade, nada lhe importa, e só quer comer, e isso lhe falta. Ficam as lojas atulhadas de livros e papeis de toda a qualidade. Tambem será escusado citar os patifes reimpressores, porque me disse hontem á noute Fr. José Machado, que isso só tem logar quando ha privilegio especial para os escriptos, o

que nós não temos, e me provou isto com exemplos seus. Se El rei ao menos lêsse! mas nada deixam lá chegar. Aqui chegava eu hontem 17 de tarde, quando o terrivel impeto do meu mal me obrigou a ir para a cama, onde das tres para as quatro da noute me achei em artigos de morte, e foi preciso acudir-me até com fortissimo banho aos pés; a dôr da uretra diminuiu alguma cousa, e á força do xarope de opio pude dormir alguma cousa: o dia vai quasi da mesma sorte na dolorosissima soltura da ourina. Aqui se me tem queixado do preço da *Besta*, não sei se têm razão: querem que seja o preço das *Cartas* tres vintens, mas as *Bestas* levam sempre duas folhas; n'isso fará V. S.ª o que melhor entender, que eu não me mato com similhantes calculos. Desejo que o senhor Fr. Henrique não demore o insignificante papel na sua mão, nem venha com escrupulos sem entidade: eu sei o que escrevo, já que em logar do freio ser para a *Besta* é para mim; não me tem faltado insinuações que marcam os limites, parece que se não quer nem a defeza da justa causa! N'este infeliz estado em que estou me vejo obrigado a fazer o que não posso. Sabbado de manhan me levarão d'aqui ás costas, para me metterem n'um bote, e levarem-me até o Terreiro do Paço, e de lá a S. Antonio, onde o Senado vai dar graças a Deus pela melhora d'El rei: se por lá apparecesse, mas cedo, o P.e M.e Fr. Alvaro, bom seria, no caso que eu não possa a pé tornar ao Terreiro do Paço; mas isto sem incommodo, e lá fallariamos. Tenha V. S.ª saude, e tantas venturas quantas lhe deseja

Seu amigo o mais obrig.do

18 de Dezembro de 1828.

J. A. de M.

P. S.

Succedeu o que eu disse, aqui estou na cama, e peor que nunca. Não dormi nem um quarto de hora. Meu amigo, isto está muito máo. Vai a *Besta*, e recommendo ao mudo que vá em direitura ao Desterro. Se vou continuando assim, nem mais *Bestas* se imprimirão.

XIV

Ill.^{mo} Sr.

Hoje 24, na situação mais lastimosa, com o meu mal, me levantei da cama, e encostado ás paredes vim sentar-me a esta meza, e entre dôres de expirar escrevi quasi tres paginas da *Besta* 7.ª Deu já meio dia, e uma hora, e José Lapis não apparece, promettendo-me vir ao meio dia. Escrevo esta, e vou esperando e desesperando com dôres, no mais violento ataque. Isto é o que se deve considerar como milagre, porque até a cabeça tenho tomada, e me dá estalos. Vai o 3.º Couce, o P.^{e} M.^{e} Fr. Alvaro que decida, eu o fiz, e o não li; se houver alguma falta de lettra, ou de palavra, suppram lá isso como convier. A carta patente do Imperador para os de Inglaterra, que vai no fim, não parecerá cousa de um homem moribundo. Ora ahi vão umas boas festas, que se devem ler em casa do Ill.^{mo} P.^{e} Geral, a quem as desejo, e a todos esses senhores. Estimo que fizesse a diligencia de vêr o busto, que representa o grande prodigio da especie humana; o ponto está em que o José o possa copiar bem. Se na tal livraria houver um livro de folio, composto por elle, que vem a ser a comparação da doctrina de Scotto com a de Sancto Agostinho, no frontispicio está elle retratado no meio, ou entre o Scotto e o Sancto Agostinho, e o retrato é bem ao natural, pode servir muito ao José Lapis, que ainda não apparece. Se com effeito se descobrir o manuscripto da traducção dos *Lusiadas* em verso latino, que elle fez em Paris, onde foi mandado por D. João IV assessor e director do Marquez de Niza, seu embaixador extraordinario a Luiz XIII, podemos dizer que se encontrou o maior thesouro da litteratura portugueza: eu duvido, porque na *Bibliotheca Lusitana* só se faz menção d'este manuscripto existente na livraria do Duque de Cadaval; mas que se buscará d'esta casa que se ache? O Padre engana-se sobre a traducção impressa, é de Fr. Thomé de Faria, frade carmelita e bispo de Targa, e é vulgar. Ha outra traducção latina de André Baião, portuguez, e mestre de eloquencia em Roma, era manuscripta, e estava na livraria do Vaticano; por insinuação minha foi buscada, e não achada. Se com effeito apparece em S. Francisco, é o maior milagre de Sancto Antonio!! No Collegio da Pedreira, em Coimbra, onde elle professou, está o livro das profissões, e por tanto letra da sua mão na assignatura de professo; chamava-se o provincial capucho, que o professou, Fr. Bernardo dos Martyres: se

houvesse um José Lapis, que fizesse um fac-simile, bom seria possuir este documento. Ah! que miseria é o meu estado! Muito desejaria compôr um livro sobre este homem! São duas e meia, chega o José, eu tremendo com o mal que me não deixa suster a penna, e gastando cêra com o capucho do *Botão!*... Mas era um homem; e eu que sou? Um João-ninguem, e fallo a verdade: um bocado de imaginação mais viva, e disse. Mas se a imaginação é viva, o coração é sincero, quando digo que sou

De V. S.ª

Am.º e am.º obrig.mo

24 de Dezembro de 1828.

J. A. de M.

XV

Ill.mo Sr.

D'aqui foi pelas tres horas José Lapis, e levou o n.º 7, e uma carta minha; estimarei que hoje mesmo seja tudo entregue. Sempre fico em cuidado, quando vai *Besta,* não fuja, ou se perca. São quatro horas, eu estou só, porque a moça foi á botica; estou doentissimo, e desejando que venha, para me deitar. Estes dias santos me mudo para uma casinha boa e nova, pouco abaixo d'esta, mas decente: eu darei parte, e o numero da porta. Recebo os exemplares; agora com a festa fará pausa a impressão da 6.ª e 7.ª Os cirurgiões gritam que esteja fóra da cama, e eu o farei se podér; e para disfarçar tão horriveis dôres, verei se posso ir tirando do cahos a obra do maior trabalho, erudição, e empenho, que V. S.ª aqui viu, e que desejo veja o mundo das lettras. Aqui disse José *tintas* que Francisco *papelada* está fazendo desenhos para o mais saliente e importante dos *Burros:* eu deveria dizer o que é mais importante, e não Francisco *papelinhos:* tomara vêr isso, e tomara n'essa casa, n'esta, e em todas poder dizer, que V. S.ª ouvisse, que sou

De V. S.ª

Am.º e obrig.mo

24 de Dezembro de 1828.

J. A. de M.

XVI

Ill.^{mo} Sr.

É meio dia, e atormentado de dôres e frio me levantei um pouco, porque vem chegando a hora de apparecer o mudo. Primeiro que tudo, ahi remetto a V. S.ª esses papeis, com a sua competente Censura, que merece ser copiada; e se o P.ᵉ M.ᵉ Fr. Alvaro fôr domingo ao senhor Arcebispo, me fará a mercê de lhe entregar tudo. A minha penosa enfermidade me conserva no estado para mim o mais cruel, qual é o da inacção. Nada tenho escripto, sempre deitado, sempre gemendo, e assim se me vai a vida: cercado de importunos, que sempre vem pedir, nem os posso evitar, e menos resistir aos peditorios de requerimentos, que todos querem; aqui vem ter das provincias com a papelada de documentos de serviços contra pedreiros; isso não é cá para este mundo, e menos para este reino. Todas as vezes que eu escrevo, ou fallo a V. S.ª me esquece pedir-lhe que não contemple o Duque em cousa alguma de papeis: é meu inimigo declarado, porque tenho (diz elle) a alma cheia de acrimonia contra a facção. Elle não lê nada que eu escreva, nem mesmo a *Refutação;* nem elle, nem o Borba queriam que eu respondesse; mas Elrei insistiu. Elle poz o Lopes fóra da *Gazeta*, e só elle: a Rainha está por isso muito enfadada, e se espera alguma cousa; emfim, a soberba e o orgulho de alguns é muitas vezes causa de desgosto, e da revolta de muitos. Eu estou no termo da minha carreira; se assim não fôra, os meus ossos não se sepultariam em Portugal, que tanto amor e tanto interesse me tem devido. Pois só ser fidalgo é ser tudo? O homem de bem, de alma grande, de coração limpo e generoso, o homem cheio de conhecimentos sem vaidade, sem ostentação, que nunca n'elles falla, e sempre diz que os não tem, nada é n'este mundo! Só o Duque de Caminha, e o Duque de Aveiro, são alguma cousa, e são tudo, porque são Duques! Os verdadeiros republicanos terão algumas vezes razão? Os hollandezes não foram, nem são os estouvados pedreiros portuguezes. Chega o mudo: eu acabo de jantar um caldo simples de farinha, e ovos: nada mais posso levar. Como não vem *Besta*, senão o rapaz, vejo que ainda ha demora, e assim mais tempo tenho para a 8.ª se os requerimentos me deixarem, e podér estar alguma hora mais fóra da cama. O Imperador do Brasil manda pôr a nossa sorte nas mãos do Imperador de Austria, e Rei de Inglaterra; são os dous arbitros, que hão de decidir se é rainha de

Portugal *sui juris* a menina, ou se deve ser rainha por casar por força com seu tio. Estamos em boas mãos! E é possivel que nos chamem ainda portuguezes? O Lopes me manda dizer isto, transcrevendo os jornaes inglezes, d'este ultimo paquete, que veiu em tres dias e meio. Tenha V. S.ª os bens que bem lhe deseja

Seu am.º obrig.mo e fiel

... Dezembro de 1828.

J. A. de M.

XVII

Ill.mo Sr.

Bem vê este Coelho, que faz o terceiro com estes dous antigos e grandes pintores, Claudio Coelho e Bento Coelho, como estou feito molho de villão, picado e rasgado com dores, ha tantos dias de cama, sem remedio, e já sem paciencia, porque para tanto padecer não chega o valor humano: aqui estou quasi de bruços em cima de uma taboa escrevendo, o quê? um eterno requerimento documentado com um molho de papeis, que espantam o mesmo Coelho, que já quer saír d'esta toca. E por força, e de graça, escreva para ahi, e já me disse o tal clerigo (de Cêa é elle, e não me traz de jantar!) que já tinha gastado dezoito tostões em barcos para aqui vir, sem eu o chamar! Sou um escravo publico para fazer requerimentos, e o diabo lh'o diz, que aqui vêm ter do mais escondido cu de Judas do mundo, para me levarem a mim &c.ª Apparece a remessa ao Duque, pela razão do reparo. Saiba em tanto V. S.ª que á mão de El-rei tambem não chegam, porque só tem visto a 4.ª, 5.ª e 6.ª Aqui fico, e ha tantos dias, e escrever assim é impossivel: levantar-me-hei uma hora cada dia, passando o frio, e escreverei a 8.ª, e o mudo que espero um dia d'esta semana levará alguma cousa, porque o Coelho com estas só pode levar agora os protestos com que sou

De V. S,ª

Amigo certo

... Janeiro de 1829.

J. A. de M.

XVIII

Ill.^{mo} Sr.

Cinco representações, um longo manifesto á Junta do Tabaco, uma longa carta a José Ribeiro Saraiva, que tomara lh'a apanhassem para a trasladar; mil papeis de Censura; uma relação de livros mandada pelo Lopes; um abbade de Priscos, tambem enviado pelo Lopes com uns autos de demanda para lhe advogar uma causa de venda simulada (parece que querem zombar de mim) o dia que amanheceu hoje com o augmento da minha enfermidade, aqui me tem na cama gemendo tristemente, e a *Besta* que é a mais gorda de todas, devendo ter doze paginas, das tres folhas tem só cinco e um bocado. Podia hontem de tarde acabal-a, mas veiu o manifesto para a Junta, e esta manhã veiu o abbade, logo vem um clerigo para se examinar de confessor, e é de casa do Duque!! Eu estou em tal estado, que só me dá calor uma baeta quente, que me cinge a cintura. Espero segunda feira pôr a *Besta* a caminho pelo mudo. Agradeço tanto obsequio, e tão amigaveis lembranças; o papel é optimo (é seu) e n'elle depois da 8.ª *Besta* começo a trasladar o Poema, ainda que não seja senão uma pagina cada dia; mas com que cuidado irá elle em correcção, e empenho!

Ora, senhor meu, tambem eu quero mostrar a V. S.ª que sou grato, sem o ter sido mais que com penna e tinta. Por pouco mais de nada, trazida por mão com fome, me appareceu aqui essa caixa; estimei a occasião de lh'a offerecer, porque ninguem mais conheço digno. Pode José *Pincel* estudar essa magnifica pintura; creio que se furtou na Italia, e pode V. S.ª mostrar aos seus amigos que tem bom gosto, porque no seu genero é o mesmo que o *Elogio de Pio VII;* e eu sou o mesmo em estimar e respeitar a V. S.ª como seu

sincero amigo

... de Janeiro de 1829.

J. A. de M.

XIX

Ill.^{mo} Sr.

Parece-me um verdadeiro milagre que eu possa escrever uma regra, ou levantar-me uma hora da cama: a minha enfermidade chegou onde só a morte pode ser o seu termo; tenho todos os signaes de uma inflammação na bexiga; as dores são as mais violentas, e não param nem um minuto ou segundo; a ourina em grande abundancia, não pára nunca meia hora; de noute, n'este espaço, posso seguidamente dormir: a passada cuidei que era a ultima da minha atribulada existencia: n'este estado como posso eu escrever uma letra? Agora mesmo, nem de pé, nem sentado posso escrever, sem me sentir atravessado de ferros em braza; este é um dos martyrios em que estou, o outro é grande, mas é evitavel, que vem a ser as importunações de toda a casta com escriptas incessantes, porque quando julgo que o que tenho n'esta banca é a ultima, no mesmo instante apparece um feixe d'ellas, e isto além das Censuras, que são umas atraz das outras. Pois visitas? Hontem de tarde estiveram cinco até depois de noite; mas como ha duas casas, fecho a porta, e fico n'esta em que escrevo, e gemo de continuo, e lá os deixo escoucear quanto querem. Veja que socego e silencio este para compôr cousas não lidas em livros, e d'elles tresladados, porém creados unicamente na imaginação! Basta, que já é vergonha repetir isto tantas vezes. Aqui me disse hontem um dos visitantes, que João Henriques pede a impressão de não sei que numeros da *Besta*, porque de todo se acabaram: porque o não manda elle dizer a V. S.ª? Outro visitante que veiu de Queluz, me disse que para El-rei lêr o numero 7.º, foi preciso mandal-o comprar a Lisboa, porque á sua mão não vão taes papeis. Pouco importa isto. Vae pois o numero 8.º, creio que fará bulha pelo objecto, e que agradará muito pelo modo. V. S.ª o constituirá na mão do bom ledor mór, o P.^{e} M. Fr. Alvaro, e se entenderem, elle o ledor, e V. S.ª, e os Ill.^{mos} Ouvintes, que é preciso alguma coisa riscada, risquem tudo o que entenderem. O *post scriptum* do fim é para tirar as têas de aranha dos olhos do Santo Antonio de coquilho, o Rev.^{mo} Fr. Henrique. Como é continuada aqui a demanda pela *Besta 8.ª*, empenhe-se V. S.ª pela pressa. Se algum espasmo de dor me não levar com brevidade, entre *Besta* e *Besta* irei trabalhando o trabalhado e trabalhoso Poema, e na verdade lhe digo, que só tenho pena de morrer sem o ver publico por

uma asseada e não mesquinha impressão; depois d'isto nada mais tenho cá que fazer. Aqui fico, não só porque desmaiei agora com uma lancetada que senti na uretra, mas porque é meio dia, e espero o mudo, e poderá trazer carta de V. S.ª a que haja de responder. Agora me vão ajudando a sentar-me ao sol, para vêr se dou aos pés algum calor. Deu uma hora, chega o mudo, e eu tambem o fiquei de pasmado, vendo que V. S.ª tambem o está: nem palavra!! Seja o que fôr não devia mandar a *Besta*, porque não sei o que isto seja. Ahi vae, se não fôr á sua mão, acabou-se tudo.

5 de Fevereiro de 1829.

J. A de M.

XX

Ill.mo Sr.

Um dia só, ou uma só noite que aqui estivesse, e visse e presenciasse os tormentos que de meia em meia hora eu soffro, pasmaria e se admiraria que a fortaleza ou sofrimento humano chegasse a tanto. Tenho chegado a artigo de morte em espasmos, e desfalecimentos, sendo preciso pôr-me sobre o coração panos de vinho, ou aguardente de cana. Eis aqui como eu estou quasi sempre. Hontem de tarde, porque entrava sol em casa me levantei para aquecer os pés; tornei logo para a cama. Hoje tambem me levantei porque tinha que escrever ainda o resto de um sermão, que se hade prégar sexta feira. Cheio de dores violentas, assim mesmo nada fiz, porque então parece que o diabo chama visitas. Não se admire V. S.ª de ler alguma graçola, é um esforço que faço, mas nem assim chego a dissimular o martyrio: agora mesmo estou supportando lancetadas agudissimas, e crueis puchões, que me suffocam de dores. Aqui mandou o Lopes algumas reflexões financeiras sobre o *emprestimo;* eu reduzirei tudo a ordem, e então lh'o remetterei; e ámanhã que torna aqui o mudo irá alguma coisa. Eu só devia albardar *Bestas*, porque só isso convem, mas os que querem essa roda dos altos couces, não sabem os que me dá a infernal doença. Os importunos com papeis não me deixam nunca, e não é possivel vêr-me livre de semelhante escravidão. Um bacharel já despachado para Souzel no Alemtejo me tem mortificado sempre com requerimentos, nunca pára, já a moça lhe não quer abrir a porta, e elle protesta da rua que nada mais quer que saber da minha saude, e vêr-me, mais nada! — Abre a moça a porta, desenrola um mólho de papeis, e diz:

«Tenha paciencia, nós devemos servir uns aos outros, faça-me já, já um requerimento, para que eu n'aquella primeira instancia tenha o predicamento tal e tal; porque eu estive preso no Castello, e de segredo; meu pae foi capitão de Ordenanças, e meu avô foi almotacé em Fronteira, e meu bisavô creava amoreiras para bichos de seda; estes são os documentos que alli estão.—» E hei de aturar um desavergonhado assim? e outros que taes, ainda vêm com maiores destempêros, e eu aqui manietado, quero fazer alguma cousa mesmo na cama nem isso posso. Até aqui veiu um pedreiro, não livre, mas dos que fazem casas, a pedir-me um requerimento, que me horrorisará os poucos dias de minha vida! Pedia, que constando-lhe que El-rei queria emparedar vivos alguns réos, elle queria ser o mestre que assim os sepultasse. Isto parece impossivel, pois assim succedeu, e já cá tornou para outra cousa que lhe lembrou. Se os ponho pela porta fóra, tornam no outro dia com a mesma vergonha. Tal é a minha vida, e vêr-me livre é excusado. Eu não sei se a *Besta 11.ª* apparecerá ainda para a semana, que tenham paciencia, e que me livrem de dores e de diabos, que me não deixam: até versos querem, ou feitos ou emendados, e fogo na porta, a toda a hora e instante! Como vêm os papeis, e o mudo ámanhã, mais dirá a V. S.ª

Seu verdadeiro amigo

... Março de 1829.

J. A. de M.

XXI

Ill.mo Sr.

Eu o que tenho feito e escripto, foi mandar vir do Forno roubado a batina para me amortalharem, porque quero ir com aquella mesma: tal é a situação em que a molestia me tem posto estes dias. Nada exagero, nem tenho para quê nem porquê. O *Mastigoforo,* para se publicar sem dissabor do seu sapientissimo auctor, precisa dos remedios que eu lhe hei de pôr, especialmente na venda do infante D. Duarte feita aos Castelhanos pelo imperador da Allemanha, &c.ª &c.ª —Elle quer desafogar, tambem eu quero, e não posso, porque em casa de ladrão não se falla em corda. Tomara eu ter vida para a continuação da *Monarchia Lusitana;* o septimo volume de Fr. Raphael de Jesus ha de ser posto na rua, e fazer-se outro de novo. E porque não vem para Lisboa o P.e M.e Dr. Fr. Fortunato? Tambem cá temos beatos e beatas que dirigir, e o *Mestre da Vida* que explicar; e fidalgos

e fidalgas tambem temos muitas. mas para as mandar á puta que as pariu, porque ellas o são. Que venha, e que se deixe da farfalhada da Universidade, que se não metta com asnos, nem ature os pedreiros. Câ tem livros, sciencias e pergaminhos; e a mim me terá para lhe dizer:—Tudo isto não vale dois caracoes, nem a ponta de um corno!— Sejamos amigos, como o é

De V. S.ª

... Março de 1829.

J. A. de M.

XXII

Ill.mo Sr.

Meu bom e muito respeitado amigo. Um momento me trouxe a sorte esta manhã, em que me deixou a enfermidade levantar da cama, poucas horas durou o alivio, veiu novo ataque agora ao meio dia, ainda estou sentado, e chegou o mudo com a carta de V. S.ª Não exagero: cheguei a tal ponto com a doença, que outro dia á noute estando aqui um clerigo, lhe pedi me rezasse o officio da agonia, estive em artigo de morte: este é o meu estado, e já me envergonho de lh'o repetir tantas vezes. Ia já para o Forno, o diabo as arma, abriu a parede sobre uma janella, e agora me manda dizer o senhorio, que ámanhã terça feira vão os pedreiros: morre o Forneiro e cae o Forno. Veremos isto. Se tiver concerto a parede, logo vou, ainda que do desembarque me levem ás costas. Assim mesmo, no mais que deploravel estado em que existo, forcejando de mais, sobre uma taboa tenho escripto na cama aos intervallos, e faltam quasi tres paginas para acabar a 13.ª, talvez, talvez o papel melhor que eu tenho escripto! Sei que se queixam, e me atacam por ter usado de termos rasteiros e baixos, em estylo ridiculo, ou do *ridiculo:* sei que talvez por se doêrem das mataduras, algumas das bestas que por cá andam me descompõem de homem venal, e vendido aos diversos e encontrados partidos; e já estou insensivel a tudo: digam, e façam o que quizerem; emende o mesmo Fr. Henrique, ponha lá as parvoices que quizer: desesperadas dores me fazem de pedra; mas se parecer a V. S.ª acabarei a 13.ª, e dirão que é duzia de frade. A 11.ª os fez desesperar, mas esta 13.ª os fará admirar. Sabe o que dizem e escrevem mais? Que eu não imprimo os Sermões todos, porque uns dizem bem e outros dizem mal da Constituição. Quem me ouviu tal? Nem um só dos impressos foi escripto, ou

todo escripto antes de prégado. Basta de séca. Agradeçam a Fr. Henrique o meu silencio, se não eu me vingaria na letra redonda de tanto patife. Sobre o *Ensaio* fallaremos.

Am.º obrig.^{mo}

Abril de 1829.

J. A. de M.

XXIII

Ill.^{mo} Sr.

A minha vida, ou a minha morte é estar na cama em gemidos e dores, pedindo a Deus que termine a minha existencia. Levanto-me uma ou duas horas, e com incommodo e afflicção, levantando-me a ourinar de quarto em quarto de hora, escrevo alguma cousa. A *Besta 14.ª* já vae no meio, ou mais; porém pégo na penna—visitas!—Hontem desde as tres horas até ás nove aqui esteve o mais importuno e insoffrivel dos mortaes, um tal Napoles de Coimbra, que diz que é fidalgo inteiro e puritano; todos estes males lhe soffrera eu com a minha invicta paciencia; mas é poeta recitante, um dos flagellos mais pezados com que Deus castiga o genero humano. Tinha para aqui trazido um poema, intitulado *A Membraida*—os Membros—: é contra as Côrtes de Vinte, diz elle que para eu lh'o emendar: hontem veiu para eu lh'o fazer imprimir á minha custa, mandar-lhe alguns exemplares para Coimbra, e vender cá os outros por minha conta. Isto tinha uma resposta, que era cozer já o papel para a *Besta 15.ª*, e ser elle do rabo até ás orelhas o objecto e a materia. Disse-me mais, que tinha sete volumes manuscriptos de poesias suas, e que cá os mandaria por um almocreve, não disse se com porte pago, para eu os fazer imprimir. Isto veiu dizer-se a um homem moribundo!!! Homem, que em vendo poeta vê a morte! E é poeta um diabo d'estes, que me disse com toda a franqueza que nunca em dias de sua vida ouvira nem sequer fallar no *Oriente*, na *Meditação* e no *Newton!* O P.^{e} M.^{e} Fr. Alvaro conhece este homem ahi de casa de um tal Dornellas, que não sei se tambem é poeta. Este fidalgo Napoles foi presente que me mandou o P.^{e} M.^{e} Dr. Fr. Fortunato, e com carta sua, porque lhe foi dizer o fidalgo em Coimbra que me queria vêr a cara! Agora quer este poeta ainda mais alguma cousa; quer que lhe mande tirar uma copia muito asseada, em bom papel, do poema dos *Burros;* que pague cá a despeza da copia, e que lh'a remetta pelo almocreve, que eu devo ir buscar e esperar na Ribeira velha, e pagar-lhe o pórte adeantado, dando-lhe mais al-

guma cousa para beber a fim de o levar mais bem acondicionado! Não ha condição mais miseravel que a minha! Não posso dar um passo da cama para esta meza, e desde que amanhece até ás nove e meia da noite, hei de soffrer d'estas, pedindo-lhe de instante a instante que me deixem mijar, com gritos e dores que me quebram os joelhos, e parece que se arrancam as unhas dos pés! Basta d'isto. O Machado, segundo creio, está aqui no Bom Successo: veja se o desencanta, e veja se manda á regia, para se imprimir. Vae a traducção da sextina do Abbade Casti; foi bem achada, julgo, para o meu amigo Abrantes, a quem sou obrigado. O *Ensaio* aqui está, ainda esta manhã o repassei: as impugnações não destroem cabalmente as infamias e absurdos. O povo mais se ha de lembrar d'estas, que das respostas: eu tenho pena por causa do P.^e^ M.^e^ Dr. Fr. Fortunato. Tanta pressa têm, que não possam esperar por alguma cousa que eu fizesse, porque ando mais versado no que elles dizem, e no que se lhes deve responder; porque de memoria lhe posso apontar o livro, e a pagina de onde o defuncto clerigo tirou tudo aquillo! Emfim o mudo vem cá ámanhã; mande-me dizer se está por isto, senão irá; e eu fico sendo

De V. S.ª

Am.º e o mais obrig.^do^

... Maio de 1829.

J. A. de M.

XXIV

Ill.^mo^ Sr.

O papel cozeu-se, e a albardadura começou-se, forcejando eu contra o impeto da enfermidade, que hontem subiu de ponto; á noite fiz eu um remedio sympathico, e que parece supersticioso, de que falla o Feijó, e alguma cousa se applacou o impeto do inferno, ou hemorrhoidal, dormi espaços de hora, mas a dôr da uretra nada remettiu. Tem razão de dizer-me—não, não!—e na verdade parece-me um milagre, que não podendo eu voltar o corpo na cama, nem a cabeça para a ilharga, para ver um relogio pendurado, possa escrever uma letra sentado a esta meza, e sempre inquietado com visitas, que pedem cousas e secaturas que não acabam. Até um, que diz que é fidalgo de Coimbra, João Bernardo de Napoles, aqui veiu já tres vezes, com um poema de sua lavra, chamado a *Membraida* ou *Membreida*, para eu vêr

e emendar. De todas as manias a mais violenta ou arrastadora é a dos versos. Matam-se os homens para os fazer, matam os outros para lh'os empurrar! Eu bem os entendo; não querem emendas, querem applausos e approvações. Eu, que nunca fallo de versos, nem de prosas, fallarei agora alguma cousa de prosas. Li a *Besta 12.ª*, e creia V. S.ª que me agoniei bastante; vem ridiculamente transfigurada, e me envergonha a sua publicação. Quererá V. S.ª ter a bondade de annunciar a Fr. Henrique que aponte o que quizer na censura, que eu remediarei tudo, para ir a composição uniforme. Tanto me aborreceu a misturada de grelos, que se a terrivel doença me não tornasse insensivel a tudo, queimava de uma vez tudo quanto conservo escripto. Isto não é reino em que se viva, ou não é reino em que se escreva. Talvez para a primeira recovagem leve o mudo a 14.ª Ha de custar a encher, só com as parvoices do Pizarro!—Amigo de V. S.ª e amigo certo, e amigo para uma e outra fortuna

J. A. de M.

... Maio de 1829.

XXV

Ill.^{mo} Sr.

Tambem eu me admiro de poder escrever uma letra, e pasmo quando depois ólho para o que escrevi. Ha muitos dias que estou penetrado de dores nas duas vias, que a vida é já para mim um milagre. Comi um pouco de peixe, e umas favas, porque carne do açougue, ou aves, são venenos cuja vista não posso tolerar de invencivel fastio: fizeram-me tanto mal, que nem uma hora durmo: a ourina dolorosissima, o mais que se demora são vinte minutos, e depois que saiu o pedaço de pedra lascada, a dôr é permanente. Já as casas do Forno estão caiadas e limpas, a difficuldade está em eu poder dar um passo, e não vejo por ora modo de ir d'aqui até ao embarque e do desembarque até ao Forno. Apenas podér, se podér dar um passo, abalo d'aqui. O desamparo para mim é o mesmo, cá e lá, e só com a differença de estar lá na escuridão e melancholia da casa, e receio de alguma parede me cair em cima, porque o senhorio só mandou deitar remendos, sem desfazer a barriga das paredes. Que importa isto a V. S.ª para o estar secando e zangando com estas insignificantes lamurias, lamentações e tristezas? Fallemos n'outra cousa. Para que é a impaciencia do P.^{e} M.^{e} Dr. Fr. Fortunato? Ninguem mais do que eu, porque sou seu amigo, sem dependencia de cousa alguma, deseja su-

stentar a sua bem merecida reputação! É verdade que elle não necessita de mim, que nada sou, nem de outros, que serão poucos mais do que eu; mas elle vivendo em Athenas, não conhece tanto o tempo presente como eu, n'este canto do mundo: irá *o Ensaio* na primeira recovagem do mudo, e eu fallarei do *Ensaio* na *Besta 15.ª*, que vae de galope.

A *Membraida* não é má, mas tem os versos errados; para os fazer é preciso mais alguma cousa que a boa vontade: este mal posso eu remediar, e remediarei. Ahi vae o poema com seus appensos: pode Francisco *Papeleiro* tirar uma copia, e depois eu a examinarei, e imprimir-se-ha, porque ha grande ciume sobre este original. A Carta do Pizarro, em que V. S.ª me falla, aqui está já, e fallaremos. Hoje levantei-me para fazer a barba, forcejarei por me conservar até ás seis horas, irei ao *Ensaio*, depois á albardadura da 15.ª, que não vae má, porque eu já começo com os remedios necessarios para curar os males que a *Besta* causou. As dores, nem sentado me deixam estar; só não podem fazer que eu não seja

De V. S.ª

Certo e verdadeiro amigo

... Maio de 1829.

J. A. de M.

XXVI

Ill.mo Sr.

A mim não me importa a casa, seja bonita, ou seja feia; menos com a gente d'este, ou de outro sitio, que me é indifferente: gostoso estaria eu no Limoeiro, ou nas galés, com tanto que diminuisse metade do martyrio das minhas infernaes dores. O sitio não me faz conta pelas importunações das visitas, todos os dias mais multiplicadas. Aqui apparece tudo, excepto a saude; a molestia é de muitos annos, não foi aqui adquirida, mas sim aggravada. Sempre padeci esta dessuria, mas não dolorosa, e já lhe conto de edade trinta e oito annos. Tem chegado ao extremo a dor em ambas as vias, e desde sabbado que estou como desesperado, e desejo do coração terminar a minha existencia. Tanto quero ir para o Forno, que não mandei pôr escriptos nas casas: tomara eu não vêr gente. Aqui veiu outro dia Fr. Henrique em grande luxo, habito, corda e sege, lavado em lagrimas, e protestando-me e jurando que elle não era culpado na capação da *Besta*, mas sim Joa-

quim Antonio, e só Joaquim Antonio. Aqui esteve lendo grande parte da *Besta 15.ª*, que julgo fingia admirar, pedindo-me mil perdões. Nada me importa, façam o que quizerem, eu pouco posso durar já. Não vae hoje a tal *Besta 15.ª*, porque faltando-lhe menos de duas paginas, tem sido hoje tão grande o inferno das dores, que com muito trabalho escrevo fóra da cama estes borrões. O Provincial do Carmo aqui esteve tambem, e me disse que não era censor do Ordinario, mas sim do Desembargo. Seja o diabo, que é o mesmo. D'esta *Besta 15.ª* tomara eu que se tirasse uma copia, porque não tendo nada que temer das censuras, é de tal natureza que temo que se perca, porque nem eu, nem ninguem fará outra assim. Ainda que o rapaz dê sempre conta de si e a moça lh'a cosa bem na jaqueta, temo que se perca; e se o José Coelho aqui vier sabbado, por elle a mandarei, e se não vier veremos como poderá ir sem receio. Para a 16.ª se eu não morrer, já tenho materia n'um patife impresso, que me mandaram com a marca do correio de Coimbra, ou fingida, ou verdadeira, que se intitula: = *Pharol da liberdade lusitana* = Lisboa, na Officina Mirandiana, anno de 1821. — Com licença da Commissão de censura. = Cousa mais desavergonhada nunca appareceu! O P.ᵉ M.ᵉ Dr. Fr. Fortunato, que se persuada que os que cá estão em Lisboa não têm quatro mãos, ainda que haja muitos que tenham quatro pés. Vou despachar o mudo, porque sabbado me ha de trazer tabaco, e mais algumas cousas. Tenha V. S.ª saude, que é todos os bens

De V. S.ª

Am.º certo e m.ᵗᵒ obrig.ᵈᵒ

... Maio de 1829.

J. A. de M.

XXVII

Ill.ᵐᵒ Sr.

Esta vae em letra mais direita, porque ainda que penetrado de medonhas dores, quaes até hontem não tinha soffrido, vindo o barbeiro e apparecendo o sol, aquelle para me lavar o couro, e este para me aquecer, me levantei, e aqui estou olhando com dó da *Besta* sobre esta banca, só com metade da pelle fóra: esta tarde, se as dores me derem uma hora de menos soffrimento, levará mais alguns talhos. Tambem estou cheio de furor, para escrever sobre o opusculo impio, e arrazar na Carta ao P.ᵉ M.ᵉ Dr. Fr. Fortunato semelhante desaforo; mas

que horrivel é este mal! é preciso pôr de instante a instante sobre esta região ordinaria uma baeta quente, a ferver, para poder exhalar a respiração do peito, que até se comprime: digo-lhe a verdade como amigo, chego em suores frios a artigo de morte. Aqui me escreve o Lopes, e algumas novidades me dá sobre o impresso de França, que chegou hontem. Renduffe e Palmella estão em Paris. Faz de embaixador de Portugal em Londres o embaixador de Hespanha, em quanto se não declara o Asseca. E mais que secca são já estas cousas! No erario de quinta feira não havia mais que quarenta mil réis, e a rainha a pedir a sua dotação, e não apparecerem em diversas repartições mais que tres contos; e como se eu fosse financeiro, que apresente o prospecto do emprestimo! Eu! Pois não furtem tanto, que logo ha dinheiro. Tenha V. S.ª muito, e aquella saude, que para si deseja

J. A. de M.

... 1829.

XXVIII

Ill.^mo Sr.

Primeiro que tudo—*Ensaio.* Eu formei logo o meu juizo d'este papel, que o nome illustre do seu auctor acreditava, sem necessitar de outros appendiculos: quiz ouvir outros votos, porque a esta importunadissima casa vem mais algum, que não sejam os ordinarios falladores. O Provincial do Carmo, como tem um anel muito grande, foi um dos consultados, por ter noticia do mesmo *Ensaio.* Além d'este outros mais, com aneis e sem aneis, e todos têm concordado que o que se tira do papel é ficar a canalha decorando e repetindo as blasphemias contra a religião, nenhum caso fazem das respostas, que para os doctos são ociosas, è para os ignorantes inuteis. Isto é o que não quer entender o P.^e M.^e Dr. Fr. Fortunato, que pelo que pertence ao conhecimento do mundo actual é um sancto simples. Eu sou zeloso do seu bom nome, assim como sou o primeiro conhecedor do seu extraordinario merecimento. Será para mim uma offensa suppôr alguem que eu tenha interesse em que este papel se não imprima. O P.^e M.^e Dr. Fr. Fortunato está em melhor posição do que eu para compôr dissertações que refutem cabalmente aquelles erros impios: para ellas vive entre exercitos de livros, eu não os tenho, não os quero, não os posso vêr, nem quero vêr: para as puerilidades que escrevo basta a minha imaginação. Faça elle o que quizer;—o *Ensaio* ahi vae. Vae o n.º 16 da *Besta,* para ser capada como fizeram ao n.º 15, porque

lhe falta todo o legado das peles para os doidos do hospital; são cousas que fazem um vasio no discurso, que todos percebem; e se é substituido por Fr. Henrique, é ouro sobre azul! E tanto me hão de apurar, que este tinteiro irá por aquella janella; para o rol da roupa, que não é muita, basta giz: e muitos papeis, que estão no Forno, virão para aqui n'um sacco, para se pôrem n'um fogareiro. A minha vida está por um bem delegado fio, a pedra está atravessada na uretra, já sahiu uma lasca mais, comecei a inchar muito, e como chega aos joelhos, já não posso andar. É preciso tomar pilulas de opio para dormir meia hora; as dores são de morte, e até ella será

De V. S.ª

Amigo

29 de Maio de 1829.

J. A. de M.

XXIX

Ill.mo Sr.

Hontem quarta feira foi para mim um dia de morte: ás duas horas estive quasi a expirar, e não esperava vida: deram-me uma ajuda de dormideiras e linhaça, com que á noute senti algum allivio; eu batalho contra a natureza, e contra a terrivel enfermidade. Hoje me levantei, com dores, é verdade; mas não d'aquellas que me deixam immovel, n'um espasmo mortal. Tinha vindo da tenda uma quarta de toucinho, embrulhado em meia folha de papel impresso, era do *Diario das Côrtes* de 1822: n'ella achei tal materia, que logo dei principio ao n.º 18, que agora é meio dia, levo quasi em meio, e hão de dizer que é o melhor, e dizem a verdade: o titulo é: — *Os dois focinhos da Besta:* — queira Deus que acasos como este vão trazendo materia, porque a imaginação cansa, tudo d'ella nasce, e nada por ella entra. Admiro-me do vagar com que as *Bestas* vão! Ainda para quarta feira? Já comecei a trasladar o grande Poema, devagar vae, porque na copia torno a renovar tudo, e o meu estado não me dá nem tempo nem forças. Hontem foi um dia, em que não escrevi uma regra. Aqui veiu o irmão do Ill.mo ex-Geral Fr. Antonio da Silveira, lá lhe disse que tudo faria para o encaminhar no que soubesse, e no que dependesse de representações e requerimentos; passos não posso dar, e com ministros

tão malhados nenhumas relações queria ter. Eu responderei sabbado ao mesmo Ill.mo, pois me escreveu uma carta com que e em que muito me honra; e eu a tenho, em ser

Am.º verdadeiro

De V. S.ª

14 de Junho de 1829.

J. A. de M.

XXX

Ill.mo Sr.

Não tem intervalos as dores, se os tivessem eu poderia fazer o que me diz, e mais alguma coisa; e assim mesmo, o 1.º canto da *Viagem extatica ao Templo da Sabedoria* já está tirado a limpo, e que trabalho! A *Besta 20.ª* está começada com tres paginas. As visitas são obstaculos ainda maiores; hontem me levaram a tarde tres carcundas de Lisboa; levou-me esta manhã um frade do Bom Successo, bom homem; de tarde verei se faço alguma cousa, apesar de me sentir mais doente com um remedio que me receitou o medico, e aqui um cirurgião, que me diz que a herva de que se compunha, chamada arnica, é um estimulante com quasi a mesma força da machina electrica! Se a natureza ia arrojando as lascas de pedra, depois do remedio não tem saido, e sinto-as encalhadas com dores mortaes. Não sei que diga a V. S.ª com o poeta Napoles! É preciso inventar alguma jesuitica para nos descartarmos de tal homem; ainda não foi possivel deixar-me dizer uma palavra, em tantas e tão longas visitas! Vou a fallar e logo me atalha, fico interdicto: o que me faz a mim fará aos outros; só elle ha de fallar: com a doença tenho perdido o genio destampado, se não tinha atirado pela escada abaixo com aquelle fallador, e outros que taes! Homem assim não ha, e lembra-me dizer-lhe que não dão licença aos seus versos. D'elles, e d'elle livre Deus a V. S.ª e lhe dê aquella saude, que lhe deseja

Seu am.º obrigadissimo

30 de Junho de 1829.

J. A. de M.

XXXI

Ill.^mo Sr.

Começo por fallar na *Membraida* e seus appendices; e sem impaciencia não posso olhar para semelhante papel. Julgo que V. S.ª não conhece particularmente o poeta, e por isto não o ouviria ainda fallar. Veiu aqui muitas vezes de dia, e de noite, demorando-se sempre muitas horas; pois creia que me não foi possivel fazer que me ouvisse uma só palavra! Abria eu a boca, e á primeira syllaba era atalhado, de sorte que nunca me ouviu; ás vezes com pasmo, e riso dos circumstantes: isto não é encarecimento, nunca me ouviu uma palavra: o que me fez a mim, julgo o fará a todos, é cousa a mais rara que appareceu na terra! Outra raridade, elle diz que é poeta, eu sem jámais dizer que o sou, tenho escripto, e se tem publicado immensos versos. Em Coimbra se conhecem todos os poemas, todas as composições; elle é de Coimbra, e em Coimbra está, pois protestava sempre que nem um só verso meu tinha lido, nem sabia que eu tivesse feito semelhante cousa. Quasi o mesmo dizia das prosas, sendo tantas; e que apenas lera um ou outro artigo da *Gazeta Universal*. Se houvesse cousa no mundo de que eu ao presente podesse fazer caso, seria esta, em que o devia deitar pela escada abaixo. Já disse a V. S.ª quaes eram as condições com que me confiava os seus poemas, em ár de quem queria valer á minha pobreza, outra injuria não menos atroz! Parece-me pois que a medida que se deve adoptar, é remetter-lhe para Coimbra taes destemperos, sem lhe escrever nem uma palavra, já que nunca me deixou dizer nem uma palavra, tambem não deve vêr nem uma palavra escripta. Eu sou extremamente amigo do P.^e M.^e Dr. Fr. Fortunato, mas não lhe perdoarei nunca ter-me mandado para cá tal joia! Homem com mania de versos é cousa detestavel; e ando tão farto de parvoices em tal materia, que não posso fallar nem ouvir fallar em versos. Protesto que se continuar a existir (de que duvido) mais algum tempo, que este orate terá o logar mais distincto no poema dos *Burros*, e que se elle nunca viu um verso meu, então os verá!

Eu estou cada vez peor, são maiores as dores, e chegam a tanto, que me sae pela boca o sangue do peito ha quatro dias: não posso dar um passo pela casa, e para vir da cama sentar-me a esta meza, é preciso encostar-me ás paredes muito curvado: agora n'este instante que é meio dia, 7, estou supportando tal martyrio, que é milagre não

morrer á violencia das dores; vou já deitar-me outra vez: peito e cabeça tudo está tomado, até parece que estalam as solas dos pés, porque as dores vão ás extremidades! Deixemos isto. Recebi a carta do Ill.^{mo} Sr. José Teixeira; a outra desde domingo estava feita, visto não servir, elle dirá o que quer que eu faça. Estimo que as *Bestas* achem tão prompto expediente no despacho, e que este confunda o perfido capucho. De novo agradeço a V. S.^{a} o precioso doce; de tarde sempre como um bocadinho, com que bebo um copo de agua fria, que me refrigera. Estimarei que haja boas noticias do Ill.^{mo} Sr. P.^{e} Geral, e do P.^{e} M.^{e} Fr. Alvaro, e que V. S.^{a} goze as felicidades que lhe deseja

Seu am.^{o} obrig.^{mo}

7 de Julho de 1829.

J. A. de M.

XXXII

Ill.^{mo} Sr.

Li com muito prazer a sua carta, e quanto mais ia chegando ao fim, mais me alegrava, e me luzia o olho; mas é verdade que n'este mundo não ha gostos completos, porque suspendendo com impaciencia a leitura do que vinha na margem, abro a enfeitada caixa, e em logar de suavissima abobora, acho-me com a pimenta das murcellas; mas como vem da mão de V. S.^{a}, não me poderão fazer mal. Da abobora anterior ainda tenho, porque é cousa que vae muito compassada, e com muita economia. Vão os numeros do *Mastigoforo*; nada tem que accrescentar, tudo tem que admirar, e muito poderão ensinar aos que com attenção e inteligencia os lérem. Levam uma censura, que é um elogio, como ainda se não fez a ninguem; tem poucas regras, e eu desejava que V. S.^{a} mandasse uma copia ao P.^{e} M.^{e} Dr. Fr. Fortunato, para elle mostrar a tantos doctores seus collegas, para que vejam o que produz a illustre e mui respeitavel congregação de S. Bernardo. Hontem de tarde comecei a *Besta 22;* se não fossem as minhas mortaes dores, e as minhas matadoras visitas, já a levaria bem adiantada. Agora me occupará mais cousa do ministerio, porque apparece ahi um artigo da *Gazeta de Munich,* a que é preciso acudir, e levará tempo: assim mesmo irei albardando, apezar de uma inflammação dolorosa no olho esquerdo, e amanhã hei de saber se a impugnação do artigo infame

poderá ir na albardadura da mesma *Besta*. Deus nos livre d'ellas, e Deus guarde a V. S.ª, como deseja

Seu amigo o mais obrig.do

27 de Julho de 1829.

J. A. de M.

XXXIII

Ill.mo Sr.

Se a inclusa carta não fallasse no seu nome, e se o seu auctor se não declarasse visita sua, de camaradagem com o conhecido Visconde de Manique, eu nem lh'a remettia, nem o importunava com a leitura de patifarias e insolencias. Esta leitura o instruirá bastantemente no manejo dos meios infames, de que se servem, cuidam elles, para me mortificar. A invenção de ouvirem o magote, que muito alto fallava, para que os dois ouvissem, é infame. V. S.ª deve ler a carta ao tal Visconde, e saber d'elle se é real, se é phantastico o subjeito que se diz seu amigo e seu collega, e que se assigna — José Pedro d'Azambuja — declarando-se morador no quartel da rua formosa. Creio que tudo isto é invenção dos que mais se dóem das matadnras da *Besta*. Eu espero que V. S.ª empregue todo o seu claro juizo, e admiravel perspicacia no exame d'esta patifaria. Bom collega tem o Visconde! Se a *Besta* continuar, eu me desforrarei com estes senhores do quartel, instrumentos promptos sempre para as nossas desgraças. Eu nada tenho escripto, porque alem da enfermidade habitual mais exaltada, tenho soffrido uma inflammação no olho esquerdo, com horriveis dores de cabeça; estou sempre bloqueado de curiosos, uns trazem os outros, e o tempo que posso estar fóra da cama vae-se no tormento das visitas. Hontem de tarde se apresentou aqui o poeta *Membradeiro*, que veiu em ár de triumpho exprobrar-me um erro palmar que achou na *Besta* 21ª, em que digo que Leão 12º fez o que não tinha querido fazer Urbano 8º com el-rei D. João IV, que foi mandar o Leão uma especie de nuncio, que ahi está, o que não fez Urbano. Vinha o tal mentecapto *Membrisador* em ár de me humilhar. Antes désse no P.e M.e Dr. Fr. Fortunato uma dor de barriga forte, que quer que se imprima uma das suas quintilhas com este verso: — E a tripa cagaiteira! Maldicta seja a mania dos versos! Todos os querem fazer, não sei como me hei de ver livre d'este furioso. V. S.ª me annuncia uma cousa, que me poz já no alvoroço e na impaciencia de a fazer: venha já, e logo a oração latina, que eu lhe porei em frente tal versão portugueza e lit-

teral, que faça eternas ambas as cousas. O lente de prima de theologia Fr. Domingos de Carvalho, frade da Graça, me mandou por casa do Patriarcha uma carta com uma oração latina; mas nem carta, nem oração eu entendo, porque não atino a decifrar as garatujas das lettras; ahi está, e deixal-a estar.

Sobre a lembrança do periodo — *Amalgamador* — que exigiam, escrevi (e tanto mal fiz!) ao Visconde de Queluz, para fazer vêr a El rei que não convinha, e que nem sabiam o que pediam, mostrando-lhe que nas actuaes circumstancias eram necessarias tres cousas, e que todas tres eu faria: — 1.ª uma Falla d'El rei á nação, cousa que ainda se não fez, e na qual mostrasse uma especie de agradecimento aos sacrificios que a mesma nação por elle tinha feito, manifestando-lhe evidentemente os direitos que o chamavam ao throno, promettendo não amnistia, que é palavra que não deve jámais sahir da bocca do Rei, mas perdão, que não offende a justiça, aos que se julgasse que o mereciam por erros de entendimento.— 2.ª Um vigoroso Manifesto ás nações, que ainda estão suspensas, com magestade e sem choradeiras.— 3.ª Um, ou mais discursos na *Besta esfolada,* em que se chamem todos os portuguezes a um centro de união, de auctoridade e de obediencia, para vantagem da mesma nação, formando um systema de interesse commum. Respondeu-me, de palavra já se sabe, que elle faria vêr a carta a El-rei, mas que eu devia recorrer pelo canal competente, que era a Intendencia, dizendo aquillo mesmo ao Intendente para propôr a El rei! Eis-me aqui no estado miseravel de pretendente, arrastado pelas estações, para me deixarem fazer aquillo mesmo que me pedem que faça!

Aqui chegava, quando o rei dos mudos tambem chegou, e foi para mim agradavel o annuncio da moça (que falla de mais) quando abrindo a porta, gritou: — Chegou o sr. João.— V. S.ª me quiz logo fazer a bocca doce, porque eu já não estava muito cousa, com a falta das suas noticias, ambos nos queixamos, e nem eu, nem V. S.ª temos razão. Fallei no acabamento da *Besta*, porque me deixei levar do receio de que V. S.ª se enfadaria de ser mettido nas barafundas de diligencias e passos necessarios para licenças, impressões, preparos de papel, e tantas pendangas indispensaveis para tão pequenas cousas, que tanto tempo requerem; eis aqui o unico motivo da minha lembrança, e mais nada; porque eu nos intervalos do meu insoffrivel martyrio, e das minhas destampações com as visitas posso escrever; a materia sempre apparece, e eu sei estendel-a a martello; gritem embora esses senhores, que dizem ouviram na rua os do magote. Se o calor me deixar esta arde, entre dôres começarei a 23.ª Vejo que a cousa vae de través,

apezar do conciliador Lopes, que aqui esteve antes de hontem até mui de noute, me querer fazer palpar com as mãos a nossa felicidade. Aqui tinha passado El rei n'esse dia, e com pasmo e até susurro festival da gente da rua e das janellas, me disse adeus com a mão direita, passando as redeas para a esquerda, pois ia governando as bestas, depois uma cortezia com a cabeça, e finalmente meio levantado uma cortezia com o chapéo até abaixo. Tudo isto é muito, mas eu comprei hoje por setenta réis um grande linguado, uma abobora muito grande por meio tostão, e dez réis de pepinos, tudo com o dinheiro das *Bestas!* Aviemos com isto, são duas horas; vai essa carta para o P.e M.e Fr. Alvaro Vahia; vão os papeis para o Ill.mo Sr. José Teixeira, e aqui fica seu amigo o mais obrigado.

J. A. de M.

... Agosto de 1829.

XXXIV

Ill.mo Sr.

Recebi a carta de V. S.a por mão de José Coelho, que muito estimei, por tudo que n'ella se contém; sei que vieram os Jesuitas, por que n'elles se põe alguma confiança: o que elles fazem tambem os outros podiam fazer, se as cousas se tratassem sériamente, e se em tudo e de tudo não dispozesse a pedreirada, e se muitas das corporações religiosas não estivessem tão contaminadas. Tudo o que nós dizemos para o bem é governar o mundo em secco. Eu estou aqui feito uma péla, com que todo o mundo joga; todos aqui vêm, ou aqui mandam, para que eu ponha isto, ou aquillo na *Besta;* cada um quer a cousa a seu modo; gritam-me, reprehendem-me, porque não fallo nos emigrados trasmontanos, porque não ralho, porque os não despacham; porque não louvo como devia os realistas; outros vêm, que querem uma tunda no ministro das Justiças; outros querem tunda no Bastos; outros que devo ralhar da promoção; um quer o monte-pio, outro quer melhor vacca para o açougue. A Rainha ralhou da observação da 22a; logo aqui vem um clerigo por mandado d'ella dizer-me o que eu devo escrever. Foi mostrar a El rei a *Besta esfolada,* porque até alli nem um só numero appareceu diante d'elle. Entendam lá similhante inferno! A *Besta* 24a está quasi acabada, e se não fossem as visitas agora a poderia mandar. Estou perplexo. V. S.a vai para a Venda-secca, não sei como isto será; eu não mando tal papel por mãos extranhas, que pode haver desvio, e cousas taes não se podem compôr duas vezes, porque

é um esforço de imaginação tirar do nada tanta cousa. Se a V. S.ª parecer, eu paro até que V. S.ª torne para Lisboa; esta mesma *Besta*, quasi concluida, aqui ficará: custa-me que tanto trabalho se arrisque. —Não importa que me venham descompôr por não apparecer a *Besta*. Espero sobre isto as suas instrucções, ou as providencias que tenha dado para o expediente. Eu estou gravemente enfermo; além da molestia habitual, deito pela bôca muito sangue pizado, cousa medonha! O olho esquerdo inflammado, com grandes dôres internas; emfim estou como desesperado, sem apparencia de outo dias de alguma melhora, para me ir sepultar no Forno, e vêr-me livre de tantos diabos, que têm feito d'esta casa uma estalagem, onde cada um entra quando quer, e vem mandar o que quer, e até dizer-me na minha cara o mal que dizem de mim por essa Lisboa, sobre *Besta* má, sobre *Besta* boa; só me falta virem tambem regular as horas em que devo ir ao bispote, e o tempo que n'elle me devo demorar! Ahi vem logo o Visconde de Mont'alegre, e que tenho eu com as asneiras que elles fizeram em Castella? Deixemos isto. Mande V. S.ª dizer o que eu devo fazer emquanto se demorar na Venda-secca, e como deve ser isto de impressões.

Am.º obrig.^{mo}

... Agosto de 1829.

J. A. de M.

XXXV

Ill.^{mo} Sr.

Hontem pelas dez horas da manhan chegou a esta casa de dóres e zangas uma deputação da nação alcatruzada, composta de tres membros, um lente da Universidade, um tenente-coronel de grandes serviços, F. Gambôa, e um conego de Bragança, F. Araujo, que foi pela *Besta* degradado para Sagres em 1822: julgo que o lente trazia arenga estudada, porque me apostrophou em fórma, e com acções; ella durou tanto, que o mijo se me não conteve, e com grande dôr mijei a camisa, e as calças todas: eu lhes respondi, que me déssem licença para me ir alimpar, e que no emtanto estivessem certos, que a *Besta* 27ª não ficava na estrebaria, e que eu a ia logo acabar de albardar. Depois de eu mudar de calças, ainda que não tivesse muita vontade de fallar, lá lhes fiz o meu *quanquam* como Deus me inspirou, agradecendo á nação golfinha o seu cuidado, e desvanecendo o seu sobresalto. A *Besta* vai, digam isto á Nação, a *Besta* vai, e vai de sorte que não possam

pernear os censores bestas. Este é o discurso que pronunciei, pouca eloquencia de corpo, ou poucas acções, porque eu não me posso mecher com dôres. Já tive outro caso identico, quando disse que não continuava mais com o *Desapprovador*, que uma sociedade a que presidia Ricardo Raymundo fez o mesmo, mandando-me um discurso da lavra do mesmo Ricardo, que eu aqui conservo pela sua lettra, e é uma miseria de emendas, de entre-linhas, e chamadas! Eu lh'o mandarei, ou darei, se V. S.ª quando podér, e não tenha nada que fazer, cá vier. O Visconde de Queluz não fica pobre, porque o não é quem tem a que se torne; a loja lá está ainda á entrada da lameda de S.to Antonio dos Capuchos; estojo não lhe faltará, e o P.e M.e Fr. Alvaro, que é curioso, lhe pode acudir com um, que algumas vezes lhe vi, e é um acto de caridade acudir a um official pobre: torne a levar couro e cabello, já que não pode evitar esta escanhoação.—*Beatissime Pater, sic transit gloria mundi.*—Elle poderá dizer:—Contenta-te, papo, que já foste farto.—Talvez que não seja por fartar o proprio, mas por encher o ventre alheio! Se eu lhe disser que foi muito rapaz, elle me pode retorquir que tambem isto é muito esfolar. V. S.ª tambem me poderá dizer, e com razão, que tambem isto é muito seccar; pois eu me calo, e só lhe digo com verdade que sou

De V. S.ª

Am.º certo

... Septembro de 1829.

J. A. de M.

XXXVI

Ill.mo Sr.

Estou como cançado de fazer reflexões sobre o laço armado á *Besta;* hontem depois que d'aqui sahiu o P.e M.e Fr. Alvaro, entrou um sujeito da contadoria do Senado, homem de consideração e proposito, o qual quinta feira tomou á sua conta averiguar tudo o que pertencesse ao embaraço maçonico da mesma *Besta.* O censor nomeado pelo Desembargo é um Mr. Martin, engenheiro, e empregado na bibliotheca, malhado furioso, ignorantissimo e verdadeiro patife, e assim conhecido, e segundo se disse do mesmo Desembargo para fóra, escolhido para isto: e um filho de Joaquim Ferreira dos Santos disse ao tal sujeito tudo, e até lhe fez vêr por extenso a censura. O primeiro passo que deve dar é responder como pede o desaforo, ao extracto da mesma

censura, que por todos os modos se me deve apresentar: isto vai ao Desembargo, que remette ao censor, para este sustentar a sua decisão: eis aqui obra ao menos de um mez, porque se concede o espaço que pedem, e desde este momento começa um processo infinito, porque o Desembargo nunca decide sem se satisfazer o censor: á vista d'isto, o recurso é um aviso para um censor privativo; peior, e muito peior! Em 1827, quando escrevia as *Cartas*, veiu esse aviso das Caldas; e porque? Porque Abrantes o propoz, e logo a Infanta o mandou passar. Creia V. S.ª que se por extraordinario milagre o requerimento chegasse ás mãos de El rei, e elle mandasse, nunca se passaria no actual ministerio! Sei, como sei que existo e penso, que o Duque é capital inimigo meu, e que nunca soffreu taes escriptos, porque eu sou realista, e o tenho mostrado. Se fosse preciso um aviso para sahir o viatico, todos os doentes morriam sem sacramentos. Este aviso pertencia aos Negocios do reino, e esse homem deseja esquartejar-me: bem viu V. S.ª qual foi o resultado da carta, que eu lhe escrevi. Por escripto já me dirigi ao actual Intendente, para que Sua Magestade, visto mandar-me escrever tão positivamente, me nomeasse um censor; nem resposta tive, nem em tal se fallou. Pela Rainha? Peior, eu não creio impostores, que inculcam valimentos e introducções. Desde que estou entrevado, e se me encheu a casa de todo o genero humano, conheço verdadeiramente os homens. Aos grandes influentes não agrada a *Besta*, foi preciso indirectamente acabar com ella, e o conseguiram. Nunca me esquecerá o que me disse Manuel Fernandes Thomaz: — Que estimava ter o poder nas mãos, para pôr no meio da rua o Desembargo do Paço, que nunca fez mais que bigodear o governo.

É preciso pois, que me seja remettido o extracto da censura, eu responderei, e se farão duas copias, uma para o Desembargo, outra eu a darei a quem em audiencia a apresente, e saiba gritar a El rei. Para defender El rei me fiz eu victima do odio publico, e por fim o premio que recebo é uma desfeita, e por mãos de um patife e ignorantissimo malhado! Aqui chegava hoje sabbado, pelas nove horas da manhan, quando me appareceu o mudo com a carta de V. S.ª e vejo que o expediente que toma é o que elles querem; porque se absolutamente não supprimirem a *Besta*, ao menos todas apparecerão d'aqui por diante mutiladas, sem sentido, e sem graça nenhuma. Christina Alexandra! Pois que delicto é este, fallar de uma Rainha de Suecia, do tempo de El rei D. João IV? O monge disse mais do que eu digo, ha testemunhas, e uma d'ellas é o filho de Joaquim Ferreira dos Santos, que estava no côro da egreja da Victoria, que lhe ouviu, e outros

muitos que com elle estavam.[1] D'esta sorte, que posso eu agora escrever, que não seja a medo? Riscarão todos, virá tudo cheio de pontinhos, e isso é para mim um grande vilipendio. É mais conveniente e decoroso não escrever mais nada; e venha para cá o Intendente com a hypocrisia de dizer que El rei quer que escreva, e que malhe nos malhados! Desejo bem devéras que se não imprima a 26ª, acabou-se, e eu estou tão doente, que posso dizer hoje que esta é a minha ultima vontade; a horrivel molestia que tenho basta para me aterrar; mas supponhamos que venha a morrer de fome, é mais uma doença de que se morre, e antes isso que ser alvo do povo; levar na cara desfeitas, e ficar como um rapaz de eschola, sujeito ás emendas do senhor mestre, fazendo, como fiz a onze d'este mez sessenta e quatro annos! Creia V. S.ª que não mudaram de censor, senão para isto mesmo, escolhendo um tão conhecido pedreiro-livre para fazer d'estas. Peço pois a V. S.ª, e com a ultima resolução, que não dê mais um passo para a impressão de tal papel; nunca mais nenhuma lettra minha apparecerá impressa sobre similhante objecto; se lhe parecer deite tudo isso no lume, eu já ha muito deveria ter acabado, foi hoje. Não mande imprimir. Eu quizera dizer muito mais, porém torno já para a cama, porque é tal a violencia do mal que hoje me ataca, que parece se exhala a alma. Sou

De V. S.ª

Am.º e o mais obrig.do

... Septembro de 1829.

J. A. de M.

XXXVII

Ill.mo Sr.

O mudo veiu tardissimo, e é preciso que eu acabe de jantar, que vem a ser queijo e uvas, porque carne!! não é preciso que haja os outros dous inimigos, mundo e diabo, basta tal carne do açougue de Pedrouços, porque hoje, se não era de cão, era de cavallo de certo. Li a sua carta, o outro papel ainda o não li, o que farei esta tarde, se os meus carrascos me deixarem. Vai adiantada a 28ª, e comecei hontem de tarde entre os alaridos dos carrascos; ahi estavam tres, que eu empurrei. Veiu um clerigo, que nunca vi, e me disse: «Eu sou o pa-

[1] Vid. a *Besta esfolada*, N.º 20, pag.ª 6 e 7.

dre João, V. M.^{ce} ha de conhecer, um clerigo que veiu em um navio, chamado *Joaquim Guilherme;* eu venho aqui sómente para o vêr, como V. M.^{ce} é vivo, porque não me satisfiz com os retratos.»—Pois sou assim, lhe disse eu, e adeus até á primeira... E fechei-lhe a porta. Fiz o drama para os cómicos, talvez uma das melhoras cousas, que eu tenho feito na minha vida: não lh'o mando, porque esta tarde aqui ha de vir um comico e mais uma comica, para lhe ensinar a pronunciar os versos, e apontar-lhe o que se chama scenario. Que visitas tão honradas e respeitaveis! Mijarei n'ellas, e para ellas, porque o diabetis está furioso, nem dormir meia hora seguida me deixa. Se estas illustres personagens não apparecem, o que é de esperar da sua capacidade, então ámanhan verei se lh'o mando, para se copiar e logo imprimir. Deram-me uma penna de aço, que esta com que escrevo não presta; só tem a vantagem de escrever depressa, e não necessitar de aparo, que é cousa que leva tempo, e para as *Bestas* não convém, porque vão de galope. Aqui esteve hontem o Marquez de Borba, que me fallou muito em V. S.ª, lá lhe dei a 26ª, que elle ainda não tinha. É muito tarde para o mudo tornar. Tenha V. S.ª as venturas que lhe deseja

Seu am.º fiel e obrig.^{mo}

... Septembro de 1829.

J. A. de M.

XXXVIII

Ill.^{mo} Sr.

Estou doentissimo, e mais com certeza de morte, que com esperança de vida. Surprehendido fiquei eu com a carta de V. S.ª O homem que lá mandei é um homem de bem, e com quem me tenho achado para tudo.

Fiz o requerimento, porque por este homem me mandou dizer o senhor Arcebispo, que o fizesse logo, e logo: e toda esta pratica, e todo este recado ouviu o P.º M.º Fr. Alvaro, que no mesmo gabinete do senhor Arcebispo estava; e disse-lhe tambem a este homem, que me dissesse da sua parte que o fizesse, e que não me descuidasse. Este homem é realista, não é pedreiro-livre, o mesmo senhor Arcebispo faz d'elle toda a estimação, e lhe franqueia a entrada na sua casa sem se fazer annunciar por criado algum; emfim, eu não sou de todo patéta, e sei de quem me fio. Os patifes estão despedidos d'esta casa, e nada temo, nem tenho porque tema; temo tanto como pode

temer um homem que sabe que morre dentro em poucos dias; assim mesmo desejo que os outros não temam por amor de mim. Se o maldicto escripto da *Besta esfolada* é um crime, como está provado, n'este crime ninguem é cumplice. Nunca me deixei abater da adversidade, mas fico vergonhosamente abatido, quando vejo que me querem invectivar como um criminoso, por amor do mais ridiculo dos meus escriptos, que é a *Besta esfolada*. Torno a dizer, que ainda que não estivesse moribundo, não tenho medo de becas Vieiras, e outros que taes jacobinos. Deixemos isto para sempre, e se V. S.ª podér haver o tal requerimento da mão do individuo a quem se entregou, muito favor me fará se lh'o pedir, não para m'o remetter, mas para o entregar ao seu cosinheiro, que o metta na fornalha, que não fallo mais em tal, nem quero que me fallem; porque esse temor de que vejo possuido a V. S.ª me prova que eu commetti algum crime, que o Arriaga, e os outros maçons do Desembargo querem punir. Fico anciosamente suspirando pela oração do P.ᵉ M.ᵉ Dr. Fr. Fortunato; eu farei com melhor vontade do que o fiz ao frade de Napoles, no *Elogio de Pio VII* a traducção, que se não corresponder ao original, será ao menos um panno de raz ás avessas. A respeito do drama allegorico (que não foi licenciado pelo Desembargo malhado) é cousa de nenhuma entidade; foi excessivamente applaudido, e por mim despresado, pois sei o que faço, e não queria que levasse o meu nome: foi devoção dos comicos, como o *humilde* e *reverente*. A palavra *humilde*, nem para o rei; mas para V. S.ª os protestos da mais cordeal amisade, porque sou

De V. S.ª

cordeal e natural am.º

... Novembro de 1829.

J. A. de M.

XXXIX

Ill.ᵐᵒ Sr.

Que têm os meus honrados e verdadeiros amigos, que estão lá na usurpada casa do Desterro, com as infernaes buzinas, que de dia e de noute aqui vêm para me fazerem até aborrecer a vida com tres cousas: com mentiras, com tolices e com trabalhos forçados? Eu na verdade sou um parvo, e em não tendo o encantado tinteiro ao pé de mim, sou mais simples e ingenuo que uma creança de quatro annos!

no trato familiar não tenho a menor tintura de malicia; só as digo quando escrevo; não posso desgostar ninguem, e contristar menos ainda: dizer que não, é tirar-me os dias da vida. Ás vezes digo eu commigo: — Se aqui estivesse sem o vêrem um dia inteiro Fr. Joaquim da Cruz, rompia a nuvem, e gritava com muito dó de mim: «Ponham-se no meio da rua, desavergonhados, e não acabem de matar este pobre homem!» — Eu já não tenho paciencia! As mentiras dos tres exterminios tiraram-me a paz e o socego! Hontem á noute esteve aqui um Official da Secretaria, chamado João Torquato, que é tambem Official de planos para o Duque, a quem não importam, veiu aterrar-me com demoras de reconhecimento, e novas ordens do Imperador ao Marquez de Palmella para proseguir na obra de pôr no throno D. Maria II; de ter chegado, e de ter sido recebido como um soberano José Bonifacio no Rio de Janeiro, de lhe ter morrido no mar a mulher, que eu conheci p... em Lisboa ha trinta e outo annos, e de metter o cadaver n'uma pipa de agua ardente, para se não corromper, e de ser levado nos coches da Casa com a tropa das tres armas em armas, para o mausoléo preparado. Ora ouça isto, e venha com o animo socegado compôr tragedias e comedias, sendo a comedia a mais difficil das composições! Espere V. S.ª, que isto não é nada: ahi veiu uma castelhana velha, chamada a senhora D. Victoria, que quer nas coutadas de Salvaterra fundar uma Villa, e n'esta villa que ella ha de fundar, estabelecer uma fabrica de pannos da terra, promettendo levar comsigo para a tal villa fundada vinte e quatro meninos da Casa-pia para os crear no temor de Deus, e depois ensinar a tecelões, e faça para isto um requerimento de duas folhas de papel, que me levou o dia de hontem, e o de hoje!

Espere: ahi veiu o coronel Lemos com um soldado carregado de papeis, para lhe fazer já e já as duas expedições Madeira e Terceira, muito á sua vontade, e isto com dous livros de Officios, sem ser o divino, e o de defunctos!

Espere: ahi veiu um cego, que toca guitarra, e ao som d'ella cantava a *Constituição*, e hoje o *Rei chegou*, para lhe fazer um requerimento, que deve levar ao Conde de Basto, para Elrei o fazer merceiro de D. Affonso IV!

Espere: ahi chegou uma carta de um clerigo de Torres, que quer lhe faça um sermão da publicação da bulla, para correr as villas e aldeias!

Espere: ahi chegaram duas immensas cartas de uns presos, que estavam no Aljube, e um d'elles S. Fortuna, por darem uma cacetada

n'um braço de um mercador patife, o sr. Ambrosio Simões, para lhe fazer dous sonetos, em que se queixem de lhe premiarem com a cadeia o seu realismo!

Que cabeça n'este mundo não enlouqueceria? Pois n'este estado estou eu, e porque carga de agua hei de eu fazer tudo isto, pondo-me, como põe, o pé no pescoço, não se me tirando nem da porta a bater, nem da casa a quebrarem-me os ouvidos, e as cadeiras? Não sei porque. Só me deixam cheio de louvores do meu corcundismo, de que tenho tirado boas fés de officio. Tal é a minha situação no meio de irremediaveis dôres; por isso lhe digo que teria muito dó de mim, se invisivelmente aqui estivesse observando a minha triste condição, ou escravidão. E ainda em cima, vá o Arcebispo para aqui, o Provincial para alli, e eu para a Casa dos Orates!

E a *Viagem ao Templo?* Quasi concluido está o segundo canto, e com vagar irá, não só pelo estado que lhe exponho da minha situação escrava, mas porque tudo mudo, pois nunca me agrada o que fiz, só me agrada o que faço. Tudo faço novo. Tirem-me d'aqui este tinteiro, eis-me outra vez tolo. Espere, ahi vieram dous frades Vicentes, um diz que já foi vice-cancellario da Universidade, dizer-me que a noute d'além, no campo de S.ta Santa Clara ás duas horas da noute se deitaram quatro foguetes de nove respostas; e que pela manhan se disse no mosteiro eram porque quatro desembargadores do paço iam para a rua, e um d'elles o Bastos, que tem lá um filho a educar, e a aprender preparatorios, para quê não me souberam dizer. Espere:... É a castelhana, fundadora de villas e de fabricas, vem buscar o requerimento, que vai no papel grande em que se escreviam as *Bestas* e acabaram de escrever os *Burros*. Mas esta fundadora, sem ser D. Elvira Fernandes, que fundou Odivellas, traz um vestido velho de paninho, e uns sapatos de cordovão russos e rotos!—E sem o fazer esperar mais, aqui tem V. S.a um entremez no seu

Velho, sincero, e obrig.do amigo

11 Novembro de 1829.

J. A. de M.

Pedrouços, e sem jantar, ás tres da tarde, em dia de S. Martinho, e tenho arroz, nabos, uvas, e agua, porque carne não a posso tragar, nem vêr.

XL

Ill.mo Sr.

Meu bom e honradissimo amigo: Hontem, 13, cuidei que era o ultimo dia em que V. S.ª tinha que aturar este trambolho de impertinencias: aggravou-se o meu mal a ponto de me vêr morrer com uma inflammação hemorrhoidal; não me pude levantar, assim fiquei, e de noute mais de trinta vezes ourinei com dôres mortaes; emfim, isto é mais um individuo, ou menos, que existe na terra. Hontem tive tres recados a respeito da *Besta;* um ás tres da tarde, directamente d'El rei, que fallando-lhe na quinta debaixo o sujeito que lhe entregou o requerimento, e dizendo-lhe: — Senhor, o padre além de estar muito doente, está desconsolado em extremo por amor da *Besta:* — «Pois vá-lhe dizer da minha parte, e que digo eu, que se não desconsole, que já mandei que fosse ao Patriarcha.» E isto lhe disse quasi ao ouvido, porque se approximava o Marquez de Bellas, e fallou isto tão baixo, que custava a entender. Veja V. S.ª que taes são as sombras que o seguem!

O segundo foi de V. S.ª, trazido por José *a oleo*, o terceiro por um homem que foi copiar do livro da porta do tal Desembargo o despacho. Talvez elles não ajuntem á consulta a censura do Provincial do Carmo, e isto devia ser requerido; mas sem o conselho de V. S.ª não faço nada. Se em cartas se pozessem despachos, eu escreveria directamente a El rei, que elle não se enfada por isso. Emfim, eu nada espero, porque a corda quebra sempre pelo mais fraco, e elles hão de pintar a cousa a seu geito, ainda que se fizessem juizes e partes, constituindo-se em censores, cousa nunca vista; o Provincial devia já e já demittir-se, que o mais é vergonha. Recebi o tal drama, os sonetos estão bons, e que importava que fossem máos? Um soneto compõe-se de quatorze regras, que dizem quatorze cousas nenhumas. Eu terei feito mais de quinhentos sonetos, e não sei que foi feito d'elles, não sei! Muitos de encommenda, a annos de mulheres, pelos quaes eu merecia tantas bofetadas quantos annos as mulheres furtam, quando se lhes pergunta quantos annos têm. Com esta cara que eu tenho, fiz cousa porque merecia não só esbofeteado, mas açoutado, que vem a ser um drama lindissimo, e não tem senão tres actoras, que eram as tres Graças: e talvez que V. S.ª ponha as mãos na cabeça, estas tres actoras, ou tres Graças, eram muito suas, e mui chegadas parentas. Isto tem mais de dez annos de edade, e me mandaram dizer, que se

ensaiaram tambem, que o fizeram segundo as instrucções maravilhosamente.

Vamos á tia Victoria. Esta tarasca castelhana é da raça dos Ardissons, a cousa já se tentou, mas ficou esbarroncada no Conselho de Fazenda: mandou-me aqui um protocollo que carregava um gallego, dos serviços do marido, que vinham a ser espionagens que fizera da estada dos francezes aqui, mandado por Evaristo Peres de Castro, e de passaportes que obtivera para ir explorar minas de azougue; e por estes serviços feitos ao diplomata Peres, quer a tia Victoria metade das coutadas de Salvaterra; ao menos d'ahi tirará para mandar deitar meias solas nos sapatos! Ella ha de ir á audiencia, o senhor Esmoler-mór lá estará, e lá se fartará de ouvir fallar e bacharelar a falladora mór de Hespanha e Indias!

Emquanto a Lemos, por dous volumes em quarto de officios e mais papeis annexos, que aqui tem e continúa a mandar, parece-me que está de boa fé; ao folheto que já appareceu fiz eu a prefação: o ilhéo que a quiz, tambem me parece homem honrado; se eu o pintasse com esta penna não me pareceria assim, mas quando os ouço fico de bocca aberta e completo parvo, e não me parecem se não S. Francisco de Assis.

Quanto a Ferreira Pinto não tenho motivo para desconfiar. Elle agora emprestou duzentos e quarenta contos, dinheiro contado. Só cahi n'uma, mas vi que era para salvar, não duvidei. Quando elle estava infamadissimo com o governo, fez-se um vigoroso requerimento, até aqui vamos bem, era o rascunho feito em papel grande da *Besta*, e *Burros*. N'outro dia veiu-me pedir que o copiasse pela minha lettra: eu o fiz, como tolo que sou, já se sabe porque (talvez lhe custasse muito) se titinha armado, e se fez dizer a El rei: — Este papel é feito por José Agostinho, e até a lettra é d'elle. — Isto fez o milagre, mas eu podia tambem ir com elle para o inferno! Já estava passado o decreto, senão continuava no contracto; logo El rei lhe fallou em publico com distincção, e está cabido. Emquanto ao homem, é aqui visinho, e não é mal intencionado. Elle se offereceu para me levar uma carta ao Visconde de Queluz; este se lhe offereceu se quizesse alguma cousa; pediu ser official de secretaria; disse-lhe mestre Pires, que elle não pedia a El rei; mas que me dissesse a mim, que lhe escrevesse eu uma carta pedindo-lhe por aquelle homem; porque é tal a queda d'El rei para com o *Padre*, que tudo se fará (palavras do Pires!) E assim foi, porque logo baixou um aviso d'El rei, e dentro o requerimento ao Visconde de Santarem para lhe lavrar o despacho, e ser provido o homem,

pois pedia o *Padre.* O Visconde tem demorado, ou mangado, ainda não está concluido, e se não fôr para a secretaria, será para o correio; isto lhe dizem com certeza. E eu não digo mais, porque estou morto de dôres, e estafado, mas tudo farei sempre para mostrar que sou

De V. S.ª

Am.º certo e obrig.mo

14 Novembro de 1829.

J. A. de M.

XLI

Ill.mo Sr.

João Pedro *pergaminho velho,* basculhador de cartorios para nada, e lente de Diplomacia para cousa nenhuma, official de pedreiro para enganar os corcundas, é de todos os quatro costados um pedaço de asno, o que prova com o presente escripto: nada impugna, nada prova, tudo são fatuidades, e tudo indicios de inveja a Fr. Fortunato, porque quiz ser official do mesmo officio, lettras antigas, e tolices velhas. Fr. Fortunato é um assarapantado, e tudo para elle são bichas de sete cabeças; hade querer responder com muita seriedade, e o que aquillo merece é uma descompostura, d'aquellas que estão de encommenda n'um dos quatro angulos d'este tinteirinho; não a perde, ainda que gire e se espalhe manuscripta. Forte arguição! Que importa que a emperrada velha (e talvez conciliadora de vontades dissidentes!) a Abbadessa de Lorvão não quizesse mostrar o Cartorio a Fr. Manuel dos Santos? Que desgraça veiu ao mundo em não quererem os padres do governo dar-lhe licença para visitar o Cartorio de Evora? Os padres do governo têm a seu favor a presumpção de prudencia, e de direito no artigo costella de rebellião; eu não vou por aqui, e digo: quem sabe se Fr. Manuel dos Santos seria um chorão, e as senhoras de Castris sempre p...? Isto é arriscar conjecturas; mas os padres do governo nunca se escolhem tolos. A grande questão é o Dr. Fr. Bernardo de Brito. Ora eu pegaria na cabeça d'estes dous bolorentos *busca-cartorios* (tenho pena que o tal *pergaminho velho* basculhasse o de Arouca, que fresquinhas murcellas não sepultaria elle no bucho!) e marraria uma com a outra duzias de vezes, porque diz que não é sobre cousas relativas ao Dr. Fr. Bernardo de Brito. O *pergaminho* diz que elle compozera a gothica inscripção do arco da serra dos Albardos; o Fr. *Assus-*

tado de S. Boaventura diz e grita que o Dr. Fr. Bernardo de Brito não compozera a lindissima *Silvia de Lizardo*. É boa teima! Eu vi em Braga um exemplar, impresso na vida do auctor, enquadernado em pergaminho dourado, e com as folhas tambem douradas, e uma nota manuscripta, que me excitou a idéa —Coz—, que eu na edade de dezenove annos, que para alli me mandaram a uma Cadeira, não conhecia, e a que por amor da boa de *Silvia* fiquei affeiçoado. A nota era a estes versos, que nunca me esqueceram, e já lá vão os sessenta e quatro e cinco mezes!

> E no verão pela sesta
> Aqui se virá sentar,
> Bem alheia de cuidar
> Que a sua vista lhe empresta
> Agua para se lavar.

Um ribeirinho, que atravessava a cêrca, povoado de salgueiros, e um freixo,

> Um freixo que alli fazia
> Tamalavez da corrente,
> Que impedida de um penedo
> Que no meio d'ella estava,
> Ao repouso convidava.

Mas Fr. *Escrupuloso* não quer que um rapaz como elle era compozesse tão suaves, e tão namoradas cousas! Fr. Bernardo era de Almeida, que é fria, mas tinha o coração quente. A boa da *Silvia* supponho que era menos ociosa que as Silvias de agora, e lá, porque a pinta delicadamente fiando n'uma roca á janella:

> Em uma roca fiando,
> Mas o fuso lhe cahia
> Dos dedos de quando em quando.

Este cahir do fuso, para quem tem o pensamento no amante, que tambem a requestava, é o quadro mais bello e natural, que eu vi, e que eu li ainda. Elle, elle, o fradinho da minha alma foi para Madrid, e é bem de presumir que a *Silvia* do meu coração ficasse chorando (logo se calava, que n'isto se parecem todas as Silvias velhas, e moças) e assim falla o discretissimo e delambido chorão :

> E por quanto certo sei
> Que as lagrimas são salgadas,
> Aquellas doces achei.

Eu tambem, *in illo tempore*, fazia versos, e muitas d'estas lamurias, e tive inveja dos versos, e muito mais inveja de uma verdade que elles declaram: o rapazinho, que as achou doces, é certo que se chegou muito para os campos de rosas por onde ellas corriam! Tanto não diria eu, se ao pé d'estes campos, e d'estas perolas liquidas visse um papeliço de abobora com que me fosse entretendo; porque sou mais amigo d'estes bens solidos, que d'aquellas doçuras passageiras. Se este unico exemplar estiver ainda na livraria do Collegio do Populo de Braga, eu desenganarei com elle o beatissimo antiquario servo de Deus Fr. Fortunato. Que diria elle, se lêsse a traducção das *Heroides* de Ovidio, traduzidas em optimos versos italianos pelo cisterciense, e seu Fr. Remigio Florentino! Diria que não eram d'elle, porque parecem offensas de Nosso Senhor, e contra os Exercicios de Santo Ignacio.— Pois vá açoutar as cinzas do seu Doctor Sá, lente da Universidade (não é o dos *Estatutos)* porque mandando de presente um congro ao Padre Antonio Vieira, em uns versos latinos lhe diz cousas mais frescas que o congro vindo da Pederneira. Que mande á tabúa Fr. *Pergaminho,* que eu responderei, porque ninguem conhece melhor a litteratura da Congregação. Sou amigo de Fr. Fortunato, mas não sou nem metade do que é de V. S.ª

J. A. de M.

28 de Janeiro de 1830.

P. S.—Muito doente estou hoje!

XLII

Ill.^mo^ Sr.

As parvoices dos Pavienses com dois piparotes vão a terra, e o peor é fazer caso de republicanos na egreja. Fr. Fortunato, pouco costumado á guerra das contradicções, de tudo se assarapanta. Hoje recebi eu uma carta de Fr. Domingos de Carvalho, em que me manda recados de Fr. Fortunato, e me diz que todas as tardes se ajunta com elle em uma quinta proxima, e que ali o consola e anima: falla-me na carta septifolia, e m'a pede, e diz que o lente primario de Medicina em ouvindo lêr alguma cousa de Fr. Fortunato, ou minha, logo grita:— Estes dous hão de ser enforcados. Fr. Fortunato cuida que já o enforcam, eu não cuido. Eis aqui para que serve bem a *Besta esfolada,* mas julgo isso impossivel. Parece que disseram a El rei que me des-

pachasse, fazendo-me substituto de Fr. Claudio, para escrever, debaixo da direcção de Fr. Claudio!!! a historia do tempo desde a regencia de seu pae até á sua chegada a 22 de fevereiro de 1828. Veja V. S.ª a honra e ventura que me esperava! Olhe que a cousa chegou a me mandarem fazer requerimento!—A *Besta* não sae, aqui m'o veiu dizer na minha cara Antonio Ribeiro Saraiva, que a elle se devia a supprimissão, pelo que mandara de Inglaterra, pois representara que d'aqui iam retalhos da *Besta*, que fallavam nos inglezes, traduzidos em inglez, que retardavam o reconhecimento, como o retardara a prisão dos quatro marinheiros que levavam o dinheiro nas canastras da hortaliça, e como o tiro de balla que o Raimundo deu em Cascaes. Com que, Ill.^{mo} Sr., a *Besta* morreu; e só tenho viva esperança em cavalgaduras menores, que se chamam *Burros*, que vão indo de trote. Aqui disse o mesmo taciturno Saraiva, que lá fizera um pathetico sermão a V. S.ª, e que o convertera, fazendo-o entrar na confraria de São Duque e do Beato Santarem: eu lhe dou os parabens, mas não se incommode, nem confie nos taes Santos. O clerigo de Braga é mais supportavel com a demanda de São Fins, ou sem fim. Tantas amarguras minhas acabam de ser adoçadas com uma das optimas murcellas, que já não está na caixa, está no bandulho. Deus pague a V. S.ª tão opportunos beneficios; e se ateimam com Fr. Claudio!!!—Já d'aqui peço ao Ill.^{mo} Sr. P.^{e} Geral, e ao seu Rev.^{mo} Definitorio me concedam um logar entre as serranias, e saudosos horisontes (expressões de Fr. Bernardo de Brito na chronica de S. Pedro das Aguias), onde me possa sepultar sem ninguem me vêr mais, os poucos dias que me restam de vida. Alli irei esconder a minha vergonha, e compôr, se tiver tempo, um episodio para os *Burros*, maior que os *Burros* todos juntos. Nada me diz sobre a transferencia do jejum, e eu em tudo o desejo servir, porque de todo o coração sou

De V. S.ª

Amigo certo

Pedrouços, 6 de fevereiro de 1830.

J. A. de M.

XLIII

Ill.^mo Sr.

Hoje é dia de *Mudo*, e como elle vem tarde, e deve tornar, me antecipo nas tristissima escripta. Aqui veiu Antonio Saraiva hontem de tarde, e aqui esteve desde as cinco horas até ás outo e meia: trazia o 5.º numero do *Defensor dos Jesuitas*, que levava ao Duque, *terra oblivionis*. Se lá o deixou, descansará em paz até á resurreição dos capuchos, que um capucho o quiz enterrar. Talvez que n'esta terra invia e *inaquosa* encontre a *Besta*, podendo ir de ancas com o padre do Forno. A *Besta* cahu nas mãos dos ciganos, aonde irá ella para tornar a apparecer? Com effeito, depois do dia 22 de fevereiro de 1828 cuidei que um tribunal em corpo não exercitasse um despotismo impudentissimo, não fosse juiz e parte, e não condemnasse um homem sem ser ouvido, o que se não nega ao mais facinoroso, até depois de condemnado á morte; e depois d'isto, como um conselho de barbaros privasse um miseravel velho e enfermo do unico meio que lhe restava no mundo para sua subsistencia! Havia trinta e seis annos consecutivos em que pelo ministerio do pulpito me sustentava com tres cousas: com muita honra, muita independencia, e muita abundancia; a doença insanavel me privou d'este recurso, trabalhoso na verdade, porém proficuo, e que alguma estimação me mereceu entre os homens; acabou o exercicio de fallar, e foi substituido pelo de escrever; e de repente, com a maior e mais escandalosa de todas as injustiças, me vejo privado de tudo. El-rei sabe que defendia seus direitos; que dirigia bem a opinião dos povos; que me mostrei sempre intrepido em tão perigosa contenda, antes e depois da sua vinda, o que não fôram capazes de fazer os seus aulicos, grandes, titulares, e senhores nossos (que se resuscitasse Manuel Fernandes Thomaz se vestiam logo de saragoça) e nem uma palavra disse mais sobre o absolutismo do Tribunal; suscitando-lhe a vergonhosissima lembrança de Fr. Claudio! Deus conserve na mesma disposição os actuaes Contractadores do tabaco; se elles não fôram, já hoje mesmo podia dizer—tenho fome!—Isto não era desculpa, nem motivo de eu me fazer malhado, nem de me aggregar a malhados loucos, patetas e ignorantes; mas era motivo de eu me declarar fóra d'aqui, isto é, fóra d'esta detestavel pocilga de perversos, verdadeiro e contumaz republicano; sei melhor que ninguem o que isso seja, e como se pode ser; mas não sou capaz de torcer ca-

minho, já que o da vida está tão proximo do seu termo. Em nada d'isto tenho fallado a V. S.ª, porque me lembrei que nada lhe devia importar, e que só a beneficencia o obrigava a tanto trabalho, tantas zangas e impertinencias, e conheci que se compromettiam os interesses da Congregação nas dependencias que poderia haver n'aquelle vilissimo tribunal; fallo agora, para que V. S.ª não dê credito a esses credulos corcundas que depois de zurzidos com palmatoadas, e rasgados com açoutes, devoram noticias dadas por malhados, que os escarnecem e os picam. Bom é que assim fique a *Besta*, para se vêr e saber sempre que um tribunal foi juiz e parte, e condemnou um homem sem ser ouvido. É justo que eu tambem não condemne a V. S.ª a lêr muito, porque eu devo pôr limite a escriptos de toda a natureza, mas não limites á obrigação de mostrar em tudo que sou

De V. S.ª

Amigo certo e obrig.^{mo}

Pedrouços, 9 de Fevereiro de 1830.

J. A. de M.

XLIV

Ill.^{mo} Sr.

Recebi a carta de V. S.ª li, e nada ainda li, que me obrigasse tanto; deu-me a conhecer o seu coração bemfazejo, e o quanto devo á nobre Congregação a que pertence. O meu estado é mais lastimoso pela enfermidade, que pela indigencia; eu não estou no extremo ainda. Os frades da Graça me têm sollicitado muito e muitas vezes, mas eu não faço figuras perto da morte, e eu preferirei sempre uma hospedagem caritativa em Alcobaça como clerigo secular, ás distincções de *mestre* da Ordem, e aos privilegios de prégador regio. Deixemos isto, que não vem a proposito, porque eu confio mais dos extranhos, que n'aquelles loucos e desleixados domesticos. Sim senhor, eu desejo fazer tudo o que me diz a respeito de lettras, e sobre tudo pelo que pertence a João Pedro Ribeiro, o aleivoso; mas tomara que V. S.ª podesse observar a minha situação, para conhecer que me é impossivel escrever com a rapidez costumada sobre qualquer materia. Venha aqui, e observe um homem infeliz, pela maldita virtude de não poder contristar ninguem. Todos os dias, apenas sôa uma hora da tarde, aqui

está o clerigo do seminario de Braga; (todos os dias!) não tarda; hontem veiu com um immenso canudo de lata cheio de papeis da demanda de São Fins; não se quiz ir, senão quando eu, cançado, eram sete horas da noite, deante d'elle me despi, e deitei quasi morto; e diz que me não deixará emquanto em mim descubrir um só espirito de vida, porque se vae fazer um assento no Desembargo sobre o julgado da corôa, e quer exposição de bullas, e um breve, que eu não sei o que é—*Aparitionis oris*—abrimentos de boca! Depois d'este capital inimigo meu, e de todos, depois d'elle veiu Antonio Ribeiro Saraiva, que vem sempre e me trouxe o *Chaveco* e o *Paquete*, que já tinha mostrado a V. S.ª, e demorou-se até ás nove horas. Hoje veiu um capucho, procurador dos vinte conventos que tem no Alemtejo, que quer um discurso para a eleição do provincial. Ainda elle estava, e veiu um arrabido, que vae para Salvaterra, que quer dois sermões feitos, um sobre a *confissão* e outro sobre o *amor do proximo*. Ora considere V. S.ª o Macedo que nasceu em Botão, e doente como eu seriamente estou, e que com todos os seus talentos fizesse metade do que estes diabos querem que faça, e logo, e com o pé no pescoço, e gritando que se não tiram d'aqui, e que fosse logo continuar os *Burros*, acabar o *Templo*, e defender a Congregação contra os insultos do Pergaminho velho, &c.ª &c.ª—Isto faz dó, e digam-me como hei de evitar isto? Oh!... vá para o Forno!—Mais perto lhe fico, pois aqui veiu hoje um alfaiate de Lisboa, que porque veiu a Belem a negocio seu, aqui se ferrou dizendo—que posto eu o não conhecesse, elle ouvira dizer que me tinham sacramentado, e que tinham visto entrar para cá o viatico; é verdade que veiu a uma casa contigua, uma d'estas noites... Espere, espere; ahi vem um clerigo, fugido de Braga, que quer que lhe faça um requerimento para el-rei lhe dar um beneficio de Coruche, que tinha o Conde de Paraty—*Insere nunc Melibœ juros pone ordini vetes.*—Vão lá fazer prosas e fazer versos, periodicos e discursos n'este estādo! Direi mais para a outra viagem, e perdoe V. S.ª a secatura. O clerigo bate, e eu acabo; pelo amor de Deus, veja se se lembra de algum remedio, que a isto possa dar o seu

Verdadeiro amigo

Pedrouços ... Fevereiro de 1830.

J. A. de M.

XLV

Ill.mo Sr.

Sem encarecimento digo a V. S.ª que ha doze dias que me vejo doentissimo, porque hoje mesmo (que é uma hora) desde que me levantei ás oito, tenho ourinado vinte e quatro vezes; isto é estar muito doente; ajunta-se a isto uma sêde continua, com tanta seccura, que me custa a despegar os beiços, e não ha agua fria que me farte; de noite é peor, porque se fecho os olhos, é tal a soltura da ourina que me acho alagado, e é preciso metter lençoes, camisas sujas, e quantos trapos ha em casa, onde tudo o é, excepto a minha lingua. Este é o meu estado miseravel. V. S.ª advinhou, eu estava para mandar á botica buscar caroços, ou pevides de marmello para se fazer uma infusão, e molhar a bocca para me refrigerar a lingua, e apparece tanta marmellada (e d'onde me é mandada, para não vir muita?) Não é para consoada, é para cear, porque nem carne, nem peixe é possivel comer; só couves lombardas com manteiga, leite e chá preto, é o meu continuo alimento, e mais nada. Agora mesmo me tinha chegado de Belem um arratel de marmellada grosseira, como é a dos confeiteiros, e serve, porque faz a outra mais engulivel. Beijo a mão a V. S.ª e lhe antecipo as boas festas, ao Ill.mo Esmoler mór, e ao P.e Fr. Alvaro; eu as não tenho para mim, e por isso estas que lhe annuncio, não são dadas, são desejadas. Basta de fallar de mim, nem devo entristecer os outros com a minha triste, e miseravel situação. Depois que me fecharam a cavallarice, e me vejo sem *Bestas*, não apparece aqui viva alma! Uns vinham para que lá os não pozesse, outros para lá pôr os que elles queriam, agora sem mais tirar nem pôr, nem os póstos, nem os tirados aqui apparecem. Aqui veiu um Desembargador do Alemtejo, e ex-frade, com um calhamaço manuscripto contra Fr. Fortunato, por amor de uma passagem pag. 5 do *Mastigoforo 6.º*, para lhe dar o meu parecer para o imprimir; era uma virulenta invectiva. Eu lhe disse (isto não é serviço, é effeito da minha convicção intima) que se tal fizesse, o levaria o diabo nas minhas mãos; apontei-lhe para o tinteiro, dizendo-lhe: «Senhor reverendo, o diabo alli é que mora, e pouco lhe custa sahir d'alli, e para se soltar não é preciso o dia de S. Bartholomeu; em eu lhe dizendo o que Christo disse ao cadaver de Lazaro — *Veni fora* — ainda salta mais depressa, e sempre está a deitar a cabeça fóra, a vêr se eu o chamo.» — Lá se foi com as orelhas como dois me-

dronhos; espreite V. S.ª por lá se a cousa vae á regia; o capucho é desavergonhado, e pode fazer das suas. Vamos á magna carta. Sim senhor, convenho no que diz respeito aos Jesuitas, e para se publicar pela imprensa vejo que não é politico, e devendo-se imprimir deve-se tirar ou accrescentar-lhe notas, pondo tudo o que ha duro na boca de muitos philosophos do tempo e exhortar Fr. Fortunato a que prosiga, e ali mesmo lhe lembrarei cousas do Paraguay que immortalisam e divinisam os Jesuitas, assim como o que elles fizeram nas missões do norte do Brazil, no rio do Tocantins, e quasi até ás vertentes do Amazonas. Os Jesuitas souberam mais que todos os astronomos modernos (o que eu calei na carta); o padre Briga, napolitano, encovou o summo astronomo Bianchini, e Maraldi, e Zanotti de Bolonha, achando elle Briga as manchas do planeta Venus, as suas phases, pois a viu cornuda; achou a parallaxe de Marte, com que determinou ao certo a distancia da terra ao sol;—inventou uma machina (os jesuitas eram mais diabos que eu) na qual posto o piloto, podia fixo e sem balancear, servir-se do astrolabio e do outante para saber onde estava no mar, ainda que o navio desse saltos em tempestade, como os Desembargadores do paço com a *Besta esfolada*. Ora basta, que eu vou-me ás couves, que é hora e meia, e eu já ourinei a vigesima quinta vez; mas V. S.ª faz-me a bocca doce, e no fim das couves vae decerto meio covilhete, e irá meia canada de agua, porque se me abrazam as entranhas; máos figados tenho eu sempre para os patifes, que atacarem Fr. Fortunato, ou enxovalharem a Congregação de S. Bernardo, ou disserem que V. S.ª não é amigo do seu

Amigo

Pedrouços ... de Dezembro de 1829.

J. A. de M.

P. S. 1.º Paula que não perca a copia, porque eu hei de vêl-a, para dar remedio a tudo.

P. S. 2.º Desejo que o senhor Arcebispo veja a *Carta*, porque a pede.

XLVI

Ill.^mo Sr.

Eu estava agora (meio dia) lendo pela oitava ou nona vez o seu optimo e valente papel cantra a nota do patife e hypocrita Ribeiro ou Carreiro, que o dão a conhecer as botas, as meias brancas e o chapéo; alli não ha mais que dizer, e só alguma cousa no fim ha que adoçar, quando se trata dos ajuntamentos e funcções em casa d'elle no beco do Jardim: isto, e o mais não está esquecido. A vinda inopinada do Arcebispo, que muito se demorou depois fez que não podessemos fallar no que era preciso, e foi-se o tempo em livros velhos, que para nada servem já, e d'estes mesmos velhos os melhores são conhecidos apenas do bichinho traça, e da matta da poeira; mas aquelle optimo homem gosta d'estas cousas, e com ellas talvez disfarce a affronta da *Besta*. A sogra do *velho* da Penha para aqui mandou dizer por escripto que fallara ao conde na *Besta esfolada*, e que elle conde com um sorriso (havia de ser muito engraçado!) dissera: «A *Besta* está affecta a El-rei; mas a decisão não está remota.» Isto foi ha tres semanas quasi, e depois aqui se espalhou a noticia de existir ja licenciada na secretaria do Desembargo; agora resta em requerimento pedir a El-rei, que ora me leve o diabo a mim, ou aos patifes desembargadores; isto é para desesperar d'uma vez; creia V. S,ª que hão de resistir ás ordens de El-rei. Ninguem gosta mais de escrever do que eu, e agora muito o preciso, para dissimular as minhas dores, a cruel diabetis, e o ardor interno, que me obriga a beber cópos de agua frigidissima em jejum; mas que quer V S.ª...Fiz a *oração funebre* em que lhe fallei, e que se deve recitar a dez d'este mez, e que me quereriam dar por isto? Seis cruzados novos; e não seria melhor deitar-me da janella abaixo? La se foram dous optimos dias de sol, e eu abrindo a gaveta, e vendo as cousas meias feitas, e especialmente os *Burros* póstos na espinha, e sem ração! *O Templo da Sabedoria* pedindo que o tirem do borrão! A Magna *Carta* sem poder preparal-a com os reparos e observações muito judiciosas de V. S.ª, porque ainda o Arcebispo não a mandou; isto me consome, mas que posso eu fazer, tendo só duas mãos, que parece que tenho quatro pés? Ninguem tem mais jus do que eu a um logar no poema dos *Burros*. Tomara eu que V. S.ª aqui viesse um dia pela manhã, porém munido com um robusto varapáo, como quem anda de passeio, e que á porta me deitasse em terra o

clerigo do seminario de Braga! Esse, esse é o inimigo de tudo; se na escada não houvesse outro morador estava eu bem; mas elle espreita que se abra a porta da rua, não bate, apanha a porta aberta, e no mesmo instante me bate á porta da casa, e eil-o dentro, porque se não vê quem seja; senta-se logo, e desenrola do canudo de lata a papelada, não se vai, nem se quer ir, e diz que ou elle, ou eu. Isto parece um sonho, mas é assim como lhe digo. Outro clerigo de Braga, que para aqui recambiou o Lopes, tambem me mortifica bastante. Dirá V. S.ª que os imponha, não o conseguia nem V. S.ª a pezar do seu severo aspecto, e capaz de incutir respeito a um presidente das côrtes! Basta d'isto. Os seis cruzados novos não me esquecem, e lá se foi o papel! Era optimo, ao menos beatificava o sancto e malhado Bispo. Ao menos mande lá para o ouvir, e vir contar esse entendido Maximo de manjericões raros de folha amarella recortada, e de quem eu sou muito amigo, porque apesar dos poucos annos tem chumbo, e siso na cabeça, e eu muitas dores, mas muito desejo e efficaz vontade de mostrar em tudo que sou

De V. S.ª

Amigo o mais obrig.do

Pedrouços ... de Março de 1830.

J. A. de M.

XLVII

Ill.mo Sr.

Hoje é dia de recovagem do *mudo*, e por isso me antecipo com estas regras, apezar de me achar muito opprimido de dores, e inundação de ourinas, que me vae consumindo. Muita inveja me teria hoje o sr. Fr. Fortunato, se soubesse que quinta feira estiveram aqui commigo os Jesuitas, até meia hora depois do meio dia, e me pediram a faculdade de continuarem sempre as suas visitas. Era o prelado e um polaco; ambos se exprimiam toleravelmente em portuguez, e n'isto admirei o polaco. Vinham, e vieram para se instruirem em cousas pertencentes á instrucção religiosa no ministerio do pulpito, pois o senhor Nuncio os manda missionar na egreja do Loreto; (esta missão pertence ao Patriarcha, e não ao senhor Nuncio, vamos adeante); fizeram-me sem querer um beneficio, que foi com a sua vinda poder empurrar pela escada abaixo o clerigo de Braga, que tinha entrado, e já estava fallando na demanda do seminario. Lá inculquei aos padres da Companhia livros portuguezes dos padres da Companhia, bons para missões

e instrucções publicas; lá lhe inculquei *Alma instruida na vida e doctrina christã* do P.e Manuel Fernandes, confessor e mestre d'el-rei D. Pedro II, que não sabia senão o *Padre nosso*, que andava sempre repetindo; este livro tem grande volume e chorume:—e tambem o P.e Guerreiro, jesuita, nas *Instrucções para os Missionarios*. Depois d'isto, com malicia os metti em conversa sobre à litteratura jesuitica, e olhavam como uns attonitos um para o outro, vendo um clerigo de calças rotas, e jaqueta de chita velha e remendada, camisa suja, e chinellos mijados, como se fosse um jesuita francez, italiano, allemão, e até polaco; pois houve um jesuita polaco chamado Casimiro Sarbieri, que compoz Odes latinas, tão bem ou melhor que Horacio, e entre ellas uma, á defensa de Diu, por D. João Mascarenhas, em que chama aos portuguezes *gens parva manu*, isto é, gente com poucas forças, obrando tantas façanhas na Africa e na Asia (agora lhe chamaria só *gente parva*, porque assim a fizeram os pedreiros). Nada grande conheciam dos padres da Companhia, e me disseram que elles não fôram ensinados pelos Jesuitas extinctos, e que desejariam ser por mim ensinados nas suas mesmas casas. Fallaram-me em um cathecismo: eu lhes disse que estudassem bem o *cathecismo romano*, o do Concilio de Trento, que é o mesmo, e este grande compendio das sciencias theologicas, moraes, e canonicas, não era de Jesuitas, mas de um frade portuguez chamado Fr. Francisco Foreiro, e outro chamado Fr. Jeronymo de Azambuja, e de outro Fr. João Soares, e de outro chamado Fr. Gaspar do Casal, todos frades da Graça, e todos bispos; que lêssem, pois me persuadia que sabiam latim, as *Explicações orthodoxas* contra Kmnisio, e contra todas as heresias que rebentaram em o Norte, mandadas fazer pelo mesmo Concilio de Trento; e quem as fez foi um clerigo portuguez; chamado Diogo de Paiva de Andrade, irmão do Conde de Linhares, (não o de Arroios) mas o creado e instruido no Collegio da Graça de Coimbra; e que este clerigo tinha vinte e seis annos de edade, quando el-rei D. Sebastião o mandou ao Concilio, e onde tanto assombrou os padres, que o Cardeal Jeronymo Seripando, frade da Graça, e presidente do Concilio, lhe commettia a resolução de todas as questões e duvidas, que se suscitavam. Disse-lhe depois que estudassem bem estas *Explicações orthodoxas*, que era o que bastava para ensaiarem os povos, e combaterem os herejes, e incredulos. Os taes padres da Companhia não perderam as passadas, e me pediram por muito obsequio lhes quizesse mostrar a minha bibliotheca; eu lhes fiz a vontade, mostrando-lhes o livro de João Pedro Ribeiro, unico que estava sobre uma banca; com isto abriram um palmo de bocca, e para os consolar vim

cá fóra, e levei da gaveta um livrinho, que é do Lopes, que vem a ser o poema do jesuita Vanieri, intitulado *Predium rusticum*. Eu antes o quizera ter feito que vinte *Meditações*, vinte *Orientes*, e vinte *Templos* (está muito adiantado) e como elle tem o retrato do auctor, consolaram-se de vêr em Portugal ao menos uma roupeta pintada, e em casa de um homem de quem lhe tinham dito que era inimigo dos Jesuitas. Tambem me disseram que este pequeno que ahi anda, chamado Marquez de Pombal, lhes fôra pedir que perdoassem a seu avô (ainda vinha a tempo este perdão!) Aqui ia eu, quando chegou o mudo, faltava um quarto para a uma hora. Ajoujar a *Besta* com alta diplomacia da Europa! Já o Lopes aqui veiu tambem quarta feira com essa lembrança; isso é evasiva dos patifes do Desembargo, que querem ir escapando ás apupadas com o apparecimento da *Besta*. Do reconhecimento ainda não trata o parlamento; a votação de que se fallou foi a outro respeito, e assim até á resurreição dos capuchos estará a *Besta* embargada na estalagem. Pois o *Arrieiro* de Thomar não falla ainda peior dos foragidos de Inglaterra? Eu devo enviar um requerimento a El-rei, se a cousa se demorar mais uns dias. Então eu hei de esperar até ao alto verão para vêr manjericões amarellos?... Nada duvido que o calor venha a fazer esse milagre; os de melindrosa consciencia que os vendem debaixo da Arcada sabem fazer essa mudança de côres; Fr. Fernando, que lhes vá perguntar se tem alguns azues, elles lhe dirão que sim. Ora aqui mandou duas vezes e da segunda escreveu, e bem mal, o marquez de Olhão, dizendo-me que o auctor do *Elogio de Pio VII* se manda queixar de Napoles de eu não ter respondido ás suas cartas, nem sobre o presente de livros seus que me mandou. Os livros me mandou entregar o Nuncio, e eu fiz presente d'elles ao Arcebispo de Lacedemonia, Vigario geral; cartas, não recebi mais que a de Roma, com uns diplomas de Academias; e que se eu quizesse escrever, que lhe mandasse a carta, que elle a mandaria ao Marquez do Lavradio, o que eu farei, e em italiano, e cá ficará copia. O *Templo*, como acima digo, vae adeantado, e hontem levou um grande empurrão, esta tarde lhe darei outro, e em muito breves audiencias estará concluido. Este pode, e deve aqui imprimir-se (com luxo), mas os *Burros*? Isso me parece impossivel, mas é muito facil ao mundo conhecer quanto eu seja

De V. S.ª

Am.º certo e o mais obrig.º

Pedrouços ... de Março de 1830. *J. A. de M.*

P. S. Cedo o Ribeiro bravo ficará esgotado.

XLVIII

Ill.^mo Sr.

Com indizivel trabalho me tiraram agora (onze horas) da cama, para me sentar n'esta cadeira; e com a perna esquerda horrivelmente inchada, o pé com inflammação, e a dor é dor de gota, e peor do que já tive; como o ataque é geral, renovou-se a dor de pedra, parou a ourina com uma irritação e dor mortal; emfim, estou em estado lastimoso, e faz compaixão aos mais indifferentes; não me poupo a remedios, mas a mistura salina que me receitou o cirurgião para transpirar, aggravou mais o mal da pedra; estou um martyr, e sem terminar o martyrio, que em tal estado desejava que fosse pela morte.

Eu não sou amigo de dinheiro—*habentes alimenta et quibus tegamur hos contenti sumus*— se o fosse seria esta a occasião de o ter, porque—«Vossê faz um livro em dez dias (me veiu dizer um alto magistrado) escreva-o e intitule-o—*Exame dos factos e doctrinas, que deram motivo á extincção dos Jesuitas n'este reino*, dedicado a sua Magestade, &c.ª por José Agostinho de Macedo; dê vossê (como pode) o aspecto que convém a estes horrendos factos, e analyse estas doctrinas, e verá esta cafila posta fóra do reino, e conte com uma avultadissima remuneração.»—*Vade, Satan, non tentabis dominum Deum tuum*, nem com o—*omnia tibi dabo si cadens adoraveris me*—nem com este *omnia* eu faria tal, e agora vejo porque vieram cá os Jesuitas ou foi este o principal motivo, porque insistiam, até na escada, em dizer que fôra seu inimigo, e que por algum motivo o poderia agora tornar a ser, porque havendo agora tantos conventos não povoados, lhe não davam um para morarem. Então porque não quiz eu? Creia V. S.ª esta verdade, da bocca de um homem em tudo independente; eu sou do coração amigo de Fr. Fortunato; é o regular mais douto que existe no reino; pertence a uma corporação que eu profundamente respeito, por me haver sempre feito e dado o mais honrado e distincto accolhimento, em particular e publicamente, por mera benevolencia, porque n'ella e nos seus prelados tenho visto e observado homens prestaveis, verdadeiros, humanos e munificentes, tão raras qualidades em todos os outros regulares, &c.ª Que seria, se eu com um livro ....
ainda que m'o pagassem, como os livreiros de Londres fazem e pagam agora, a guinéo cada pagina de oitavo dos versos de um poeta que é côxo, chamado Walter Scott? Isto não é para mim, e muito principal-

mente depois de haver escripto Fr. Fortunato a sua apologia! Tal obra não me seria difficultosa; a *Censura dos Lusiadas*, dois volumes em oitavo, fiz eu em dez dias, e os factos que estão consignados na *Deducção chronologica*, *Moral dos Jesuitas*, &c.ª, &c.ª, levariam um cunho de evidencia, que allucinaria. Eu não sou um mathematico (e poucos o são) como o jansenista Pascal, que morreu de trinta e oito annos, mas tenho atinado melhor que elle com as fontes do engraçado e do ridiculo, sem ter lido o tratado do jesuita P.ᵉ de Vasur—*De ludrica dictione*—e os metteria mais á bulha, e faria rir mais, do que o mesmo Pascal fez com as *Cartas a um provinciano*, que tanto estampido tem feito no mundo, e que até se verteram em latim com o supposto nome de *Montalto*. Já tenho dito que conheço os Jesuitas, que a sua extincção se deveu ao resentimento de Pombal, porque o quizeram tirar do ministerio e introduzirem Alexandre de Gusmão, secretario que foi das cartas d'el-rei D. João V, cooperando em França a intriga da manceba de Luiz XV, Madame Pompadour; mas tambem sei, e melhor que o Cenaculo, e José Joaquim Vieira Godinho, o que os jesuitas Luiz Gonçalves, irmão do conde da Sortelha, e Leão Henriques influiram na jornada de Africa; sei o odio dos Jesuitas á casa de Bragança, e porque razão o Padre Manuel Pimenta e o Padre Antonio Vieira fizeram as trovas dos sebastianistas, e porque se escreveu o *Quinto Imperio*, e porque se quiz provar que D. João IV era o Encuberto; em fim, seja por isto, ou por aquillo, eu não faço uma acção má, e deixemos isto. Julgo que o homem não tornará, e se Deus me der alguma melhora no terrivel estado em que me vejo, eu escreverei duas ou tres folhas, que segurarão os Jesuitas, e mostrarei que se eu fui por precisão prégador de aluguer, não sou escriptor assalariado. Vamos ao Ribeirinho. É verdade que este esganarello ou manequim, tem dado passos e feito obras corcundas; mas quem sabe se isto é manobra pedreiral, e que trazem um com apparencias de corcunda servilissimo para saber o que estes fazem? porque eu vejo o Ribeirinho andar com uns, e andar com outros; logo que o ouvi e vi sempre vacillante me lembrei d'isto, e talvez acerte. Não posso mais, tem inchado muito a perna, a uretra estala, e outra vez me vão deitar na cama. Para a seguinte recovagem dirá mais alguma cousa

Seu mais obrig.º amigo

Pedrouços 20 de Março de 1830.

J. A. de M.

XLIX

Ill.^{mo} Sr.

Caricaturas nada provam mais que a malignidade, ou venalidade de seus auctores; isso não persuade, nem faz temer os pobres padres da Companhia. Deus não permitta que os seus inimigos em Portugal nem leiam, nem entendam um livro composto por um allemão jesuita, que d'elles sahiu, e os deixou, chamado Schofer, e o livro chama-se *Monarchia Solipsorum*, que quer dizer: A Monarchia *dos só elles*. Este maldito egresso os põe a pão e laranja, e sem réplica, porque elle falla como ladrão de casa, a quem nada se occulta, mas Deus nos ajudará; em eu podendo escrever o que prometti a V. S.ª; mas doze dias de gota desesperada; os pés, que parecem madeiros, ou mós de moinho; a posição violenta em cima de duas cadeiras, me não deixam escrever, e eu, *et nos cum doctrinis nostris*, nós com toda a matalotagem de engenho e capacidade, não sou capaz de dictar o rol da minha roupa, que não pode ser mais simples, nem mais pequeno; assim como ainda me não foi possivel comprehender o jogo do truque, ou da bisca; e obrigado uma vez n'uma grande funcção da Graça a cantar um *Ite missa est*, deixei-o no meio, e os frades o acabaram ás gargalhadas; mas eu não apertando nos tres dedos a penna, começa, não um diabo, mas uma legião a sahir do canudo. Deixe-me V. S.ª poder escrever sentado á banca, que logo, logo lhe encho a loja, que sei que é de *cruz*, mas sem *roza;* e eu crucificado de dôres, posso e devo dizer que sou

De V. S.ª

Am.º fiel e o mais obrig.^{do}

Pedouços... de Março de 1830.

J. A. de M.

L

Ill.^{mo} Sr.

Meu bom amigo e senhor do coração: a minha molestia tem tomado um aspecto terrivel; não me mortifica tanto a inchação do pé, e a dôr da gota, o que me torna intoleravel a minha situação é não poder escrever dez linhas, que me não levante para ourinar, e não me

chego a sentar que não vá ourinar outra vez, e isto de dia e de noute, vendo e sentindo a cama alagada sem poder dormir o intervalo de meia hora. Assim mesmo, como era ardentissimo o desejo que tinha de satisfazer a determinação de V. S.ª sobre Jesuitas, antes de hontem 30 pelo meio dia me puz a escrever o papel, a que faltam só duas paginas; fazia tenção de lh'o remetter hoje pelo mudo, mas não me foi possivel, pela vehemencia das dôres, que só deitado as podia tolerar, nadando em ourina. Se V. S.ª podér, e quizer mandar aqui um criado seu, ámanhan de tarde, ou no sabbado logo pela manhan, eu lhe mandarei com mais segurança este papel, que na verdade, em estylo sério é o ultimo esforço do raciocinio, e talvez da eloquencia portugueza. Ninguem pode offender, porque procede com toda a cautella, para não encontrar a mesma malignidade em que embirrar, nem o fatal Desembargo em que possa pôr em obra as suas injustiças e desaforos. Eu o intitulo — *O Problema resolvido* — e com effeito, resolve-se com a razão, e a apologia dos Jesuitas não tem que desejar mais nada. Tem os Jesuitas, e os homens de bem que me agradecer, e até Deus que me premiar dando-me algumas melhoras! Duas cousas peço a V. S.ª para este, talvez que meu ultimo esforço, a favor da razão e da justiça, e vem a ser: que se não altere uma palavra; — a segunda, que se imprima em bom papel, e que não sejam cegos, amaçados, e moidos os caracteres, ao menos sejam do tamanho d'estes, e assim espacejados, como os da *Oração funebre* que compoz e recitou o P.e M.e Dr. Fr. Fortunato. Esta Oração vou já lêr com todo o interesse que mostro sempre pela gloria d'este homem, e da illustre Congregação a que pertence. Eu já não tenho saude, se a tivera, eu cooperara quanto podesse para a gloria e respeito que merece a mãe, e o filho; mas sempre farei o que podér, e lá vai uma pennada no *Problema resolvido*. Agradeço a V. S.ª os preciosos bolos, e não foram sobremesa, foram mesa, com algumas laranjas, que o mais não posso comer; e ainda que não tenha bocca de favas, estes dias tem sido o meu unico alimento: e só favas, agua e laranjas, porque me mata um incendio interior. Tambem ardo em desejos de mostrar sempre, e em tudo que sou de V. S.ª amigo, e deveras amigo, e seria amigo até se lhe não fosse tão

Obrigado

Pedrouços 1 de Abril de 1830.

J. A. de M.

LI

Ill.^{mo} Sr.

Não respondi hontem, 19, a V. S.ª, porque hontem foi dia cheio para mim dos incommodos da molestia, de truz na porta, de queixosos não despachados, porque emigrados, e sobretudo por algumas providencias que foi preciso dar para a casa do Forno, porque a velha entrevada ha cinco annos está em artigo de morte, e até deixada dos padres Camillos que lá tem ido chamados. Lá escrevi para a freguezia, para cuidarem no enterro, e eu aqui semi-entrevado tambem. Ora façam lá versos que hajam de durar, com seiscentas buzinas d'esta magnitude aos ouvidos! Outro dia me ficou um no meio, e me fugiu de todo o pensamento que o devia acabar, e lá foi d'ahi a dias como Deus foi servido, e assim é tudo; porque esta casa, sem ser taberna, é casa de povo; e eu criado nato de toda a bicharia viva: até para o Marquez de Alvito uma carta, que elle queria escrever para o Bispo vigario capitular de Braga, e não sabia como, sendo o negocio seu! Outra carta de empenho para José Ribeiro Saraiva, que sahiu tão boa, que o mesmo para quem se fez aqui deixou uma copia, que remetto, mas para collecção de quem saiba entender; e o P.^{e} M.^{e} Fr. Alvaro que não seja muito prodigo, porque até uma escrevi aos frades da Graça, para o partido do cirurgião Durão, (que muito pouco deixa durar a gente) a fui vêr na mão do Marquez de Olhão. Ora imprima-se o *Problema*, e os exemplares em papel florete não sejam uma duzia, porque de certo se compram, e alguma cousa podem dar para os gastos da impressão. O meu diploma para ajudante ainda até hoje terça feira ás outo horas não chegou; estimarei que seja em papel fino, flexivel, e macio, porque algum prestimo terá logo. As favas, e as ervilhas serão lubricas, e eu

De V. S.ª

Verdad.^{ro} am.^{o}

Pedrouços 20 de Abril de 1830.

J. A. de M.

LII

Ill.^{mo} Sr.

As minhas molestias me tem incommodado mais que nunca, porque nem de noute posso socegar meia hora, alagado de ourina, e o enxergão já traspassado da mesma ourina; as dôres não tem limite, e nada posso fazer. Além d'estes martyrios do corpo vieram tambem os do animo; a mulher que me aturava, entrevada de cinco annos, e vinte e cinco de casa, morreu; incommodos do enterro, e logo veiu o rol da freguezia. A velha que resta, e que além de velhissima é gaga, aterrada, ou seja pelo que fôr, não quer lá estar, e effectivamente se vae embora: eu como entrevado não posso dar um passo; na casa, ou escada do Forno não ha mais moradores, e eis aqui a casa ao desamparo, e os poucos trapos e cacos que lá tenho, porque as cadeiras e duas mesas vieram para aqui, porque sem isso ficava isto casa de esgrima, são logo roubados sem remedio: e n'este apuro, com bem repugnancia, e bem extrema precisão tenho de importunar a V. S.ª, para permittir que em algum recanto d'esse corredor ou quarto, que nem por criados esteja occupado, me deixe amontoar aquelles cacaréos, emquanto eu não possa ir a Lisboa, cuidar em algum pequeno hospicio, nas visinhanças do Desterro, para me recolher, porque o horror que me causa o Forno com tal morte, me obriga a nunca mais lá pôr os pés; este sitio é muito fóra de mão, o necessario fica longe, a casa importunada sempre, a minha existencia está muito precaria, e por extremo atenuada, e eu temo nos ultimos instantes os horrores de um hospital, que é o que me resta; devo tambem procurar uma criada capaz por edade, e por probidade. Com a resposta de V. S.ª sobre o recolhimento dos tarecos em algum d'esses recantos, mandarei a Lisboa uma pessoa, que os ajunte, e me remetta para cá o que é fato, que formará uma trouxa, e o que é páo, e uns paineis, e não sei que mais, vão para esse asylo temporario. Espero a resposta de V. S.ª com a possivel brevidade, porque agora mesmo recebo um recado da tal velha, que se quer ir embora, e talvez que bem carregada, porque lá ficou tudo á sua disposição. Não fallo agora em lettras (que nada são) porque o negocio exclue tudo, e não me exclua V. S.ª do numero dos seus amigos e criados, porque é uma e outra cousa

Pedrouços 24 de Abril de 1830. *J. A. de M.*

LIII

Ill.^mo Sr.

Vai esta pelo chamado correio da posta, para annunciar a V. S.ª que faltando-me mudos, e sobejando-me falladores, não tenho outro meio de saber de V. S.ª e do destino do papel dos *Jesuitas*, porque ainda que não envolva politicas da sublime *Deducção Chronologica*, assim mesmo receio naufragio nas mãos do Fr. Diabo. Para eu haver noticia e resposta de V. S.ª tambem é preciso um rodeio: que tal é a minha miseria! Carta para mim, que vai ao correio, lá deu fundo eternamente; para receber alguma é preciso que venha com o sobrescripto para outra pessoa; de ordinario é sempre, e seja agora:—Á senhora Francisca da Piedade, Pedrouços, n.º 97.—Outro negocio, e tambem importante, e vem a ser, que d'aqui se mandou uma pequena encommenda, dirigida a uma religiosa de Coz; eu lembrei que se remettesse para esse funil deixado á Congregação de S. Bernardo, funil que agora lhe querem tapar, e que se entregasse a Manuel Metternich, e mais politico ainda, e criado de V. S.ª, encarregado de negocios, e de confidencias d'esta natureza, para a remetter por Antonio dos Foros, correio do gabinete das Graças, costumado a estas commissões. De Coz se manda dizer, que ainda lá se não recebeu. Eu conheço a confusão que haverá no expediente de Manuel Metternich, e por isso peço a V. S.ª que, ou pelo postilhão Foros, ou por qualquer outro diabo d'esta caterva, seja remettido logo para Alcobaça, porque se avisará para Coz, a fim de o mandarem lá buscar, sabido que seja o nome do enviado ordinario: e eu não sou ahi qualquer cousa, sou, e muito,

De V. S.ª Amigo

Pedrouços... de Maio de 1830.

J. A. de M.

LIV

Ill.^mo Sr.

A minha doença empata tudo; agora, que é uma hora da tarde, me levantava da cama, que é um tanque de ourina, porque já se não contém, quando chegou o mudo com a carta de V. S.ª, que muito diz, e muito falla, sendo pequena na extensão. Eu moribundo, não deixo

passar os restos da vida ocioso, porque não fazer nada é para mim peór que a doença. Sou o architecto Adonhirão, vou adiantando o *Templo*, mas aquillo é para poucos, e da fórma que já acabei o segundo canto é para muito doctos, e não para o estado actual das lettras; mas vá, porque deve dar noticias minhas aos vindouros, no caso que em Portugal por algum plebiscito (decreto popular dos comicios, ou das côrtes) se não fechem eternamente os lyceus do *A B C*, que é o que falta. Como é preciso comer para viver, ainda que seja com pão, hervas, leite, e a sua marmellada, tambem é preciso ter com que, e ainda tenho; ha tres dias se me despertou uma idéa; eu traduzi ha vinte e seis annos as Obras de Horacio; as *Odes* estrophe por estrophe, e verso por verso, quanto poude ser; aqui está um exemplar impresso, que escapou ao naufragio da maior maroteira que então se commetteu no mundo; como então sahiu a traducção de Antonio Ribeiro dos Santos, que é basbalhada, por cabala, por intriga, por inveja, por adulação, por vaidade (como traducções!!!) Fr. José Marianno Velloso, frade de projectos botanicos, e com quem D. Rodrigo de Sousa Coutinho gastou um bom centenar de contos, sumiu toda a minha edição, que nunca appareceu, nem se poz á venda, e a outra metade das obras de Horacio, que são as *Satiras*, as *Epistolas*, e a *Arte poetica* manuscriptas, abalou no anno seguinte de 1807 com ella para o Rio de Janeiro, onde se afogou, que eu não vi mais tal Horacio: fatalidades minhas! Das obras de Horacio foge-me um capucho com o segundo volume, resta o primeiro impresso; das obras do maior poeta latino, Stacio, tambem traduzido, perde-me uma criada o primeiro volume, seis livros, e resta o segundo, que são outros seis livros, na mão de Lopes: que hei de fazer? O primeiro de um, ou o segundo do outro? Farei o segundo do outro, que é mais conhecido Horacio, e mais estimado do mundo todo, porque o mundo todo tambem se engana no juizo dos poetas, e de versos; imprimir-se-ha tudo com uniformidade, e em papel grande, e bons caracteres; isto é cousa que se vende por todo o reino; e se parecer aos financeiros prudentes, abrir-se-ha uma subscripção, já que me tiraram a *Besta*, e me puzeram a pé. Escreva-me sobre isto, que é cousa financeirista.

João Pedro Ribeiro. Sim senhor, alli tenho eu, e por signal ao pé do bispote, umas quadras que elle fez, e imprimiu em 1823, sobre a realeza, para se sangrar em saude; para m'as dar, ou impingir, andou elle em busca de mim, mais um tal Dos Guimarães. Ainda que as quadras bastem, eu estimaria vêr a nova obra, e mande dizer a Fr. Fortunato que durma, que vá andando com os seus trabalhos, que deixe

vir a cousa para estar em boas mãos, que vem a ser as do diabo, que é este seu criado. Aqui me disse o Lopes, que Fr. Velhaco de S. Patife, o capucho Henrique, não queria licencear o numero 5º do *Defensor dos Jesuitas;* mande dizer sobre isto o que se passa. Se o Horacio, meio impresso já, e o outro meio que eu em menos de um mez posso dar prompto para a impressão, tiver o mesmo fado, então assentemos de pedra e cal, que tudo é argamassa. Adeus, escreva-me, e tenha saude; ahi me trazem um prato de grelos de couve com azeite e vinagre, um cacho de passas (bem más), uma metade de queijo saloio, e uma bilha de agua fria, e boa, que é o lauto jantar d'este anachoreta, porém

De V. S.ª Amigo

J. A. de M.

LV

Ill.mo Sr.

Se a terrivel doença me deixasse, muito faria do que V. S.ª me diz; mas isto vai nos progressos da morte, desfazendo-me em ourina, sem cinco minutos de intervallo. Farei a versão do que resta de Horacio; e é cousa tão difficultosa para ser boa, que no juizo de muitos basta para immortalisar. O Stacio, sendo o mais poeta dos poetas, isto é, o mais sublime de todos, os antigos e modernos, não é entendido, e por isto não é conhecido no vulgo; os mais litteratos e mais vistos na lingua latina ficam de queixo cahido sem atinarem com a intelligencia. Eu me ri em Beja do universal sabedor Cenaculo, quando lhe disse:—Ora traduza V. Ex.ª como fazem os rapazes, esta passagem aqui da dedicatoria, em que o poeta falla a Domiciano:

Licit arctior omnes
Limes agat stellas...

ou abra ao acaso.—Abriu, e descrevia-se uma serpente, e entre outras cousas dizia:—*Atenuat ornus*—nunca atinou o bom, e bem ingenuo velho Cenaculo. Emfim, isto não é para portuguezes, acabou-se. O Horacio sim, não por bem entendido, mas porque em Horacio se falla muito. O frio me comprime tanto, que apenas ao meio dia deixo a cama; não sustento a penna nos dedos, por isso não peguei ainda na *Carta,* e custa-me estar tirando e pondo; já me lembrou fazer outra de novo, porque o faço mais depressa: ou borro esta, e vai para o

P.ᵉ M.ᵉ Dr. Fr. Fortunato, com as addições e correcções que V. S.ª lhe fez; lá se avenha elle, que tem mais paciencia: diga-me V. S.ª se isto quer, para lh'a remetter. V. S.ª não me falla no escripto de João Pedro Ribeiro, e sei que é publico. E as *Bestas?*—Pois isto fica assim? Tudo, e tudo é pedreiro. O Fr. Velhaco é reconhecido instrumento da pedreirada, e soffre-se este escandalo? Não ha remedio, nem o haverá. Eu tenho demorado a conclusão dos *Burros*, porque destinava enchel-os de pedreiros, que é melhor que tudo; mas só imprimindo fóra, e vendendo como muitos impressos se vendem; porém quem se encarregará d'isto? o seculo de pedreiros é o seculo de ladrões, e senão nos fiamos dos homens por pedreiros, menos nos devemos fiar por ladrões. O frio não me deixa, e por isso não me espójo agora mais. Recommende-me V. S.ª ao Ill.ᵐᵒ Sr. Esmoler-mór e seu companheiro, que bem podia alguns domingos dar por aqui alguma saltada. Não tenho com quem falle, e me console, e quem me anime. Tenho-me descartado de todos os chamados amigos, mas amigos da intriga, e dos exemplares da *Besta;* ainda assim aturo alguns, e taes que me obrigam (gratis!) a fazer-lhe sermões para exequias da Rainha. Creia V. S.ª que dos dous de que lhe fallo, do capador dos manjericões, e muito mais de V. S.ª é

Amigo

J. A. de M.

LVI

Ill.ᵐᵒ Sr.

Tambem eu tenho janellas para o sul, mas a minha enfermidade é gravissima; esta noute que passou, cuidei que tambem passava para a eternidade. A ourina por si mesma se solta, já corre sempre, e apenas me deito tudo se inunda, e assim alagado não posso dormir; a secura é mortal, não ha agua que me estanque a sêde; ninguem padece mais, nem com mais paciencia. Que hei de escrever? Hontem de tarde esteve aqui o Prior do Carmo, e me disse que o Provincial, que está doente de gota, escrevera um optimo papel, em que mostrava como sem gravame das rendas do estado se podiam conservar e manter os Jesuitas, applicando os recursos que elle apontava, pois no mesmo instante—*escusado*—e supprimido, e o capucho tambem lhe não quiz pegar para o vêr. Ora escreva lá! Disse o senhor Annes, que a officina se fechava, que assim o queriam. Estamos desenganados. Eu estou determinado a fazer apparecer no senado um requerimento meu,

pedindo licença para pôr aqui em Pedrouços um pequeno padejo, para fabricar algum pão, chamado de luxo, que são merendeiros, que aqui se vendem, e vão para Lisboa a vinte e cinco réis; de certo o faço, e terá o publico em que falle dous, ou tres dias. O requerimento vai, e começará: «Diz José Agostinho de Macedo, presbytero secular, e prégador de Sua Magestade, que tendo o Desembargo supprimido um papel, de que lhe vinham os meios de sua subsistencia, e não podendo prégar, impedido por sua enfermidade, para viver se determina a ser padeiro, etc.ª» Isto apparece infallivelmente no senado, já que a consulta não apparece. Saiba isto El-rei, e o reino inteiro; porque até para o publico ha de haver um annuncio na *Gazeta*, para estabelecer freguezia. Sim senhor, eu acabarei o Horacio, e bem, e com muita brevidade. Tenho pena do Stacio, que nunca pude lêr, nem traduzir sem um violento arrepiamento de cabello, e tremor do cerebro; emfim, os seis ultimos livros existem, e parte do primeiro, porque eu a quiz começar, e existe na mão de um cego, filho do Castilho, que está em Coimbra, e posso mandar vir; mas o tempo presente não é para Stacio. O Cardeal Bentivoglio (Selvaggio Porpora) o quiz traduzir, e ommittiu a dedicatoria, porque se não atreveu com ella. O Horacio será bem recebido, e o Horacio não é *Besta*, nem é *Jesuita*. Quatro vezes me tenho levantado a ourinar, depois que comecei estas tristes regras; o frio, sem ser Stacio, me arrepia, e faz saltar a penna dos dedos, e aos saltos ainda digo de Stacio, que a sahida de Satanaz do inferno, no Canto III do *Oriente* é um frouxo e muito remoto arremedo da sahida de uma Furia do inferno no 1.º livro da *Thebaida;* tudo me lembra; que desgraçada memoria!

> «Sentada estava do Cocytho horrendo
> Na margem negra, permittindo ás cobras
> Que os funeraes cabellos lhe toucavam,
> Que um pouco lambam as sulphureas ondas.»

Tudo é d'este cunho! O 2.º livro não se pode lêr sem suffocação extrema do coração, mas o latim é crespissimo, mui poucos o entendem, porque no estylo não ha senão figuras elevadissimas. Ora dê-me o prazer da sua visita, porque é

De V. S.ª Amigo

J. A. de M.

LVII

Ill.^{mo} Sr.

Recebi por este Coelho a carta de V. S.ª que muito estimei porque era sua, e como o era, devia trazer boas noticias do accolhimento que esses senhores fizeram ao papel, a quem a novidade da composição dará alguma voga. O primeiro já chegou a Inglaterra, porque o Lopes aqui me mandou uma carta do Saraivinha, e n'isso lhe fallava; veremos se tambem lá vai ter o segundo. Tenho observado com muita reflexão o que eu esperava a respeito dos *Jesuitas*, summa frieza, e summo indifferentismo, o que era de presumir, conhecendo nós os barões assignalados, em cujas mãos se depositou o pandeiro. Meu P.e M.e, e meu amigo, o que se quer são pelles: os bi-camaristas querem papaguear, e promover a felicidade d'este reino, que consiste na inviolabilidade do domicilio do cidadão; no exercicio activo dos quatro poderes outorgados pela Carta outorgada pelo senhor D. Pedro, que quiz fazer a felicidade dos seus fieis subditos, abdicando, conforme os conselhos da sua sabedoria, na sua filha, rainha reinante de Portugal, a senhora D. Maria da Gloria, que conforme a lei de Lamego deve casar com o Conde de Calhariz, filho de Pedro Palmellão, ficando este com as pastas todas. Eis aqui o que se quer, e os *Jesuitas* vistos pelas costas, e isso acontecerá. E que hei de eu escrever? Problemas? Pois farei problemas; qual é maior tolo? Um pedreiro, ou um sebastianista?... Que acontecerá? Vem logo rebolindo uma carta do Saraivinha, em que declare da parte do governo de Sua Magestade britannica, que não vem o reconhecimento emquanto se chamarem tolos aos pedreiros, e que é contra os dictames da politica europêa; moderação, moderação. O Desembargo escusava e supprimia tudo, gritando que era ataque directo, porque sendo elles, como são, tolos e pedreiros, não querem que lh'o chamem. N'este caso, sem conselho de varão prudente não sei o que farei. Aqui me disseram hoje que se fechava brevemente a Impressão regia; por isso, emquanto alli estiver o Coquilho, é preciso que se cuide na impressão do Poema, seja como fôr. Creio que terá presentemente poucos leitores, mas ahi ficará; e se o reino resuscitar antes que resuscitem os capuchos, então os terá, por isso bastarão poucos exemplares, porque sendo o papel bom, a despeza é grande. Emquanto ao sermão do homem milagroso, existe, como disse, na livraria da Penha; eu o vi lá em 1807 até 1809, entrando á parte esquerda na primeira

carreira do chão estão livros em quarto, com capas de pergaminho, que são collecções de sermões e papeis avulsos; em um d'estes bacamartes estão os dous sermões, o de S. Thomé, e o das exequias de Luiz XIII prégado no Loreto. Como em tantos annos terá havido mudança de logar nos rabecos, e se tem renovado muitas vezes as camadas de frades, talvez estejam n'outra parte; porém estão nas mesmas collecções com capas de pergaminho; os frades nunca alli vão, e o prior que era prudente, escondia o dinheiro do convento atraz dos livros, porque com effeito estava seguro. Seria um bom serviço feito ás lettras a reimpressão d'aquelle prodigio de saber politico, e de memoria para o repetir; é verdade que nenhuma estimação lhe dariam, porque o que se quer saber é determinar as vezes em que o magistrado pode entrar no domicilio do cidadão, de dia; porque de noute o domicilio do cidadão é de uma inviolabilidade absoluta, nem o poder moderador com toda a extensão que lhe dá a Carta, pode ir perturbar uma sessão pedreira ás duas horas do noute. Isto é o que convém estudar, para ser sabio como um Faria Carvalho. E o P.^e^ M.^e^ Dr. Fr. Fortunato que diz a isto? Em que se emprega? Onde pára? Que escreva, ainda que seja sobre o domicilio do cidadão; se o fizer, é logo bispo; a *Vida de Santo Antonio* é cousa boa, mas o domicilio do cidadão é cousa melhor; e eu digo que no actual estado de cousas, o melhor é dormir, porque comer, até para isso é inviolavel o domicilio do cidadão, porque nada entra, e nada ha. Tomara ao menos que Saraivinha nos mandasse o reconhecimento; no emtanto conheça e reconheça V. S.ª que é seu

Am.º o mais obrig.^do^

Pedrouços 8 de junho de 1830.

J. A. de M.

LVIII

Ill.^mo^ Sr.

Vai a carta, que não tem resposta, mas dará satisfação de não ter escripto a quem devia escrever, se me chamam aquelles senhores *tolo* por não escrever, e principiar—Aos que a presente virem—sem saber quaes sejam, teem razão, porque tolo deve ser quem anda na *Besta* para ser ajudante substituto de Fr. Claudio. Queira V. S.ª fazer-me o obsequio de a mandar entregar por um criado seu a quem a quizer acceitar, mas que seja sem demora; não me façam um crime do que tambem não sei. Egual favor peço tambem, para a outra in-

clusa, entregando-a a Francisco *trasladador*, que logo a entrega, pois é amigo do tal Claudio, sem ser frade. Começo já a correr o poema, para tirar o accrescentado, e a levar os versos de Camões; hão de ir como elles são, porque se eu lhe havia pôr cousa da minha lavra, então seriam todos meus. Os de Camões em um soneto são taes e quejandos:

> O cisne, quando sente ser chegada
> A hora, que põe termo á sua vida,
> Musica com voz alta e mui subida
> Levanta pela praia inhabitada.

Não começo logo por basbalhadas o poema de mais conhecimentos e erudição que talvez haja de sahir do prelo portuguez. O ultimo planeta descoberto em o nosso systema solar chama-se o *Hercules;* a sua distancia do sol é na razão directa do tempo do seu giro; esta nossa terra (que é boa joia!) faz o seu giro em 365 dias e 6 horas, e dista do sol trinta e tres milhões de leguas, o *Hercules*, que faz o seu giro em duzentos annos, em que distancia estará? Isto é o que ha até agora demonstrado; e não me venham quebrar os ...... com livrinhos francezes, que mentem mais que um secretario de estado. Seja o que fôr; versos não são rigorosas demonstrações, ou dissertações sobre um ou outro ponto de astronomia no systema do mundo, são um rapto, um extasi, ou tombos, e cabriolas de imaginação sem freio, e sem sarrilha, e ás vezes dizem mais apparentes desconnexos que um padre da Companhia a prégar em Carnaxide; a mesma gente rustica, que de lá vinha hontem de tarde, e enchia esta larga rua, vinha ás gargalhadas. Em cá me apparecendo, eu lhe lerei a cartilha, e os porei em caminho de me não deixarem mentiroso. Estes filhos de Santo Ignacio, e enteados do Marquez de Pombal, cuidarão que todos os portuguezes são creanças? Um frade da Graça irlandez, que veiu para cá creança, e eu conheci, metteu-se já velho a prégar, e prégando das Chagas de Christo em Lamego, disse que vinha prégar das cinco *mataduras* de Nosso Senhor Jesus Christo; porque achou no Diccionario de *Bluteau* synonimo de chagas *mataduras*, e lhe pareceu o termo mais terno e mavioso. Melhor o fez o laconismo de outro frade da Graça, escrevendo para o tal convento de Lamego, que se chama das Chagas, a uma freira chamada D. Francisca das Chagas; e o frade tambem Fr. Francisco das Chagas, que alguma cousa engatinhava n'as finezas e discrições, pondo no sobre-escripto:—Á Senhora D. Francisca das Chagas, no convento d'ellas, de Fr. Francisco das mesmas &c.ª—La-

mego. Este, que andava já com mataduras no lombo, picado da mosca de amor, teve mais juizo que o mataduras do irlandez. Não ha dentista, ou belforinheiro do norte, ou do sul, que não aprenda primeiro a propriedade de alguns termos portuguezes, para abrir tenda, ou armazem; mas vir, e prégar logo!! Assim fizeram os primeiros que cá appareceram, sim; e o primeiro era o P.e Simão Rodrigues, portuguez e natural de Vizeu, prégava em portuguez; e S. Francisco de Borja, que era castelhano, subindo ao pulpito de S. Roque, não pôde dizer senão, a tremer—*Passion de Nosso Señor Jesus Christo*—e calou-se. Farei no fim do poema a declaração, para se depositar em Alcobaça. Tambem quizera que lá por entre os livros da casa d'elles se conservasse um retrato meu em grande, e a oleo, feito pelo grande pintor chamado pelo governo para pintar o *nosso Lord*, e mais o outro Lord Caréca, casado com a mulher do Jerumenha. Este meu retrato, como pintura é cousa admiravel; como eu não tenho herdeiros que lhe mandem fazer a moldura que merece, eu o deixo em vida ao Mosteiro de Alcobaça, que como guarda as obras em tinta, guarde o auctor em côres, e Deus guarde a V. S.ª, de quem sou

Am.º e obrigadissimo

Pedrouços... de Junho de 1830.

J. A. de M.

N. B.—Com esta ia inclusa uma, para ser entregue ao Conde de Basto, sobre o despacho do auctor para ajudante do Chronista do Reino.

LIX

Ill.mo Sr.

São hoje 30 de Junho, e são tantas as cousas que tenho que dizer a V. S.ª, que seria melhor fazer um rol, que uma carta: a minha molestia deve ir na cabeceira d'este rol. Quasi nada tenho feito, ou escripto, e isto pinta bem o meu estado. Revi o manuscripto do poema, tirei prologo breve, tirei versos de Camões, emendados por Lopes, fiz outros novos em logar dos que Lopes fez, e Lopes entortou. Se na copia do Paula *papeis*, que foi para a impressão, foi o que eu tirei no principio, é preciso emendar o frontispicio, e em logar de versos de Camões, e prologo, ir a advertencia como prefação; e já que o rapaz azougado anda e corre mais que uma noticia má, bom seria que cá viessem, e de cá fossem as provas dos versos, que nenhuma demora

terão. Escrevi no fim a declaração do deposito em Alcobaça para se reconhecer; deve-se enquadernar em pasta forte para durar. Como em um verso acrescentado por Lopes eu puz uma nota, e na enquadernação se devem cortar algumas cousas as margens, bom seria arrancar a folha, e o Paula que a traslade (só os versos) para não ir com a deformidade do córte. Está acabada esta parte rol-carta, ou carta-rol. Mais rol. Veiu finalmente vespera de S. Pedro o decreto, que aqui mandou o Conde de Basto, por um modo tão honroso como o espirito do mesmo decreto, pois o senhor commendador Simões na sua seje o veiu trazer, com muitos cumprimentos e offerecimentos da parte do senhor Conde, disse-me que devia mandal-o ao senhor Desembargo, para se lhe pôr o *cumpra-se, e registe-se*, e com os despachos do senhor Desembargo ir ao Ministro da Fazenda. Eu do senhor Desembargo, não quero conhecer ninguem; committo tudo isso a V. S.ª, porque do mesmo senhor Desembargo poderá haver alguem, que informe a V. S.ª dos tramites que isso ainda tem que correr, e as estações por onde deve andar. Se comsigo ha de levar despezas, podem dar a quem quizer essas honras, porque eu não tenho sacco para caberem n'elle honras e gastos. O periodo de que me mandam ser Chronista é o mais escabroso e malgradado de todos. Nem ao menos posso dizer se o ordenado pende do Erario. Depois do asno morto cevada ao rabo. Veja V. S.ª d'onde hão de vir papeis. e documentos para a historia de quatorze annos que El-rei esteve no Rio de molho! Eu farei o que podér, e entretanto morre o burro, ou quem o tange. Isto veiu para dar incommodos a V. S.ª Continua o rol. Ha duas cousas, que eu não posso fiar do rapaz, que desde Pedrouços até subir essa escada não encontrará nem cão, nem gato, que não leve pedrada, e que elle não receba tambem egual cumprimento dos outros. A primeira é o original do poema, e a segunda é o decreto, tambem original, porque nada d'isto pode ir cosido aos farrapos, nem bem atado ao pescoço, como o mudo levava as *Bestas* arreatadas. José *desenho* tem-se feito mais invisivel e inaccessivel que um primeiro ministro assistente ao despacho; portanto ponho no rol outro incommodo a V. S.ª, que é mandar aqui o costumado criado, para conduzir as duas cousas apontadas. Custa-lhe, é verdade, andar a pé, mas vá de vagar, e com sentido, para não perder os papeis. Pode tirar uma copia do decreto, para se mostrar aos curiosos, emquanto o original anda pelos tramites. Nunca o rol da minha roupa foi mais extenso, mas ahi vai mais alguma cousa. Leva o rapaz apedrejante e apedrejado um livro gordissimo, que o Visconde de Canellas me mandou de Hollanda, que a Ca-

nellas viscondessa aqui me fez entregar: eu o offereço ao Ill.^mo^ e R.^mo^ Sr. Esmoler-mór. No livro vem um appendice de Saraivinha, e entre os nomes dos Senhores do braço do clero vem tambem o do mesmo Senhor Esmoler-mór despachado assim por Saraivinha a p. 32 «Dr. Fr. José Doutel, D. Abbade geral, e Capellão maior de Palmella». Deve S. S.ª agradecer-lhe o despacho, porque emfim bom é um pão com um pedaço, mas eu nunca assim vi um pedaço d'asno! O livro vem muito forte de cousas do tempo, não publicadas ainda. Eu espero um exemplar da edição em quarto, que o seu auctor me mandou prometter. São horas de acabar o rol, mas nunca chegará uma em que eu deixe de ser

De V. S.ª

Amigo obrigadissimo

Pedrouços, 30 de Junho de 1830.

J. A. de M.

P. S. Tinha acabado o rol hontem quasi á noute, para o mandar como vai, pelo rapaz, hoje 1 de Julho; José *desenho* apparece com a carta de V. S.ª cujo introito me contristou bastante; mas eu martyrisado com males physicos, não attendo aos destemperos moraes e politicos: o que elles quizerem, até que Pedro de Sousa (o *Pasteiro*) se farte de vingança, por passear tres horas na bateria d'aquella torre!... Tem baralhado o mundo, e feito parir livros gordos, como o que remetto para o Ill.^mo^ Sr. Esmoler-mór, e ainda não está farto Pedro *Pastel*. Foram abolidos na Ilha Terceira os sete sacramentos para sempre, já não ha missa, o matrimonio é puro contracto civil, o divorcio foi solemnemente proclamado; não ha frades, não ha clerigos, não ha freiras, nem as egrejas se abrem. O batalhão sagrado tem feito em achas as imagens; isto tudo é verdade; guerra e lavoura! eis aqui o grito; e sofre-se isto? E dizem que para lá se encaminha o Marquez de Sancto Amaro. Seja o que fôr, e então soará. Faça V. S.ª guerra ao Capucho, para não perder tempo, que sempre aproveitarei, para em tudo mostrar que sou

De V. S.ª

Amigo

J. A. de M.

LX

Ill.^mo Sr.

Hoje 5 do corrente ás quatro da tarde me tiraram para esta cadeira, em quanto se me concertava a cama; e aproveito a occasião para escrever duas palavras antes que perca o fatal uso da escripta. Aqui vieram os jesuitas dizer-me, que lhes deram para morada o palacio do Lavra, mas que não era convento, mas domicilio alugado. Fallaram-me em Fr. Fortunato; eu lhes disse que d'elle nada sabia, que por mais que n'elle fallava por escriptos publicos, e por cartas particulares, nem resposta ás cartas, nem agradecimento aos louvores, nunca tinha recebido; e como n'aquelle instante recebia uma carta de Coimbra, do decano da faculdade theologica, Fr. Domingos de Carvalho, n'ella fazia menção de uma carta que eu lhe escrevera, e que em toda Coimbra se lia, recommendando-lhe um medico bacharel, que ia fazer acto ou exame; a esta mesma carta não quiz dar resposta. Elle não é malhado, mas tomaram os malhados que eu lhe escrevesse. Isto nada é, e nada importa, o que importa é o meu padecimento, em tão horrendas molestias, que todas a um tempo me accommettem, e me vão chegando á cova; e diz o meu amigo Fr. Antonio, que por sobre nome não perca, que me não deixe V. S.ª estar ocioso! Já que tem tanta caridade, não virá ser meu enfermeiro? Nem um só instante estou ocioso, ou com socego, pois passo de uma dor para outra dor, e todas insupportaveis. A gota não pára, a ourina não cessa, as lascas de pedra não deixam de sahir, e de ferir a uretra; as hemorrhoidas inflammadissimas, o fastio é de morte; agua e fructa; outro comer, nem vêl-o, nem cheiral-o: parece-me que tenho com que me occupe; e o meu amigo Fr. Antonio a passar ordens a V. S.ª para me não deixar estar ocioso! Quem será este meu amigo Fr. Antonio? É o Fr. Antonio, que é meu amigo, e me quer arrancar da ociosidade, que é mãe de todos os vicios.—E os meus negocios? Nada de bilhete de novos direitos, nem um passo sobre tal objecto; eu represento a El-rei, e declaro que não tenho dez réis para tabaco, nem um vintem para a barba; e que se a graça não for gratis dada, que faça chronistas os desembargadores do paço, que isso é gente capaz e moços completos. Fique isto assim assentado, e a chronica por fazer, e se é officio de encarte, eu renuncio a propriedade a beneficio da quinta caixa, ou da quarta, ou d'aquella em que querem metter todo o dinheiro que houver, com carimbo, ou

sem carimbo. Sobre o poema, além de pedir a V. S.ª que se appresse, supplico a V. S.ª que risque tudo o que forem versos de Lopes, ou de outro qualquer curioso; porque não sei se na copia do homem — *Papeis* — vae essa mixordia, e se lá houver alguma prova, mande-m'a por esse miquelete, que o miquelete a levará. Se a folha da advertencia não estivesse ainda tirada a limpo, eu faria mais alguma cousa para a encher, ainda que fosse com uma inscripção para a cova que me espera. Esquecia-me dizer a V. S.ª que a ultima carta que tenho de Fr. Fortunato foi aquella em que me mandava aturar o excommungado *Membrarda*, que me poz o cabello no estado respeitavel em que está pela sua côr; para eu não fazer o mesmo a V. S.ª remato jurando que sou

De V. S.ª

O mais obrig.do amigo,
e mais que o do Fr. Antonio

Pedrouços, 5 de Julho de 1830.

J. A. de M.

LXI

Ill.mo Sr.

Ha duas cousas, que parecem tornar incrivel que eu possa escrever uma só lettra: a primeira é o estado doloroso em que existo, pedra e gota, e sem parar, e ambas ao mesmo tempo; a segunda é a incessante inquietação de gente, que vem entulhar esta casa, cousa que ainda não parou, e hontem domingo foi enchente real. Não tive logar hontem de vêr as provas, o que fiz esta madrugada, e vão correctas conforme os reparos de V. S.ª e assim continuará. Só vae sem mudança o *ávida* porque é um adjectivo mui usado em poesia; ha tambem o substantivo *avidez*, que quer dizer — desejo soffrego, e ardente. Entre os visitantes de hontem de tarde veiu tambem José *Tintas*, elle se offereceu para portador; eu queria mandar este cossaco pequeno, que tambem é valente; mas hontem quasi á noute, indo com a bilha buscar agua á fonte do senhor Duque, escorregou, quebrou a bilha e pizou muito uma perna, e não pode caminhar tanto, apesar de dizer que já lhe não doe nada. É uma perseguição por ir a Lisboa que me atormenta, effeito do bom agasalho que lá lhe fazem, e elle merece,

porque é extraordinaria a comprehensão e viveza de um rapaz de dez annos; e o que mais admira são os sentimentos de religião e de humanidade, que elle tem; quiz confessar-se, quiz commungar; reparte com os cegos pobres alguns dez réis que lhe dão; viu dar uma facada em um homem, e de afflicto perdeu a falla por um dia inteiro, e o trouxeram em braços para casa. Se eu tiver alguma paciencia mais, em uma semana aprenderá a lêr!! Vamos a outras cousas. Mandei a V. S.ª o *Ranicio*, porque a leitura de livros me serve de grande embaraço para a composição; emfim, não posso lêr e escrever ao mesmo tempo, confundem-se-me as idéas, fico esterilmente pasmado; não quero livros de qualidade nenhuma. Nós não sabemos senão aquillo de que nos lembramos, e a mim lembra-me muita cousa, e é o que basta. Quando agora acabar esta, vou-me aos *Frades*, antes que venham os secadores, e os pedinchões; hontem quando chegou o seu creado estava escrevendo a pagina dezoito; e vejo que ainda vou no principio. Em acabando este primeiro quaderno, para lá lh'o envio, que poderá logo imprimir-se, para ir ganhando tempo. E ainda terá bocca para fallar o meu amigo Fr. Antonio? Apenas o Fr. Antonio meu amigo ler o que está feito, e chegar a ler o que está por fazer, deita-se a dormir como uma lontra, e sem medo que o inquietem pedreiros; porque a rolha que se lhes prepara ha de atarracar bem nos gorgomillos. Viu V. S.ª João Paulo Cordeiro? Pois viu um dos mais solemnes mentecaptos do seculo decimo nono. A fallar, faria andar á roda a cabeça de Spinosa, que a discorrer era a mais segura que se conhece; é bom para a sociedade, porque tira o trabalho aos outros. Deus guarde a V. S.ª de taes encontros; olhe que morre phtysico, ou zangado, que ainda é peor. Vae tardando o José *Tintas*, e se fosse o Pedro *foguete* já lá estava a estas horas, que são nove da manhã; e eu em todas serei

De V. S.ª

Am.º obrig.mo e certo

Pedrouços, ... de Julho de 1830.

J. A. de M.

LXII

Ill.^{mo} Sr.

Vae o rapaz, que já não ha quem o possa conter: todos os dias quer ir, pois vá hoje 15 do corrente. Primeiro que tudo, peço a V. S.^{a} que não dê um só passo a respeito do bilhete da chancellaria. Ámanhã em Caxias se entregará a El-rei um requerimento, em que direi o que me lembrar. Nada tão injusto como quererem converter em officio encartavel, e encartado um trabalho de que El-rei me encarrega, marcando-lhe a materia, o prescrevendo-lhe os limites; acabando elle não tenho mais que fazer. Se é officio com encarte, então posso pôr um serventuario, porque estou doente. Tal officio não quero, e por isso nem um só real de despeza, e peço a V. S.^{a} que não cuide em tal. Para eu escrever não necessito de decretos, nem de alvarás; não quero felicidades, nem honras vindas pelo Desembargo do paço. Vamos ao que importa. A apologia dos Padres já chega a trinta e oito paginas de quarto grande, e lettra miuda: ainda falta muito. Aqui disseram que o Ill.^{mo} P.^{e} Geral fôra para Alcobaça, e é provavel fosse tambem o P.^{e} M.^{e} Fr. Alvaro, senão pedia a V. S.^{a} viesse cá com o P.^{e} M.^{e} Fr. Alvaro, para uma leitura mais interessante que a da Magna Carta, que de nada serviu. Este apologetico dos frades deve publicar-se logo, porque a cousa decide-se, e grande estampido fará. Podia ir o que está feito, para se ir imprimindo, mas eu não fio tal papel do rapaz, nem de moços grandes, nem pequenos. Se lá estiverem algumas provas do poema, para isso vae o rapaz, eu eu fico sendo

De V. S.^{a}

O mais devedor e obrig.^{do}

Pedrouços, 15 de Julho de 1830.

J. A de M.

P. S. Quando o meu amigo Fr. Antonio vir a *Apologia*, se quizer mais vá a sua casa, porque então já não somos amigos.

LXIII

Ill.^{mo} Sr.

Vão as provas emendadas, e feitos de novo os dois versos que vinham apontados, e que com effeito tornavam o sentido escuro, e amphibologico. Em quanto aos versos, em que parece faltar a harmonia, é preciso advertir que n'estes versos de onze syllabas, que se chamam endecassyllabos, ha sua differença, que nasce da collocação dos accentos, e por isso uns se chamam saphicos, outros alcaicos, e para evitar a monotonia, que nasce dos endecassyllabos com os mesmos accentos sempre uniformes, vou intermeando os de outra versificação, digo, accentuação, ainda que nunca passem de onze syllabas, nem para mais, nem para menos. Eis aqui porque V. S.ª extranha, e eu os recitarei na sua presença, logo lhe sentirá a cadencia, e o ouvido ficará satisfeito. Como elles não têm a capa de velhacos, chamada a rima, ou as consoantes, como as outavas do *Oriente*, é preciso variar, para conservar e fechar bem o periodo. Esta arte da poesia até na sua difficuldade é desgraçada, e depois de vencida apenas se diz: — Isso são versos, e qualquer rapaz faz d'essas cousas.— Vamos agora a prosas. Choram-se os da Impressão regia que não têm nada que fazer, e eu lh'o creio; pois então porque não ha de o capucho e o descapuchado Annes apressar as cousas que não são ataques claros e directos á senhora Pedreirada? O papel — *Os Frades* — parece que deve interessar o mesmo capucho, porque se o atacam por malhado, não o ataquem por frade, e quererá ter uma investida de menos. Eu não sei como as cousas d'aqui transpiram, mas sei que um vem, e vem outro, eu estou escrevendo, e logo o sabem, pois já começou a procissão dos frades arrabidos com badaladas á porta.— Senhor padre José Agostinho, já sahiu o papel dos *Frades?* — E isto ainda elle não estava acabado; veja V. S.ª o que será agora. Desejo pois que se apresse a impressão, e que passe pelas duas fieiras, a do capacho, e a do capucho, e que se não eternize a impressão, digo, a publicação; podiam repartir a cousa por dois ou mais officiaes. Inste pois V. S.ª com aquelles senhores, porque se começarem, escreverei mais uma folha para prefacio, porque o necessita, pois vejo que começa mui *ex-abrupto*. Esta folha pode ir em lettra gripha. Aquelle texto de Petronio, que vae no *Templo*, é de uma lettra soberba e formosa; mas sem estar licenciado não escrevo o tal prefacio. Emfim, isto é carta, e não é livro; mas se não leva prefacio,

levará o — *Finis Laus Deo* — dando eu a V. S.ª não só louvores, mas agradecimentos. Cavacos, me têm dado muitos, mas cavacas, só V. S.ª; por isso, e tambem sem isso sou

De V. S.ª

Am.º e mais obrig.do

Pedrouços, 27 de Julho de 1830.

J. A. de M.

LXIV[1]

Ill.mo Sr.

É verdade que me tenho feito invisivel, mas a minha triste e dolorosa enfermidade a isso me obriga; dias e dias me conservo na cama, sempre com remedios, e nunca com melhoras. N'este sitio tenho mais commodidades e menos perseguições. O Forno é muito conhecido, e este cadoz muito ignorado. Fui com muito trabalho domingo, 20, a Lisboa prégar um sermão; trouxe, é verdade, dez cruzados novos, mas tambem em cima de mim mais de dez vezes o nome de *apostolico*, e mais de vinte me perguntaram *pelo meu dinheiro;* de sorte que me lembrei de trazer os dez cruzados novos na mão, para todos verem o meu dinheiro, e não me pergnntarem por elle. Ámanhã vou a S. Roque prégar da ascensão do Senhor: elle subiu ao Monte Olivete, e esses phariseus constitucionaes me farão subir ao Calvario. para me crucificarem *pelo meu dinheiro.* E é este o systema que felizmente nos rege? E será este sempre, pois lhe não vejo geito de acabar? Aqui estão sempre commigo algum amigos, em cujo costado se divisa o mesmo proeminente volume, que tanto avulta no meu (e eu pedi ao Raphael, admirando elles muito o retrato que o Raphael trazia, que trouxesse hoje alguma obra sua, para elles admirarem ainda mais); cada um d'elles traz diariamente sua mentira, suave alimento da miseravel corcundage: a de hontem não foi das menos importantes; e vem a ser, uma carta do archanjo á senhora Vadre, em que lhe annunciava a sua apparição. Um conego da sé trouxe outra, egualmente gorda, e graúda:

---

[1] Em um outro caderno intitulado *Cartas a diversos individuos* encontrámos mais tres cartas dirigidas a Fr. Joaquim da Cruz. *(Da revisão.)*

uma carta do conde de Penafiel, vista por elle conego da sé, escripta de Paris, em que dizia a suas irmãs: — Aqui chegaram bagagens do archanjo. O principal Corte Real tambem aqui disse: O Commissario britannico aboletado em minha casa, disse: «O exercito se encontra em Lisboa, para se declarar quem é o rei de Portugal».— Um castelhano *servil*, que é despachante de navios, e que tambem aqui vem todos os dias, disse:— O commandante inglez da torre, Miller, recebeu uma carta de um seu irmão de Inglaterra, em que lhe dizia: «Vejo que te hei de abraçar aqui antes que parta para uma commissão ao Mexico, porque o exercito torna aqui, apenas ahi chegar o infante reconhecido rei.»— Estas foram as de hontem, verêmos que taes são as de hoje. Serve isto ao menos de disfarçar a ceia se é pequena, ou se é nenhuma. Em quanto ao canninguismo vae triumphando, e o saldanhismo vae asneando, e o esperancismo vae entysicando o corcundismo; pois já não temos no corpo mais que a triste, mas durissima merendeira.

Vamos ao mais que interessa, ou que talvez seja menos interessante. Estou gravemente enfermo, mas não ocioso. Fiz uma Novena (cousa mui séria) da Senhora Apparecida, que se imprime, e já vae servir. De que serve cá isto? dirão os paes da patria, no meio do derramamento das luzes do seculo, e dos progressos da civilisação? Este diabo os atacou na resposta aos da commissão da censura, agora os suspenderá de todo com a *Novena*. Está o summario feito, já foi ordem a todas as boticas para a execução da setença, e seja o golpe tão prompto, que não dê a enfermidade tempo nem para o primeiro boletim; não esteja de costas, nem de ilharga, vá logo para o cemiterio. Esta sentença terá embargos, porque ao menos o domicilio d'este cidadão será inviolavel á entrada, não digo eu de um frasquinho, ou vidrinho de mammona, mas até a dez réis de malvas e violas.

Os *Burros* vão andando, porque é da minha obrigação tocal-os, e dão taes urros, e taes zurros, que me vejo obrigado a alargar e estender as mangedouras, mais do que tinha determinado; eu os farei viver sempre, já que elles com seus couces tanto nos matam. Quizera continuar com estas divinas materias, mas a carta do P.º M.e Dr. Fr. Fortunato pede outra marcha, e outro estylo. Não me parece a *oração* obra de Santo Agostinho; é verdade que este grande homem quiz por humildade depois da sua conversão mudar de tom em seu modo de escrever, o que se conhece na comparação dos escriptos feitos antes da conversão com os que depois compoz. Antes de convertido compoz os dois livros — *Contra Academicos*, que são um prodigio de eloquencia, e de pura latinidade, isto foi antes dos trinta annos; depois, nos

mesmos livros da *Cidade de Deus*, que são dezoito, começa a abater-se no estylo muito de proposito, pois querendo pôr o nominativo *os* por *osso*, para se não confundir com *os, oris*, que é o rosto, poz *ossum*, que é de baixa e barbara latinidade. Em todas as suas innumeraveis obras, sempre seguiu o que tinha dito em uma carta: «*Displicet mihi quod multum tribui liberalibus disciplinis quae multi sancti multum nesciunt; et multi scient qui sancti non sunt.*» Apesar d'isto, acho demasiadamente humilde e incorrecto o estylo da oração, que me parece como uma prefação e profissão de fé aos sublimes livros—*De Trinitate*—e aos que se lhe seguem—*De Doctrina christiana.*—Quando fôr a Lisboa mais de vagar, que será para a semana, mandarei a casa do Lopes, que tem a grande edição das obras de Santo Agostinho, buscar o volume dos livros da *Trindade*, eu combinarei as cousas, escreverei outra carta ao Prior da Graça, como a do cirurgião, para me mandar as obras de S. Prospero, onde vem tudo quanto o santo escreveu em um completo catalogo. Eu creio que o cartorio de Alcobaça foi mais roubado por Filippe II, que o Thesouro nacional por Manuel Fernandes Thomaz e companhia em 1820! É destino de Portugal ser em todos os tempos, e muito mais nos presentes, roupa de francezes!

Nos intervallos de mortaes dôres, e de incessantes mijadelas, nos espaços que ha entre ração e ração que deito aos *Burros*, como estamos em dias de Maio, e como a penna se eu lhe não pego, salta ella por si do tinteiro para os meus dedos, tenho visto, mudado, addicionado e polido o poema *Newton*, e irá até ao ponto e grandeza de perfeição, e abundancia de cousas e de doutrinas, que espero que elle diga á posteridade, mais que tudo o que tenho feito, que eu soube alguma cousa no mundo; e quando eu o apresentar n'esses buracos, que as philantropias do seculo lhes deixaram para morada em logar do mosteiro, então se verá que elle merece uma edição mais nitida, e mais rica que esta do *Oriente*, e a vista fará fé.

Ora senhor, não fará V. S.ª ao menos com um páo, que aquelle azeiteiro bezuntão chamado o capucho Henrique acabe de uma vez com a impressão da *Oração funebre*, levando o diabo a nota, em que o malvado Capucho embirrou tanto, porque, não a elle, que nada entende, mas aos outros tocou nas mataduras? E hei de eu estar calado contra isto, e contra tudo?...

Oh periodico *O Portuguez*, quando poderei eu lançar-te a unha, e ferrar-te o dente? E quando se tirará aos homens de bem aquelle retorcido corno, que na bocca lhe tem mettido o *Divinal systema!* Ora pois, se elle me cahir da bocca, eu o converterei em penna, e com esta

penna corno eu zurzirei os erros de um cornudo... Sem mais, até á primeira.

Am.º obrig.mo e invariavel

23 do Maio de 1827.

J. A. de M.

LXV

Agradecendo-lhe uns presentes

Ill.mo Sr.

É justo acudir com pernas a quem as não tem para andar; mas se estas duas não são pernas que me sirvam, não se poderá negar que sejam pernas que me ajudem; e se nem pernas lhe quizerem chamar, conhecerão ao menos que são duas grossas moletas da existencia, e para fallarmos como se falla, são duas seguras bases do systema estomacal, que sem estar cheio não se pode dizer que felizmente nos rege. Com duas columnas não vae abaixo o ministerio nervoso. Se ellas me não viessem dar tanta substancia, com qualquer alento que tivesse eu agradeceria a V. S.ª; mas agora que outorga em tão rica dadiva uma constituição tão robusta a este seu creado, assim como já começa a sustentar-me a voz para lhe agradecer, tambem já começa a reforçar-me o pulso para mandar ao diabo *O Portuguez;* e animar-me o peito para pedir a Deus guarde a V. S.ª por muitos annos, e m'os conceda a mim, para em tudo mostrar que sou

De V. S.ª

Am.º m.to affectuoso e obrig.do

Forno, 10 de Junho de 1827.

J. A. de M.

LXVI

Sobre a reimpressão da dedicatoria á Nação portugueza do poema O ORIENTE

Ill.^mo Sr.

Já é solemne importunação fallar eu no estado da minha saude; é verdadeiramente lastimoso e não tem remedio, e tanto que já me custa escrever, e nem esta diversão posso ter em meu padecimento, e até se me foi no meio de tantos pezares este unico desafogo. Não posso ter duvida alguma sobre a reimpressão da *Dedicatoria á Nação*, que morreu a 24 de Agosto de 1820. Até esta época tudo aquillo era verdade, de então para cá é perfeitissima caçoada, mas vá, e se mais quizerem mais lhe darei, para vergonha sua, se é que a tem, porque em logar d'esta vieram os direitos do homem, e a inviolabilidade do domicilio do cidadão. Parecia-me que se imprimisse no mesmo formato, ou tamanho da actual edição do *Oriente*, porque, quem o tiver por encadernar, lh'o poderia ajuntar. Não me admiro da pouca extracção que tem havido de tão trabalhosa composição, e o motivo já m'o tem apontado mais de uma vez os mesmos livreiros, que sabem melhor d'essas especulações; o motivo é o excessivo preço em que a pozeram; porque se a vendessem a oito tostões (não se perdendo) já não haveria um exemplar. Cousas do Lopes, que vae publicar as *Cartas* por junto a 1:920 réis, como se fosse o mesmo para o povo dar isto de uma vez, ou a 60 réis cada semana. Seja pois o que fôr, a pouca duração da minha vida a tudo me torna indifferente. Se V. S.ª se lembra do que ouviu no sermão, eu não me lembro do que disse, porque nem meia hora me deixaram livre em S. Roque para meditar alguma cousa. Tornei-me alvo do povo com o diabo das *Cartas*, tudo se amontôa á roda de mim em apparecendo, e não me largam. Quando subi, nem o thema me soccorria; sahiu assim porque quiz sahir, e devendo fallar no rigor da disciplina antiga, e penas canonicas alliviadas depois, que isto quer dizer — indulgencias — tudo ficou nos miolos, e nada veiu á lingua mais que verbos de encher. Até nas escadas do pulpito me disse um, que me não esquecesse bater nos pedreiros, que isto ha de ser á vontade do povo; eu lhe respondi, que me fosse buscar um páo, e

que se não demorasse. V. S.ª ouviu fallar em—fidelissima—; talvez eu quizesse dizer «fieis patifes», que são os que nos cercam, nos mandam, e nos enterram. Portuguezes pela patria, antes fossemos ...., então poderiamos ser paes da patria, como os treze; então teriamos melhor ventura. Aqui vêm a esta casa cardumes de homens de bem, isto é, corcundas, e como taes tolissimos, de cujas guelas o diametro é incommensuravel, podem engolir elephantes. Cada um diz uma mentira, e vem a ser muitas mentiras, porque elles são muitos. Agora mentem, e dizem que o Infante não quer vir sem vir feito rei; depois hão de dizer que não quer vir senão feito imperador; depois dirão que não quer vir senão feito papa; e temos aqui Fr. Patricio, que já não ha mais que se faça, para depois ficar em nada, como Fr. Patricio. O Lopes diz que ainda pende a negociação, outros que se acabou a negociação, outro que as potencias se ajuntam, outro que as potencias reconhecem; em quanto a mim, na alma dos que isto dizem falta uma das potencias, que é entendimento, sobejando-lhe a terceira, que é a vontade de mentir. Se a molestia me deixar escrever o *post-scriptum*, já digo uma; eil-a aqui: que sou

De V. S.ª

Am.º e muito devéras

Casa, 1 de Dezembro de 1827.

J. A. de M.

NOTA

Aqui acabam as Cartas dirigidas por José Agostinho ao P.e Frei Joaquim da Cruz; Innocencio *escolheu* apenas estas 66, da época mais interessante da historia e de mais attribulação do valente escriptor. Na Collecção de Francisco de Paula Ferreira da Costa ficaram ainda 141 ineditas, que Innocencio não obteve, por que cahiram em poder do corretor Merello, como se vê pelo Catalogo da sua Livraria d'onde serão dispersadas em futuro leilão. O volume da copia por letra de Ferreira da Costa, que pertenceu a Innocencio, tem o seguinte titulo: *Correspondencia particular de* José Agostinho de Macedo—*Cartas* (escolhidas) *dirigidas a Fr. Joaquim da Cruz,* Procurador geral da Ordem de S. Bernardo. Copiadas em Agosto de 1848.

Seguem-se mais cinco cartas dirigidas ao mesmo, que encontrámos em fragmentos de uma copia annotada, que estavam entre os papeis de Innocencio.

(Da revisão.)

LXVII

Ill.^mo^ Sr.

O meu estado é por extremo lastimoso; desde domingo passado que me não levanto da cama; a molestia vae tendo progressos mortaes assim o sinto, e tanto que nem uma letra tenho escripto; nada posso, e me parece que nada mais poderei. Aqui veiu um homem auctor do Papel incluso ter com esse exemplar[1] o seu reconhecimento; eu o envio a V. S.ª porque é bem feito, e leva cousa que escrevi. Aqui me escreve o Lopes, e me manda um exemplar do Sermão do P.^e^ M.^e^ Dr. Fr. Fortunato, da parte de João Henriques para me entregar de mandado de seu auctor; isto me admira! parece que não devia ser este o canal. Eu escrevo sobre uma meza, assim mesmo estou tão tremulo que só posso dizer com firmeza e segurança que sou

De V. S.ª

Am.º e o mais obrigado

J. A. de M.

LXVIII

Ill.^mo^ Sr.

Esta noite dormi unicamente dezenove minutos, o mais passou-se com insoffriveis dores; tinha hontem levado o dia na cama, e hoje assim vae, e assim estou sem alivio. Antes de acabar a *Besta* farei e remetterei a Carta ao P.^e^ M.^e^ Dr. Fr. Fortunato; eu o admiro e respeito por dever ou justiça. Sei toda a historia da Litteratura monastica em Portugal, todas as corporações juntas e fundidas, nem têm deitado, nem deitarão um Dr. Fr. Fortunato; sobre linguas orientaes tiverão os Vicentes um D. Pedro de Figueiró, os Dominicos um Fr. Jeronymo da

---

[1] É a obra intitulada: *A legitimidade da exaltação do Muito alto e Muito Poderoso Rei o Senhor D. Miguel I ao Throno de Portugal demonstrada por principios de Direito natural e das Gentes.* Por Filippe Nery Soares de Avellar. A esta obra fez o P.^e^ Macedo uma pequena Censura, que vem unida á mesma obra.

Azambuja, antigos; entre os modernos alguns houve até certo tempo, agora nenhum ha; mas estes eram paios de linguas e nada mais; Fr. Fortunato possue linguas orientaes, possue as linguas mortas e vivas, e possue toda a Litteratura sagrada e profana, antiga e moderna; e sabendo tanto, tudo sabe bem. A sua maior gloria é perguntar-se já:— porque não foi este homem Bispo, ou Arcebispo, ou Cardeal? Isto vale mais que dizer: porque foi este homem Bispo? Emfim, eu na carta manifestarei os meus sentimentos sobre este illustre litterato, elle é uma viva e ambulante apologia do Monacato, e é uma resposta que tapa a bocca á philosophia do seculo. Não posso mais, estou violento escrevendo assim, porque encruzado, ainda que fallando-se em Cruz logo me animo, porque este appellido me lembra V. S.ª de quem sou

Obrig.^mo servo e amigo

J. A. de M.

XLIX

Ill.^mo Sr.

É verdade que podia ir a 22, porém hontem sabbado, dores e visitas mais do que é costume, e a... Não sei o que queria escrever depois d'aquelle—a—, porque ha uma hora e um quarto, que entrou o maximo Pintor a contar-me como lhe sahiu escuzado um requerimento que deitara na caixa do ministro Leite. Lá batem na porta... felizmente é o aguadeiro, e por um milagre vizivel escapei de Raimundo José Pinheiro; ainda tremo! Emfim são quasi oito horas da manhã, elles não tardam. A *Besta* está quasi albardada, e com cousa muito grave e seria, porque assentei, que o que querem pode ir nas *Bestas*, e bem carregadas irão. O Mudo a levará na primeira recovagem, ou se antes quizer mandar algum creado ao Duque o creado a levará. Estimo que chegasse o Ill.^mo com feliz saude e o P.^e M.^e Fr. Alvaro, a quem affectuosamente me recommendo. Vão os *Mastigoforos*, e vae a Censura, da qual se pode tirar uma copia, porque o Sr. Arcebispo é d'isso muito avaro. Para a mesma recovagem escreverei ao Paula. Ahi me trazem um caldo de sagú; mas ahi entram dois realistas, e ahi está o Cura da Ericeira, que quer Versos ou Loas para a Senhora da Nazareth. Ora vão lá amalgamar os partidos e dizer aos Emigrados para Hespanha, que não gritem pelo seu despacho, porque a fome bem de-

pressa os despachará d'este mundo; emquanto eu n'elle viver, que será pouco, serei de V. S.ª

Am.º certo e obrigadissimo

J. A. de M.

LXX

(Fragmento)

. . . .
sitio eram os Jardins e Fontes e Levadas do Mosteiro de Alcobaça para meditar e concluir a traducção do—*Predium Rusticum*—ha só uma muito má, em muito má prosa Franceza; mas eu não tenho saude e edade tão enfranquecida, que se não tenho 76, tenho 64. Como o Livrinho está aqui em cima da encebada banca com pilulas e beberragens do Medico do sr. Arcebispo (Medico Corcunda, e mais que corcunda)

Rara Avis in terris nigroque similina Cygno

Ave rara na Terra ou Cysne negro

Ahi vae um rasgo da pagina 234 em que o rarissimo jesuita encontra o espirito republicano nos perús. Eu nem pelo Natal lhe encontro o corpo, nem republicano, nem realista, nem lhe encontro o espinhaço, para ver se elles são *corcundas* ou *malhados;* esse exame é para o Marquez de Borba e para os Hypocritas meus vizinhos. Os Jesuitas foram os primeiros que trouxeram os Perús á Europa, e os Francezes o...... veja o mundo a quem devemos mais? Eu na verdade antes quero um Perú, que uma camada. São mais de duas horas é preciso que o Mudo vá com sol; mais desconsolado fico eu, porque querendo dizer mais, só posso dizer n'esta recovagem que sou

De V. S.ª

Am.º e m.^{to} Am.º

J. A. de M.

P. S. Eu me recommendo ao Ill.^{mo} e ao P.^{e} M.^{e} Fr. Alvaro.

LXXI

Ill.^mo^ Sr.

O primeiro que me lembrou foi este F... chamado por alcunha —o Perú de Barcellos.—Não esquece, nem as perde. Eu escrevo ao Ill.^mo^ Sr. P.^e^ Geral, remettendo-lhe uma estampa d'El-Rei, por isso sou breve, e serei extenso para a outra vez. Com que todos os Pregadores portuguezes que têm existido e existem??? Pois todos, todos? Pois tambem um a quem os Jesuitas vêm perguntar como hão de prégar? Seja tudo pelo amor de Deus! E já encommendaram ao tal prégador alguma missão? Venham d'estas emquanto envolto em sua ignorancia sabe bem, e muito ser de V. S.^a^

Am.^o^ e obrig.^do^

J. A. de M.

LXXII

Ill.^mo^ Sr.

Deitado escrevo; quer Deus apurar a minha cançada paciencia; fui acommettido de um tão violento ataque de gota no pé e perna esquerda, que está em monstruosa inflammação, com dores que juntas ás da pedra, que é melhor a morte; assim estou e tomando quatro vezes ao dia misturas salinas a ver se transpiro. Estou em estado lastimoso, por isso não escrevo a beijar a mão ao Ill.^mo^, o que farei logo que me possa assentar. Com effeito, se não conheci, porque não sou dos mais atilados, o Ribeiro pequeno, suspeito-o ao menos; porque quem defende os Jesuitas, não me trazia aqui uma infame caricatura contra elles em uma estampa lithographada agora em Paris, e que elle veiu buscar sabbado vespera do seu embarque. Eu direi tudo. Aqui me vieram com uma violenta tentação contra os Jesuitas e cousa de lettras que lhe faria muito mal. Não quiz, nem quererei; era uma rede do Inferno. Infernaes são as dores que padece

O seu mais affecto Am.^o^

J. A. de M.

A FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA

I

Ácerca de uma obra, que compozera com o titulo de «Alcobaça Illustrada»

Ill.^{mo} P.^{e} M.^{e} Dr.

Entre as crueis dores de uma incuravel enfermidade de ourina de sangue tive a consolação e o lenitivo de ler n'estes dois dias, 14 e 15 do corrente Novembro, o seu admiravel escripto — *Alcobaça Illlustrada* — a obra mais cheia, mais apontada, e de mais luminosa e severa critica que teremos n'esta migalha, ou resto de Portugal, que nos deixaram os bons irmãos e melhores primos; mas ella será conhecida na Europa, e verá que a congregação de S. Bernardo tem o seu Mabillon, como a de S. Mauro teve o outro; só tem uma nodoa n'aquella nota que me diz respeito, mas é facil de apagar, e eu terei esse cuidado. Quando se tratar da impressão, em uma longa carta a tão respeitavel erudito darei uma idéa analytica da obra, e farei conhecer o seu merecimento, para envergonhar de uma vez a caterva dos superficiaes do seculo.

Folguei muito da noticia que nos dá de haver achado n'esse thesouro precioso dos manuscriptos do cartorio alguns tratados de Francisco Petrarcha; eu conheço as obras impressas d'este homem immortal, até nas primeiras edições de Basiléa, e algumas vi impressas antes de 1500, e quizera dever a V. S.ª o singular obsequio de me mandar os titulos d'esses tratados manuscriptos; talvez seja algum inedito, e que possuamos o que muito desejariam ter os modernos italianos. Se n'essa copiosa bibliotheca estiver a *Vida de Petrarcha*, escripta pelo abbade Sade, em 4 volumes de quarto, n'elles encontrará noticia exacta de tudo o que o mesmo Petrarcha escrevera: os nossos bons escriptores o conheciam e liam, e trasladavam muito. Os *Dialogos* de Fr. Heitor Pinto, e os de Amador Arraes, meu patricio em Pe-

trarcha, conservam a sua matriz; e é versão o da — *Vida solitaria* — de Heitor Pinto.

Muito pois desejo saber se ha cousa não impressa de Petrarcha; a este homem, e a Lourenço Valla deve tudo a actual litteratura européa, que conservada nos mosteiros, appareceu primeiro ao mundo pelas mãos d'estes homens, que se aproveitaram dos trabalhos monasticos para se fazerem grandes e nós doctos.

Lembrou-se uma Academia de Italia, estabelecida em Assis, e intitulada — *Properciana* — de me consultar sobre a intelligencia e varias lições de um verso do mesmo *Propercio;* peço a V. S.ª queira ter o trabalho de vêr se na livraria existe alguma edição antiga, ou algum manuscripto entre os muitos do cartorio. O mundo politico nos chamará doudos e mentecaptos, fanaticos e toleirões, por nos empregarmos n'estas puerilidades; e qualquer fanqueiro nos olhará com um riso de compaixão, porque tendo nós (como se imprime e canta pelas ruas) a Divinal Constituição, cuidamos em lettras, e do tempo do absolutismo e da ignorancia. Pois seja assim, e seja a Divinal Constituição um d'aquelles exemplares gregos, que Horacio nos mandava virar d'aqui para alli com mão nocturna e diurna: eu vou ser outro Mendes a Castro, a minha vida será commentar este codigo divinal, que nos tirou do abysmo; faça V. S.ª outro tanto, e eu farei o mais que poder por ser

De V. S.ª

Servo e amigo

16 de Novembro de 1826.

J. A. de M.

II

Sobre o mesmo assumpto

Ill.^mo Sr.

Ainda que me guardo para escrever um juizo e parecer mais amplo, e com mais cuidado sobre o seu eruditissimo livro, que eu desejo se imprima no seu principio como uma especie de prefação extranha, para dar a conhecer sem suspeita de parcialidade o merecimento da obra, como sempre d'ella cuido, e d'ella me lembro, não me posso calar, que não diga de vez em quando em seu louvor a V. S.ª alguma cousa. Este periodo parecerá longo, e espraiado aos professores de

eloquencia da Universidade, que escrevem tão boas cousas, como é um tysico *Ensaio da historia litteraria de Portugal;* mas sem tão largo ambito de palavras, eu não podia dizer o que tão profundamente sinto. Eu só posso julgar das bellezas intrinsecas da sua composição, sem deixar conhecer o improbo e insano trabalho que foi preciso ter para a levar ao fim. E porquê?—me perguntarão: eu só posso responder representando-me a mim no meu gabinete, e na minha bibliotheca. Uma pequena casa com quatro paredes nuas, e tão nuas como são de juizo as cabeças dos nossos salvadores publicistas e legisladores, de ambos os andares alto e baixo; uma meza de gosto antigo, sobre ella um tinteiro de onde tem sahido bom e máo, como da boceta de Pandora; uma penna, de cujo canudo, como da bombarda de Diu se tem arremeçado pelouros, que tem lançado por terra, dando n'elles Sanct-Iago, muralhas, bastiões, revelins, andaimes e pedreiros; uma cadeira, que nos gemidos que ás vezes dá parece que se sente da sua longevidade, e que na funda cova do assento mostra os annos que me tem aturado, Eu aqui só, em um silencio ascetico, e só interrompido pela impetuosa eloquencia de uma velha, que com bocca de favas nunca acaba de pedir munições de bocca para a cosinha, e eu sem outro dote, livro, ou soccorro mais que uma imaginação um pouco viva. Este é o meu estado nu e cru; e como posso eu fazer cabal juizo de um livro de recondita erudição, cujo substracto são escripturas e documentos, memorias e pergaminhos, que eu nunca vi, e tudo está lido, comparado e combinado entre si conforme as mais apuradas regras da diplomacia? Este conhecimento intrinseco só o pode conhecer, e avaliar quem se tenha dado a tão difficultoso estudo. Se as diplomacias de João Pedro Ribeiro tivessem dado os fructos, que eu admiro no livro de V. S.ª, não teria eu feito tanta zombaria dos trabalhos diplomaticos de João Pedro, e do *Fuero de Sobrarbe* com que tanto me moeu a paciencia. Das bellezas externas da nobre composição de V. S.ª posso eu formar o devido conceito, e com muito prazer annuncial-o. A disposição da obra e seu andamento, a sua critica e bom uso da dialectica, a solidez dos argumentos a connexão do estylo, as mortaes tamancadas e fulminantes cordoadas nos lombos de Fr. Viterbo, e finalmente a apologia do grande Fr. Bernardo de Brito, que tanto deve envergonhar Viterbo, Ribeiro (grammaticões!), Fr. Joaquim de Sancto Agostinho e companhia, são cousas de cujo preço e valia posso eu ser juiz competente; e virá tempo em que o mesmo livro seja texto em portuguez. Se eu tivera cabedal para o fazer e compôr, lhe poria não com affouteza, mas com propriedade, este titulo: «*Historia chronologica e*

critica da real Abbadia de Alcobaça da Congregação Cisterciens e de Portugal, para servir de continuação á Alcobaça illustrada *do chronista mór Fr. Manuel dos Sanctos, por Fr. Fortunato de S. Boaventura.»*

A idéa da obra fica para a minha prefação; pois n'ella farei vêr pelos tres diversos artigos—virtudes—trabalhos ruraes—litteratura—as vantagens que, desde o berço da monarchia, nos mais assignalados serviços tem trazido a esta nação portugueza a illustre congregação de S. Bernardo, tão condecorada pelos monarchas portuguezes, e tão benemerita da religião christã.

Isto é lembrança minha e não emenda do titulo lançado por V. S.ª, e já que o devora como bom filho tanto zelo pela gloria da sua esclarecida ordem, e é tão capaz de revolver e conhecer os depositos de litteratura conservados n'esse memorando e notavel mosteiro, tambem quizera que o devorasse egual zelo, e possuisse egual cuidado de uma cousa, de que apenas se conhecerá presentemente metade, chama-se esta cousa a *lingua portugueza.* Walchio escreveu a *Historia da lingua latina;* o sabio Dr. Fr. Fortunato só poderia dignamente escrever a *Historia da lingua portugueza.* Parece-me que n'esse archivo, assim como existem tantos documentos em máo latim, tambem existirão alguns na lingua vernacula, desde os primeiros annos da monarchia; estes poderiam fazer a primeira epoca da lingua até ao anno de 1446, que é o da invenção da imprensa; porque o *Decor puellarum*, os Sermões de Bernardino de Bustos, os livros da *Cidade de Deus*, que existem na livraria, ou casa de livros e de têas de aranha dos indolentissimos frades da Graça, a quem nem já capitulos importam, e o de Lactancio de Monte-Cassino, com a Biblia de Moguncia, tudo alli entre as mesmas têas existe, fôram e são os primeiros que em tal anno entraram na imprensa; e começar d'aqui a segunda epoca, notando a progressiva formação e aperfeiçoamento da mesma lingua, sendo o primeiro notado Fr. Bernardo de Alcobaça, revolvendo os melhores, desde o mesmo Fr. Bernardo até Francisco de Andrade na *Chronica de D. João III*, e poema *Cêrco de Díu.* Começa a terceira epoca em os sermões de Diogo de Paiva de Andrade, nos de Fr. Filippe da Luz, nos de Fr. João de Ceita, para chegar ao seu polimento summo, do qual se não passa. E quem poz estas columnas? Pois não foi Antonio Vieira? Não senhor, não foi; este Hercules é o padre Manuel Bernardes. Eu assim o presenti sempre, desde que comecei a ler, e o que digo agora disse-o aos onze annos de edade. O paciente Lopes, o ex-gazeteiro exornado, collegiu só das *Florestas* mais de duas mil phrases e vocabulos, qne escaparam aos nossos melhores diccionaristas.

Como eu não tenho senão um livro chamado Breviario, que me custou dois cruzados novos, da livraria immensa e optima do mesmo gazeteiro que foi nos interregnos dos constitucionaes trago ás vezes meu livrinho para os intervalos das minhas crueis dores, contento-me agora com as unicas *Florestas*, e cada vez admiro mais o thesouro das palavras latinas, com que enriqueceu como joias proprias a lingua portugueza. Eis aqui uma obra, que só V. S.ª é capaz de fazer, e eu de o ajudar; mas quando???... Agora não ha, nem pode haver, nem deve haver outra sciencia mais que a exegetica constitucional. Oh minha querida Constituição! Eu te desfiarei! Já lhe disse que eu seria para ella um Mendes a *Castro*, agora serei, porque da minha terra sahiu outro expositor, que é—Pegas á *Ordenação*.—Elle era de Beja, eu sou tambem de Beja: elle era Pegas, e eu pegarei melhor; ja me chamaram de Londres—cão de fila—, pois filarei agora de beiço e de orelha. Benjamin Constant, o amigo dos homens, o pae da humanidade, o arrumador da platéa social, o Bruto dos Toranos, o alma das camaras, e o bispote d'ellas, o carrasco do despotismo, e mais do absolutismo, e por accesso ao maior posto, o capitão dos ladrões, sahiu-se agora com uma obra, que aqui me mandaram á censura—*Politica constitucional:*—esta será o meu Veni-mecum, ou o meu badameco Não haverá um olho só n'um corpo portuguez, por onde eu não metta a Constituição com quanta força eu poder, até encaixar no mesmo intestino recto, e no colon o que tantos tem no coração, e nos cascos. Eu não acho estudo mais digno do homem de bem. Os *benemeritos* da patria foram treze, serão agora quatorze, e farei que esta maligna acabe ao quatorzeno: se treze a fizeram, o quatorze commentará. O meu busto estará entre os bustos de Jeremias Bentham, e de Benjamin Constant com um letreiro que diga:—Este do meio matou os dous das ilhargas.—

Para carta missiva ja passa de aranzel; ahi vae o papel de Italia; sobre elle peço a V. S.ª faça alguma indagação nos codices manuscriptos d'essa bibliotheca, atraz de cujos livros pode o mosteiro esconder algum dinheiro, que lhes sobrar das decimas, quintas caixas, e alcavalas, porque de certo os costitucionaes não vão lá; mas onde não chegará o faro de taes cães podengos e perdigueiros? E pois os cães se não levam mais do que a páo, tanto não deixará de lhes malhar, como não deixará de ser

De V. S.ª
Am.º e obrigado
J. A. de M.

III

Ácerca da «Apologia dos Jesuitas»

Ill.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Este seu amigo, e o mais justo apreciador e admirador, sem esperar informações, nem ter RR nos exames, está em miseravel situação com tres cousas que tem: primeira, na bocca um corno; — nos dedos algemas, segunda; — e terceira os pés na cova: assim mesmo sou muito zeloso e apaixonado do nome e litteraria gloria de V. S.ª, porque é um homem verdadeiramente benemerito, não do Porto, mas das lettras. Onde foi esconder esta oração gratulatoria natalicia? Eu não lhe encommendei o sermão, mas quero-lh'o pagar; como? se ella não tem preço!... Pois tambem o não terá a paga, que vem a ser a sua versão portugueza, para chegar a todos o que muitos, nem lá n'esse salão sem ser augusto, mereciam ouvir. Veja V. S.ª que se diz isto a todos em Coimbra, um diluvio de pragas cáe sobre o louvador; mas venham, porque ellas não são o phosphoro fulminante com que em Galiza intentaram matar, ou mataram o general Eguia. Vamos a outro negocio, não de menor importancia. Tenho lido a *Apologia dos Jesuitas*, e como era cousa sua não podia deixar de ser por mim approvada: se o não foi, ou se o não é pelo Desembargo, isso não é de estranhar; mas tenho ouvido murmurar da *Apologia dos Jesuitas;* eu defendo, mas sou como Alfranius Burrhus — *Et mœrens Burrhus, ac laudam* — e porque me entristeço no coração, se o louvor assoma nos beiços? Louvo com os beiços, para fazer calar a incontentavel malevolencia, entresteço-me no coração, porque os Jesuitas não deviam ser assim defendidos. Eu conheço talvez melhor que ninguem os Jesuitas, e eu perdoaria a todos por amor de dous: um italiano, outro francez. O italiano, que ha pouco morreu em Bassano, cidade do estado de Veneza, chamado João Baptista Roberti, escreveu em sua lingua vulgar doze volumes em outavo, e com taes cousas, e de tal sorte que o seu extinguidor Ganganelli lhe destinou uma pensão extraordinaria, (não do thesouro da Egreja, que são indulgencias, mas do thesouro pontificio, que então tinha dobrões portuguezes, monetario de que poucos antiquarios curiosos, especialmente portuguezes, se podem agora gabar) e o cardeal Passionci, que foi o compositor da bulla da extincção, e

que antes se contentara com a pasmosa oração funebre do Principe Eugenio, foi o declarado amigo do P.ᵉ Roberti. Entre os doze volumes, ha um *Tractado da Probidade natural*, que excede tudo quanto em philosophia moral e eloquencia se tem feito. *Vade in pace*, está absolvido este jesuita, e metade dos Jesuitas por amor d'elle. Vamos ao outro, por amor do qual se perdoará á outra metade. É francez, não é nem Petau, nem Sirmond, nem Sallien, nem Rapin, nem a mais roupetada, é Jacob Vanière; e o *Praedium rusticum* tem dezeseis livros; não digo que é este, ou que é aquelle, digo que qualquer folha d'este ou d'aquelle, merece que a outra metade dos Jesuitas leve o outro *vade in pace*, ou venham em paz. Aqui, e só com este *venham* se ha de aserenar e alegrar o severo semblante de V. S.ª, e depois de V. S.ª, de muitos poucos mais; eu fico assim... como a minha costumada cara alvar. Estão absolvidos; chamar-me-hão *passa culpas*; é verdade que não tenho a moral rigida de Concina, ou de Rilhafoles; sou um triste clerigo, natural de Beja, e prégador de aluguer, mijão, potroso, rabujento, moribundo, mas amigo de Fr. Fortunato, porque é muito homem de bem, e mui letrado. Fica V. S.ª aqui com a bocca doce? Fica; e sabe para que lh'a faço? Eu lh'o digo; para lhe declarar o meu parecer sobre a *Apologia dos Jesuitas*. Meu P.ᵉ M.ᵉ D.ᵒʳ, não os devia defender assim; devia-os defender em grande, e não em detalhe. Olhe que isto não é impertinencia, porque em detalhe lhe posso retorquir, e mostrar que outra qualquer das corporações regulares os eguala e vence; eu escolho os Capuchos na parte litteraria. Capuchos!... Oh homem!... Capuchos? Sim senhor, Capuchos; e se ha cousa menos que Capuchos, são os Minimos, e antes que me metta Capucho, ouça-me V. S.ª minimo. O P.ᵉ Marino Merseno inventou a cycloide; em inventora philosophia na exposição do Genesis excede os Jesuitas, e em transcedente geometria, mestre e amigo de Descartes. Como está em Coimbra, onde eu estive ha quarenta e sete annos, vá ao Collegio da Graça, entre na livraria, e no tôpo da parte direita, ao lado de Expositores, está o Padre Marino Merseno, e logo á entrada, da parte direita, ao pé de S'Gravesend, está Renato Descartes; combine devagar o discipulo com o mestre, e verá um Minimo menor que Capuchos, e maior que os maximos Jesuitas. E o outro Minimo, maior que os Jesuitas, já que falla em Pedro da Fonseca, ou Christovam Gil, natural de Torres Vedras, é o padre Francisco Jacquier no seu Curso de Philosophia; ningem entendeu melhor Newton. Vou-me aos Capuchos, que o Guardião é amigo e tambem é Pateiro, que é consoante de Celeireiro, não chegará a tanto. Logo me mostram á entrada, pintado n'uma

parede Fr. Marcos de Lisboa, que vale mais que Balthasar Telles, e Antonio de Vasconcellos; deixemos que as historias d'aquelle se comparem com as historias d'estes, e vamos á Italia.

O capucho com barbas Cardeal Quirini, em lettras, eloquencia e politica faz frente á grande maioria dos Jesuitas, com o seu unico Cardeal Belarmino á testa da columna. O capucho Fortunato de Brixia em seu Curso philosophico foi o primero que no meio dia da Europa tratou a Philosophia como methodicamente se deve tratar, e isto quando os Jesuitas andavam ás marradas com Aristoteles, e seus Arabes, e scholasticos commentadores. O capucho Serafino de Vicença, o capucho Jaco de Napoles, o capucho Gabrielis antigos, não fazem lembrar muito o jesuita Paulo Segneri; e se querem um capucho, que encove em politica de gabinete, e em direcção de monarchas, não busquem o jesuita La Chaise ou Le Tellier, busquem o capucho Père Joseph, mestre assoprador e director do politico Richelieu. Bastam Capuchos unicamente para fazer grandes encontros aos Jesuitas; Capuchos, gente de corda e de barba; e se fizessemos uma resenha, e dessemos um varejo por todas as outras ordens monasticas, mendicantes e mixtas (d'estas mixtas o barnabita Gerdil, e o servita Sarpi, inventor da Optica, que depois Newton chamou sua, e do prisma que foi só do Sarpi, e da circulação do sangue, que não foi do inglez Harvey, nem do alveitar Francisco de la Reyna, como quer o galego de Orense chamado Feijoo, mas do mesmo servita Sarpi) fariam desapparecer os Jesuitas, ainda que ahi em Coimbra apparecesse a V. S.ª em sonhos o jesuita Cristovam Clavio com a sua geometria embrulhada; e de Catalunha viesse o Padre Dechalles. Em detalhe nunca se poderá dar a preferencia aos Jesuitas, nem buscar por aqui a sua defensa; se os considera velhacos, isto é, profundos politicos, porque são jesuitas, saltavam logo em V. S.ª dous franciscanos, de que Deus o livre, Fr. Francisco Cisneros, e Fr. Felix Peretti, cada um com seu globo de Mappa mundi, e diziam-lhe; «Oh meu Dr. Fr. Fortunato, vê aqui este mundo? Pois governei-o eu.» Nas outras cousas em detalhe os outros frades encovam os Jesuitas. Distinguiram-se, é verdade, nas missões remotas, ultramarinas, na Asia opulentissima e na America fertil, e rica; para a Africa se encostaram elles pouco, ou nada; não se quizeram entender nem com o arabe da Mauritania, nem com os sons quasi inarticulados dos pretos jalofos, e bravios, desde o cabo de Não, e de volta pelo das Tormentas até ao rio dos Bons-signaes; sim, pelas missões do Ultramar grandes são os Jesuitas, e não se pagam cá os sermões como elles por lá se pagaram dos que faziam; mas ja os outros fra-

des os tinham precedido e vencido; e V. S.ª não poderá negar que el-rei D. Manuel é primeiro que D. João 3.º; este 3.º foi o que metteu cá os Jesuitas, que como ingnorantes que então eram, começaram por ensinar o Padre nosso aos lava-chocos da ribeira. Não falta quem diga e menos falta quem prove, que o sancto Xavier não era jesuita, quando Paulo III para cá os mandou, era um pio sacerdote secular, e pouco instruido, porque João de Lucena não lhe compoz a *Vida*, compoz um romance; ora basta d'isto. El-rei D. Manuel antes dos Jesuitas, mandou fazer umas instrucções para os missionarios *apostolicos* ultramarinos; existem manuscriptas, e seu auctor é Fr. Sebastião Toscano, frade da Graça; se V. S.ª vier a Lisboa, vá de passeio até ao convento, e em um casarão, que fórma a ante-livraria, estão uns caixões velhos cheios de papeis velhos, escriptos á mão; ahi jazem as instrucções feitas pelo frade, e não pelos Jesuitas que ainda não existiam, ou nunca as fizeram, porque n'isto e em muito mais havia monita secreta, e verá que o frade fallou tão bem portuguez como Fr. Thomé de Jesus, porque o o frade foi escolhido para prégar na entrada dos ossos de Affonso de Albuquerque, e alli se depositaram quando os trouxeram de Gôa; existe o sermão impresso, mas um só exemplar, e na mão de um homem que faz planos, e fecha dinheiro na Junta dos Juros.

> Que trará digno de tamanho hiato
> Este promettedor? Com dôr estranha,
> Stava posta a parir uma montanha:
> Tremem as gentes, e apparece um rato.

São precisas muitas cousas para que a humana sociedade exista bem e prospere; fallo das cousas mandadas e ensinadas pela religião; juntarei depois algumas mandadas pela politica: Educação religiosa e civil da mocidade em toda a latitude de seus deveres. Propagação e dilatação do evangelho (para maior gloria de Deus) nos paizes catholicos, nos heterodoxos, e entre as nações barbaras e incultas; civilisação d'estes mesmos povos nas conquistas e descobrimentos; conservação das boas doctrinas, ensinadas nas escholas publicas, e nas universidades; extirpação das heresias, combatendo e impugnando os seus sectarios; soccorrer a humanidade em todas as situações da vida e da morte; illustrar e dirigir os soberanos, ou como mestres, ensinando-os, ou como ministros da penitencia, governando-lhes as consciencias, e como politicos religiosos, intervindo nos negocios publicos com lisa dextridade, e fazer praticamente um enlace vigoroso de todas as sciencias, e de todas as virtudes moraes, civis e religiosas. Unicamente o corpo

dos Ignacianos se dedicou a tudo isto. Desde a sua introducção até á sua extincção em Portugal se deram a tudo isto, e tudo isto é das suas constituições manifestas. Se ha monita *(arcana verba, quae non licet homini loqui)* até S. Paulo teve suas reservas, e não ha tratado politico, que não tenha artigos secretos; nas familias ha segredos de familia (só eu hei de ser a porta aberta a toda a bicharia viva, que me queira embutir as crueldades de malhados, e as parvoices de corcundas!) Deixe V. S.ª fallar Sebastião José de Carvalho, José de Seabra, José Pereira Ramos, Francisco de Lemos, Francisco Vieira (letrado), José Joaquim Vieira Godinho, e todos os mais falladores e architectores da *Deducção chronologica,* e do seu apaixonado, verbosissimo, falladorissimo, e confusissimo Manuel do Cenaculo, (e era meu amigo, mas eu sou mais amigo de quem sabe pouco e bem, do que muito e mal) mentiram muito, e atassalharam tudo. Não foram as visões do Malagrida, nem os *Exercicios de Santo Ignacio* dados á Marqueza de Tavora pelos Padres João de Mattos e João Alexandre, quem os extinguiu em Portugal, nem antigamente os conselhos do Padre Leão Henriques dados a el-rei D. Sebastião; foi a exclusão de Sebastião José do gabinete, ou ministerio, entrando depois para se vingar. São questões n'este tempo frivolas, e que não tem remedio; e eis aqui porque eu nunca entendi com a *Deducção chronologica.* Os Jesuitas dedicaram-se a tudo quanto podia contribuir para a prosperidade do estado, para a gloria da religião, e para os progressos das lettras, abrangendo todas, todas. Eu sou alguma cousa grammaticão, e elles eram grandes e melhores grammaticões. Se tiraram do Pateo Diogo de Teive, D. João III não era amigo de Diogo Teive. Ora esta simultaneidade de cousas só se viu no corpo jesuitico, e em nenhum outro. Não podiam ser em tudo optimos, mas foram alguma cousa em tudo; porém considerados singularmente foram excedidos pelos outros. A primeira das sciencias é a theologia, e ainda que me inculque Petau, o tratado *De Trinitate* não o livra dos laivos do socinianismo, e arianismo, e não é um theologo que possa sustentar o parallelo com o dominicano Goti, ou com o augustiniano Berti, ou ainda mesmo com outro Gusmão, Melchior Cano. O tratado *De Locis* não tem entre os Jesuitas outro irmão gemeo. O Soares Granatense tem pezo, mas não tem feitio, e por ser arabe, como os malhados de agora, está desligado do corpo. Natal Alexandre e Jacinto Serry não eram jesuitas, nem lá os tiveram assim.—Theologia! (dirá V.ª S.ª) de onde veiu a Pedro fallar gallego? Pois quem apenas pode fazer uma decima em outeiro de abbadessado, mette-se a fallar de theologia? É muito querer saber tudo! Pois pacien-

cia, talvez eu seja jesuita disfarçado. O unico Padre Pedro Lemoine quiz fazer um poema épico em sua lingua vulgar, pois foi dar com os bodes na areia, que n'isso foram elles miseraveis, e apenas o jesuita Antonio Millieu no *Moysés Viator* (como épico) fez cousa toleravel, mas em latim.

E onde fica o modo de defender os Jesuitas? Eu vou já, que eu não quero cantar fóra do côro. Os factos fallam, as suas chronicas existem, e a chronica geral não é a *Monarchia dos Solipsos*, que os põe a pão e laranja. Em cada um dos artigos em que eu faço consistir tanto a prosperidade dos estados, como a gloria e manutenção da religião, achará mil factos que comprovem a asserção geral, e a conclusão logica será, que nenhum dos corpos regulares servira tanto a humana sociedade no estado religioso, e no estado politico; porque nenhum por seu instituto abrangera tanta cousa, trabalhando em todas com conhecido e ainda hoje desejado fructo. Mas dirão: *De bono opere non lapida muste.*—Então porque são as pedradas? São porque até os do Collegio de Cochim na India vendiam por bons pardáos as perolas que colhiam em um grande lago salgado, que tinham em uma fazenda sua! Commerciantes! E os frades Bentos em Lisboa não vendem couves e alfaces da cêrca por uma janelinha com grades, que deita para a rua? Em acabando a *Meza do Melhoramento* vae Fr. Matheus para esse ramo de finanças.

Estão admittidos os Jesuitas, eu já vi dois, um de hombro com outro, pareceram-me homens como os mais, algum medo me incutiram em razão dos chapéos uniformes e desconformes; mas dizia eu commigo: os chapêos são da forma de convez de náo de alto bordo; as batinas são umas sotainas lizas como balandraus, o gesto é estudadamente composto, os passos medidos como os de recrutas na fila com sargento impertinente; mas nem estes noveis Jesuitas, nem os passados, que não ensinaram estes, têm a condição de Jeremias, a quem Deus deu a patente ou alvará de prégador regio, nem os fez prophetas dos gentios antes que sahissem do ovario materno, e pegados a uma placenta especial; o chapéo não é lição, nem o balandrau é discurso.—Quem ha de ensinar estes, para depois de ensinados ensinarem aos futuros rapazes grammatica latina no curto espaço de sete annos? Dos grammaticões Jesuitas eu exceptuo sempre o P.^e^ Vanieri, e Rapin no poema *De cultura Hortorum;* mas inculcando os Jesuitas pelo maximo latinista o Padre Famiano Strada na sua *Historia de Bello belgico*, Gaspar Scioppio escreveu um livro intitulado—*Infamia Famiani*, em que lhe descobre mais erros, que em um thema de rapaz de es-

chola. Quem pois ha de ensinar esta meia duzia que ahi appareceu, para nos ensinarem a nós? Os seis, cuido eu que são—de toda a tribu e de toda a lingua—nós nos devemos matar para os ensinar primeiro a elles, para elles depois nos ensinarem a nós, vindo n'isto a custar mais cara a mecha que o cebo. Para os justos e honestos fins para que são chamados e admittidos os Jesuitas, tinhamos nós outros, que não espantavam tanto, e aproveitavam mais, que vem a ser o chamamento dos *Padres das Escholas Pias*. Este instituto, não mui antigo, é maravilhoso, e grandes fructos tem d'elle colhido a Italia, e colhem todos os reinos da christandade, em que se tem estabelecido; mas não bastam que se estabeleçam, é preciso que se sustentem; mas aonde? Os que estão têm a barriga vasia, os que de novo vierem morrerão com fome, A grande e multiplicadissima familia do patriarcha Adonirão não quer a alienação dos bens nacionaes, que são exclusivamente seus. Todos os frades são a respeito dos Adonhiramitas como aquelles cães de que falla a Cananéa no evangelho—*qui comedunt de micis quae cadunt de mensis dominorum suorum*,—e pouco falta já para lhe levantarem a cesta d'essas mesmas migalhas; e se Christo, senhor nosso, perguntasse agora aos frades se tinham alguma cousa que comer? Custaria a achar pelas ordens um S. Philippe, que podesse dizer, sem parecer basofia:—Temos àqui cinco pães de cevada e dois peixes, que não passariam de sardinhas, em quanto os filhos de Adonirão se banqueteam esplendidamente, e os filhos de Bento e de Bernardo já não têm para a socéga, em logar da emina de vinho, mais que a desconsoladora certeza de os chamarem á meia noite para entoarem os divinos louvores em nunca terminada psalmodia. Ora se estes que rotearam os mattos com suas enchadas, e regaram com o proprio suor os ferregiaes, e que levaram ás costas a viga do seu lagar e o pizão da sua azéitona, e fizeram para se divertir com prazer a empa das suas vinhas, e se os seus antigos abbades encostando o bago, empunharam o severo podão para reprimir a videira luxuriante, ou o previdente sacho, para quebrarem o torrão, e conchegar a terra á pavêa de milho attenuada, sendo as cousas suas e feitas por elles, não têm que comer, porque os filhos de Adonirão não só embargam bestas, mas embargam e levantam as rações aos donos, e aos operarios. Parece, meu P.e M.e Dr., que o propheta devassador do futuro tinha em vista os presentes tempos, quando disse—*Hominis, et jumenta salvaves Domine*—vós, senhor, salvareis os homens, e as bestas, porque só Deus, e não as creaturas, salvará agora as bestas, e mais os homens que d'ellas vivem, condemnados a viver com ellas. Pois se não ha de comer para os que

estão, como haverá de comer para os que vêm? Elles não comem do que trazem. A Cartilha do Mestre Ignacio, e a Prosodia de Bento Pereira não fazem sôpas; sôpas fazem-se com pão, e o pão come-o Adonirão. Se foi um erro acabal-os, não é uma discripção reproduzil-os. Ora pois, eu não sou inimigo dos Jesuitas, porque do coração não posso ser inimigo de ninguem, a não me fallarem em Systema representativo, porque então esbarrunto, e me converto em um diabo vivo, sendo eu um bonacheirão meio morto; só conservo um indomavel odio no coração ao Marquez de Pombal, porque extinguiu os Jesuitas, e abriu a porta á filharada de Adonirão. É melhor um rei sachristão com Diogo de Mendonça Côrte Real, que um rei philosopho com Sebastião José de Carvalho. Restabelecer os Jesuitas, é impraticavel; remediar os nossos males, impossivel. Deixe os Jesuitas, olhe que zomba o mundo dos seus esforços; a frieza e indifferença que eu vejo destroe todos os argumentos e tira a força á mesma verdade.

Deixe V. S.ª tambem os Jansenistas, favorecendo tanto os Molinistas; olhe que se lhe seccam os miolos; não ha quem entenda estes demonios ergotistas. Eu não entendo Luiz de Molina, eu não entendo o Bispo de Ypres, nem o teimoso Quesnel; as cinco proposições condemnadas no livro intitulado—*Augustinus*—condemnadas estão; lá se avenha o inferno com ellas; se pariram Pavia, se pariram Pistoia, Tamburini que lhe toque o tambor, e os padres d'aquelle concilio que quebrem lá as emperradas cabeças; ninguem cuida em tal, não falta quem lhes atribua os principios da crença Adonhiramita, mas quem o cuida delira. Eu não os entendo, nem os creio, nem os defendo. Os Molinistas amotinam-se, ouvindo fallar em Porto-Real; eu nunca tratei estas questões já tão debatidas, da *graça efficaz* e da *sufficiente;* peçamos a Deus, que nos dê a sua graça, que é o orvalho do céo, já que a gordura da terra parece que se não creou senão para engordar os pedreiros. Olhei sempre para o que fizeram os solitarios de Porto-Real, e o que fizeram os testarudos Molinistas do Collegio de la Flèche. Dou mais pela Biblia de Sacy, que pela Biblia de Cornelio à Lapide. Acho mais galanteria na *Arte de pensar*, ou na *Logica* de Porto-Real, que na *Logica* do Padre Aranha; mais razão e religião nos *Ensaios de Moral* de Nicole, que na *Moral* do P.ᵉ Diana, *qui tollit peccata mundi;* mais nos *Tractados* de Antonio Arnauld, que nas lucubrações de Busembaum. Então que ha de fazer com seu saber immenso o P.ᵉ M.ᵉ Dr. Fr. Fortunato? Defender os Jesuitas? Ninguem os offende, e pouca gente sabe em Lisboa, que elles aqui existem, ou que vieram para nos ensinar, e menos para extirpar os pedreiros; isso não se faz com fra-

des, faz-se com forcas. Que hade fazer pois o P.e M.e Dr. Fortunato? Eu lh'o digo. Desembrulhar o cahos da vinda do Conde D. Henrique a este reino, seu casamento, e com que dote, e partir d'este ponto como primario principio do que se deve chamar—*Historia de Portugal*, que eu quizera dividir por epocas:—1.ª Desde o governo do Conde até á deposição de D. Sancho II;—2.ª desde o reinado de D. Affonso III, até á morte de D. Fernando;—3.ª desde a morte de D. Fernando até á morte de D. João II;—4.ª desde o chamamento d'el-rei D. Manuel até o reinado do Cardeal rei;—5.ª desde a entrada de Filippe II até a acclamação de D. João IV—(O reinado dos tres Filippes no periodo de sessenta annos é mui pouco sabido entre nós);—6.ª desde a elevação da dynastia de Bragança, até á exaltação ao throno do Senhor Rei D. Miguel I. Olhe que isto não é fundar castellos na Hespanha, é começar a escrever antes que me fuja o ultimo alento da vida. Nós temos em portuguez o que ha em latim, *Historia Augustae Scriptores*, são os diarios dos reis, mas não é a historia da nação; deve-se fallar dos reis, mas não d'elles unicamente. Os reis governam, e a nação obra. Francisco de Andrade escreveu a volumosissima *Chronica de D. João III*;—Damião de Goes a de *D. Manuel;* pois nem uma unica reflexão sobre o engrandecimento da nação, buscado pelos seus proprios esforços nas sciencias e nas artes; é uma vergonha, nunca se falla em marinha como construcção naval; nunca no astrolabio, nunca n'um outante; nunca na barquinha; nunca no nocturlabio, tudo invenções portuguezas! É verdade que diz Barros no titulo das *Decadas*—Dos feitos que os portuguezes fizeram—feitos d'armas, disparar bombardas contra os indios vestidos de algodão; mas nem palavra sobre o descobrimento da India como acontecimento politico, e influente na parte não dominadora, mas conquistadora do globo, que é, e será sempre a Europa?... Dirá V. S.ª que uma cousa é dizer como deve ser composta a Historia portugueza, outra cousa é compôr esta mesma cousa chamada—Historia Portugueza. Seria cousa difficultosissima se todos os materiaes não estivessem promptos; é uma pisarra tosca, mas cirandada e divertida, deitará a fina prata de onze dinheiros. Pôde um homem só, como Mr. de Thou compôr tão grandes e volumosos livros das historias do seu tempo; pôde um homem só como Mr. Mezeray compôr a historia geral da França desde Pharamundo até ao seu tempo, e não poderão dous homens costumados a trabalhar, e um d'elles que escreve mais depressa do que algum tempo se escrevia á raza, emprehender esta historia, e com o pulso de Raynal, tendo como disse, os materiaes para a obra, ainda que não se encontrassem senão em o

uuico Damião Antonio de Lemos! Temos os materiaes promptos, e o estylo para se adoptar e imitar, que é o do veneziano Saggredi na Historia dos Turcos, ou do Imperio Othomano, que emquanto a mim atinou com o verdadeiro estylo historico entre os antigos e modernos, entrando esses dois de que se enchem as selectas dos rapazes do Páteo, Velleio Paterculo e Sallustio, e entre os das lettras renascidas na Italia, Guicchiardini, e Carlos Dati ou Villani. Basta de erudições, e de estylo historico. Mas esse velho Entello, e esse moço Daretes não são como os phariseos do evangelho, que diziam e não faziam; estes dous podem fazer aquillo que sabem dizer.

Meu P.e M.e Dr. confesso, e V. S.a concordará que o projecto é gigantesco e difficultoso, e que se pode dizer aos dois Phaetontes:—*Magna petis*—se é presumivel o precipicio, porque a historia sem verdade é um corpo sem alma; se dos passados se não pode dizer, porque offende os presentes; se dos presentes se não pode dizer porque a não querem escutar, ou a politica que pode tudo, não o permitte descubrir; para que se ha de compaginar um corpo de historia, e dizer-se ao povo:—Aqui tendes um quadro de optimo colorido, mas infiel, porque não representa com fidelidade os seus originaes?—É o mesmo que dizer aos frades:—Aqui tendes um refeitorio de boa architectura; o *Quadro da Cea* é de Leonardo de Vinci, as mesas são de mogano, e as toalhas de Flandres, mas nunca aqui achareis nem uma mixa que possaes comer;—de que serviria aos frades este refeitorio? Talvez dissessem de nossa historia o que Juvenal diz das historias gregas, sem expungir a do mesmo Thucydides—*Quid quid Grecia mendax audet in historiae.*—Além d'este inconveniente que faz desvanecer o projecto dos nossos trabalhos, não haveria cousa notavel em nenhuma das nossas seis epocas, que não ficasse excusada ou supprimida: A conspiração do Duque de Vizeu, morto em Setubal pela mão d'el-rei D. João II.—A conspiração do Dúque de Bragança, D. Fernando II degolado na praça de Evora por mandado do mesmo rei.—A conspiração e fugida do Duque D. Raimundo de Alencastre.—A conspiração do Duque de Caminha, sua morte, e a de seus socios no meio do Rocio.—A conspiração do Duque de Aveiro, e companhia, rodados na praça de Belem; veja V. S.a só n'esta classe ducal que cousas tão melindrosas para receberem a luz da verdade n'uma pagina da historia! Nem o mesmo Tacito se atreveu a ser imparcial e sincero na conjuração de Pizão. Esta unica reflexão tem força bastante para nos afastar d'esta temeraria empresa. Além d'isto, nós estamos ameaçados de uma continuação da historia de Laclede até aos nossos dias, obra em que

são collaboradores os nossos mais sabios transfugas, residentes em Paris. O prospecto já ahi anda e não mui escondido, e para que V. S.ª conheça o que nos espera em historia, e o perigo a que nos exporiamos eu lhe faço o obsequio (e bem grande) de trasladar o paragrapho 2.º da pagina 4.ª do mesmo prospecto; falla da volta do senhor rei D. João VI, para a Europa: «Só em 1821, depois da revolução que restabeleceu em seus estados da Europa as côrtes, cuja reunião cessara em 1697, entrou D. João VI em sua metropole. Aqui começa nova éra para a monarchia portugueza, e os factos que se seguiram, e mudaram a face d'este imperio são importantissimos, porque atrelando-se ao movimento geral que agita ambos os continentes, tomam a direcção a que parece os leva o impulso da sua mesma massa para onde o espirito de independencia se combina com o exercicio do poder. A Constituição hespanhola acceita e jurada por D. João VI; a insurreição de 1823 que proclamou o poder absoluto em Lisboa; os abalos politicos, que precederam e acompanharam a publicação da Carta de D. Pedro IV; os attentados praticados contra a magestade real no desprezo dos decretos do legitimo herdeiro do throno; Traz-os-Montes invadido pelos conspiradores e rebeldes; a Beira em armas, e as outras provincias agitadas, e tomadas de justo temor de uma guerra civil; a Inglaterra occupando o territorio de seu alliado, para o preservar de uma invasão inimiga; a regencia e ambas as camaras luctando com muito trabalho, ainda que com muita vontade e sublime valor contra os insurgentes; a Hespanha fazendo tantos e tão grandes preparativos, que presagiavam um rompimento, ou proximas hostilidades; a Europa com os olhos fitos sobre taes acontecimentos, e prompta, e disposta a prevenil-os, ou a tomar parte n'elles; e D. Miguel tenente general de seu augusto irmão, tomando as redeas do governo, jurando solemnemente e em presença da nação congregada observar o pacto social outorgado por seu rei... Tal é o quadro immenso, que se offerece n'este periodo dos Annaes de Portugal ao buril da historia, á observação do philosopho, e ás meditações do homem de estado.»

Este prospecto impresso em Paris gira por todas as mais notaveis cidades, e por todas as capitaes dos reinos e senhorios da Europa. Ora veja V. S.ª se o prospecto é assim, que fará a Historia? Deve formar dez grossos volumes em oitavo; pode escrever-se e imprimir-se maior enfiada de patifarias? Este é o tempo em que vivemos, e tão ociosa cousa é defender Jesuitas, e flagellar os Jansenistas, como compôr a Historia de Portugal. Esta nobre tarefa, ou este nobre emprego do homem de bem, está nas mãos dos maiores scelerados do universo,

que são os nossos transfugas conspiradores, que havendo-nos roubado dentro, nos estão atacando de fóra, o que é a mais verdadeira das historias, porque é o mais evidente dos factos. Quem não quer a sua publicação, é cumplice com os malvados. Meu P.e M.e Dr. deixemo-nos á vista d'isto de Historia; porque tratar de Historia é historia. Se a tentação fôr mais forte, então façamos como Freishemius fez á historia de Alexandre Magno, por Quinto Curcio, um supplemento á historia de Carlos Magno. Ponha V. S.ª mais um par, que eu porei outro, ficam quatorze, e o ultimo o casamento de Floripes, e verifiquemos a data da segunda passagem da Ponte de Mantible, e com escrupulo de indagador academico deveremos inserir no supplemento alguma memoria que se nos enviar sobre o logar onde Ferrabraz recebeu os santos oleos depois que Oliveiros lhe ministrou o baptismo, quando entrou com elle no rio. Depois do *prospecto* em que havemos de cuidar?

Como as dores me trazem crueis insomnias, longas horas me deixam para formar projectos de lettras, e não de leis, e nunca me deixam a sublime mania de engrandecer a nossa patria, e dilatar a sua gloria e a fama do seu nome. As biographias são muito do gosto e do uso d'este seculo. Quantas diariamente nos offerece a França? E quantos homens illustres tem produzido Portugal em todos os seculos da sua duração politica na toga, nas lettras, nas artes, em tudo quanto tem ganhado tão estrondosa nomeada ás outras naçoes? A V. S.ª, a quem só falta mudar a cama para a livraria, e que por seus trabalhos pode ser contado no numero d'aquelles a quem Berti no *Compendio de Historia ecclesiastica*, chama *librorum Heloung*, comedores e tragadores de livros, podia dos dispersos retalhos da nossa retalhada historia tirar o nome de muitos, ou dos mais distinctos barões, que ali jazem como os mesmos livros, no sepulchral bandulho do bichinho *traça*. Oh que galeria de quadros poderia apparecer, que encovasse a galeria do palacio Pitti em França! Um *Diccionario biographico*, sem muitos e grandes volumes, bastariam quatro de quarto; isto seria o maior serviço feito á nação portugueza. Estes retratos, que trazem o desenho correctissimo em si mesmos, e aos quaes esta penna daria no estylo o colorido, como aquelle que a seus quadros deram como pincel Guercini, e André del Sarto, talvez hombreassem com aquelles que Paulo Jovio immortalisou em seu latim purissimo, semelhante, sem as impuridades ao de Patronio Arbitro, ou com os retratos de Jano Nicio Erythrêo, em sua *Pinacothéca*. (Lá saberá V. S.ª como tão grego, o que diz esta palavra), estes retratos de varões illustres, que tanto illustraram a nossa patria com o ferro da cinta, e com a penna dos seus dedos, assim como

para os de fóra serviriam de admiração e assombro, para os de dentro deveriam servir de estimulo, e de exemplo, sendo uma lição permanente, que ensinasse os actuaes a fazer o mesmo, ou mais ainda, que fizeram seus gloriosos antepassados, estimulando-lhes ou despertando-lhes o desejo de que os futuros biographos lhes fizessem o que eu biographo, e V. S.ª biographo tambem intentamos fazer. Chegavamos nós á letra F dos nossos biographados, e biographavamos o infante D. Fernando, preso em uma masmorra em Fez; e que diriamos? Que este magnanimo Regulo, e mais que Regulo em Carthago, regeitara a sua liberdade a preço da entrega de Ceuta aos mouros. Este memorando exemplo que faria? Á vista d'este quadro seria logo excusado e supprimido na presença de qualquer pequeno morgado, a quem para defender e sustentar a patria exigissem d'elle que se levantasse mais cedo em uma manhã de janeiro; ou de um grande, que tivesse menos uma parelha, por não dizer outra cousa... *Stantes in curribus Emilianos* — dizia Juvenal fallando a um grande romano, dos quadros que de seus antepassados conservava nas galerias de seus palacios, ou entre as estatuas de seus porticos:—Tu vês alli teus avós e teus tios, os Emilianos com a lança em riste, ou com a espada em recto, de pé, e mui direitos nos carros falcados arremettendo aos inimigos; faze o que elles fizeram, e não vivas mal na presença d'estas imagens.—Ora ponha V. S.ª estas figuras bem biographadas, deante dos olhos de tantos transfugas criminosissimos, e descendentes de taes Emilianos, *stantes* póstos de pé nos carros falcados em qualquer das tres conhecidas partes do mundo ameaçando com a ponta da lança cerrados esquadrões de inimigos, em quanto elles, ou com as armas nas mãos, ou em conferencia com os boticarios, ou com as boccas bilingues, tratam de dar cabo da patria, e dos homens de bem, que pela patria se matam, que aconteceria? Fóra, fóra da biographia com estes Emilianos, isto não vem cá fazer mais que offender muitos individuos presentes, e classes respeitaveis; a tendencia do seculo, o derramamento das luzes, mostram o pendor geral que ha para a moderação. Todos os governos têm um centro, e para elle convergem, e este centro é a moderação; não é só o evangelho, tambem a politica quer o perdão das injurias, e o amor dos inimigos; mas sendo o evangelho para todos sem excepção, a politica n'esta parte tem suas reservas; quando os filhos de Adonirão estão, como se diz, debaixo, então evangelho para elles; e quando dirigem o timão da republica, então coitados dos que não são Adonhiramitas! Carceres, desterros, miserias, infamias, perseguições e mortes; acabou-se a tendencia do seculo para a moderação. Appareça qualquer

dos nossos biographados, cujas acções antigas reprehendiam as revoluções presentes, ainda que estivessemos na ultima letra do abecedario no Diccionario, *verbi gratia*, Zacuto Lusitano, judeu e medico, assim como abriamos o diccionario com a primeira do alphabeto com outro judeu medico (e natural do Porto!) chamado Abraham Guedelha; assim como estes dois judeus medicos, o Abraham e o Zacuto despovoaram os hospitaes de doentes, e as casas de moradores, enterrando tudo, nos enterrariam a nós o nosso biographico diccionario. Aqui dou eu logar a uma reflexão, e vem a ser, que sempre eu vou dar com os medicos! Não senhor, elles é que vêm dar commigo na cova. Aqui me appareceu um, e não era o mandado por amigo nosso, e de alta jerarchia; *sic orsus ab alto*, começou logo a fallar da alta tripeça, querendo-me apalpar a barriga, que alguns visos me dá de hydropesia, mostrando-me primeiro as palmas das mãos lizas, e nuas, e abrindo os dedos para eu vêr que não havia alli empalmado instrumento algum, agudo e perfurante, ainda que com qualquer movimento podia correr para a palma da manga do fraque; não consenti ser apalpado, porque eu não ia para o segredo, ainda que estivesse em termos de ir para o sepulchro; se pude ter mão na apalpação, não pude atarracar o batoque n'aquella bocca, que se vazava como torneira de tanque. Veiu com effeito a dissertação feita no quarto anno do seu curso, e repetida depois da formatura tantas vezes quantas são as cabeceiras a que tem chegado, depois que ha trinta e tantos annos exercita a medicina clinica n'esta côrte, seu termo, e fóra de todos os termos. Todas as suas metaphoras e comparações eram tiradas do amago, e do cerne do systema representativo... Seja com uma camara só, e não com duas, senhor doctor, porque do mal o menos (lhe disse eu).—Ambas (tornou elle) *garantem* as liberdades patrias.—Pois vamos á minha molestia, disse eu sem mais réplica.—Pois meu padre, bem sabe que da combinação dos quatro temperamentos, e do equilibrio dos quatro humores resulta a saude, e a conservação da nossa vida como do equilibrio dos quatro poderes politicos, legislativo, executivo, moderador e judiciario resulta a força e a vitalidade do celestial systema representativo—entende, meu padre?—Ah, senhor doctor, agora é que eu vi a luz; até aqui era um pedaço d'asno! Assim, assim é que se tiram as pedras da bexiga, e as malditas almorreimas deixam de me assassinar...—E como vae, meu padre, de evacuações alvinas?—Eu não ólho para isso, mas pela manhã lá vão sahindo...—Pois fóra com tudo isso; é preciso que o canal intestinal esteja purificado... eu me explico: o canal intestinal da vitalidade do systema representativo é a es-

colha dos deputados; é preciso purificar as listas nas assembléas eleitoraes, expellir o máo e deixar ficar o bom; entende?—Ah senhor doctor, isso é tão claro, que por V. S.ª mesmo vem provado!—E como vae isso com o furor da hemorroide apertante e congestante?—Eu não sei, que isso seria ver por dentro, sei que estou ahi horas, e nem para traz, nem para deante...—O clister, o clister emolliente; é custoso na verdade, mas eu me explico: o domicilio do cidadão é inviolavel, ninguem pode entrar na casa alheia contra a vontade do cidadão; mas a lei previdente marca os casos em que se deve entrar, ou o cidadão queira, ou o cidadão não queira... entende, meu padre?—Pois quem não ha de entender; mas é que eu não quero, e rua já.—Meu padre, está no caso dos rebeldes, que regeitam o beneficio celestial da Carta, que vem fazer o homem cidadão livre, e defender as liberdades patrias. As molestias exercitam no corpo um governo, ou um dominio tyrannico e despotico; a medicina é um governo, ou um systema representativo, que destroe o absolutismo, e destroe os abusos. As flegmacias da prostrata são os aulicos, e os lisongeiros, que contaminam o systema monarchico...—Ah senhor doctor, se se não cala, e se não vae embora, eu tenho aqui cousa debaixo da cama que lhe vae á cabeça!...—Pois fique-se para ahi, e saiba que está no caso dos scelerados, que estiveram a ponto de apedrejar os mesmos representantes da nação...—Pois senhor doctor, esses pagaram-se das suas visitas, e eu não lhe dou nem cinco réis.

Meu P.e M.e Dr., a digressão foi longa, mas precisa e illustrativa; mas se eu contasse na biographia as mortes que fizeram os dois medicos judeus, Abraham Guedelha, natural do Porto como diz o Abbade Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, e o judeu medico Zacuto Lusitano, que esquadra de Epidauro, e de tres pontes se lhe atravessaria na prôa, e lá ficava a biographia supprimidada no fundo dos mares! N'esta materia de biographia, eu não vejo mais que cinzas, que encobrem fogo ardentissimo, ou chammas devastadoras. Os crimes d'este seculo nem toleram, nem perdoam ás virtudes dos passados, e os heroes d'este tempo não querem que os houvesse nos outros; e clamam que são invectivas feitas a elles aquelles louvores que se dão aos que já não vivem. Fatal mudança de portuguezes, ou fatal corrupção de costumes!

Não ha na Italia uma só cidade notavel em tão diversos estados e senhorios de que se compõe aquella peninsula, sempre grande, ou vencedora ou vencida, que não tenha uma biographia particular dos varões illustres que alli nascessem e florecessem; entre nós appareceram os *Retratos de Varões e Donas*, mas isto não são biographias, são

umas grosseiras gravuras, que pararam no meio do caminho, como tudo que pareceria bom, como são os edificios, que os melhores nunca se acabaram, nem acabarão. V. S.ª está no seio da Athenas portugueza, ou na Tecua dos judeus, que era a cidade das lettras, de onde veiu aquella mulher que fez embatucar David; está cercado de philosophos, que deviam ser pintados pelo Urbinate, quero dizer, Raphael, como pintou os da *Eschola de Athenas;* estes philosophos o aturdirão sempre com a repizadissima palavra *patriotismo;* mas a que ideia corresponderá esta palavra? Pelo que elles fazem vemos que esta palavra é synonimo de revolução, porque não conhecem outro amor da patria que não seja isto; na successão de tantos seculos de existencia da monarchia portugueza não conhecem homens illustres e dignos de se lhe perpetuar a memoria em uma patriotica biographia, que não sejam aquelles que parece haverem descido da mais remota região dos áres em 1820, para levarem ao cabo a regeneração e a salvação de Portugal, procedendo como atilados e perspicassissimos medicos, como elles costumam ser, que vendo o corpo succulento, fartissimo e obeso, o atenuam pelas purgas e pelas reiteradas sangrias, e fazendo-o assim mais ligeiro, o deixam phtysico. Seguiram esta marcha na ordem politica; o corpo do estado estava engorgitado, era a imagem da fartura, da robustez, e da saude; as treze lancetas, e as trezentas mil que se lhe aggregaram logo, lhe abriram todas as veias, e lhe esgotaram todo o sangue, e do volume de um elephante que tinha, o pozeram logo na tenuidade e leveza de um camaleão. Ora quererá V. S.ª compôr a biographia d'estes varões illustres, e só d'estes? Não por certo, me dirá V. S.ª, pois então deixemo-nos d'esta especie de escriptos, nem queira com as virtudes dos passados reprehender tão asperamente os vicios dos presentes. Nem os quadros da historia, nem os retratos da biographia servem para este tempo. Nós não temos biographias escriptas, temos biographias vivas, e que andam pelo seu pé. Não vê V. S.ª esses varões assignalados, como diz o nosso torto Camões (torto, porque manquejava de um olho, como elle confessa) que andam como canta Virgilio—*Acti Fatis maria omnia circum*—á roda de todos os mares e de todas as ilhas, para fundarem como diz Horacio, que em tudo mettia vinho, como eu em tudo metto os medicos, elle por gosto, e eu por justiça, para fundarem uma nova Salamina, como fizera Teucro expulso por seu pae, dizendo aos companheiros, que se enfrascassem em bastante vinho, porque no dia seguinte *cras* tinham de fazer longo caminho no largo mar? Pois Senhor P.º M.º Dr., esses são os biographos de si mesmos, a sua biographia é viva, e é essa a que se quer,

e a que se louva.—Fugiram da patria não porque lh'a queimassem como Troya, mas porque a queriam, e querem elles queimar, e se aqui não houve Enéas, que levassem os paes ás costas, houveram paes que arrastaram os filhos; e as Creusas não houve mister apertar muito com ellas, para tambem tomarem as de Villa Diogo, e isto para seguirem um arengueiro Sinão, *dolis instructus, et arte Pelasga,*—Nas gregas artes de mentir mui douto—e cujos trastes vão sendo postos em vagarosa almoeda. Este Sinão nos queria cá metter, como em Troya, um cavallo de páo, pejado de Cartas, e de alvitres para nossa total ruina e acabamento. Escreva V. S.ª a biographia d'estes varões illustres, e eu o ajudarei; mas havemos de começar por lhes chamar *paes da patria,* que por não poderem supportar a carranca medonha do que elles chamam usurpações, nem terem o valor do sabio da Ode de Horacio encarando o rosto do impendente tyranno, se ausentaram da patria em perigo. Quando passarmos a louval-os depois de seus feitos pelos seus escriptos, lhe chamaremos como elles se chamam, os homens mais sabios da nação: (entre elles Fr. Fortunato sabe tanto das linguas orientaes, como um donato da Penha de França sabe contraponto) porque em seus livros, por lá escriptos, e para cá mandados, regalam o mundo com as mais insolentes invectivas ao augusto soberano de Portugal, seus ministros e seu governo:—*Qui lapide incidenda, cedro qui digna Locutus*—diz o epitaphio de Mendo de Foyos, gravado no seu moimento, que está na sachristia da Graça, e que não foi composto pelos padres da Companhia; diremos pois que elles dizem e escrevem cousas

Dignas só de gravar-se em jaspe, e em cedro,
Que injuriam Miguel, e exaltam Pedro.

Aqui tenho quarenta Gazetas, mais feias que um janeiro, e mais lodacentas que um rio, que são peças justificativas do que acima acabo de dizer, materiaes do nosso edificio biographico, se d'esta guisa o intentarmos, e a seu fim o conduzirmos. O *Mastigoforo* será amnistiado a V. S.ª, e a minha querida *Besta*, que me ganhava o pão para a bocca e para a botica, não será condemnada a uma perpetua atafona. Apparecendo assim esta nossa tão bem cuidada biographia, eu lhe fico que passados menos de quinze dias, se os ventos fôrem de servir, appareça logo no *Constitucional* de França, e no *Courier* de Londres em phrase mais assucarada: «Ora o *Padre* é por certo o diabo, mas não tão feio como o pintam; tem suas idéas, e sabe alguma cousa o maldito; en-

testou-se de monarchismo, mas vae cahindo em si. A nação faria n'elle uma boa acquisição, e nos vae deixando aos sabios essa esperança (fóra, patifes!)—E tratando de V. S.ª dirão: É um grande lente da Universidade; da sua mão não cae um R na fatal urna. No Pateo, pela latinidade, philologia e historia, arremeda bem o antigo escocez Buchanan, que por lá esteve e zangando-se com Cypriano Soares, e os mais roupetas do Collegio das Artes, despediu-se em latim (e optimo!) veiu para Inglaterra acabar de traduzir e de polir do texto hebreu os Psalmos, deixando á Universidade, e a Portugal aquelles terriveis jambos, que vem no segundo volume das suas obras em quarto, e que começam:

Valete miserae terrae Lusitaniae,

«Adeus, adeus, das terras lusitanas,
«Adeus, oh pobres, miseras choupanas.

O nosso Sir Carlos Stward, o maior diplomatico do mundo velho, e que é capaz de dar quanto lhe peçam por um livro velho, sediço e bolorento, ha de gostar muito dos seus ineditos. Bem desejaria a nação que elle lançasse mão de outras tarefas para os progressos da civilisação e derramamento das luzes!!... (Fóra, patifes, tambem V. S.ª dirá, e não diz mal).

Tomara vêr, diz o Doctor Velasco,
D'estes heroes biographo o carrasco!

E tambem diz optimamente o Dr. Velasco, e eu sou do voto do Dr. Velasco, ainda que elles tanto se incham com a doctrina de outro Doctor Velasco, mas de Gouvêa, sobre a auctoridade popular na eleição ou successão dos monarchas; talvez, meu P.e M.e, que essa sua Coimbra já cheirasse a Coimbra no tempo d'este Dr. Velasco na sua cadeira de prima, de vespera ou de noite!

Proscripta pois a *Apologia dos Jesuitas* como cousa ociosa, para não cahirmos na censura do adagio latino, e tambem paraphraseado por Desiderio Erasmo—*Actum agere*—que é fazer o que está feito; porque se os Jesuitas vêm (nem de outra sorte os queira cá o nosso soberano) já vêm emendados, e eu creio que se hão de metter mais com os rapazes para os ensinar, que com os gabinetes para os dirigir; nem com as beatas ricas, porque nem ricas, nem pobres existe já essa casta de despejadores de pias de agua benta, e tambem de cal-

dos de galinha. Tambem creio que estes que vêm, e alguns mais que vierem, quando d'aqui a annos souberem portuguez, se acaso é lingua que os estrangeiros fallem sem fazerem rir quem os ouve, e sahirem a ensinar a doctrina aos rapazes, pelos recantos das ruas e escadaria dos adros, não levarão, segundo costumavam, empunhada na mão uma cana muito comprida para darem coques nos que, ou não responderem (e hão de ouvir boas cousas!) ou não estiverem quietos. Um coque rijo na cabeça de um rapaz é fazer dar gargalhadas a todos os outros; e senão com a deliberada vontade, por certo machinalmente; eu mesmo que ando bem pouco para me rir, obedeceria ao impulso da natureza, ou ao excesso do ridiculo, e ainda o fiz ha poucos dias na sacristia de S. Roque, contemplando os paineis de S. Francisco Xavier pintados pelo leigo jesuita Francisco Pereira; alli está a scena da canada; não é o santo que a dá, é um leigo executor; e o artista estudou tanto a natureza, que o rapaz está em acto de ir com as mãos á cabeça, o que dá a conhecer que o irmão leigo carregara a mão contra vontade do santo, que a não quereria tão rija, e muito mais do rapaz, que não gostou d'ella tão forte. Venham pois os Jesuitas, mas não venham porteiros da cana, porque se lhes pode metter na cabeça serem camaristas. Deixemos pois os Jesuitas, que elles fallarão por si e por mim; creio que a sua conducta actual desmentirá os testemunhos antigos; assim como tambem creio que as luzes que espalharem não serão para os olhos dos presentes, serão para as suas covas, se os clerigos do acompanhamento se contentarem com essas lombrigas; mas, não tarda quem vem, e mais vale tarde que nunca.

Deixemo-nos egualmente de odio, ou de amor aos Jansenistas; serão uns grandes hereges, mas diz S. Paulo—*Oportet haereses esse.*—Este oraculo é um mysterio profundo. Se V. S.ª assenta que no livro de Cornelio Jansenio—*Augustinus*—com os erros dos pelagianos, cuja historia magistralmente escripta por o frade da Graça Cardeal Henrique Noris, está tambem mettido á surrelfa o systema representativo de uma Camara, ou de duas Camaras; então caia-lhe V. S.ª á perna com toda a força da honra e da dialectica, e conte commigo, que eu tambem farei uma perna. No abbade Raynal, que tambem foi jesuita, vejo eu grandes sementes do republicanismo, e no mesmissimo Braz Pascal, jansenista furioso, mas christão penitente, pois lhe acharam quando o amortalharam um cilicio de ferro encravado nos descarnados lombos, por mais que lhe commente e recomente os pensamentos não lhe encontro vestigios do divinal systema, que põe os povos a pedir por portas, e por consequencia ás da morte. Olhe V. S.ª, chame V. S.ª

aos de Pavia, e aos de Pistoia wicleffistas, que não queriam mais que republicanismo na egreja, e republicanismo no estado, como parece queriam depois João Hus, e Jeronymo de Praga, e não se entronque esta raça fina com os Jansenistas; talvez eu diga isto porque os não entendo, nem tal quero, gósto do meu socego, e se me não dá a dor de pedra, não quero que m'o tire uma questão, cujos termos bem definidos, todos ficariam concordes, porque a graça é um dom gratuito de Deus—*Non volentes, nec correntis, sed miserentis est Dei.*—(S. Paulo, *Epist. aos Rom.*, cap. IX, ✝. 16.)

De biographia é bom deixar, porque dizer dos presentes o que elles são, e dos passados o que elles fôram, é accender uma guerra, e gritarão que é satira o que não é mais que retrato ao natural, isto é accender o facho ás furias.

V. S.ª é intrepido, nem o assustam grossos volumes, nas suas mais que Ambrosianas livrarias de Milão, nem se enfarrusca e cega com a poeirada e caruncho de seus cartorios Mathusalens. Impavido Capuneo, *vocat in certamina divos*, entra por essas portas mais defendidas que as de Brandeburgo; dois exercitos o assaltam, e caminha o exercito da traça, e o exercito da aranha; Xerxes não trazia mais bicharia atraz de si quando passou o Helesponto para conquistar a Grecia, onde vinha buscar lã para ficar tosquiado; ou para me explicar melhor, entra V. S.ª nas antigas catacumbas da antiga Roma, a visitar a região dos mortos e dos esquecidos, tudo é pó, e tudo são cadaveres; alli jazem sem distincção como bacalhaus albardados em pastas de massa, em camadas de poeira, ou em folio maximo, ou em oitavo pequeno; com um assopro faz desapparecer a traça, e com uma vassoura faz ir em debandada o exercito das aranhas. Salve-se quem poder, grita um granadeiro aranhiço, como nos campos de Waterloo gritou um granadeiro francez, quando com a cavallaria forçou o flanco direito o espantoso Bulow. V. S.ª é o espantoso Bolow da cavallaria manuscripta, apparece V. S.ª, foge a traça, somem-se as aranhas, rasgam-se as têas, dissipa-se o pó e dá a liberdade áquelles prisioneiros do esquecimento, e salva aquellas bagagens da simplicidade, ou da sapiencia antiga. Está quebrantada a paz dos mortos, e violado o domicilio das cinzas; resgata V. S.ª um manuscripto captivo, não pelas mãos dos mouros, mas do tempo dos mouros; não é uma alma sahindo do purgatorio, mas é um corpo sem alma que vem vêr a luz do mundo, mas para tornar logo ás sombras vestido de outra mortalha. Á porta d'aquelle jazigo dos pergaminhos e das garatujas, está esperando a V. S.ª o seu criado, ou o da sala, ou o particular do seu quarto, com uma vas-

soura de piassá, para o basculhar de tantos barambazes de têas, e de tanta poeira dos seculos porque não ha de subir á cadeira como um enfarinhado do entrudo. V. S.ª recusa, não consente, não quer e faz bem, porque o timbre do guerreiro vencedor é apparecer coberto de pó e sangue, que lhe deve salpicar os louros que traz na frente. Não sei que diga a V. S.ª O Imperador Aureliano não entrou mais soberbo as portas de Roma no carro de seu triumpho por levar presa em cadeias de ouro a discreta Zenobia, rainha de Palmira, e atraz sem palmatoria seu mestre Longino, com o seu *Tratado do Sublime* (que ainda se não sabe o que é, e nenhum mestre de Rhetorica diz o que seja) como V. S.ª caminha magestoso, levando sobraçado o seu querido e empoeirado manuscripto.

Não tornaram de Colcho mais contentes os Argonautas com o vellocino de ouro, nem a náo Cavallo branco vinha de Tunes mais empavezada com o rico deposito d'aquelles pannos recamados de ouro que lá roubaram os portuguezes. O prazer, a alegria e contentamento vinham como chantados no venerando rosto de V. S.ª Os philologos, latinistas e grammaticos da Athenas Lusitana (d'onde n'estes dias de regeneração tem apparecido os melhores burros, que se tem dado ao dizimo, testè Condeixa) dava nos reiterados applausos os mesmos signaes de satisfação litteraria, cuidando que V. S.ª tinha encontrado o que falta nas *Decadas* de Tito Livio, ou que V. S.ª o tinha arrancado da livraria do serralho em Constantinopla, e d'onde Luiz XIV o mandou por seu embaixador pedir, e não lh'o deram, e lá existe (esta entrega poderia ser um dos preliminares da paz, porém a Nicoláo não importa o que os romanos fizeram, importa o que elle faz, e importe-nos a nós o que devemos fazer). E que vae V. S.ª fazer com o seu manuscripto? Talvez se impaciente por ter de esperar tres ou quatro horas, em que o tenha ao sol, para lhe consumir o bolor e a humidade; se o achasse nas ruinas de Herculano ou de Pompeia, ser-lhe-ia preciso entregal-o ao frade de Napoles, que achou o modo de os desenrolar sem se despedaçarem, ou reduzirem a pó negro e impalpavel. Emfim ao sol posto tirando V. S.ª aquelle frangalho do estendal, já enchuto, ou enchambrado, adeus somno e adeus refeitorio! Oculos, lentes, microscopios, tudo se emprega, a cousa é legivel, e trasladavel, o caracter é gothico puro, ou allemão quadrado. É do seculo undecimo! E a materia? Cousa importante na verdade, como o fôram alguns rolos achados em Herculano, um fragmento de versos de Alcêo, e de Stesichoro, meio capitulo de Xenophonte, e o tratado dos atomos de Democrito; e para certos philosophos dois exemplares mais correctos pela mão do auctor, os

pensamentos de Timêo de Locres e de Ocello Lucano, isto em as ruinas de Pompeia. E cá em o cartorio? cousa melhor, e eu o creio, porque se trata de religião. V. S.ª lê, traslada, corrige, passa a limpo, e tremendo-lhe as mãos como varas verdes, manda para o Desembargo; é applaudido, entra no prelo, sae, distribuem-se os exemplares, lá estão nas lojas dos livreiros, uns vestidos de soberbo e purpurino marroquim, com manifesta inveja d'aquelles que se vestem da modesta e acapachada carneira.

Chegámos, meu P.ᵉ M.ᵉ Dr., chegámos ao grande ponto; qual é o destino, qual é a sorte d'estes tão trabalhosos e trabalhados impressos, em que a sua tão generosa e tão benemerita Congregação despendera tanto, sem outro interesse mais do que merecer o respeito para seus filhos, a gloria para si, a utilidade para a patria, porque se sacrifica tanto que se empobrece para a opulentar, porque desde a sua fundação o tira da bocca para lh'o pôr na mesa. Tremo com esta ideia! A sorte d'estes impressos é a mesma que tinham antes de o serem. A Sociedade dos bibliomaniacos de Londres, lá manda buscar um exemplar, como destacaram dois commissarios a Vienna d'Austria, só para verem no gabinete das raridades do Imperador aquella, cuja folha de papel com suas emendas e variantes contém a ultima oitava da Jerusalem de Tasso, escripta pela mão de seu auctor. E os outros exemplares? Lá estão nas baiucas dos livreiros, esmagados e entalados entre os outros na terra do esquecimento, chorando pelo repouso e antiga folgança do seu querido cartorio, onde ao menos tinham poeira em que molemente se deitassem e dormissem. O inedito que muitos querem, é aquelle que nunca tinha visto a luz publica em Portugal, que vem a ser uma revolução, em que os atrevidos medram, os gulosos comem, os ladrões se abastam, e os ambiciosos pulam, e depois atropellam e esmagam os outros; estes são os ineditos buscados, e os ineditos queridos, e com tanta soffreguidão devorados. Os que V. S.ª publica e pode publicar, ficam assim escondidos para os futuros seculos, se lá apparecer outro Fr. Fortunato, (duvido que o produzam semelhante ao presente) que torne a dar preço a estes thesouros escondidos e encantados. É verdade que em algumas curiosas mãos vejo depositados alguns, mas isto não é mais que effeito da generosidade de animo de um de seus irmãos, homem de mãos rotas e coração largo, que sabe dar a tempo, que ama as lettras como outros thesouros, e as grandezas do mundo.

Persuado-me que V. S.ª estará já enfadado com esta tão comprida arenga, e lhe dará aquelle nome que Juvenal dava áquellas cartas que

Tiberio escrevia de Caprea ao seu valido Sejano, que governava ou tyranisava Roma--*Longa et verbosa epistola venit a Caprei.*—Esta minha é longa, mas não verbosa, e tendo já até aqui este comprimento, ainda aqui não fica.—*Tenet insanabile multos scribendis cachoethes.*—Eu serei um d'estes,—*trahit sua quemque voluptas*—uns bebem, outros dormem, estes galanteam, outros architectam republicas, aquelles outros (estes são os mais loucos) lisonjeam os grandes, alguns intrigam nas Côrtes, outros querem que o mundo lhes chame *Rabbi*, isto é, mestres e até grãos-mestres, sem ser de Rhodes, ou de Malta; outros vivem de calotes, a que chamam industria; outros, de quem falla Juvenal, —*quid nigra in candida vertunt.*—Eu entendo, e levado tambem n'este turbilhão maniaco, engeitado do mundo, desconhecido da fortuna, perseguido do odio, e seguro na virtude, obedeço a um irresistivel impulso:—escrevo. Nos versos acho fumo, e na prosa desgostos; morro por saber, e morro ignorante; leio e não me adianto; medito, e não deparo com a verdade; mas vou teimando, e vou escrevendo; e queria nas minhas debilitadas forças o adminiculo, sustentaculo, ou concorrencia do pulso athletico de V. S.ª; mas nas materias já por mim offerecidas á erudita penna de V. S.ª, não encontro mais que insuperaveis difficuldades e manifestos inconvenientes, e ainda que ao fim levassemos as indicadas emprezas, seriam por certo recebidas por esmola, com uma fria indifferença, ou pelo orgulho regenerador com um insultante despreso.

Eu desfaço-me em projectos, que são filhos da solidão, da incommunicabilidade, e do retiro; um dos projectos, cuja execução só para mim reservava sem intenção extranha, era combater as rebeliões pela illustração dos povos, porque sendo a arma a verdade mais poderosa para vencer tudo, sendo esta nua, não perde por se vestir de roupas mais agradaveis, e costuma-se adoçar a orla de um vaso, em que se dá ao menino enfermo a medicina amarga. A patria altamente demanda este recurso, mas não sei que desconcerto seja esta da natureza; esta verdade não sei de quem conceba para parir este odio, como ha tantos seculos nos disse o comico romano ou demidiado Menandro; affiançava-me na publica experiencia; com a verdade festivalmente annunciada, a effervescencia das provincias se accalma, o phrenesi se affrouxa e os animos se ligam; o fermento revolucionario não leveda a massa disposta na população do reino; emfim eu queria, que n'um forno de credito se cozesse um pão sem saibo, e sem hervinha. Mais desfez a lingua de Cicero a conjuração de Catilina, que a espada de Cesar! O mais sincero e nunca desmentido patriotismo, a força e a perspicui-

dade de fluida e natural eloquencia, sem estudo e sem preparados arrebiques; o orgão, cujos sons lisonjeavam os ouvidos populares, o archote de dia, que aclarava os caminhos da honra e da justiça, não serviram de outra cousa, que não fosse depositar em animos pervertidos, e desgraçadamente influentes, um rancor sempre resentido, e um odio pertinazmente conservado; que sem me incutir medo, me encheu de uma tão motivada indignação, que se me não extinguiu o amor da patria, que isso era impossivel, ao menos extinguiu em mim toda a sensibilidade moral, mais forte que a physica; porque as fibras moraes são mais delicadas, e as suas vibrações mais vivamente pronunciadas, fazendo calar uma lingua, que só bateu o ár para articular os sons, ou as palavras, que sempre fizeram escutar e perceber o mais fino amor da patria, a mais segura adhesão ao throno, o mais desinteressado affecto aos monarchas; tornando rombo ou obtuso um entendimento que nunca estendeu um raciocinio ou dispoz um syllogismo que não provasse a legitimidade do rei que temos; d'este rei que tanto merecem os bons como temem os máos. Quizeram que o silencio em mim fosse forçado, mas eu o faço voluntario. Roma conheceu o que devia a Marcello, e o chamou do desterro; mas tantas sem razões, ou da minha estrella ou da malignidade dos homens, ou da contumacia de uma seita me farão sempre surdo, e opporei a contumacia de uma resolução honrada ao proseguimento de um odio implacavel.

Meu P.e M.e Dr., poupar as rebeliões é ser rebelde; não amar o legitimo soberano, que a providencia tão visivelmente cobre, e cubrirá com as suas azas, não é ser portuguez; o maçon que se obstina é um demonio que nos flagella. Eu conservo um profundo respeito aos grandes, que são virtuosos, e que conservam com o sangue que lhes gira nas veias a herança da fidelidade, que em acções heroicas lhes deixaram os seus maiores; mas repare V. S.a no que lhe digo, fite os olhos no quadro das sedições e revoluções romanas, e achará que só uma foi architectada por um plebeu, por um escravo, Spartaco; porque os Gracchos nunca passaram de Tribunos; tudo achará na ordem equestre, na senatoria, e na consular; sem me tornar a lembrar Catilina, Bruto e Cassio d'esta ordem eram, ou d'esta gerarchia; se julgarem isto uma allusão, julguem embora; talvez possa ser ao Conde d'Essex, ou a Philippe Egalité, Duque de Orleans; esta lembrança se me desperta com o espectaculo de uma sentença impressa, e vulgarisada, que condemna tantos, antes tão grandes, em publico cadafalso á morte infame de garrote. Estes, que não seriam o que fôram, e os que perderam, se não existissem as monarchias, não querem as monarchias, que

os sustentam na grandeza, e lhe affiançam seus fóros, e com espanto da razão humana, odeiam de morte, despresam e perseguem affincadamente aquelles que com seus escriptos, e com seus estudos defendem os governos monarchicos com aquella mesma forma com que fôram instituidos; quero dizer, com a conservação e unidade do poder, e indivisibilidade da soberania, contentando-se de fazer uma ingloria figura, onde tem preponderancia, que os põe distantes dos thronos em quanto não acabam com os thronos, e com elles; mas se quem defende a soberania, que sustenta com todos os seus fóros a nobreza, é obrigado ao silencio, onde acharão advogados? O seculo presente offerece poucas contradicções d'esta magnitude; só me persuado que estes obscuridissimos problemas só podem ser resolvidos pela analyse de uma já não enigmatica associação.

E que havemos de escrever, meu P.^e^ M.^e^ Dr.? A resposta é tão facil, como é facil escrevel-a.—Cousa nenhuma.—Passarmos da vida activa da banca para a vida sedentaria e contemplativa das scenas do mundo moral, mais variaveis e variadas que as da natureza. V. S.ª appellará para os milagres da introducção e instituição jesuitica; eu conheço e confesso a sua efficacia para o presente, ou talvez para o futuro, mas eu que ólho para os homens d'estas nossas éras, digo com o vulgo:—pretos velhos não aprendem linguas—e não ha assopros que abalem a arvore da morte. Muitas vezes se lhe tem deitado o machado ao tronco, e parece abatido, mas ficam na terra as raizes, começam de pullular renovos, os succos vegetaes n'ella são muito fortes, e o terreno sempre adubado... Gósto pouco das allegorias, e um animo sem refolhos não se deve servir de expressões mascaradas. V. S.ª sabe que se declarou guerra a dois objectos, os mais importantes para o homem, e dos quaes pende a sua ventura,—sociedade e religião;—guerra á sociedade pela politica, guerra á religião pela incredulidade; d'esta guerra não se desiste; se as circumstancias parece trazerem alguma trégoa, não é mais que um espaço buscado pela malicia para novos preparativos, e para encher os trens de novos petrechos e de novas munições. Outras circumstancias vêm abrir a campanha; renovam-se as jornadas, e se avivam e encarniçam mais os combates. Isto na infeliz Europa não tem já remedio, porque aquelles que como ministros da auctoridade lh'o poderiam dar, estão (por desgraça!) possuidos do mesmo espirito bellícoso.

Gustavo Adolpho accendeu e proseguiu na Allemanha uma guerra por espaço de trinta annos, mas por fim acabou-se. Frederico II, rei da Prussia, sustentou outra guerra na mesma Allemanha por sete an-

uos; terminou, e veiu a paz. Se me lembro de tempos mais antigos, os Belgas, Hollandezes, ou Flamengos, sustentavam contra Filippe II e seus successores uma guerra de quarenta annos; encheu-se este periodo, e acabou-se. Os sanguinarios bandos dos Guelfos e Gibelinos na Italia, por mais de um seculo se encarniçaram, mas acabaram; só não acaba, nem acabará aquella Ordem, que a não quer; Ordem que não morre, porque assim como se propaga, se renova em todas as gerações, e como ella não acaba, não termina a guerra á religião e á sociedado. Se esta guerra publica e universal se reduzisse a um certamen singular, como a dos Philistêos contra os Israelitas, ainda que d'este exercito de tão desmedidos gigantes apparecesse o maior gigante vestido de todas as suas armas brancas e negras, sobpezando uma lança, cujo ferro fosse como o da lança de Golias, do tamanho da laçadeira do maior tear, talvez apparecesse um pequeno David, que com uma só pedrada o derribasse, e se acabasse e decidisse d'esta guiza a fatal contenda; mas não é assim, morre um Golias, e ficam os outros; a guerra é geral, é publica e é eterna; e chega a tanto o seu orgulho que esperam não ter inimigos que combater, porque aspiram a alistar todos os homens debaixo das suas bandeiras. Elles têm dois generaes ou generalissimos, um quiz ser urso com os ursos, elles o querem tambem, e eis aqui desfeita a sociedade. Outro diz que é filho do acaso, este é o pae, e da fortuita concorrencia e adherencia dos atomos, esta é a mãe; quer o atheismo, isto querem todos, e eis aqui depois de dissolvida a sociedade acabada a religião: a estas razões de loucos ajuntam a violencia do poder, e a maligna dextridade da politica, tem a força nas armas, e a politica nos ministerios, porque Vergennes foi suplantado por Necker. Não convence a razão, nem persuade a evidencia, a quem não conhece as leis da sociedade, e considerada como delirios da ingnorancia e furores do fanatismo, as que se chamam eternas, e aos homens reveladas. Como estes scelerados se assoalham mestres do mundo, e exigem uma obediencia cega, e uma crença absoluta a quanto querem dizer, a nenhum d'elles ouvi ainda uma reposta que não fosse o sorriso do despreso, e o gesto da ameaça: querer empregar contra elles o talento, é azedar-lhes a tyrannia, e o dia do seu poder manifesto seria o dia da sua publica, ainda que até alli dissimulada vingança. Eis aqui bastantes razões para um silencio eterno. Que se ha-de escrever? se o que se escrever é remedio, não o querem; se é luz logo a apagam. Mas a mania de escrever?

Tu licet expellas furca, tamen usque recurrit?

«Se intentas expulsal-a co'um forcado,
«Vem de novo investir, tudo é baldado!»

Assim o parece n'esta carta, porque devendo dar fundo e abraçar a terra, torna de novo a engolfar-se nos mares. Se eu podera dar fim ao escrever, como pude dar fim ao ler, ja gosaria d'aquella deliciosa paz, que é para mim invejada herança dos mandriões, e dormira aquelle somno que o céo outorga aos seus queridos.—*Cum dederit dilectus suis somnum.*—Deixei por uma vez de ler e de estudar: como eu tinha lido muito, muita cousa me ficou na cabeça, porque para desgraça minha tenho a memoria tenacissima, e porque até esta potencia d'alma a tenho nos sentidos, côres, cheiros, sabores, situações, logares, sons, &c., tudo tenho presente como permanentes sensações que se succedem, mas não se destroem. Ás vezes me vem á bocca cousas lidas ha cincoenta annos, o que me succedeu com a seguinte passagem de Seneca na sexta carta a Lucilio.—*Turpe est senici commentario sapere. Hoc Zeno dixit; tu quid? Hoc Cleanthes; tu quid? Quousque sub alio moveris? Aliquid et de tuo profer.*—Não para V. S.ª, que é maior latinista que Lourenço Vala, e para o consolar de todo, que o mesmo jesuita Bento Pereira, o *Prosodia*, mas porque esta carta pode ir ás mãos de quem não sabe latim, que é cousa que vae succedendo a quasi todo Portugal, eu o converto em romance:—É cousa feia e torpe em um velho, saber por apontamentos, ou extranhos retalhos. Isto disse Zeno; e tu que dizes? Isto disse Cleantes; e que dizes tu? Quando começarás a dar um passo sem direcção alheia? Deixa os mais, e apparece no mundo com fructos da tua propria lavra.—Isto foi trovão, que me acordou; despedi os livros para sempre e comecei a cavar no terreno proprio. Não será ninguem culpado do que eu escrevo; porque se é máo é só meu, e se é bom tambem não é extranho. Como é irresistivel a força que me arrasta para o tinteiro, escreverei não o que os outros disseram e fizeram, não o que se fez nem o que se faz, escreverei cousa nova e tão nova que ainda não está feita. Antonio Vieira escreveu a *Historia do Futuro*; pois eu escreverei um Sarrabal, ou reportorio para o anno que vem, e queira o céo que elle não sirva para todos, como o *Lunario perpetuo!* Os meus prognosticos serão tão infalliveis como o costumam ser os factos presentes; o que logo se fará conhecer pelo juizo geral do anno, e suas quadras. Grandes colheitas haverá, e que fructos!!! Eu já não posso conter o espirito vaticinador, que me agita como a sybilla de Virgilio; estou sentado na tripode, porque esta cadeira tambem o é, e como é

pouco segura dos pés, produz um movimento de trepidação, que me anda tudo á roda. *Non vultus, non color unus*—não tenho o mesmo rosto, as mesmas côres. Ahi vae já uma que eu não posso contêr. Entre os vegetaes haverá muita abundancia de linho para cordas; o ponto está que se sirvam d'ellas, e os homens da maior moderação serão obrigados a confessar que sem ellas não se faz nada.

Dirá V. S.ª que eu depois de compôr tanta cousa vim a parar em compôr reportorios; os d'esta qualidade são originaes; o que eu disse não o disse Cleanthes, nem o disse Zeno; hão de ser cousas da minha propria lavra; ninguem se queixará de mim, porque não são sujeitos ou cousas que existam, mas que hão de existir. Os que vierem não serão tão impertinentes, nem o tempo será tão difficil, que d'elle se possa dizer o que eu digo do presente.—*Dat veniam corvis, vexat censura columbas.* Este futuro, de que eu sou prognosticador, eu o leio no passado e no presente. Quem vê o que vae agora, verbi-gratia, a creação que se dá á mocidade, pode vaticinar o que esta mocidade dará, quando fôr velha, á mocidade que então existir. V. S.ª pode conhecer desde já o grande credito que este seguro modo de vaticinar dará ao meu sarrabal! Emfim dei um salto de censor do presente a retratista do futuro, e nos intervallos lerei nas unhas de alguns *la buena dicha* de muitos. A chiromancia tambem entra com os sarrabaes na classe das artes divinatorias.

Concluo, meu P.ᵉ M.ᵉ Dr., affirmando a V. S.ª que tudo quanto até aqui tenho escripto é uma parenesis, ou uma exhortação indirecta para o persuadir que é melhor e mais util dormir que escrever; foi já este o pensamento de Horacio.—*Ni melius dormire putem, quam facere versus.*—Que excellentes commodidades tem V. S.ª para isto, e para evitar desgostos, que são guzanos que nos vão roendo a existencia! V. S.ª dá a conhecer, impressa em seu rosto, a esplendida saude e athletica robustez; a paz cenobitica só se encontra em seus venerandos mosteiros. Alcobaça, pela situação é o Tempe e a Thessalia de Portugal. Ah! Quem colhera alli um soalheiro no inverno, e a fresca viração por entre as arvores no verão! O socego do espirito, e o volume do corpo alli se me augmentariam a olho; alli como de um baluarte seguro, eu veria apathicamente as tempestades no mar, e as tempestades na terra, as cabeçadas nos homens e as leviandades nas mulheres; alli me veria a politica, mas não ouviria esta palavra, porque a reduziria ao bom acolhimento e tracto dos que vivem dentro e de alguns desenganos que me viessem de fóra. Se os Dardanellos ficaram —se os Dardanellos se fôram—se o equilibrio se guarda—se a ba-

lança pende, porque na Europa se as cousas se não pezam, ao menos todas se vendem; tudo isto seriam para mim os objectos do paiz das chimeras, e recostado como um dormente sobre o molle tapiz das flores e das hervas, mais dormiria, e mais assobiados seriam os meus roncos; e se o sol ao esconder-se por detraz das montanhas com o ultimo raio me ferisse os olhos e despertasse, eu daria alguns passos não para o gabinete a seccar os miolos, mas para o refeitorio a povoar o estomago. Se me apodassem ou motejassem por essa injuria da natureza, chamada corcova ou *corcunda*, eu lhe diria que era impulso de um coração que me não cabia no peito, entumecido por um achaque chamado honra; que elle tinha pulsações como um aneurisma; que se se rompesse acabaria, mas com elle a vida. Se corresse de novo a buscar o somno, que é a pausa da existencia, quando a languida cabeça chegasse ao travesseiro já chegaria dormindo; então, então é que eu depararia com a verdadeira felicidade do mundo, já definida e determinada por Juvenal—*Mens sana in corpore sano*—é uma alma tranquilla n'um corpo sadio. Isto que eu só posso ver em pintura, V. S.ª o pode gosar em realidade. A hora extrema sem a desejar, e sem a temer, aqui lhe soaria; mas lembre-se a toda a hora, que mais vale burro vivo, que doutor morto, e que uma philosophica indolencia é melhor que a estrepitosa fortuna. As aguas do Alco, e do Baça lhe ensinarão como corre a vida, como a mim n'esta choupana litoral os bramidos do Oceano, além dos baluartes d'aquellas arêas, me ensinam a despresar as bravatas dos soberbos e a ignorancia dos poderosos. Passe V. S.ª muito bem, que assim lh'o deseja

Seu amigo

Pedrouços, 6 de dezembro de 1829.

J. A. de M.

IV

Pedindo-lhe protecção
para o estudante José Pedro Ferreira de Oliveira,
que fazia acto do quarto anno medico

Ill.^{mo} e R.^{mo} Sr.

Até aqui o candidato, agora eu que o não sou e sem ter qualidades para o ser, me vejo feito patrono, e sem ser isto cousa que se pegue, tambem quero que V. S.ª o seja, e perante que juizes?—*Apud quos, nec te Lucius Crassus defendit, ne Marcus Antonius, et quoniam apud Graecos, Judaeus res habetur possis ad hiberem Demosthenem*— Ah meu P.^{e} M.^{e} Dr., estes juizes gregos são os nossos Hypocrates; aqui ha dois grandes riscos, um para V. S.ª, outro para o candidato. V. S.ª está de perfeita saude e ainda bem! Pedindo-lhe que falle aos medicos o ponho em grande perigo, porque basta só fallar-lhe para dar um alegrão á morte e ao coveiro. Para o candidato, porque é impossivel que ignore que nunca um medico começa a escrever (nunca o farão em minha casa!) que não comece por R.—Recipe; e como elles são muito amigos de abreviar, especialmente a vida, talvez no seu juizo de exame, para abreviarem, até machinalmente larguem um R. Isto não quer o candidato e menos o quero eu, com o valimento, intervenção e auctoridade de V. S.ª Isto seria uma fatalidade, porque havendo em os nomes e appellidos do candidato cinco RR, viesse ainda mais um, e mais de um; então poderia eu dizer—arre!—porque ainda que me tiraram as *Bestas*, não me tiraram a musica com que ellas andam. Dirá V. S.ª que eu pedindo-lhe um favor, o exponho a um perigo, como eu confesso; é verdade, mas V. S.ª é prudentissimo; falle sim, porém meça o terreno, calcule a distancia, pode ouvir a artilheria, comtanto que esteja fóra do alcance; e não será n'elles tão prompta a morte pelo ouvido, como é sempre pela bocca. Faça-se este milagre, que merecerá um painel como aquelle que eu, entre velhos que para dar logar aos novos, se vão tirando das paredes da ante-sacristia da Penha de França, vi e tive na mão e dizia a legenda:—Milagre que fez Nossa Senhora da Penha de França a uma filha de Thomaz Pinto Brandão, em a livrar de dois medicos, que a queriam matar.»—Basta, não diga V. S.ª que medico lhe pareço eu, e que o quero matar com uma tão com-

prida arenga. Ora ao menos deixe-me dizer o que importa mais que tudo, e o que esses senhores do calculo podem pôr entre as verdades demonstradas na sciencia exacta, que eu sou

De V. S.ª

Verdadeiro amigo

Pedrouços, 15 de Maio de 1830.

J. A. de M.

V

Ill.^mo^ e R.^mo^ Sr.

Por mão do Ill.^mo^ P.^e^ M.^e^ Cruz recebi as muito interessantes noticias de V. S.ª, escriptas pela lettra de V. S.ª Disse bem o Dr. Fr. Domingos de Carvalho, *que eu as desejava,* mas não as exigia; o que é para mim um favor singularissimo, era em V. S.ª mercê e não obrigação. Sempre e a todos os que me podiam illustrar sobre este objecto perguntava por V. S.ª, e como tão conhecido do Marquez de Borba, vindo no mez de Outubro, emquanto se demorava n'este Tusculano, verdadeiramente delicioso, quatro vezes a esta casa, recahia a conversação sobre V. S.ª, e por fonte segura, que é El-rei nosso senhor, pois este disse que emquanto ouvira o seu sermão chorara sempre.—Governando-me por mim, lhe tornei eu, o extemporaneo é o melhor, porque o discurso sae do coração, e não é filho do estudo; e é mais dextra parteira a natureza do que a arte. Estas são as novas que tenho de V. S.ª agora darei minhas. Da minha saude não lh'as dou porque nenhuma tenho, nem tenho a ultima cousa que deixa os desgraçados que é a esperança; não tem remedio, não tem remedio; uma confirmada dissuria dolorosa, que me inunda de dia, e me alaga de noite, continuada ejecção de lascas escabrosas de pedra, maiores que o diametro da uretra que se rasga, uma atenuação progressiva, e um fastio invencivel a outra cousa que não seja agua, e de uma fonte proxima a este domicilio, sem outra consolação e outro lenitivo, entre tantas dores e pezares, mais do que não vêr, nem querer vêr, nem a vinte passos de distancia, um só medico, ainda que venha desarmado, sem traquitana, sem o nunca exhausto e verbosissimo erario, sem o oitavo de papel, que traz por sello a fouce da morte; sem Benjamin Constant dentro dos cascos, e Jeremias Bentham na lingua badaladora; venha como vier, não me verá, nem eu o verei. Já triumphei de um medico! Não ha muitas semanas, que ouvi um grande estrepito de fogo-

sas bestas parar a esta porta; era a indiscreta philantropia de um meu amigo, que por devoção sua me trazia um medico, que se tem em maior conta que Hipocrates e Boerhaave, chamado Leal de Gusmão; cansaram de bater á porta, eu mesmo lhes disse da janella abaixo que lh'a não abria, nem abri; o meu amigo tratou-me mal, e elle o inimigo apezar da sua não viril, mas adocicada expressão brazileira, proferiu palavras, cada uma d'ellas mais peçonhenta e mortifera que uma receita! Eu, que não teria medo dos morteiros e obuzés de Souvarrow, não acceitei o combate, e confesso que foi medo e não descortezia. Outro amigo, e bem intencionado, me trouxe aqui um cirurgião—*Isséo torrentior*—apenas conheci que tinha laivos de medicina, e da actual escola liberal do hospital de S. Joseph, e que mui repimpado na cadeira junto á cama, tossindo muito e limpando os beiços, fazendo uma fricção na estolidissima testa com a palma da mão direita, vendo o relogio, mandando-me deitar a lingua fóra, o que eu não quiz—*sic orus ab alto*—«O canal intestinal...—Basta, basta, disse eu ao illustre preopinante; e como sou um tanto resoluto, continuei:—«Ponha-se já no andar da rua, venha a morte, mas calada; onde ia v. m.ce ter por esse canal intestinal? Pois vá pelo canal da escada abaixo, e se faltar o carrasco pode acceitar, que fará fortuna.»—Lá se foi blasphemando, mas eu estou vivo. Taes são as noticias da minha saude; agora as darei das minhas lettras, com cujo louvor V. S.ª tanto me envergonha. As minhas lettras, Sr. P.e M.e Dr., as minhas lettras são gordas, ou nem gordas nem magras. Eu não tenho mais que alguma imaginação, um pouco não digo viva, mas ardente; olhe bem que mais nada tenho, e sou sincero. Não passo do *10.º Desengano;* ahi estão na arêna grandes luctadores; isto foi jogo politico, foi uma diversão que a caverna quiz fazer á questão principal de que El-rei me mandou tratar. Metteram na dança o frade bento, que metteu empenho a V. S.ª para o approvar em grego. Se lá lhe fôr dar o *Desengano 9.º*, fará idéa da manobra maçonica. Beijo a mão a V. S.ª por tomar a minha defensa (que eu ainda não vi); no *Chaveco*, que ataca a Senhora da Rocha, sou eu investido, e no *Paquete* muito mais. O Midosi e o Garrett ainda atiram. Eu devo servir em tudo a Congregação de São Bernardo, e em duas palavras o declaro; o P.e M.e Cruz ha mais de dois annos aqui me traz com que tenho jantado, e me sobra com que jantar ainda, e que cear e lautamente por muitas noites, e isto sempre, e até cousas que se não entram na barriga, cobrem a pelle; tanta generosidade pede bem a recompensa da publicidade. Em defender a Congregação faço um acto de justiça, e na recompensa do trabalho ha um acto con-

tinuo de grandeza; é preciso que eu assim falle, porque os pobres não devem ser soberbos, e se eu alguma soberba tenho é em gosar da amisade de V. S.ª, porque sou

Seu amigo

Pedrouços, 18 de Dezembro de 1830.

J. A. de M.

VI

Ill.mo Sr.

Recebi as tão desejadas lettras de V. S.ª e tambem depois d'ellas os tres impressos, nos quaes admirando tudo, me desagradam duas cousas: uma por carta de mais, outra por carta de menos; por carta de mais, o bem que me trata, merecendo-o eu tão pouco; por carta de menos o pouco que zurze o almocreve de *Adonirão*, merecendo-o elle muito. Para mim foi lisonja, e para elle caridade; para mim a lisonja é ociosa, porque me conheço; para elle a caridade é inutil, porque a soberba é cega. Ora pois, o que V. S.ª não faz por caridade, farei eu por justiça, e se lhe amargurar os ultimos dias da vida, ninguem o mandou escrever parvoices, ou pedreirices. Não é só Alcobaça ou o que tem, ou verdadeiramente teve Alcobaça, o que elle indirectamente ataca sempre, porque os pedreiros julgam usurpação o que elles não podem furtar; este almocreve, até no gesto e nas botas sempre atacou o culto catholico. Que tem com *Memorias Chronologicas e diplomaticas*, a miuda e escrupulosa descripção das momices, serpes, dragos, danças e folias, que os do Porto faziam na procissão de Corpus Christi ha dozentos annos? Que temos nós agora que levassem o sacramento n'uma charola de vidraças, por amor das chuvas, e outras tripeiradas d'este calibre! Tudo isto é metter á bulha n'este seculo das luzes a simplicidade dos nossos maiores. Trata-se de Jesuitas, vem logo n'este ultimo volume das chamadas *Dissertações chronologicas* uma sentença do Procurador da corôa Thomé Pinheiro da Veiga, porque estes queriam que na pessoa do procurador da India fosse citado o provincial do Japão. Trata-se da boticaria de Lamego, que quiz adoptar por filho um rapaz para ser seu herdeiro, vem logo uma tirada contra o Juizo ecclesiastico. Eis aqui as *Dissertações chronologicas* do Almocreve e o orgulho, com que a si mesmo se cita e allega. Isto e tudo o mais que elle escreveu, que é inutilissimo, será em grosso bem espiolhado, não com a applicação das regras da arte diplomatica com que elle nos cança e nos aturde, mas com o fel da satira, e perspicacia do diabo,

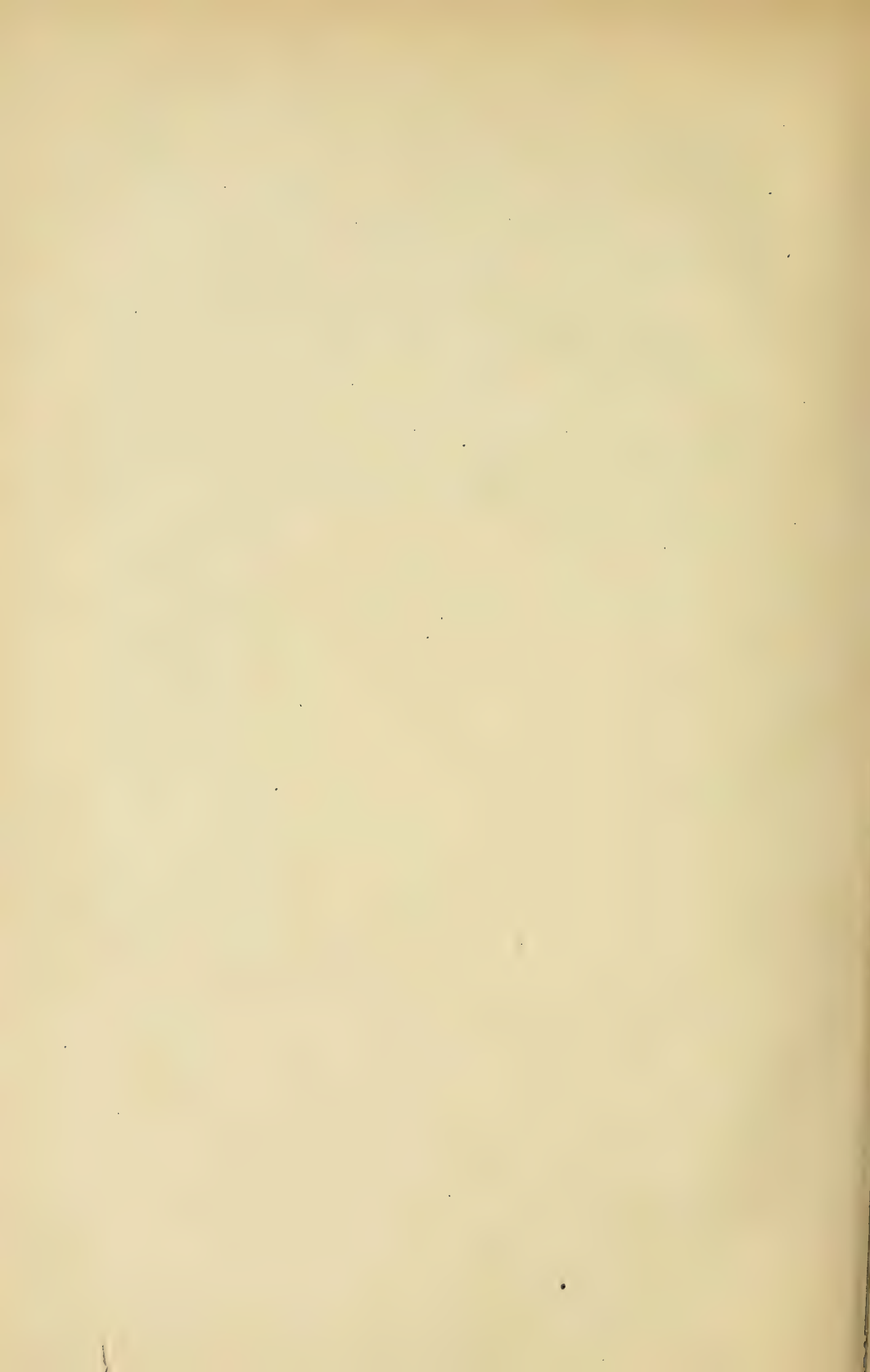
e ao diabo dará elle a cardada de se metter com o clerigo mijão, gotoso e septuagenario. Deixemos esta primeira jornada com o almocreve de terra, vamos ao piloto ou contramestre do mar.— *Quis te Palinure Deorum* — diz Virgilio, e digo eu: Vem cá, Palinuro do inferno nebuloso, que demonio te metteu na cabeça desafiar os intervallos das minhas dores e das minhas viagens ao ourinol? Teu camarada o *Chaveco* atacou com impios epigrammas a Senhora da Rocha; n'esse numero fui eu bem convidado, com espanto de alguns bem conhecidos como o Saraivinha, o amnistieiro; não respondi, porque nunca vi um aggregado de maiores e mais vergonhosos disparates; conheci claramente que tudo aquillo era fome, n'aquelles esfaimados gosos, que de tão longe ladram, e dão bem a conhecer de que espirito sejam. V. S.ª se dignou defender-me e bem visto ficava que com tal patrono eu não ficaria criminoso. Não podem taes burros deixar de doer-se das mataduras, e o poema que os immortalisa devia ser impresso em Londres, para que elles primeiro o vissem e se regalassem. Deixemos os tolos, que não ha quem os possa soffrer, ainda que para onde quer que aproemos o seu numero é infinito. Dou os parabens a V. S.ª e á nossa historia litteraria pelo achado no Cartorio dos fragmentos d'esse homem de cerebro grande (pois se acharem o duplo no craneo do jesuita Dionysio Petavio, n'este capucho de Botão podiam achar o quadruplo). Como é manuscripto e tem as addições de um seu discipulo, tomara saber se são diversos os caracteres da lettra, para se ajuizar sem soccoros do almocreve, se era a lettra do homem prodigioso, que diz andara de gatinhas sobre os plectros, e as lyras pelas margens do Mondego, e já n'aquella tenra infancia era arrastado e impellido para os versos e não por escolha ou arbitrio da sua edade, e que aos onze annos já repetia de cór todo o Virgilio; repito em latim as suas ultimas palavras: — *Et undecimo ætatis anno Virgilium omnem palam memoriter recitabam.*— Que me diz V. S.ª á creança? Que mal empregados miolos na frivolidade que se encontra nos setenta volumes de que se chama pae? — *Septuagenta voluminum pater, et aliorum plurimorum librorum, maiorum, minorum, manuscriptorum* — como acaba o seu elogio o Abbade Rancati, italiano de Padua! N'esta bibliotheca de burel só acho cousa que deveras me pasma, que é um Elogio em latim ao Bispo de Lamego D. Luiz de Sousa, embaixador a Fernando VII, impresso em Roma e digno de se constituir entre o de Plinio a Trajano, e o de Pacato a Theodosio! Os gordos volumes da conciliação da doutrina de Scotto e de Santo Agostinho fizeram perder um tempo, que serviria para escrever a historia do reino de Portugal até D. João IV,

e se a quizesse escrever em latim, para as cousas da India não necessitariamos de Angelo Policiano, nem que este se desculpasse a el-rei D. João II na mais bella carta que ainda se escreveu; nem do jesuita de Bergamo João Pedro, sem ser Ribeiro, mas Maffei, convidado por el-rei D. João III. Emfim o capucho foi o maior talento perdido que tem apparecido no mundo; mas eu, a quem não são conhecidos Otto, Galba e Vitelio nem por injurias, nem por beneficios, digo que o fradinho de Botão era espadachim. Quando o frade cardeal Noris, de vastissima erudição, imprimiu em Roma a sua *Historia Pelagiana*, e os magnificos factos ou éras dos Cyros e Macedonios, com os documentos das medalhas d'aquelles reinados dos successores de Alexandre, veiu o filhote coimbrão metter atrevidamente os seus dois oiros no jogo, o fradalhão Noris se estimulou, porque o fradete de Botão tinha muitas idéas, mas tumultuosas, e sem aquella ordem symmetrica em que consiste o saber; deu-lhe pelas ventas com o livro que se deve ler—*Macedonius Mille armatus Plautino sale perfrictus.*—Isto obrigou o Fr. Ricardo da Normandia a escrever um cartel de desafio, para que ambos corpo a corpo fossem combater, argumentar ou esfaquear-se em Bolonha, como dois rapazes de escola argumentando em taboada em um sabbado de tarde; rematou o cartel—*Em Bononiæ*—O frade Noris se riu, e o capucho morreu, sabendo e fallando vinte e duas linguas. Eu tambem não devia dar tanto á minha sobre estes contos passados, que por serem de lettras fariam dormir um liberal, ainda que elle absorvido estivesse na contemplação e na divisão dos quatro poderes; que são a par d'elles as épocas dos livros Macedonicos? Sendo quatro, o rei fica sem nenhum. Veja o Noris e veja o capucho se acham isto na historia portugueza. Venha pois o escripto, e venha a traducção, depois faremos alguma cousa mais sobre outro prodigio portuguez, chamado o hellenista Achilles Estacio. Quando o capucho esteve em Roma, alli existia tambem um escossez chamado João Barclay, que escreveu em latim um livro, a que o cardeal de Richelieu chamava o seu breviario, e o profundissimo philosopho Leibnitz o trazia sempre na algibeira, e com elle descançava na contemplação de suas abstractas idéas; chamava-se o livro—*Argenis e Poliarcho.*—Ora já que V. S.ª é tão amigo, e deve ser, d'El-rei nosso senhor, deixe ao menos um mez de tratar da fundação de um mosteiro, e traduza em portuguez este livro, que eu salvaria só do naufragio ou do incendio de todos elles; e pelo maior serviço que possa fazer a El-rei nosso senhor, dedique-lhe este livro; e do que n'elle são versos eu me encarrego. El-rei D. João IV mandou a Antonio de Sousa de Macedo, que compozesse

uma Politica para o principe D. Theodosio, o que elle fez, mas podia-a guardar. Fénelon compoz o *Telemaco* para o Delphim; mas o *Telemaco* é copia, e tem original; a *Argenis* não o tem, e diz o auctor, fallando do livro e Luiz XIII a quem o dedica: —*Nec in latine, ante viso.*—D. Miguel I terá uma guia de reinantes; faça V. S.ª isto, e servirá deveras a El-rei. Ha uma traducção em hespanhol, e duas em francez, mas todas tres detestaveis e desgraçadas. E porque o não tenho eu feito? Porque eu sempre ou gritasse nas egrejas ou escrevesse em casa, gritei e escrevi sempre para comer; e fóra isto, em tão longos annos de gritarias e de escriptos, não tinhamos um principe, que pela leitura o aprendesse a ser. Olhe que o livro, sendo de dois dias, o ha impresso em Hollanda, *cum notis variorum.*—*Hoc fac, et vives.*—Mas não se descuide de proseguir na *Contra-mina*; dê-lhe fogo e faça ir pelos áres tantos patifes d'áquem e d'além mar, e dará n'isto o maior prazer e, a maior gloria ao

Seu amigo

Pedrouços, 26 de Dezembro de 1830.

J. A. de M.

A FR. FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO

Superior no Collegio da Graça em Coimbra

I

Amigo

Respondi logo á sua primeira carta, e como me dizia que de Castello de Vide se transferia a Portalegre, dirigi a reposta a Portalegre; vejo que se desencaminhou; recebo a sua segunda carta que eu esperava com alvoroço, porque na verdade eu sou muito do coração seu amigo. Estimo que tenha passado bem, pelo que pertence ao physico. O clima, as perdizes, a apathia lhe poderão grangear a corpulencia de Vitelio; sei que o moral, ou isto que se designa por este nome, ha de ter padecido; a etiqueta prioral, a theologia, os canones episcopaes, o chá mesurado e compassado, tudo isso amofina, e caga na paciencia a uma alma costumada á sucia grossa e mofina, que a Providencia aqui depara em tantos brejeiros, de que eu sou o minimo collega; almas grandes, que em pacificas orgias sabem encontrar a bemaventurança. Compadeço-me d'este seu estado tão *gené*. (Vivam os Manes de Manuel Bernardo, que nos enriqueceu a lingua). Porem, amigo, viva e supporte esses Getas, chamemos-lhe antes Palestinos, que elles não se injuriam; absorva a elipse prioral, e venha, que eu o credito dos meus infinitos conhecidos, com deligencia, e o fatal feijão capitular, se conseguirá a entrada na fortaleza da Penha de França, que é o elyseo da Augustiniana (que alluvião de p... verei eu lá ámanhã, dia do glorioso S. Matheus, o genealogico! Sim, meu amigo, vivam as p..., que hão de ir á feira, e a sua rainha, a discreta Domingas!) Engorde e volte, e vá dispondo ao menos com pano de linho os aproches á Penha, e diga-se adeus ás doctissimas cadeiras; venha antes regentar os quatro donatos a corso de cobre, e será feliz.

Eu tenho passado bem; conhece o repouso do meu espirito—*si*

fractus illabatur orbis etc., — a palavra voga, rende, e não pára. As lettras sumiram-se, extinguiram-se, anniquilaram-se. O astro Moniz eclipsou-se, cousa fatal, desappareceu esta nebulosa estrella, que lhe não ponho a vista em cima ha oito mezes; ainda não parou a desintheria que inquieta as cinzas do extincto vatalhão Bocage, que mania! Viu já a luz a grande estampa de Bartholozzi, acceitou a dédica Antonio de Araujo, vende-se a 800 réis, e gasta-se. Está impresso na Regia o primeiro volume da traducção de Horacio, em máo papel, genero carissimo; eu o remetterei, porque ainda não está encadernado; se se gastar, irá o segundo. No dia em que recebi a sua primeira carta vieram a emendar as primeiras provas. Tenho sentido a sua falta para o poema da *Natureza;* não canso de o polir; mas quem o trasladará? — Eu não. Ántes esconder-me inglorio no cemiterio que me espera. Venha a Lisboa, e dará um passo a *Natureza*, ou a *Creação*, como quiz o Tribunal. Os nossos amigos vivem; mas d'elles o chronicão despede-se para a eternidade. Foi atacado de um tenesmo, os medicos o reduziram ao estado de um cadaver; foi ás Caldas, e existe moribundo em Odivellas, onde eu só o tenho ido visitar muito de proposito. É bom, e sympathisava; temo muito pela sua vida, e me dá summa pena o longo padecimento d'este infeliz. Aquelles hombros de atheleta desappareceram; do Botelho resta a macilenta pelle; e de Botelho não ha mais que o desleixo, o descuido, a indifferença, a ingenuidade, e as namoradas canções. O Magalhães, e o Pedro são inseparaveis de mim; todos os dias nos vêmos, ajuntamos, conferimos. O Magalhães é moço de bom juizo, boas qualidades, viu já a luz, e vive commigo. Quem dissera que ainda hontem á noite, 19 de Septembro, em a nova e luxuriosa loge de José Pedro, o Pedro ateimou sobre — «*A tenue fenda, que vae dar com elle!*» Pois teimou, meu amigo, e dura o prurito de não mudar o verso. Que objecto tão prodigiosamente frivolo! Emfim, eu os deixei ás nove horas, elles foram f..., e eu tambem. Tomámos orchata, e Pedro foi propagar o reverendo esquentamento com que lucta ha tres mezes. O Magalhães mais seguro, tem ambas as divisões da Brigada dentro na barriga. Este Quixote das p... foi corrido á pedra uma d'estas noites desde o theatro de S. Carlos até á rua do Ouro, e merecia-o, porque pagou com meio tostão, o que lhe tiraram do corpo com pedradas; cura-se das contusões, e ri-se.

Novidades externas *Bella, horrida bella.* A este porto chegou o grande almirante Jervis, com seis formidaveis náos, e cruzam mais vinte e quatro defronte da barra; o motivo ignora-se no publico; os meus amigos de côrte me dizem que se previne uma invasão de certa

Potencia com estas formidaveis forças; eu, e os amigos acima temos ido a bordo da náo Hibernia, onde está o *redutavel* Jervis, tem cento e trinta e seis peças, é uma cidade fluctuante; os soberbos inglezes nos recebem muito bem; corre o vinho em ondas; as p... temem as náos os Goiazes. Giram os guineos, que mettem em um chinelo os nossos magros e engoiados pintos. P... de alto bordo falla em uma peça apenas abre a porta, e afugenta o denodado Pedro, que f... em pleno Rocio apenas anoutece. Emfim, o meu amigo lembra-me mil vezes, quando vamos ás náos. Jervis tomou casas, vae ao theatro, e até ás grandes festas de egreja, onde eu fallo. Assim se volve o tempo, entre delicias e zangas. Vive-se em Lisboa, e creio que só em Lisboa; entre esses sarmatas não tem a existencia mais que a duração. Escreva-me, meu amigo, mas seja na oração ligada, que eu lhe tornarei na mesma moeda; aproveite as longas noites do inverno, que se apressa, e venham em bons versos as bellas *Cartas do Ponto*. F... quanto quizer e podér, mas faça versos; virá um tempo em que o gosto desperte. Eu trago em vista uma pequena *Arcadia*, onde poucos opponham uma barreira ao veneno das Bocagiadas e Nissenadas, que infestam o Tejo e o Mondego. Veja se atrahe o não sabido Costa, moço de genio, e se acorda outros.

A sua Ode está na gaveta; as coisas não estão para lisonjear o Cão grande &c.ª Vae o Epicedio. Vença a preguiça, e d'esse hyperboreo castello venham versos, pois os estima, e mais a sua pessoa e memoria

Seu amigo deveras

Lisboa 20 de Septembro de 1806.

*J.*ᵉ

II

Amigo

Acontecimentos tristes, a quem todo o estoicismo em pezo não resistiria, me tem conservado em silencio para tudo: veja se elles são de calibre—*ultra philosophiam*: morreu de parto a espirituosa Domingas, rainha das p..., dos motejos, e das agudezas; a 14 de Dezembro fui roubado em casa, ficando com a unica camisa que tinha no espinhaço, sem roupa, sem trastes, sem cama, e sem dinheiro; digo, sem cama, porque até os cobertores levaram. Só não arrombaram uma carteira, porque o bafio de versos alli alapardados afugentava ladrões; com os versos escapou o Breve da secularisação, a carta de ordens,

e o diploma regio, trastes taes, que nem os ladrões os quizeram! A 4 d'este morreu o Botelho em Odivellas, e no mesmo dia o sepultaram na egreja das Freiras; teimou a ir moribundo para Odivellas contra os conselhos e supplicas de um amigo como eu.

Insere nunc Melibeæ piros, pone ordine vites!

Amigo, eu só me ri hontem á noite, porque parecia mal não me rir com o mundo inteiro apinhado na terrivel e *redutavel* platéa da Rua dos Condes, com a representação de uma tragedia do Moniz, no beneficio do Victorino; ainda nas esquinas jaz o cartaz, que a annuncia, e diz em lettra vermelha e garrafal:

A Alcaideça de Castello de Vide

Tragedia

Por um bem conhecido engenho da Capital
que já o anno passado se fez vêr com a tragedia denominada

IRENE

A pateada foi mais estrondosa que as catadupas do Nilo; á minha parte quebrei um páo, e um banco; achava-me em um camarote com uma corja de desavergonhados taes como eu, que na catastrophe levantaram tamanha grita, que nem a de — *Senhor Deus, mesericordia!* — nos naufragios de Fernão Mendes; era para isto a tal catastrophesinha. Era uma moura namorada de um mouro, sem saber que era seu irmão; no fim apparece um mouro velho do feitio de Fr. Octaviano, reitor do Colleginho e n'elle regente dos Estudos, que disse:

MOURO VELHO: «Vós ambos sois irmãos do mesmo ventre...

MOURO MOÇO: «Pois tu és minha irmã? Eu morro, eu morro,
Aprende n'esta triste punhalada...
(mata-se).

MOURA MOÇA: «Este era meu irmão? Levae-me, oh Furias!
Com o mesmo punhal dou de mim cabo.
(mata-se).

Ora que queria V. Reverencia que nós fizessemos? O que fez o povo, começando a grita, a assobiada da baixa platéa. A agnação é a fraternidade uterina; a fraternidade é sem mais nem mais a causa da morte! Cada acto levou uma pateada, e ainda não tinha acabado o primeiro, ja Moniz se havia sumido. E no fim d'isto vem um endiabrado entremez de José Daniel, intitulado — *O Taful desmascarado*. Chorou todo o folego vivo, e acabou com maior pateada, porque o não deixaram acabar. Ora aqui tem o motivo do meu silencio, do meu pranto, e do meu riso.

Dê-me novas suas. Continue na cultura das lettras, não deixe esmorecer o bello fogo da Poesia, que o anima, e que no meu conceito o destingue de toda a irmandade do Parnaso, ora existente na egreja de Deus. Venha para Lisboa, aqui vive-se, e fóra d'aqui dura-se. Ja corre o Venusino; eu mandarei por almocreve alguns exemplares.

Recommenda-se o bom e atilado Magalhães; eu sou muito seu amigo, e elle merece que todos o sejam. Creia que até hontem á noite 6 de Fevereiro, teimava Pedro o *podre*, com o maldicto verso: *A tenue fenda que vae dar com elle.*

Completamente endoideceu. Cuide nas Cartas de Ovidio, e veja se traz comsigo as poesias melancolicas traduzidas; aproveite o tempo, e já que não podemos fazer cousas que os mais escrevam, façamos cousas que os mais lêam. Viva certo que o seu maior amigo é

Jozé Agostinho.

Lisboa, 7 de Fevereiro
de 1807.

III

Amigo

Recebi a sua carta por mão do honrado pygmêo, e com a carta os preciosos queijos, de que eu, e o que me pertence, temos gostado como elles merecem. Approvo-lhe, e justifico-lhe o sentimento pela morte prematura do Botelho; *Nulli flebilius quam mihi.* Sériamente me perturbei, e se apoderou de mim uma profunda melancholia, que tarde se dissipará. Elle, é verdade, apressou os fados, como se estes fossem tardos, entregando-se indiscretamente na mão de assassinos, ou deputados da junta da morte, que taes são os medicos, e um d'el-

les o propinador da terrivel agua de cal, talvez fosse seu rival em amor. Emfim, lá jaz mesmo em Odivellas, e os olhos da querida todos os dias se fitam, talvez com indifferença, na raza campa do infeliz Botelho. Eu vou existindo, cheio de fadigas quaresmaes, que se me amontoaram mais que nunca, e assim é preciso, para ressarcir o immenso roubo que me fizeram. Não posso approvar a sua indolencia, porque serve de damno á republica dos versos, e nenhuma situação deve paralisar as faculdades intellectuaes, nem embotar os talentos, e a prosperidade da vegetação tambem pende da cultura das terras. Os gelos da Scythia não entorpeceram, antes emquanto a mim deram mais solido e temperado vigor ao prodigioso engenho de Ovidio. Não deixe as bellas Cartas d'este homem, e se entre talentos ha analogia, eu descubro muita semelhança entre o seu e o do desterrado romano.

A sua pretenção foi logo o primeiro objecto da minha lembrança, e da minha deligencia, mas uma e outra baldadas, porque quasi no mesmo dia foi provido um Arrabido; mas nem por isso deixará V. M.ce de ser prégador regio, porque eu sei ser amigo verdadeiro, e quando trato de obsequiar o talento, nenhum sacrificio me parece grande. Tenho destinado ceder eu do meu logar, para V. M.ce entrar, e já propuz isto ao Rebello, mostrando-lhe que nenhum interesse ou dependencia me obrigava mais do que a pura amisade.

De nada me serve o logar, as vantagens são unicamente para os Regulares; eu não fico nem menos buscado, nem menos ouvido; emfim, nada me importa ser prégador regio, trabalho unicamente para me não acceitarem em má parte a livre demissão, que eu quero só se verifique com a sua entrada. Deixe vir o Rebello de Mafra, que se ultimará sem duvida este negocio, porque alguem offereceu contos de réis; eu estimo muito poder dar-lhe esta prova de pura amisade, em que só busco o interesse da sua companhia n'esta terra. Virá para a Penha de França, e não queira outro convento, e alli nos daremos em ocio á indagação da verdade, e á contemplação d'este admiravel quadro da Natureza, e insigne espectaculo dos seus prodigios, em que eu encontro mais prazer que na posse de todas as delicias. E V. M.ce renunciará a tudo o mais, e até á importuna magistratura, cujos privilegios ficam inuteis.

Não remetti o *Horacio* pelo almocreve, porque o livreiro m'o não deu a tempo enquadernado; irá na primeira occasião, e talvez que todo porque está a sahir do prelo o segundo volume. Tenho adiantado muito uma obra, cujo titulo é — *Republica litteraria* — *Sonho philosophico,* — convém a saber, um giro extatico pela Republica das lettras, em que

á excepção da sagrada theologia, em que se não falla, todas as sciencias, artes e seus cultores são mettidos á bulha com uma erudição immensa e uma chalaça contínua; nada escapa, meu amigo, e hoje acabo com os Philosophos, cujos systemas vão analysados, e o ultimo é o celebre Kant. O Magalhães vem todos os dias ler o que se vae fazendo. O Pedro *(proh dolor!)* completamente doido ha mais de dois mezes, arredio, fugitivo, e embrenhado no Passeio publico, ha quinze dias, sem querer ouvir os amigos, por amor d'este utillissimo mote:

«Tu me fazes a alma em mil pedaços,

que diz ser de uma endiabrada mulher ou solemne p..., conhecidas do Pedro!

Novidades: Ha dias chegou ao Tejo uma fragata ingleza embandeirada e a tripulação bebeda, segundo o costume britannico, com a noticia da completa derrota de Napoleão. Foi batido vinte e cinco leguas além de Varsovia. O exercito russiano é commandado por um sobrinho de Sowarou, que estava nas fronteiras da Persia; traz comsigo tartaros, calmucos e cossacos, *gentes apostraticas*. Depois da fragata chegaram dois paquetes com o detalhe da acção, nada resta dos invenciveis e fugiu Napoleão com dois ajudantes de ordens e já não pára em Varsovia, e commandava Napoleão em pessoa; foi a batalha a 26 de Dezembro e tem continuado muitas victorias, mas não constam officialmente. Os russos estão a esta hora em Constantinopla com outro exercito, e faz horrivel fogo á cidade o almirante Luiz, moço de vinte e quatro annos com vinte e cinco náos de linha, e eis aqui os russos abarcando a Europa por dois lados, e verificando-se a prophecia de João Jacques no *Contracto social:* — Os russos serão os senhores da Europa. Defronte da boca do Tejo está outra esquadra ingleza de doze náos e fragatas; defronte de Cadiz outra de trinta e duas náos. Mas seja V. M.ᶜᵉ prégador regio, e emquanto os russos derramam sangue, vivamos tranquillos e felizes. Veja se lhe serve de alguma cousa em Lisboa o seu amigo

José Agostinho de Macedo.

Lisboa, 7 de Março
de 1807.

IV

Epistola

Bifam-se as cartas todas no correio;
Tres me escreveste, respondi-lhe logo,
Agradecendo orbiculares queijos,
D'essa charneca producções suaves,
Pasto mimoso de gulosas boccas
Que, por decretos do vendado enchalmo,
Sempre em roda de mim se abrem de palmo.

Vê que versos tão chôchos vão sahindo
Da apoquentada cachimonia minha!
Envolto, bom amigo, ando em sombrios
Véos de tristeza, que me pousam n'alma.
Eclipsou-se de todo a lusa gloria;
Em logar de saber, honra e virtude
Veiu ignorancia vil, perfidia, engano,
Rapina universal, que tudo assola.
Tudo mudado está! Quasi da vida
O triste Magalhães vae despedir-se,
Hoje luctava co'a patifa morte;
Cavallos, mulas, parolins á sota
Comeram-lhe a substancia; hoje dois negros
Enlabuzados sordidos Camillos,
Chamados por decencia, e por costume,
Grandes sandices lhe arrumavam graves;
Pesado hyssope de latão (que os outros
Sem ser nas mãos de Ovidio, se mudaram
Em novas fórmas, differentes corpos)
Lançando um chorro d'agua afugentava
Tentador Satanaz, brejeiro antigo;
Eu quasi o vi sahir pela janella
De ilharga, porque os cornos lhe vedavam,
Immensos, retorcidos, ponte-agudos,
Quaes se ergueram na frente a Jove Ammonio,
Ou quaes pullulam na raiz do pello

Aos que movendo a conjugal carroça
Na fatal esparrella se despenham
De ser amigos meus, e amigos nossos!
Eia, pois, Magalhães vae a finar-se,
Lá vae para o paiz onde se sabe
Como se dá no circulo quadrado,
E outras asneiras mais, que cá se ignoram.
  Pedro o teimoso, Pedro o cabeçudo,
De todo endoideceu, fez-se vinagre;
Com que frescura clama que os amigos
Pés de boi, portuguezes de outras éras,
Inda que vates sejam quaes Filinto,
E Elmiro, preso á banca e dado a versos,
Devem varrer-se da memoria todos,
E banir-se da sucia, e da amisade,
Quando elle Pedro a dita conseguira
De um alferes francez morar-lhe em casa!
Isto diz, isto clama, a todos foge,
Não por vergonha, por soberba e insania!
Ora c... no Pedro, e mais nos versos
Magros de lima, magros de trabalho,
Que chamados a exame em zero ficam:
  Com ancia te esperava, oh caro amigo,
Entre os padres conscriptos dos comicios,
Germen de sedições, de enredos fonte,
Em que se acclama o dictador dos filhos
Do eterno fallador, aguia da Lybia;
Mas decreto fatal suspende os passos
Aos tribunos do povo tonsurado,
E redobra a alta magoa que me opprime,
Na longa, triennal, tyranna ausencia
Do vate que mais préso e mais estimo
Eu vivo, caro amigo, pois não morre
A innumeravel turba dos carolas,
Encanzinados em louvar os santos,
Que lá na gloria repimpados jazem,
Zangados, como eu creio, da assuada
Que lhe fazem de cá roucas rebecas,
E as mentiras que eu prégo, e mais os outros,
Que a pasmada plebecula suspendem,

Com frias Orações, Discursos occos.
De vintens basculhados inda ateimam...
  Não queiras, caro amigo, que entre n'esse
Labyrintho politico do tempo;
Mate-me embora Deus, mas nunca as balas
Que *sans façon* no corpo se aquartelam
Por dá cá aquella palha; eu só te peço
Que antes leias a Biblia, que as Gazetas.
Os filhos de Albion soberba e rica,
Co'o cachimbo na bocca, o c... na pipa
Jazem na foz do Tejo amedrontado
Em mais de cem ignivomas montanhas;
Tem nas mãos o murrão, e em nós a mira.
Miseras p..., miseros f...,
Tristes gatos pingados, quaes tu viste,
E a quem talvez berrando a pansa encheste,
Se tres diabos, émulos de Nelson,
Gramber, Cotton e Cotter, e o primeiro
D'estes diabos tres fez cinza e nada
A infeliz Copenhague, a um só aceno
Mandam as divisões, que a trovoada
Façam soar nos torreados muros
Da côrte dos c... Ah! só de vêl-os
Quantas calças por dentro frescas ficam!
É comedia, Filinto; até não dormem
Os galos no poleiro, e são galinhas
Os ursos comilões d'alta Siberia,
Inda aqui jazem no curral fechados
Ha seis dias e mais, tudo anda em ancias.
Se aos vulcaneos canhões a mecha chegam,
Lá me tens, bom Filinto, á desfilada,
Que não 'stou para ver moscas por cordas.
Vê se ha no monte Herminio alguma gruta
Em que eu, e uma vestal mimosa e bella,
Que aos ferros se evadiu, e me acompanha,
Possamos evitar a surriada
Das ameixas crueis de todo o anno.
Mas basta de aranzel. O padre Horacio
É todo convertido em lusos versos.
Santos Ribeiro o seu tambem publica,

Em papel imperial, vinhetas, tarjas,
E notas, prefações, lições variantes;
N'isto me acanha, no demais é bolas.
O sabujo Moniz me ladra ao longe
Com mil sonetos da officina d'elle;
Do campeão de Apulia a longa espada
Eu já nas mãos tomei, fendi-lhe as costas
Co'uma Satira longa, meu Filinto.
Apanham longas cartas no correio,
Por isso se não manda a papelada;
Ella aos poucos irá; sou teu amigo,
Acabou-se o papel e adeus, Filinto.

Rocio de Lisboa, 21 de Maio de 1808.

V[1]

Amigo do C.

N'este instante, 6 da tarde, 30 d'este Maio, me entregam na Loge da *Gazeta* duas cartas suas atrazadissimas. Foi um presente para mim. A todos pergunto por V. m.^{ce}, e só o Ferrão me deu noticias suas, dizendo-me que estava em uma quinta junto a Coimbra. Ora pois o corrêio parte. Exista, e eis ahi o que eu quero. Muito lhe direi sobre o *Gama* no primeiro correio. Saiba comtudo que sae em doze cantos, e leva 1:020 oitavas; inteiramente novo o nono e decimo Canto, encerram os quadros da religião, começando no—*In principio creavit*—até ao estabelecimento e progressos do christianismo em Portugal, e conquistas de Africa, &c. Esta semana que entra se publica a resposta aos dois

---

[1] No sobrescripto do mesmo papel:

Ao Rev.^{mo} Snr. P.^{e} M.^{e} Fr. Francisco Freire

Collegio da Graça

Coimbra.

Esta carta é de 1812, pois que a ella se refere na carta de 3 de junho do mesmo anno. *(Da revisão.)*

Investigadores, em que os leva o diabo nas minhas mãos. Vão escovados infinitamente; tudo lhe remetterei. Um novo poema, intitulado — *A Meditação* — em quatro cantos, dedicado á Universidade, vae apparecer já, e o primeiro canto está impresso, e publico mandarei. Supprimi o da *Natureza*; este é maior e melhor. Eis o assumpto: — Primeiro canto: Quem sou eu? — Segundo: Onde estou eu? — Terceiro: Com quem estou? — Quarto: D'onde vim eu?

Seja meu amigo, porque sempre o ama e defende e louva, como deve

Seu amigo

J. Agost.º de Macedo.

Lisboa, 30 de Maio
seis da tarde.

VI

Amigo do C.

Com muita pressa lhe escrevi outro dia, porque partia o correio e a escrevia entre a açougada e motim da loge da *Gazeta*, onde me entregaram as suas cartas. Tenho passado bem de saude, e menos mal no artigo finanças, porque ainda não acabaram as festas; mas assim mesmo vae já para cinco annos me tenho conservado em um estado de guerra contra um exercito de *Burros*, que peja e entulha esta capital da parvoice. Desde que sahi com o livro — *Os Sebastianistas* — posso dizer que se abriu trincheira contra mim, e um dos primeiros mentecaptos que me assestou uma cagalhoada de inepcias foi o Moniz, e um seu camarada, ainda mais asno que elle chamado João Bernardo — *Arcades ambo, et cantare pares et respondere parati.* — Isto produziu uma tempestade de escriptos, a que eu sempre respondi enfeichando-os victoriosamente. Lancei mão de outro expediente, em que os expuzesse, como expuz, a um ridiculo eterno; dei com elles no Theatro, em muitas comedias que os immortalisarão no templo da asneira e continuam a immortalisar, porque continuam a representar-se. Calaram-se então, mas levantou-se outra camada de orates, quando imprimi os quatro grossos volumes dos *Soliloquios* ou *Motim Litterario*, que julgo terão apparecido por esse Atheneo dos alumnos de Minerva transformados em filhos de Marte ou Quixotes vingadores dos aggravos feitos á patria; respondi tambem, e calaram-se. Imprimi tambem um pequeno poema em quatrocento versos, intitulado — *O Argonauta* —

cujo assumpto é a portentosa viagem que em um pequeno barco fez um algarvio ao Rio de Janeiro; nova guerra, e novos impressos, que aterrou a corja do botequim de José Pedro no Rocio. Finalmente por uma teima que tive a 27 de dezembro de 1810 com o sabichão Ribeiro dos Santos e companhia, dei-lhe acabado a 7 de março de 1811 o poema *Gama;* nova tempestade levantada, e mais terrivel e espantosa que as precedentes; tenho respondido, e esta semana em que estamos sahiu impressa a resposta aos dois estouvados Investigadores, e apósto que os senhores Censores, nossos senhores, fôram muito indulgentes para com elles, mutilando grandes tiradas da tunda tremendissima, assim mesmo vão bem servidos e coçados como verá. Como me quebravam os tomates com o episodio do *Adamastor* no 5.° Canto dos *Lusiadas,* imprimi uma longa carta critica, em que mostro que o tal episodio é um solemne destempero; eis em campo um orate, professor de grego, chamado o Couto, com um aggregado de sandices; leva nas ventas uma resposta, que tambem sae impressa esta semana junta á dos Investigadores. Como o Theatro está de todo estragado, e não apparecem na scena mais que inepcias, imprimi tres Cartas criticas, em que esmiuço tres dramas, que deram aqui muito no gosto da populaça. O senhor Ricardo disse, que depois de Pope não ficava campo a poeta algum para tratar materias philosophicas em verso; fiz o levantado poema — *A Meditação* — de que já lhe dei uma ideia, e tem mais versos que o — *Gama;* já está impresso o primeiro canto, e eu o dedico á Universidade, e creio que fará seu estampido. Finalmente assentei que a melhor resposta preparada para a posteridade sobre o *Gama,* era fazer o poema de novo; eu o fiz, e vae em doze cantos, com mais oitavas que o de Camões, e puz quanto pude em o aperfeiçoar e pulir, de maneira que levantei de todo a mão, e lá vae a licencear-se. Cancei-me, meu amigo, a ponto de me enfadar, e se me enfraquecer sensivelmente a vista, mas emfim, ou vou ficar por uma vez enterrado, ou fazer esquecer o que ha na repartição Epopêas até agora. Isto é o que aqui vê, e verá a luz publica; porém como me tem esporeado bastante a alluvião de orates, que tem aqui crescido a olho, compuz um poema regular em quatro cantos, que terá quasi cinco mil versos, intitulado *Os Burros,* satira amarga, em que tudo e todos são envolvidos com mais fel que o de Juvenal; e tanto me tenho empenhado, que me resolvo a ir a Londres, onde só o poderei imprimir, e com elle me deixarei ou repousarei da mania poetica, que já basta, pois tenho quarenta e nove annos.

Desejo mandar-lhe toda esta enorme papelada impressa, que deita

a uns quatorze volumes, além de seis Sermões tambem impressos; mas isto pelo correio é de um frete ou porte escandalisador; lembra-me que d'essa cidade vem a esta um recoveiro dos Frades Cruzios, chamado Antonio, que me conhece e sabe onde eu moro — Calçada do Forno do Tijolo, n.º 45; — escreva-me por elle, que por elle lh'a remetterei. Esquecia-me dizer-lhe que o titulo do novo poema é este — *O Oriente.*

Como me diz que existe no Collegio de Coimbra, creio que estará empregado; mas as cousas estão tão baralhadas ainda, essas terras tão pensionadas ainda e inquietas, que a melhor habitação é Lisboa; veja se quer que me interesse com o Provincial, ou quando isto não aproveite, eu tenho conhecidos no Rio de Janeiro, e a nomeação de prégador regio o podia constituir aqui em tranquillidade e independencia da fradaria, cuja existencia eu vejo muito vacillante; responda-me sobre este objecto com brevidade. Depois da necessaria mania militar, tem acabado o amor das lettras; já não ha livros, nem livreiros, nem instituições litterarias, e limita-se este furor manso a um ou outro individuo, que em silencio busca o — *Dulcia oblivia vitae.* — Um inventor de chuços passa aqui por um Galileo ou por um Descartes, e reconhece-se por archipoeta de botequins o Moniz e o Cego e coxo de Hospital. Tenha saude e conte com a amisade invariavel do seu

Amigo

J.e Agost.o de Macedo.

Lisboa 3 de Julho
de 1812.

VII

(Fragmento)

A pena é ter eu rebolindo, respondido ao senhor apenas recebi as suas cartas, e continuar a escrever, e ir eu mesmo com as minhas bentas mãos deitar as cartas no buraco do Sr. S. Domingos, e queixar-se o senhor que não recebera as cartas; se o senhor não mente, então não duvidamos da louvavel curiosidade dos eximios doutores d'esse Collegio de Artes. Eu vivo, e vivo em guerra, que é o meu alimento e divisa, em logar do — *vitam impendere vero.*

Declaro guerra aos papelões da terra. E a papelada impressa tem crescido a ponto de poder em volumes pedir messas o Macedo de

Beja a esse seu Macedo do Botão. Em uma das cartas lhe dizia, que visto vir d'essa cidade regularmente o azemel Antonio dos Conegos Regulares, por elle me escrevesse, para por elle lhe mandar a papelada da polemica. Imprime-se o poema — *Meditação*. — Vae a isso o novo poema — *O Oriente* — em doze cantos, que tem 1:070 oitavas, que vem a ser 8:560 versos para servir a v. m.^{ce}; e guarde v. m.^{ce} esse apologetico-analytico (isto é ter laivos de Universidade) para quando sair esta almanjarra, que talvez faça dizer: — *Cedite Romani scriptores, cedite Graii.*

Não escrevo mais, sem saber se com effeito é entregue d'esta que é

Do seu verd.º am.º

José Agostinho de Macedo.

Lisboa, dia de S. Judas de 1812.
(A lapis: *Outubro.*)

VIII[1]

Queixa-se s. m.^{ce} do meu silencio; queixa-se da falta de resposta ás suas cartas; a ultima que recebi sua me mandava calar, calei-me; agora falla, fallo eu tambem. Já lá chegaram os *Burros*! Têm viajado! Ora digo-lhe a verdade, que me zanga sériamente a desgraça dos meus jumentos; sairam da minha estrebaria, limpos, nedios, anafados e luzidios; bastou a primeira copia que se tirou, para se adulterar tudo; é uma lastima o estado a que tão bom poema está reduzido! Tem ti-

---

[1] Os autographos d'estas oito Cartas fôram-nos confiados pelo nosso antigo alumno Eugenio de Castro, que em carta de 1 de maio de 1894, nos communicava: «As Cartas são dirigidas a Fr. Francisco Freire de Carvalho, primo-coirmão do meu bisavô o Desembargador Francisco José Freire de Carvalho, e irmão de José Liberato Freire de Carvalho e D. Antonio da Visitação Freire, que foi socio da Academia real das Sciencias e grande amigo de Bocage.» Por parte de seu avô materno o Dr. Francisco de Castro Freire é que se conservaram estas cartas na familia.

Em presença dos autographos vimos quanto imperfeitas, e por vezes inintelligentes eram as copias alcançadas por Innocencio, evitando assim deploraveis erros. (*Da revisão.*)

rado mais de uma terça parte, e tem introduzido Mordomos por devoção, sem eu ser ouvido; tem estropeado versos, e tem maculado o todo, até na ordem. Obrigaram-me a uma nova edição, que acabei; este rapaz poderá para outubro levar uma copia para se conhecer n'essa cidade. Tenho concluido o poema — *O Oriente* — em doze cantos, que contém 1:071 oitavas; cinco vezes o fiz e refiz; julgo que consegui a possivel perfectibilidade, e que não cabe mais nas forças humanas. Talvez me resolva a imprimil-o n'essa Officina da Universidade. Não ha colher uma obra impressa das officinas de Lisboa; a Regia, que tem excellente typo, está pejada dos malditos periodicos, de tal arte que desde Janeiro até hoje 10 de Julho só estão impressas do poema da *Meditação* oito folhas, e do poema *Newton* tres folhas. Nenhum official é livre dos periodicos de m..., e só em horas de descanço ou de noite, me compõem alguma cousa.

A litteratura, meu senhor, morreu n'esta capital; ninguem lê mais que *Gazetas*, nem quer ler mais que *Gazetas*. Os livreiros que ainda têm a porta aberta estão ás moscas, as togas cederam ás armas. Aqui diz o rapaz geometra que s. m.ce busca obras de Delille; deixe-se de poetas francezes, que nada são; por essa livraria talvez haja um exemplar de Estacio, leia-o, medite-o, tome-lhe o sabor, achará mais poesia em uma só pagina bem conhecida, que em quantos escreveram versos antigos e modernos; eu assim o sinto e fallo com conhecimento de causa, sendo por desgraça da Irmandade do bicorneo monte.

Pouco avulta o que tenho feito até agora, mas d'isso mesmo irá o que ajuntar; espere pela *Meditação* e pelo *Newton*; depois apparecerá *O Oriente*, e basta. Cuide nas lettras antes que se acabem; adoçam a existencia, e depois de bem cultivadas, trazem a vantagem por fim de nos mostrarem que morremos perfeitamente asnos e ignorantes; eu já cheguei no circulo ao ponto de que partira, e se me pergunto quem é Deus? — respondo-me com o Mestre Ignacio, o que eu dizia na eschola: — É um senhor infinito, eterno, todo poderoso, que dá a gloria aos bons, e aos máos o inferno para sempre. Amen. — Estou adiantado! Eis aqui a Philosophia. Tinha vontade de passar um mez ainda sentado por esses sinceiraes do Mondego; ouvir por ahi esses Platões, Chrissipos e Diagoras; se uma estalagem me não fosse incommoda, ia para os fins de outubro ver a imprensa e cuidar no *Oriente*. A *Meditação* é um poema digno e unico, a que se pode chamar philosophico; eu o dedico á Universidade, e ella devia mandar fazer segunda edição com pompa, e enriquecel-a com notas — *ægri somnia*

vana!—A Universidade!... Se elles trocaram a borla em capacetes, e os frades que ficaram encanecem no profundo estudo do Larraga! Divirta-se, meu senhor, e creia que é

Seu amigo

J.e Ag.o de Macedo.

Lisboa 10 de Julho
1813.

A UM AMIGO DO VIGARIO GERAL

Ill.^mo Sr.

Peço-lhe um favor, e vem a ser: O Duque de Cadaval segunda feira me encarregou da traducção de umas bullas que impetrou, para pôr certos prestimonios em algumas das muitas egrejas do seu padroado, a beneficio de seus irmãos, permanecendo no estado de solteiros, e passando aos outros se elles casassem. Estas bullas vão executar-se perante S. Ex.ª o senhor Arcebispo de Lacedemonia, e esta execução já está em caminho, tendo ido com vista ao promotor Lima, logar de novo creado, para lhe dar de comer alguma cousa, e com que elle come muito, e come tudo. Este Lima é um clerigo, que simplicissimo em lettras, enxotado ha muitos annos da Collegiada de Ourem, e aqui com aquella impostura que é filha das luzes do seculo, e do presente estado dos progressos da civilisação (Diccionario de 24 de Agosto), se tem introduzido em quantos logares ha, e creio que o senhor Arcebispo de Lacedomonia precendente estará no céo pelo haver posto no meio da rua aos quinze dias de o aturar. Algum dia tinha dois tostões por cada duvida que punha nos *breves;* poz cincoenta e duas em um breve de banhos de uma freira da Esperança, e mamou 10$400, metal! E se José Gonçalves não acode com justiça de mouro, ainda a estaria a mamar os dois tostões. Nas bullas do Duque não tinha duvidas que pôr, que tem o beneplacito, e n'elle o substanciado conteudo nos rescriptos apostolicos, e como não achou duvidas, lembrou-se de condições, e já mamou oito tostões pela primeira, que é esta: — «Apresente traducção exacta d'estas bullas.» O Duque me pediu lh'as traduzisse, e eu o não faria por todo o ducado de Cadaval, como lh'o disse, porque são tão compridas, que mais depressa traduziria as *Pandectas*, e ambos os *Digestos*, e todo o Isidoro Mercador; que antes traduziria de portuguez para portuguez um dis-

curso do sr. Annes de Carvalho, e todo o *Filangieri* do conego Castello Branco. Disse ao Duque que eu lhe faria, e fiz, um requerimento ao senhor Arcebispo, como executor das mesmas bullas, para se juntar aos autos, para que sem embargo da *condição* se passasse a prova das premissas até a final sentença executorial. Que diabo de desembargador e de promotor é este, que não entende nem o latim da moderna Roma, e que precisa de ter em portuguez aquillo que deve entender? Se o senhor Arcebispo não fôra de tanta bondade, o despacho á condição devia ser este:—«Os Padres de Rilhafolles fechem n'uma cela este clerigo, e por quarenta quarentenas lhe ensinarão á palmatoria os rudimentos da lingua latina, e no fim do anno darão conta n'esta secretaria do seu adiantamento. A. A. de Lacedemonia.»—E se quizesse pôr *com guarda*, melhor seria, mas ha de ser de dois Padres de Rilhafoles em horas de estudo do réo recluso.—Pois tu, Promotor infernal, não sabes que lendo as bullas no original entenderias melhor a força das clausulas, e termos curiaes das mesmas bullas? Para certos termos do estylo da Curia não ha equivalentes na lingua portugueza.

Como não tenho accesso algum na presença de S. Ex.ª, peço a V. S.ª lhe queira ponderar estas razões, pois desejo satisfazer ao Duque, a quem devo amisade, lembrando-lhe que na mesma sentença executorial se costuma transcrever a substancia dos mesmos rescriptos apostolicos, e que isso é da competencia do escrivão, e como aquelle impostor devia comer os oito tostões, sempre havia de dizer alguma cousa, ainda que fosse uma parvoice. Nos mesmos breves das freiras nunca se mandou juntar traducções, e o mesmo Duque me mostrou a sentença executorial da bulla impetrada pela Rainha para a suppressão da Collegiada de Torres Novas para patrimonio do convento da Estrella, e não vem lá tal traducção! Eu nem para sacristão tenho prestimo, mas se fosse Arcebispo uma hora, punha-lhe este despacho:—O promotor as mande traduzir á sua custa, ou elle as traduza *ex-officio.*—No mesmo instante acabava o de promotor, e folgavam as bolças dos impetrantes.

Espero de V. S.ª este obsequio e occasiões em que mostre ser

De V. S.ª

Forno, 30 de julho de 1829.

Invariavel amigo

J. A. de M.

AO ARCEBISPO VIGARIO GERAL

D. Antonio José Ferreira de Sousa

I

Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr.

O livreiro Orcel declara que o primeiro volume de Condillac, que annuncia, vem para um particular, que tendo o *Curso de Estudos para instrucção do Duque de Parma*, se lhe desencaminhou o primeiro, e quer ter a obra completa. Como não é o que expressamente trata das Sensações, pode passar, e V. Ex.ª inclui-lo na licença geral.[1]

Aproveitando esta occasião, passo a expôr a V. Ex.ª materia que não é da censura, mas de muito maior importancia. Hoje 24 de Septembro, indo prégar ás Mercês, fui testemunha da murmuração publica, e lá a expuz a dois Desembargadores da Relação ecclesiastica, Oliveira, e o Prior da mesma egreja João Camillo. O frade arrabido Argea, preso por tantos tempos no Limoeiro, e de lá desterrado; o padre Marcos, ex-encommendado da Pena, o Heliodoro dos nossos tempos, expoliador dos templos, appareceram em Lisboa, e S. Em.ª a este só deu licença para dizer missa, e ambos sem licença se mettem a prégar com escandalo e murmuração publica; o frade na egreja do Sacramento, terça feira 28 do corrente, e o Marcos na egreja da Magdalena a 29; clama o povo sem razão contra o senhor Patriarcha, que tal licenca não deu; e me parece que para evitar tumultos e escandalos, e acudir-se á reputação e nome de S. Em.ª, usasse V. Ex.ª de um meio suave e politico, e auctorisado pela constituição do Patriarchado: Que mandasse sem perda de tempo ordem por escripto aos dois priores, que pedissem aos dois prégadores a actual licença por escripto, ou a provisão de licença; e assim ninguem pode ser arguido,

---

[1] Vid. a Censura de 15 Setembro 1824.

por cumprir com a sua obrigação, e obviando-se o motim, e gritos de que eu fui testemunha. O perdão dos crimes politicos d'estes dois apostolos não subentende a licença para prégar, que S. Ex.ª não deu, nem devia dar, sem escandalo; porque se os priores vindos não tiveram de S. Em.ª a faculdade do ministerio parochial, como podiam ter licença para o ministerio apostolico o frade, que nas sacristias mostrava uma faca para matar *corcundas*, e o divinisador de Manuel Fernandes em suas exequias, em que declamou contra o poder real? Parece-me muito acertado este aviso. Deus guarde a V. Ex.ª como deseja, e lhe roga o que é de V. Ex.ª

Subdito m.^to^ obed.^te^

24 Septembro de 1824.

J. A. de M.

II

Remettendo-lhe um exemplar da traducção da Oração funebre recitada nas exequias de Pio VII

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Quanto posso, e quanto devo, agradeço a V. Ex.ª a efficacia com que procura satisfazer o pio desejo com as boas irlandezas religiosas do convento do Bom-Successo para se lhe conceder a graça que supplicaram da exposição do sagrado lausperenne; pedem agora que sejam consideradas em a nova folhinha que se fizer para o dia 23 de junho futuro. Eu para então não conto com a vida pelo estado de molestia que tão horrivelmente me atormenta; e a philosophica Lisboa contará então com lausperenne! É já muito grande o derramamento das luzes, muito rapidos os progressos da civilisação, para se cuidar em taes actos de piedade, quando ha muito que fazer em sustentar a Carta, e defender as sabias instituições com a penna, e com a espada. Espere por ora o catholicismo, é preciso primeiro derrotar o servilismo, e mantêr os inauferiveis direitos do senhor D. Pedro 4.º, e depois se cuidará no menos interessante.

Offereço a V. Ex.ª esse exemplar do *Elogio funebre de Pio 7.º*, que eu fiz apenas comecei a ler o original italiano, que me mandou o Nuncio (não digo apostolico, porque esta palavra por si só é um crime mais atroz que o regicidio!) digo só Nuncio. É a segunda traducção que faço em minha vida; a primeira foi a de todas as obras de Hora-

cio em versos menos máos; imprimiu-se o primeiro volume, que contem as Odes, e que se tem feito muito raro; o segundo foi levado manuscripto, sem eu saber, para o Rio de Janeiro, por um frade capucho, e botanico, grande architector de *Floras*, e lá se perdeu como o Brasil, que tambem era propriedade portugueza. A segunda é essa que apresento a V. Ex.ª; eu não vi, não li, nem conheço cousa mais admiravel; verdade seja, eu ainda não tinha ouvido fallar na Camara alta o Conde de Lumiares, e na baixa o General operatorio Claudino, e o Licurgo doctor Magalhães, nem o bedel da faculdade Manuel Borges Carneiro, n'aquelle grande arrazoado em que pediam uma estatua colossal do Senhor D. Pedro 4.º, para a collocar em cima da primeira obra publica, isto no mesmo momento em que pegadas ao Rocio se concluia e ultimava a grande obra das magnificas cloacas nacionaes, que logo começaram a servir, e vão muito commodamente servindo.

Apezar d'estas riquezas domesticas, não deixará V. Ex.ª de admirar e estimar este thesouro extranho, dando-lhe aquella attenção que merece a mais sublime dialetica, e a mais pomposa eloquencia. Eu estava persuadido que se não podia exceder em uma e outra cousa a Oração funebre nas exequias do Principe Eugenio, feita por outro italiano, o cardeal Domingos Passionei, que os francezes logo traduziram, e sempre tem louvado; vejo agora que nada se pode egualar a este prodigio, que a frivolidade presente não julgará tal, mas que o profundo entendimento de V. S.ª reconhecerá, como eu respeitosamente lhe supplico que reconheça que sou

De V. Ex.ª &c.ª

Em 23 de Junho de 1827.

J. A. de M.

III

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

A distincta honra e especial bondade, com que V. Ex.ª se digna tratar-me, me anima e me dá a confiança de me dirigir d'esta maneira a V. Ex.ª Está proximo a passar-se a sentença executorial de um breve de prorogação para uso de remedios a beneficio de uma religiosa, a quem V. Ex.ª concedeu por virtude de um rescripto do Nuncio dois mezes de licença, para se ultimar a execução do breve, que novamente impetrou. O profundo promotor, que acha duvidas na bulla do Duque de Cadaval, apezar de saber que a freira me pertence pelos mais estreitos vinculos de sangue, de ter cincoenta e tres annos

de edade,[1] de estar cuberta de lepra (*gota rosea*, lhe chama o medico Abrantes) e de ter um aneurisma na arteria carotide no pescosso, já com pulsasões sensiveis em perigo de vida, como tambem sabe que me interesso n'isto, e com tanta razão, ha de multiplicar as suas illosorias duvidas, e o tempo dos dois mezes se finalisa; peço a V Ex.ª todo o favor compativel com a justiça, em rejeitar ou entupir a mina das parvoices em que insistir o nunca assás louvado promotor, e n'isto receberá a maior mercê o que é

De V. Ex.ª

Subdito obdiente

........1828

J. A. de M.

IV

Ex.mo R.mo Sr.

O portador d'esta me tem feito algumas vezes obsequio de se encarregar do dever que eu não podia desempenhar, tolhido pela minha terrivel e desesperada enfermidade: que é saber do estado de saude de V. Ex.ª, porque me encheu de um serio cuidado, tanto que vi que V. Ex.ª tinha transferido o despacho. Eu beijo a mão a V. Ex.ª pelo bom accolhimento que lhe tem dado, pois me apparece aqui até compungido de gratidão e de respeito pela sagrada pessoa de V. Ex.ª Agradeço muito a generosa offerta, que V. Ex.ª me faz, tanto do honrado facultativo, que eu fiquei estimando muito, porque lhe conheci o tacto medico, sem dilatar as philaterias da ridicula presumpção e nojentissima verbosidade, mais mortifera que as mesmas doenças, que elles não curam, e menos conhecem. Egualmente agradeço a V. Ex.ª o beneficio da agua sympathica, que ja começa a augmentar e avivar a minha fé. Vivo em um interminavel martyrio, quasi sempre confinado na cama, e sempre victima de permanentes dores; sem um veio de alivio, nem de dia, nem de noite, luctando com este trabalho, para o qual não tem forças o composto humano; não padeço menos na forçada innacção da minha alma, pois vejo passar inteiros e tão longos dias sem ler uma pagina, ou escrever uma linha, e pasmo ás vezes, quando em algumas horas de escripta vejo que chego ao fim com um ou outro numero d'esse pueril e insignificante divertimento da *esfolação*, com o desprazer de escrever a medo, porque os senhores co-

---

[1] Aliás 48, tinha nascido em 1780. (*Nota de Inn.º*)

bertos de mazellas dizem, que tudo lhes váe dar n'ellas; e é tanta a soberba titular, que até querem contemplações com os mesmos que com titulo e tudo merecem a forca. Aínda querem mais melindre com os extranhos, falta mandarem-me que lhes beije a mão, pela zombaria que de nós fazem, e não lhes faltava mais que fazerem-nos pupilos, o que me faz lembrar o que um prégador disse aos saloios de Loures, em um sermão de paixão na quinta feira de endoenças á noite. Pediu o sudario, e estando dois embrulhos sobre os caixões da sacristia, um do sudario, outro tambem de panno, de Santo Antonio, trocam a cousa, e levam-lhe o do santo, que tambem tinha dois paus nas extremidades, como costuma ter o sudario, e têm os mappas.—«Os judeus (disse o prégador) fizeram tudo qnanto quizeram de nosso senhor Jesus Christo; mas fazel-o frade capucho, isto só os bebados de Loures!»—De nós têm feito o que querem; mas fazerem-nos pupillos!... Seja pelo divino amor de Deus! Assim escrevo a medo, e os cabeções, que se deviam pôr na *Besta*, tenho-os eu...

Muito me lembro sempre da litteraria e patriota resolução de V. Ex.ª, com a edição do grande Fernão Mendes Pinto, para cuja prefacção eu me offereci; e deseja que V. Ex.ª visse a prefação da tratraducção hespanhola, e o que diz o Abbade Prevost na Collecção das Viagens, e tambem a antiga traducção franceza, feita por um portuguez F. Figueira. Demos o devido apreço a tão grande escriptor, que merecia um commentario, ou uma illustracção ao que nos diz da China, e da dynastia tartara, que então começon; assim como dos grandes descobrimentos no mar do sul, isto é, das ilhas dos Papuas, Celebes, e Mindanous. Não deixariamos levar isso aos inglezes, assim como nos levavam tudo, que muito é o senhor Cook fallar nas terras de Queiroz. Mas em que tempo estamos nós? Fallar em lettras aos portuguezes, que chegaram a querer só *Panem et Circenses!*

Aqui me disse um cavalheiro procurador por Coimbra, que a fallar poderia cançar Fabio, o fallador, que o Ex.mo Sr. Bispo de Vizeu tinha composto e publicado algumas memorias sobre escriptores portuguezes, que o mesmo Ex.mo Sr. Bispo lhe mostrara agora em casa do Principal Freire; tomara que este tão erudito prelado se não esquecesse dos seus e meus patricios Fr. Amador Arraes, e Jacinto Freire de Andrade, e sobre todos, do quasi nosso patricio, pois nasceu na Vidigueira, Achilles Estacio, a quem tanto se deve, mas não conheceu tudo o Abbade Barbosa, porque de quasi todas as obras de S. João Chrysostomo fez a traducção latina, que se conserva manuscripta e intacta na sua inteira bibliotheca, legada por elle em Roma aos Congre-

gados do Oratorio; assim como não desejava que se esquecesse de Antonio e Marçal de Gouvêa, tambem de Beja, e que tão grandes pareceram á França, onde ensinaram. Eu já nada posso, estou sempre a braços com a morte, em dores interminaveis, e no espasmo perturba-se-me a cabeça, e muito terei que agradecer ao céo se podér tirar de um borrador indecifravel o poema, em que o mundo cá poderá conhecer que eu desejei saber alguma cousa.

V. Ex.ª por amizade me favorecerá, mandando aos clerigos pobres, de quem sou irmão, que ponham na lapide da minha cova este epitaphio:

> Debaixo d'esta pedra mudo e quedo
> Jaz o moido e moedor Macedo;
> No mundo nada foi quando vivia,
> Nem socio foi da magra Academia.

Não me quizeram lá, porque diziam que eu ia para lá dizer mal de todos; talvez se não enganassem, porque todos o mereciam; porém o que elles não quizeram fazer, fizeram agora os romanos, mandando-me um diploma de socio da *Academia Tiberina*, em que entram só os primeiros litteratos da Italla; e eu, que nunca me esqueço dos portuguezes, no meu agradecimento lhes pedi quizessem examinar nos manuscriptos da Vaticana os manuscriptos de André Baião, successor de Marco Antonio Mureto na cadeira de eloquencia, e fazerem uma copia da traducção latina das *Lusiadas*, mais exacta e muito melhores versos que os da paraphrase, e não traducção de Fr. Thomé de Faria, e que viesse isto pela legação, que eu cá pagaria o frete, e a quem elles aqui quizessem o trabalho da copia, porque fazer gastar um tostão a um italiano é tirar-lhe um olho da cara, ou ambos os olhos. Se assim o fizerem, será mais um tropheo levantado á gloria do poeta, e que valha mais alguma cousa que a edicão rica do Morgado Matheus. Não se enfade V. Ex.ª, se um moribundo em logar de uma carta missiva faz um testamento. Se o meu fraco é fazer conhecer ao mundo a litteratura portugueza, este fraco é tão forte que a tudo me obriga, e o pouco que me tem a mim obrigado me obrigaria agora a mim a deixar Portugal, e a dizer com o bom Juvenal:

> Vivat Asturius illic
> Vivant qui nigra in candida vertuntem...

Mas, viva V. Ex.ª para timbre da egreja lusitana, para estimador

das lettras, e para ser, como é, um Vigario geral, de quem nenhum clerigo diz mal, e de quem é

Com o mais sincero respeito

Subdito e amigo m.to affectuoso

Pedrouços, 15 de Junho de 1829.

J. A. de M.

V

Ill.mo e R.mo Sr.

Com muito respeito beijo a mão a V. Ex.a pelo distincto e generoso obsequio, que se dignou fazer-me; aqui appareceu o honrado facultativo, muito de espaço, e não com a rapidez do relampago, de suas costumadas visitas, que só se podem desculpar pelo muito que tem que fazer a morte, e lhes basta um sôpro para nos apagar a candeia da vida. Veiu pois, e sentenciou, e eu com uma docilidade, que eu não sabia que tinha, lhe puz o *cumpra-se*, e lá foi logo para o executor, o boticario; veiu, e V. Ex.a não pode considerar a Socrates com mais intrepidez, tendo o vaso de cicuta na mão; eu n'uma cousa excedi a Socrates, porque não consta da historia que elle fizesse a careta que eu fiz apenas me passou o esofago o primeiro trago. Viram-se tentados os circumstantes a me rezar o responso, porque me viram por muito tempo com os olhos fechados, e com a bocca aberta. Emfim, lá foi, e eu ainda aqui estou; no seguinte dia passei duas horas menos dolorosas, mas parece que o mal recuou para accommetter com mais furia; comtudo, como o remedio não é espingarda, para produzir logo o effeito, continuarei com as mesmas caretas a despejar a segunda garrafa, e darei parte. Visto a agua annunciada ser feita pela pharmacopola natureza, e não costumar esta empurrar e embutir um *qui pro quo*, muito desejarei fazer d'ella alguma experiencia, porque na verdade o meu estado é miseravel, e só a religião me póde tornar supportavel a existencia.

Ando sempre luctando com a enfermidade, e para fugir ao maior tormento da vida, que é para mim o não fazer nada, na pausa das mais excessivas dores, porque alguma cousa remittem, ainda que pouco, lanço no papel essas linhas impressas, que por ahi apparecem, e tiro do cahos de um inintelligivel borrão o poema, em que me parece que ja fallei a V. Ex.a O primeiro dos quatro cantos hoje mesmo me ficou

em limpo; tudo vae de vagar, não pelo dito do philosopho, *festina lente*, mas porque é um milagre poder escrever uma só lettra.

Ha muito tempo que estou em divorcio com os livros, e muito mais depois que a dor de pedra se casou commigo; mas aqui me appareceu um livro, que até ao anno de 1731 era *inter rariores rarissimus*, e depois de 1731 não é muito vulgar; talvez V. Ex.ª o não tenha em sua estante, ainda que deva estar sempre em cima da sua meza, ou bofete; vem a ser a—*Historia do descubrimento das Antilhas e India*—por Antonio Galvão, a quem premiaram com dezesete annos de hospital, e na morte um lençol pelo amor de Deus para o amortalharem. Optimo livro! É uma synopse chronologica de todos os descobrimentos por mar, e illustra muito Fernão Mendes pelo que pertence ás ilhas do Oceano pacifico. Eu o acho mais exacto em datas, em topographia, cosmographia, pelo que respeita ás Indias de Hespanha, que os mesmos dois grandes historiadores Fernando de Herrera, e Antonio de Solis. É um epitome, como o de Eutropio, ou de Justino; e muitas vezes em pouco diz mais e melhor que o aspero e difuso João de Barros; porque este Galvão pinta o que viu, e João de Barros o que lhe disseram. Eu o offereço pois a V. Ex.ª, porque é um litterato, que d'elle pode fazer um excellente uso. É notavel o que diz a paginas 22, sobre um mappa achado no Cartorio de Alcobaça no anno de 1528; eu sabia da existencia d'este mappa, que é de Martim de Bohemia, mas não sabia que o infante D. Fernando fallara n'elle, nem que do Cartorio se tirara; e fallando eu n'elle a Ricardo Raymundo, a Regencia me mandou a casa um aviso, para que fosse examinar esta e outras cousas de importancia no paiz das lettras. Como eu devia ir á minha custa, porque o Erario estava muito alcançado, cuidei em ir aturar os carolas das irmandades, para lhes gritar algum sermão, que em me fazer busca-mappas á minha custa. Saibam todos quantos o quizerem saber, que em Portugal lançar-se no partido das lettras, é o mesmo que emigrar para Hespanha com o Marquez de Chaves, todos a eito e a esmo criminosos, dignos de aspero castigo, e solemne desamparo. Eu dei na fina, estou com o milord Bollingbroock quando sahiu do ministerio no tempo da rainha Anna; retirou-se, e não lia nem queria ler senão os livros mais ineptos que apparecessem. Elle não foi tão feliz como eu n'esta resolucção, porque lhe não appareceu o que me appareceu a mim, que é a—Defeza dos Direitos nacionaes e reaes—pelo maior mentecapto do mundo, tanto velho como novo, o Desembargador Doctor José Antonio de Sá.—*Nocturna versate manu, versate diurna*—Isto é verdadeiramente o *exemplaria*

grœca; o que aquillo seja, ainda até hoje ninguem entendeu, e abraçado com o meu Sá, acabarei a minha vida. Quando os facultativos me querem impingir laudano, digo á moça: — Traze-me cá o Sá — que ella perfeitamente conhece, por ser aqui o filho unico, e estar sempre n'uma cadeira ao pé da outra em que me assento. V. Ex.ª estará sempre desejando vêr terra, porque parece que não acaba a viagem d'esta carta; pois Ex.mo Sr., aqui dá fundo, ficando insondavel o profundo respeito com que sou

De V. Ex.ª

Subdito obed.te e affectuoso am.o

J. A. de M.

Pedrouços, 27 de Junho de 1829.

VI

Ex.mo R.mo Sr.

Ligado em uma cama, com o mais terrivel ataque de gota, que me despedaça o pé direito, com trabalho indizivel vou á presença de V. Ex.ª para valer a um innocente, qual é este P.e Joaquim José Pinheiro, não porque eu o diga, mas porque assim é tido na freguezia, que está em alvoroço e commoção, vendo-o tão atrozmente calumniado. Eu dou a V. Ex.ª uma idéa do seu accusador com as palavras de Juvenal — *Monstrum nulla virtute redemptum.* — Um genovez, que aqui appareceu, e poz uma fabrica de papel pardo em um palheiro e estrebaria na Rua do Telhal, defronte do muro das parreiras; acabou-se logo o papel pardo, e arvorou-se em vice-consul de Sua Magestade Sarda, isto é, criado do consul sardo, que é dentista genovez; calotes, contrabandos, gatos por lebres, eis aqui a vida do accusador; e até a mim *cum doctrinis nostris* me enganou com um canastrel de macarrão de torna-viagem por tres cruzados novos, tão duro e avariado, que nem os pobres o quizeram á porta. Convidou o clerigo para sua casa por 4$800 por mez, matou-o á fome, e o clerigo fugiu de lá; pedia nas tendas em nome do clerigo, que elle pagou com lingua de palmo. Eu me constituo advogado do clerigo; o accusador ha de vir com seu libello, quando chegar a estes termos eu responderei por artigos; elle deve ter juntado documentos á sua accusação; ponha-se a cousa em tela judiciaria, e verá V. Ex.ª quem é o vice-consul sardo,

fabricante de papel pardo; elle merecia que V. Ex.ª o mandasse para a cadeia por calumniador, ou que mandasse pôr silencio a semelhante impostor, e se consolasse o pobre clerigo, que é verdadeiramente o infamado.

Tolhido de dores, e ardendo em febre, só posso escrever agora que sou

De V. Ex.ª

Subdito e am.º obrig.mo

Pedrouços, 21 de Maio de 1830.

J. A. de M.

AO DR. FR. DOMINGOS DE CARVALHO[1]

Graciano, lente de prima de Theologia na Universidade de Coimbra

1829—1830

I

Meu antiquissimo amigo, e meu muito erudito collega. Hontem 6 do corrente Agosto, dia da Transfiguração, tambem eu me transfigurei; e na presença de muitos *corcundas* que estavam commigo — *Videntibus illis* — porque, ou pelo pezo da enfermidade, ou pela indole das circumstancias, esta minha cara sempre annuviada de tristesa, ficou banhada de uma vivissima luz de contentamento e alegria, ao receber a tua presadissima carta, que despertou em minha alma as mais enternecedoras recordações. Coimbra! O Collegio! A quinta de Valmeão! Isto para o meu coração, que tem as fibras tão irritaveis! Accresce mais para augmentar estas emoções incomprehensiveis, ser mandada a tua carta do palacio do nosso tão respeitado e tão venerado collega o Em.^{mo} Sr. Cardeal da Silva. Tudo isto — *post varios casus, post tota discrimina rerum!* — Casos e cousas que me tem apparecido no dilatado periodo de 51 annos! E que coincidencia de cousas! Recebo a tua carta no momento em que estava revolvendo os papeis que aqui me deixou o Dr. Faustino Simões Ferreira, mais um documento dos absurdos constitucionaes d'essa, agora tão reformada Universidade! Se a providencia me não houvesse posto n'este lastimoso estado de insanavel enfermidade, que me torna immovel, por que com muito trabalho posso apenas sahir da cama para sentar-me n'esta cadeira, este era o instante de realisar o presupposto que ha muito se me tinha apresentado na alma, que era o de reverter para a Ordem, com a unica condição de permanecer para sempre n'esse Collegio, e ahi em

[1] Impressa em 1871 no *Conimbricense*, n.^{os} 2:449 e 2:450.

ocio absoluto seguir o impulso que me deu a Natureza para o estudo das Boas-Letras em uma cidade conhecida pela sua cultura. Este impulso se desenvolveu em mim na edade de 30 annos, por um phenomeno inexplicavel em physologia, pois por um accidente adquiriu nova forma o mechanismo do cerebro. Isto pede explicações, que nem são para uma carta missiva, nem para o presente momento. Desvaneceu-se esta minha determinação pela minha enfermidade. Vamos á tua carta, a que eu não darei uma só resposta. Conservo — *alta mente repostum* — ambos os varões assignalados, S. Luiz e o Quixote Sá, *olim* Fr. José da Piedade, orate sem vergonha, o que prova o facto seguinte. Poucos tempos antes da morte, ou assassinio d'el-rei D. João VI, fazendo-se por subscripção uma festa em acção de graças pelas melhoras da Infanta, depois Regente, a que El-rei assistiu, quando o Prior da Freguezia, que ainda hoje é *ex illis*, porque assim o faz manifesto a sua loquella, foi dar parte a El-rei da hora a que devia começar a festa, na vespera da mesma festa, lhe perguntou El-rei: quem era o Prégador? — O Sr. lente Sá, — lhe respondeu este. Pois eu não quero que seja esse, e vá já convidar da minha parte José Agostinho. Assim o fez, vindo aqui a Pedrouços lavado em lagrimas; mas vingou-se, convidando o mesmo Sá para ir cantar o Evangelho, e teve tão pouco pejo que foi. El-rei não esperou que a missa acabasse, abalou. Não era preciso tanto para se conhecer Sá, ainda que não tardaram as cartas, em que mais se conheceu. Tanto elle como o actual monge, não já de Cassino, mas da Serra d'Ossa, com o seu liberalismo, com os seus gallicismos e com os seus Synonimos, tem um jus inquestionavel a occupar um logar distinctissimo na *Esfolada Besta*. Eu te vingarei das injustiças, ainda que nos fragmentos da tua Oração não vão mal aquinhoados. São bem trazidos os versos de fecundo Ovidio nas pragas contra Ibis. As expressões de S. João Chrysostomo, este eloquentissimo varão, e o mais eloquente de quantos escreveram, como lhe chama Antonio Vieira, são muito bem trazidas, e muito melhor appropriado o texto de S. Paulo. Jubilaram-te na cadeira? Muito melhor, se te conservaram o ordenado; juntarás mais livros á tua soberba colleção, a que me parece faltam o Luciano de Odempdorpio, 2 vol. em grande 4.°, e o Tacito — *variorum*, que é a melhor edição, em que se ajuntam os trabalhos de todos especialmente os de Justo Lipsio, pois me não lembro que n'este me fallasses. Boa inveja te tenho, e antes queria estar comtigo na quinta de Valmeão, *oblitus meorum oblivescendus et illis*, que n'este Tusculano de Pedrouços. Estou cançado do mundo e de politicos... *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*, para dar os ul-

timos cuidados, e chamar ainda á bigorna um poema, em que tenho consumido tempos, intitulado — *Viagem extatica ao Templo da Sabedoria.* — Com este fecho o circulo da minha sempre triste e trabalhosa existencia. As folhas volantes da *Besta Esfolada* são diversões ás minhas dores, e me entretenho como Erasmo com o *Encomiom Morae* ou *Elogio da Loucura.* Estimo que te lembrasses do homem extraordinario Fr. Francisco de S.[to] Agost.[o] de Macedo; pena é que homem tão grande se perdesse em nadas; só dou preço a tres producções suas, duas são as unicas que escreveu em portuguez, o *Sermão de S. Thomé* na Capella Real, e o das *Exequias de Luiz XIII* na egreja do Loreto, e a terceira o Elogio em latim dito a D. Luiz de Souza, Bispo de Lamego e Embaixador a Roma. Que tempo perdeu este homem unico na tediosa e volumosa comparação da douctrina de S. Agostinho com a do subtil Scoto! Assim mesmo merecia que os de Coimbra, ou de Botão, onde nascera, lhe levantassem uma estatua, como a outros que menos as mereceram levantaram tantos povos! — *Et tamen tantus hic vir monastico dum taxat indutus habitu, et domesticis insignitus honoribus, sepelitur.* Disseram de Petavio, que lhe acharam no craneo o duplo do cerebro dos outros homens: se anatomisassem o d'este capucho, por vida minha lhe achariam o quadruplo. Só por desenfado dize ao reverendo Guardião que te mostre a carunchosa cadeira em que elle se assentava para ensinar, e que no livro das profissões te faça vêr a sua assignatura no triennio do provincial Fr. Bernardo dos Martyres. Isto são pequenas cousas, mas eu lhes dou um grande preço, porque lhes acho um grande sabor, e ha pouco tempo mandei um perfeitissimo desenhador que me tirasse uma copia exacta do precioso e magnifico busto de marmore de Carrara que existe na livraria de S. Francisco da Cidade em frente do busto de Lucas Wadingo, analista dos Franciscanos, cujas obras em doze volumes de folio mandou imprimir em Roma com sua costumada magnificencia El-rei D. João V. Os frades da Graça de tudo se esquecem (e de mim); elles deviam ter feito as mesmas honras a Fr. Egidio da Apresentação, admiravel escholatico e profundo engenho. Deixemo-nos de homens de lettras, porque isso é um titulo para sermos apupados. Se te encontrares com o P.[e] M.[e] Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, dize-lhe que eu me recommendo. Lisboa, 7 de Agosto de 1829. Sou teu am.[o], porque o sou ha 51 annos

J. A. de M.

P. S. Se me escreveres, põe no sobrescripto — Á Sr.[a] D. Maria Candida. — Pedrouços — Lisboa.

II

Meu bom amigo, antigo e aproveitado condiscipulo; mestre insigne e consumado litterator. Não respondi á tua muito presada carta, porque accessos imprevistos do meu terrivel mal me não deixam fazer o que quero. Hoje, quinta feira 19 de Agosto, que com mais desafogo posso mover estes tres dedos, me preparo com estas regras para o correio de sabbado. Em primeiro logar, chamem embora ao amor dos livros, e á nobre paixão pelos melhores,—Biblomania—eu lhe chamarei optimo juizo, apurado gosto, e virtuosissima ambição. Por isso louvo e approvo muito o teu procedimento na escolha, porque quanto a mim o luxo mais digno do homem grande, é o luxo typographico. Eu o goso por intervenção de um meu amigo, o ex-Gazeteiro Joaquim José Pedro Lopes. Se algum dia viesses a Lisboa admirarias uma rica e bem escolhida bibliotheca, em um homem particular, de que se pode dizer o que se disse de Ant.º Maggliabechi, bibliothecario de Florença: Que os livros o punham na rua, porque lhe não cabiam em casa, e tanto a entulhavam, que não cabia elle.

Verias uma collecção completa de todos os classicos gregos e romanos; isto terás e tens muitos, mas ninguem ajuntou uma completa collecção de todos elles traduzidos em hespanhol desde o tempo de Carlos V até Filippe IV, até de Suetonio, que os Francezes nunca traduziram senão agora; e de Valerio Flacco, etc. etc.—Elle tambem tem muitas edições *variorum* que talvez tu não tenhas ainda, como a de Seneca Philosopho, a de Quinto Curcio, de Petisco, e de Estacio, que eu lhe dei. Sobre este valentissimo poeta vae uma digressão. Sempre me tocou muito seu fogoso enthusiasmo, e logo depois da minha transformação aos trinta annos eu traduzi todos os doze livros da *Thebaida* em optimos versos, que por bons que fossem nunca poderiam corresponder ao impeto e ao fogo do original, mas emfim eu a conclui, e deitava a obra a dois volumes em 4.º Que fatalidade! Empresto a um amigo o primeiro volume que continha os primeiros seis livros, depois mandando-o buscar, o moço o perdeu na rua juntamente com uns calções que me trazia de casa do alfaiate! Restam os seis ultimos, que ahi estão, e eu sem animo para nova traducção dos primeiros. Outra egual fatalidade com Horacio. Eu o traduzi todo, desde *Mecenas* até *Non missura cutem*. O primeiro volume das Odes ahi está impresso, e é mais alguma cousa que a traducção de Antonio Ribeiro

dos Santos. E o segundo? Abalou-me com elle mais para o Rio de Janeiro um frade capucho, que era botanico, e se chamava Fr. José Mariano Velloso, e nunca mais o vi, lá ficou livro e frade, e eu cá fiquei tão aborrecido de traducções, que não tornei a fazer outra senão a que fiz ha dois annos do *Elogio de Pio VII*, que se imprimiu, e é cousa espantosa. Fr. Fortunato lá terá algum exemplar, que t'o faça vêr. Na collecção castelhana do Lopes ha a traducção de Tito Livio, e a de Plinio Naturalista, que tu deves ter, mas da edição do jesuita Harduino. Nós em Portugal existimos na epoca das ruinas da Litteratura, d'aqui ámanhã ninguem estuda latim. Eu estou cançado de leituras e de composições. Para diversão das minhas interminaveis dores *calamo ludimus*. Ninguem tem mais amor ás letras, e d'isso tenho dado provas. Rio-me do livro de Cornelio Agripa—*De vanietate Scientiarum*, e do Discurso do seu copiador plagiario João Jacques coroado pelo Academia de Dijon; a vaidade das sciencias não está nas sciencías, está no fructo e galardão das mesmas sciencias, no despreso e estima que d'ellas fazemos os que as deviam adorar e recompensar. O poema *Meditação*, segunda edição, é unico no seu genero; o poema *Oriente* vale mais que os *Lusiadas*, e avulta mais que o *Caramuru* do nosso bom Durão. O poema *Newton* é um compendio de erudição antiga e moderna. Pois meu bom amigo, nem me dão aquillo de que os gregos só eram avarentos—*Praeter laudem nullius avari.*—O livro intitulado —*A Existencia de Deus a priori*, é o ultimo esforço da dialectica; ou não o entendem, ou a ninguem importa. O que os portuguezes me não fazem, cuidam em fazer os estrangeiros. Não ha muito me chegou de Roma um diploma da Academia Tiberina, que se emprega no aperfeiçoamento das Sciencias e Boas-Artes. De Napoles tambem me mandaram um outro diploma, e de Inglaterra me mandam retratar, e ahi está o artista para isso; mas com isto não se manda ao açougue, nem melhora a minha sorte.

Uma parte da tua carta occupou o meu espirito, outra enterneceu meu coração, porque conheço a sinceridade da tua generosa offerta. Não, meu bom amigo; nada me falta senão saude, e desde 1793 com o meu trabalho do pulpito tive e conservo a mais commoda subsistencia; nada me falta, torno a dizer, senão a saude, e não deixo de ter com que me trate na enfermidade, e com abundancia. Em 1826 me deu o Governo uma pensão de 300$000 réis, porque é costume dar-se alguma cousa a quem préga nas exequias do rei, quando são mandadas celebrar pelo que lhe succede; isto não anda bem pago, mas assim mesmo contribue para a minha indepente subsistencia. Beijo-te pois a

mão pela lembrança, e pela offerta. Sim eu desejava recolher-me e ir viver n'esse Collegio, mas o meu estado de saude, a minha edade de 64 annos, fazem que se amorteça esse desejo; nada posso trabalhar, e depois, se um Provincial me desse essa moradia, outro viria que m'a tirasse, e mandasse servir á taboa na Graça; isto depois de eu ter apparecido na grande scena do mundo entre applausos e respeitos de tudo quanto ha grande, e de levar outro dia uma publica demonstração de affecto e consideração d'El-Rei, porque passando por aqui, me fez tres cortezias, uma com a mão, e outra com o chapéo, tirando-o da cabeça, e levando-o até abaixo! Isto faz desvanecer o meu desejo, e acabarei tranquillo no estado em que estou. Se eu tivesse saude iria estar seis meses em Coimbra, e lá imprimiria a minha ultima composição. Gosa tu das tuas acquisições litterarias, e entre tantas, da que mais te invejo, as *Obras de Erasmo*. Escreve-me que eu corresponderei, e não te esqueças do sobrescripto que puzeste na ultima que recebi tua. Vê se te sirvo para alguma cousa, tudo fará

Teu am.º bem deveras e bem obrig.do

J. A. de M.

Lisboa e Pedrouços, 19 de agosto de 1829.

III

Meu bom, meu velho, meu querido amigo e companheiro; recebi a tua carta de 3 do corrente Fevereiro, e n'ella não vejo novas de uma que não ha muito tempo te havia escripto; talvez se desviasse. Pedesme a carta para o nosso amigo o Dr. Fr. Fortunato; fallemos n'isto. Sentei-me á mesa, ou banca para lhe escrever, como a ti te escrevo, em meia folha de papel, uma missiva e breve, em que lhe offerecia o meu parecer sobre o verdadeiro modo, ou methodo de defender os Jesuitas; foi o inverso de Horacio—*currente rota*—não sahiu um pucaro mas uma talha do Alemtejo, de duzentos almudes, o septifolio. Dizia-lhe que defendesse os Jesuitas em grande, e não em detalhe; porque a individuo se podia oppôr individuo das outras ordens regulares, e para o convencer lhe lembrava duas, que me parecem de menos vulto, que vem a ser os Capuchos e os Minimos, e menos que Minimos não ha; e para lhe mostrar esta verdade o mandava á livraria do Collegio da Graça, onde no fundo, da parte direita, e ao pé dos Expositores

acharia as obras do Minimo ou maximo P.ᵉ Marino Merseno, amigo e mestre de Descartes; que tambem acharia á entrada da parte direita, ao pé de Sgravesend, que lá acharia outro Minimo, Jaquier, o melhor entendedor de Newton, etc. Se eu me quizesse lembrar de outros de outras ordens, os Jesuitas não tiveram lá nem Noris, nem Onufrio Panvinio, basta d'estes. D'aqui passava a persuadil-o e dissuadil-o de escrever a historia e biographia, etc., tudo em uma continuada ironia, que se convertia na satira da presente indifferença com que se tratam as letras e os litteratos. Esta carta que fez estampido, correu logo com temporal de má fortuna, porque foi ter a mãos que por devoção a riscaram e emendaram muito; assim mesmo, como por baixo das riscas se lê bem o texto, está nas mãos do Sr. Arcebispo, nosso honradissimo amigo, e um dos homens mais estimaveis que existem, por todos os titulos. Elle mandou tirar uma exacta copia, que remetterei para esse emporio das letras, e o Dr. Fr. Fortunato t'a mostrará, e a quem elle quizer, certo que eu sustentarei tudo o que digo, no que parecer paradoxo, em qualquer especie da litteratura que toco na mesma carta. Meu Decano dos sentimentos honrados, sabe que nada se pode escrever, porque nada se deixa imprimir. Eu para enganar dores e vingar injurias, vou ampliando o poema dos *Burros*, que vem a ser a chronica escandalosa dos presentes tempos em Portugal, e ha quem faça imprimir esta Iliada de Bombardadas nos patifes e mais nas patifas.

Ora sabe que se eu tiver alguns visos de melhoras até o meado de Maio, e aqui (encommendando-se) apparecer uma liteira, vou passar meia duzia de dias em uma estalagem de Coimbra, comerei um quarteirão de laranjas das Sete Fontes, e mostrarei esta cara a muitos figurões *malhadissimos* d'essa Athenas, sem ser a do tempo de Pericles. Isto pende de algumas melhoras com que possa soffrer os leves balanços de uma liteira. Não é este o fim principal, mas o vêr os caracteres da imprensa, e como isso por ahi vae a respeito de correcção, pois intento n'essa officina imprimir o poema — *Viagem extatica ao paiz da Sabedoria.* — Tenho-o de todo concluido, e com elle intento despedir-me dos homens e das letras. As letras me enfadam, e os homens me desgostam. Podes assegurar isto aos curiosos, e eu prometto uma novena ao Senhor do Arnado, se não der commigo um João Bernardo de Vilhena e Napoles, que mil vezes aqui me desconjuntava os miolos com secaturas, e taes diarrheas de palavras, que muitas vezes lhe repetia no meio da arenga o texto sagrado — *Sicasti fluvios Ethan* — e isto com a insanavel mania de versos detestaveis do narcotico poema *A Membraida*, em que mui sériamente fallava na *tripa cagaiteira* e nas suas

funcções. Agora acabo, pedindo-te não me demores as tuas letras, de que muito gosto, ainda que no principio me custassem a ler. Dize ao Dr. Fortunato que o seu livro—*Historia chronologica*—é muito atacado por João Pedro Ribeiro, o *Pergaminho velho;* eu tambem entro no estadio, mas que eu me despriorei a mim e a elle; que já saberá d'isto, porque Fr. Joaquim da Cruz lhe terá participado. Aqui fico esperando carta tua, e rol de livros que tenhas comprado, e determinações que execute

O teu velho amigo

J. A. de M.

Lisboa e Pedrouços, 7 de Fevereiro de 1830.

IV

Meu bom amigo: *Noli esse incredulus sed fidelis:—infer digitum tuum hic.*—Olha bem para esta carta. Como eu sou aqui o irmão mais velho, e n'este tempo só a primogenitura faz os reis, governo eu ao menos em mim. É verdade que a doença não me tem deixado ir aonde tenho querido, assim mesmo tenho ido onde os outros têm querido que eu vá. A 22 d'este mez, faz um anno que El-Rei quiz que eu fosse prégar na festa que elle mesmo fazia na Sé, o que verás por essa carta de agradecimento. D'aqui me levaram á praia da Torre, e me embarcaram em um escaler de muitos remeiros, e desembarcando no Terreiro do Paço, em uma carruagem me levaram á Sé, e isto por debaixo de tal tempestade *sonora*, com tão espantosos trovões, que só me lembrava ver e soffrer outra quasi egual n'essa terra, em a noite que em Semide morreu o velho bispo D. Miguel, dizendo no dia seguinte o medico Gato, no Collegio, que a trovoada fôra tal, que até os seus filhos se pozeram de joelhos. *Harto lo has encarecido!* A 22 de novembro do mesmo anno me fez sair d'aqui o Esmoler mór, Commissario geral da Bulla e lá fui incommodo em uma sege a S. Roque prégar na publicação da mesma Bulla. A 22 de Janeiro d'este anno me fez sair d'aqui o Presidente da Sé para prégar do padroeiro S. Vicente; soffri os balanços, e vim melhor. Ora para os principios de Agosto, como dizes, tempo quente, e com o uso das aguas que me mandou o Arcebispo nosso amigo, e em uma liteira, cujo movimento é doce e uniforme, e com jornadas pequenas e marcadas, não poderei dispôr de

mim, não poderei tentar a requisição de outro ambiente? Sou eu por ventura o Sancto Milagre, que não sáe senão em casos muito extraordinarios, e com licença da Secretaria de Estado? Esta expedição pende de alguns visos de melhoras, que é presumivel com a mudança da estação e temperatura da atmosphera; o frio me contrae os vasos ourinarios, e com o aperto da uretra se augmenta a dor. Não comerei laranja de mais, mas comerei melancias de agosto. Sei qual seria o bom accolhimento que me farias no Collegio, mas tambem sei que não devo causar incommodos. Quando em 27 de novembro de 1823 fui prégar á Graça na estrondosa festa que o Senado fez pela restauração do Rei em Villa Franca, jantei na cella de Fr. Christovão, muito compellido, que nem isso eu queria; emfim, torno a dizer que apontando-me allivios, ou vindo estado menos incommodo, eu vou, e sobre o sermão do Patriarcha lá me dirão o que querem, já que querem soffrer Menino entre os Doutores, mas velho no officio. Eu me figuro o que Fr. Fortunato diria sem se conter, porque não pode, e tem razão Eu ainda não préguei do assumpto, mas estou certo que em se acabando o moimento ou tumulo, que se está fazendo na capella do Ramalhão, vindo o corpo, que alli está perto na freguezia de S. Pedro, alli irei pois me dizem que El-Rei assim o determina, mas vem o aviso na vespera, como aconteceu com a sua funcção da Sé. Sexta feira 12 do corrente á noite se entregou ao duque de Cadaval o numero do *Defensor dos Jesuitas* a quem não quizeram dar licença; verêmos se elle faz o milagre. O Directorio Central Maçonico não quer que se imprima cousa alguma que possa revelar mysterios. Mal sabe Fr. Fortunato como é tratado nos papeis impressos em Inglaterra, na muito nobre e casta lingua portugueza, com especialidade em dois, um chamado *O Chaveco*, outro chamado *O Paquete!* N'uma lhe chamam *indigesto*, n'outra *masmarro;* mas que se console commigo, que o meu quinhão é centuplicado, não só nos portuguezes, mas nos mesmos inglezes, até ministeriaes, *Morning Journal*, *Times*, &c. Eu gosto de pagar logo as minhas dividas, e aquillo são para mim letras pagas á vista, e eu tenho meio e modo de inserir nos jornaes inglezes e francezes as minhas respostas. Talvez façam arrepender os patifes que d'aqui mandam, e lá escrevem. É incrivel o que se espalha na Europa sobre a questão portugueza, e uma das provas da preponderancia pedreiral é não estar ainda decidida. Vi e li hontem uma carta de Paris, em que se dizia que o Conde de Sales, alli Embaixador d'El-Rei da Sardenha, tivera medo de acceitar até como presente um nosso livro agora novamente composto sobre os direitos de D. Miguel, soberbamente impresso, e mais soberbamente enquader-

nado; e assim se me remette um exemplar pela nossa legação de Inglaterra, porque até por lá se conhece este estropeado Entello, mas batalhador; chegado que seja eu t'o enviarei. A carta já não parece missiva, mas ainda digo que um Conego Regrante, ainda mui rapaz, que é do Collegio da Sapiencia, e que ahi prégou dois sermões que imprimiu, aqui veiu e m'os deixou. Gostei do typo, por isto fallei na impressão do poema n'essa typographia. Eu lhe paguei com um exemplar do *Oriente*, tirado em papel fino e de grande formato em 8.º Eu nunca tive paciencia de revêr provas, mas dizem-me que ha ahi um José Vicente de Moura, homem muito capaz de soffrer esse tormento; atormentar-te não quero eu com mais dilatada ou comprida arenga, acabando com dizer-te que sou

Teu am.º ant.º e coll.ª obrig.mo

J. A. de M.

Pedrouços, 16 de Fevereiro de 1830.

AVISO

A que se refere esta Carta

El-Rei N. S. foi servido ordenar-me que em seu real nome fizesse constar a V. M.ce o quanto Sua Mag.e ficou satisfeito de que V. M.ce podesse ir no dia 22 do corrente prégar na egreja da Sé; e do mesmo modo o quanto lhe foi agradavel o seu eloquentissimo Sermão. O que tudo de ordem de Sua Mag.e participo a V. M.ce para seu conhecimento e satisfação. Deus guarde a V. M.ce Palacio de Queluz 24 de Fevereiro da 1829. Visconde de Queluz.—Sr. P.e José Agostinho de Macedo.

A FR. CHRISTOVAM HENRIQUES[1]

Religioso no Convento da Graça

Intercedendo pelo Cirurgião João José Durão, que pretendia sel-o do mesmo Convento

Meu Christovam

Eu não pediria por um medico, porque sou amigo dos frades da Graça, e desejo a sua vida e conservação. Sei quantos golpes lhe tem cahido em casa, para lhes pedirem e levarem a fazenda; e se eu pedisse por um medico lhes faria cair o raio em casa, que lhes alimpasse a vida, e á custa das reliquias da fazenda que lhes tem deixado. Um cirurgião, quando não conspira com os medicos para despovoar um convento, é outro cantar. O senhor Durão, portador d'esta, é conhecido, acreditado, estabelecido e respeitado; e tendo elle vindo a esta casa muitas vezes, chamado por mim e para mim, bem vês que estou vivo, pois te escrevo esta carta. Sei que o cirurgião d'esse partido vae para Bissau; cuidei que só os medicos deviam ser mandados para este paraiso do mundo, e suas annexas, Cacheu, Cabinda, Pedras de Angonche e Negras; mas emfim, fica o partido vago pela ausencia, e d'aqui a pouco pela morte do actual empregado. Desejo, e effectivamente desejo que o portador seja admittido. Falla da minha parte ao Prior, a quem me recommendo muito; eu lhe préguei na sua missa nova, quando eu ainda a não dizia; quero agora a esmola do sermão, que vem a ser, não ficar frustrado o meu empenho. Elle Prior é o presidente do Conselho, talvez de tanta importancia como de estado, deixemo-nos da questão se tem voto consultivo ou deliberativo, o que eu quero é que não fique a cousa no ár, e que depois de redigido o alvará da nomeação não venha o Provincial dizendo—Sua Reverendissima quer meditar—e não seja a meditação mais comprida que a que

[1] Publicada em 1871 no *Conimbricense*.

nos fazia ter pelo Alonso Rodrigues o reitor Fr. Lourenço em Braga, quando de Coimbra me mandaram para lá. No conselho haverá um ou outro membro preopinante, que tenha empenho por este ou por aquelle; mas dize da minha parte ao Prior que tenha em vista aquella pergunta que fazia Fr. João do Rosario, que nos dava em Coimbra pasteis de tutano de prato do meio, quando se tratou em conselho de prover o ministerio de carreiro, vago pela borracheira e morte do empregado; dizia um membro:—Eu conheço um que é um santo, confessa-se a miudo, ouve missa todos os dias, e é muito escrupuloso em materias rapinantes.—É elle um bom carreiro?—perguntava o reitor.—Faça a mesma pergunta o digno Prior, que elle ahi é unico, e não é *par*. Eu responderei, sem ser do conselho, cá de fóra, já que a mania de hoje é quererem todos metter o focinho no governo:—É bom cirurgião, muito prompto, e muito activo, e será pouco receitador, porque a botica é do convento. Eu ia pondo fóra do partido o medico *Pequeno*, quando em sua alta sabedoria intentou outorgar-me, ou empurrar-me uma ajuda em uma inflammação de olhos. O ataque devia ser feito pelo leigo Fr. Joaquim, filho do Desembargador Silveira Preto, que era peticego; eu disse taes cousas ao commandante das operações que elle me chamou judeu, sendo-o elle, e se quiz despedir do partido, mas eu não levei a ajuda. Agora peço para se dar o partido, não a um medico, mas a um cirurgião habil; não duvido que matará alguem, mas não matará muitos, que é o que devemos pedir a Deus.

Estou maguado com a sorte do rapaz pretendente; eu estava certo que cingiria a corrêa de Santo Agostinho; mas ao sair da missa na egreja de Belem, lhe cingiram outras corrêas mais largas e envernisadas, e o obrigaram a deixar pae e mãe, não pelo claustro, que é cousa inutil, mas por uma espingarda. A sagrada causa da divinal Carta pede defensores; os rebeldes já não profanam o solo portuguez, mas assim mesmo ha impios, que não conhecem o legitimismo. Outro dia prégou o padre Marcos iconoclasta, inimigo dos santos de vulto, em Santo Antonio da Sé, que se os mesmos anjos não conhecessem o legitimismo, se lhes devia atirar (eu estou certo que os anjos lhe mijavam na escorva). Ora não mijem os do conselho no meu empenho; e eu estou tão doente, que tu, os do conselho e todos, me devem ir dispondo um habito para lá me enterrarem.

Teu amigo

Casa, 23 de abril de 1827.

J. A. de M.

A JOAQUIM ANTONIO XAVIER ANNES DA COSTA

Administrador da Imprensa Regia

Agradecendo-lhe um nitido exemplar que este lhe remettera do poema—ORIENTE

Ill.^{mo} Sr.

Recebi o presente, como cousa sua o mais precioso, como cousa minha... esta palavra basta para se saber que nada valia, e se lhe havemos conceder algum merito este só lhe pode vir das suas mãos, porque o poz tão limpo, e tão formoso, que deve andar pelas mãos de todos. É uma prova do aperfeiçoamento da arte typographica. Se em Portugal não ha Bodonis, é que em Portugal não ha uma Catharina II, que os anime, nem por ella mandado um cavalheiro Azara, que os promova. Nós somos pobres depois que fizemos da politica regenerativa toda a nossa opulencia, e por ella podemos ser chamados como os romanos—*Rerum dominos gentemque togatam*—e as nossas togas consulares e senatorias cuidam mais em pôr o mundo a direito com theorias da geral emancipação dos povos, que em dar á regia Officina typographica a nomeada que tem alcançado a de Bodoni e a de Didot. Contentemo-nos com a que temos, mas tendo por muitos annos o mesmo administrador. Tenho feito o meu cumprimento, agora a minha pintura. Estou doentissimo com o que ha de mais terrivel em molestias ourinarias; todos os vasos estão na ultima ruina, e não ha mais que um doloroso e incessante profluvio de sangue, e não posso dar muitos passos sem deliquio; assim mesmo, para lenitivo de tantas dores não estou ocioso; não ponho as *Cartas* em linha de trabalho, não são mais que desenfado de alguma bebida amarga, visto ter eu já capitulado com as boticas; levam o estylo amargo, que este tambem é remedio para as mazelas politicas, como me dizem que é proveitoso para os meus physicos achaques e assim vamos coherentes. Trato de cousas mais serias nos pequenos intervalos de tantas. Olhei para o poema *Newton* e

vi alli a matriz de um poema que obscurecia a *Meditação* e o *Oriente* (se estes têm algumas luzes); dou-lhe outra forma e outro titulo e lhe chamo—*As quatro Epocas da Litteratura*—1.ª a do seculo de Pericles, na Grecia.—2.ª a do seculo de Augusto, em Roma.—3.ª a do seculo de Leão X, na Italia.—4.ª a do seculo de Luiz XIV, na França e na Europa. Isto tenho preparado e feito, porque a materia está disposta na historia dos conhecimentos humanos; só tive de lhe dar a fórma poetica sem grande trabalho da imaginação, porque não ha que inventar e tirar como no *Oriente;* mas estas quatro épocas em que época vêm? Vêm n'esta que vêdes. Oxalá a não conhecessemos tanto de vista! Uma dissertação sobre a arrumação interior do augusto salão; um tratado analytico das capas curtas, determinando na ultima analyse se ellas se pareçam mais com os pobres do lava-pés, se com a Casa dos Vinte e Quatro; se é mais util para a illustração publica o punhal de bico, ou o punhal; se o poder moderador e directivo existe mais essencialmente na classe dos bacalhoeiros, que existe na classe dos fanqueiros; se a legislação tenha feito mais progressos no caes do Sodré, que na Ribeira velha; se os olhos de José de Sá sejam mais tortos que os seus discursos; tudo isto me levaria mais depressa á immortalidade, que a somma dos conhecimentos humanos das quatro Epocas, que são a materia dos quatro cantos do poema. Se eu quizesse fazer um poema das quatro épocas da parvoice, não acharia se não uma, que é esta que vêdes; pois esta tambem tem um poema, não em quatro, mas em oito cantos, que a tanto tem chegado a turba quadrupede.

Senhor meu, para *As quatro Epocas* quero eu lettra e papel tal, que possa dizer o mundo—Aqui andou a mão do morgado Matheus—e que possa eu responder logo:—Não senhor, andou a mão do senhor Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa, que é o morgado dos meus amigos, porque é o mais velho pelo tempo e pelo affecto; e eu pelo affecto e pelo tempo, pelo dever, pela obrigação, pela justiça e porque eu quero, sou de V. S.ª amigo e tanto basta.

J. A. de M.

Forno do Tijolo, 12 de junho de 1827.

A JOAQUIM JOSÉ PEDRO LOPES

Meu bom amigo

Pela leitura do livro vejo que soffro duas molestias, a hematuria ou effusão de sangue, quando a machina se abala com violencia em sege ou a cavallo, e a continencia da ourina, que se não é gota a gota é de instante a instante em pequeninas porções; leio no livro o que em mim sinto, e usarei do que elle determina, que é o mesmo que Francisco Luiz me receitou.

Vae esse primeiro volume, desejo ler o segundo, porque é a melhor cousa que na materia se tem escripto; a diffusão allemã não enfastia n'esta obra. Talvez lhe tenha já apparecido alguma prova da Oração que com violencia me usurpou a senhora condessa, sem querer que eu ponha a mão em um só exemplar, e talvez que nem a vista lhe ponha em cima; cousa assim ainda não aconteceu! Não posso dispôr da minha propriedade; d'esta fórma o que convida uma musica tem direito de tirar aos musicos os papeis apenas os acabam de cantar. Isto é novo!

Aqui estão para censurar duas obras; uma é do Rolland, que se elle a fez é Rollando furioso; outra é uma gritaria contra os touros do Salitre, e contra os pedreiros livres despropositadamente; está mais um rol de livros do Orcel; nada faço sem o consultar primeiro. Algum dia eramos nós os cães de fila do governo, agora fiquei eu sendo o cão de busca dos italianos. Ahi mandou o Nuncio esse papel italiano; eu lhe respondi, que só o actual redactor da Gazeta era capaz de satisfazer aos quesitos, pela preciosa collecção que possuia de antigas gazetas que n'isso fallavam com miudeza. Veja se isto tem algum caminho pelas datas das mortes.

Ponha todo o cuidado na correcção das provas do Sermão bifado; ao menos seja lido com satisfação, já que eu a não tenho de dispôr d'elle como desejava. Creio que os medicos me não farão o mesmo ao do Hospital, em que vou cuidando.

Seu verdad.ro e fiel amigo

... Dezembro de 1825.

J. A. de M.

A FRANCISCO DE PAULA FERREIRA DA COSTA

I

Meu amigo

Eu só sirvo de importunal-o e de lhe dar incommodos; aqui veiu um conego de Evora, em toda a sua pompa, juntando-lhe a qualidade de bibliothecario da immensa livraria de cincoenta mil volumes, que alli deixou o Bispo Cenaculo, que os leu todos! E como entre tantos não se encontra um só que eu fizesse, pretende o bibliothecario levar tudo o que haja feito, e que lhe désse o catalogo.—Isso não é commigo (lhe disse eu) porque sei tanto o que tenho feito, como V. Ill.^{ma} que nada sabe; e é feliz!—Mas por servir a V. Ill.^{ma}, e os livreiros, tenho um amigo curioso, que me poderá servir a mim, eu lh'o mando pedir.—Veja V. M.^{ce} se me pode fazer esse obsequio, e feito elle eu o mandarei para o Arcebispo Vigario geral, a quem se me pede o faça entregar. A minha molestia está cada vez mais aggravada, trato de vêr como me hei de arrastar até S. Roque, domingo 22; se lá ficar bom é ficar enterrado na Misericordia, tudo fica em casa, e eu á sua disposição, pois sou deveras

Seu do coração

J. A. de M.

II

Meu bom e muito presado amigo Paula

Recebi o seu obsequio e lhe peço outro, que vem a ser um só exemplar da comedia *D. Luiz de Ataide,* que com empenho aqui me pede pessoa capaz. No Forno é verdade ainda tenho dois; mas quem

m'os ha de mandar? Os dois dragões que lá estão sabem muito bem furtar, beber e dormir; e para serem mais ditosos que tudo isto, não sabem ler. Se quizer o soneto, que lá repetiu o Xavier, eu lh'o mandarei. Sou muito devéras

Seu amigo

30 de Outubro de 1829.

J. A. de M.

AO DESEMBARGADOR JOSÉ RIBEIRO SARAIVA

I

Ill.mo Sr.

Se a minha attenuada existencia não fosse n'este momento mais do que uma imperfeita morte, eu procuraria pessoalmente a V. S.ª; de tanta monta é o negocio que lhe devo expôr! Não me toca a mim, porque nenhuns tenho, mas toca ao throno, ao reino, e á politica economica do mesmo reino; e como d'este negocio me foi dado um pleno conhecimento, e V. S.ª é n'elle o mais competente juiz, o mais illustrado, e o mais recto, e o mais capaz de lhe dar a verdadeira direcção no conceito e opinião da Junta a que tão dignamente V. S.ª pertence, confiando, como devo, em sua benevolencia, me animo a dirigir-lhe estas, não supplicas, mas reflexões de um homem que tanto deseja o bem publico.

Arrematou-se o Contracto do tabaco, como se não arrematam os contractos, a quem menos lançou e menos dá; o das carnes arremata-se a quem por menos a dá ao povo; o do tabaco arremata-se a quem por mais o leva a el-rei. Nova operação de finanças, que ha de dar muito em que cuidar aos auctores, ou continuos marteladores de Economias politicas. O actual contractador do tabaco, o meu honrado amigo o Sr. José Ferreira Pinto Basto, perde o Contracto porque o arremata por mais, e sente uma quebra em sua reputação, porque outro o leva por menos. Porque motivo se dá a este, e porque motivo se tira áquelle? Razão economica nas rendas do estado não pode haver, que isso seria contradictorio, porque era desperdiçar muito quem apenas possue quasi nada, e a quem a regeneração tem reduzido á mendicidade. Já se representou respeitosamente a Sua Magestade, já se fez conhecer por uma especie de manifesto aos competentes ministros, ao primeiro, e

ao da repartição da Fazenda, que o Sr. José Ferreira Pinto Basto ama muito mais o seu bom nome e intacto credito, que sua propria fazenda e patrimonio, e herança de seus filhos, querendo continuar no contracto na actualidade de sua arrematação 1:435 contos de réis; quer ainda mais, e quer o que espantou a minha philosophia, porque não parece natural procedimento de um offendido, quer effectivamente apresentar um livre e espontaneo donativo de cem contos de réis, que immediatamente devem entrar no real erario; quer, e quer já adiantar mais seis contos de réis, que deverão ser descontados nas progressivas mezadas, além do avultadissimo deposito de dozentos contos de réis, como principal condição do Contracto. Pois a quem quer tanto não se dá nada. Dizem que quem tudo quer, tudo o perde; este não quer tudo, quer dar tudo, ha de perder o que se lhe tira, que é a sua honra, quando tanto offerece, e tanto dá para a sua conservação. Isto, Ill.^mo^ Sr. é muito! perder o estado em suas rendas, porque não recebe; o cidadão em seu credito porque lh'o maculam. Tambem eu perco a unica cousa que tenho, que é a minha paciencia, á vista de tantas monstruosidades!

Depois de tantos erros em politica, que são irremediaveis, venha mais um em economia, não tendo nós já emplastros que possam cicatrisar tantas feridas, existindo nós exhaustos de sangue, com tantas sangrias financeiras!

O pouco, quando vem por mãos limpas e fieis, parece que mais avulta e se multiplica. Quando nos primeiros annos da regencia de D. Pedro II, o contracto d'esta magica folha que se chama tabaco, que até passou a formar um dos escudetes das bandeiras imperiaes, e o timbre que remata o fechado diadema do novo mundo, que da parte de el-rei quer embutir leis ao velho mundo que ainda que nós as não queiramos, outros que sabem mais do que eu, e mais que V. S.ª que tanto sabe, como são o marquez de Palmella, o Candido José Xavier, que ainda vae dando uma no cravo, outra na ferradura, querem e ateimam a querer, rendia trinta mil réis, que tanto alegraram o antigo tribunal dos contos, e chegavam para sustentar os terços (batalhões) nas fronteiras contra os castelhanos. Talvez se queira agora o mesmo milagre, e que assentem os nossos calculadores, que os mil e quatrocentos contos de João Paulo Cordeiro farão mais que os 1:435 contos de José Ferreira Pinto.

Ill.^mo^ Sr. Santo Antonio por mais um vintem faz mais milagres, e a bulla por mais dois vintens dá mais indulgencias. Dirão que não vem da conta, mas das mãos limpas que a administram; e com effeito parece que João Paulo leva o Contracto ás mãos lavadas, e que tambem

os tem os outros servidores da toalha, que a João Paula vêm ajoujados. Não tenham elles em logar das mãos limpas, as algibeiras! Teremos nós mais alguma especulação mercantil de latrocinio? Não devo ajuizar assim de novos varões tão conspicuos, quaes se devem considerar a si mesmos os nove arrematadores; comtudo, se eu me devo dirigir pelo conhecimento do caracter moral dos sujeitos, muita cousa espera o povo dos arrematantes! Sae Sua Magestade de Vienna; quebram-se as pernas ao Banco; pois este banco dos nove não os tem mais seguros, e um que se chama José Diogo de Bastos não poderá entrar com a sua quota para o deposito preliminar do contracto, porque tem de reserva, e não de sobrecellente alguns tostões, para quem lhe apresentar a cabeça do Marquez de Chaves, como elle dizia aqui em Pedrouços!... Homem constitucional! E os mais? Ainda o são mais. Citados para apparecerem, e se tratar das estipulações do Contracto, não apparecem; buscados depois para pagarem o arrendamento, desappareceráo, e ainda muito mais se o recado vier do Erario. A Inglaterra, que não tem já os Estados Unidos, conserva a virtude da sua hospitalidade, é a mãe e a consoladora dos afflictos, e ainda que na sua Cartilha não tenha as obras de misericordia, grande pousada dá aos peregrinos.

A sua benevolencia, amisade e sympathia, me animam a pôr na presença de V. S.ª estas ingenuas reflexões, ou estas exhalações de um amor verdadeiramente patrio; agora a sua auctoridade, representação, e até a sua eloquencia, mais poderão na Junta, e onde ainda mais convier. Os ouvidos do throno não estão fechados para V. S.ª, e assim como é um oraculo na magistratura, pelo seu vastissimo saber, para ser escutado, não o será menos, se em algum gabinete se dignar annunciar-se sobre materia, tanto de politica, como de economia. Muito tenho dito a V. S.ª, muito mais dirá a V. S.ª o portador d'esta, só não poderá dizer o que não sabe, que vem a ser quanto eu seja e serei sempre

De V. S.ª

Am.º obrig.^mo e ven.^or sincero

J. A. de M.

Pedrouços, 29 de Janeiro de 1829.

II

Ill.mo Sr.

Todos os axiomas que a velha philosophia nos deixou, e a moderna conserva, sobre a difficuldade que o homem deve ter em pedír a outro homem, a austera e rigorosa sentença de Seneca, que diz em ultima instancia que a cousa mais cara que ha é aquella que se compra com rogativas:—tudo isto desapparece e nenhum caso faço de tudo isto, quando se trata de pedir ao Ill.mo Sr. Des.or José Ribeiro Saraiva. Então porquê?—Eu o digo. Porque é o Ill.mo Sr. Des.or José Ribeiro Saraiva a quem se pede. Pedir para si é interesse proprio, pedir para outro é ser philosophicamente generoso, porque fica com a vergonha da petição, e o outro com o despacho d'ella. Que me pedirá este clerigo? Dirá V. S.a—Eu peço o que o portador disser; e porque é justo, eu vou adeante d'elle, faço de moço de cego, e como em tudo desejo servir a V. S.a é de razão que V. S.a em alguma cousa o sirva a elle. O moço pede com eloquencia, porque sem dizer palavra, aponta para a cara do amo, onde se lhe não vê o sentido com que se vê; eu aponto para o portador, e digo: eis aqui um homem de muitos serviços a pró da melhor causa, que é a do rei e a do reino, e a respeito da recompensa verdadeiramente é cego, porque ainda a não viu; e como não ha causa que o cego deseje tanto como é vêr, abra-lhe V. S.a os olhos com o seu patrocinio, fazendo que seja bem ouvido e bem despachado um requerimento de que pende a sua ventura, e a ventura de irmãos orphãos e desamparados, sobre o qual foi mandado consultar o conselho da Fazenda. Esta é a supplica do homem, agora vae a minha, que pende no tribunal da amisade, e vem a ser, saber o estado de saude e da chegada a Inglaterra de seu filho o Sr. Antonio Ribeiro Saraiva, pois me prometteu que a diplomacia o não faria esquecer de me dar noticias suas; já que elle o não faz, dê-me V. S.a as suas ordens e determinações, para que executando-as mostre que sou

De V. S.a

Pedrouços, 15 de Abril de 1830.

Am.o e creado obrig.mo

J. A. de M.

A CLAUDIO JOAQUIM DOS SANTOS

I

Amigo e Sr.

Pelo que fallamos na ultima vez que v. m.^ce se dignou honrar esta casa, conheceria que eu não só tinha desejo, mas que estava na determinação de escrever a um dos senhores Caixas do real Contracto do tabaco sobre o importante objecto de remover receios e destruir calumnias, que podessem inquietar os novos contractadores, mas eu não os conheço pessoalmente, e considerando a cousa com mais reflexão, me persuadi que elles o estranhariam. Eu não vim a este mundo para o emendar; e que me poderia dar essa missão ou quem me quereria aturar? É verdade que não passa um só dia em que á roda d'esta cama não appareçam trombetas a buzinar alto contra todos, e contra cada um dos novos contractadores; que tenho eu com isso, se eu os não conheço, nem nenhum d'elles me offendeu? Assim mesmo as importunações não têm cessado. Eu não sou instrumento de vinganças, e ninguem me poderá arguir de uma vileza. Se v. m.^ce pode ter alguma intimidade com qualquer d'esses senhores, pode certificar-lhe por mim, e em meu nome expressamente, que sobre elles não apparecerá uma só letra minha, que diminua ou ponha em duvida o seu credito na opinião publica; e se algum valor se dá ao que eu escrevo, eu os defenderei sempre, se elles julgarem isto necessario (e talvez o seja!) considerada a multidão, e o poder de seus inimigos. Se com a confiança que me dá este meu offerecimento, e se pode haver recompensa antes de feito o serviço, só desejaria que a escolha de seus empregados recaisse sobre sujeitos taes, que por seus sentimentos, caracter, honra, e costumes tapassem a bocca a criminações contra os nomeadores. Em v. m.^ce tinham elles um exemplar ou modello de homem de bem, que

poderia merecer a approvação minha, e publica; e estimaria que por v. m.ce começassem a confundir os calumniadores. Esta lembrança é minha e não, é de v. m.ce, e por isso lhe digo que pode fazer o uso que lhe parecer d'esta minha carta. O terrivel estado em que me conserva a minha enfermidade me obriga a estar, como v. m.ce me viu, entrevado e impossibilitado para tudo; se não fosse este invencivel obstaculo eu pessoalmente procuraria o Ill.mo Sr. João Paulo; conheci seu pae, fui seu amigo, era da minha provincia, homem de muito respeito e de muita honra. As portas d'esta casa estão sempre abertas, e de continuo dão entrada a pessoas de muita consideração; se algum d'esses senhores, por occasião de passagem, me quizer honrar com a sua presença, eu excessivamente o estimaria; entretanto pode v. m.ce com segurança certificar-lhes que sou sincero em dizer que os estimo e respeito tanto quanto sou

De v. m.ce

Amigo e obrigado

Pedrouços, 26 de Abril lde 1829.

J. A. de M.

II

Amigo e Sr.

A minha enfermidade se tem tornado de um aspecto terrivel; nenhum remedio aproveita; quasi sempre me prende na cama, quasi tenho perdida a esperança de melhora. Agora que me posso conservar fóra da cama, aproveito o instante para lhe dizer, que desejo saber alguma cousa dos nossos bons amigos, pela obrigação em que me constituiram, e estranho não me terem ainda encarregado de cousa alguma que eu lhe faça, ou possa annunciar para credito de todos, o que muito desejo fazer; tambem quizera saber a segurança e a estabilidade em que vae estando o principal negocio, ou se é preciso destruir alguma opposição. Em tudo o que lhe disser respeito sou eu interessado, e lhe peço que me récommende muito, e com muita amisade, porque me constituiram n'esse dever.

Aqui veiu um nosso conhecido pedir-me uns versos, para se recitarem não sei aonde; para a seguinte viagem do *mudo* eu lh'os enviarei. José Daniel tambem me pediu um papel que eu fiz, porém não o tenho, e o sujeito que o tem me diz que o levara ao desembarga-

dor, para quem José Daniel o pedira. Tenha saude, e todas as felicidades que lhe deseja

Seu am.º e m.to obrig.do

J. A. de M.

Pedrouços, 19 de Junho de 1829.

A FR. ALVARO VAHIA

Secretario Geral da Ordem de S. Bernardo

Ill.^{mo} Sr.

O P.ᵉ M.ᵉ Fr. Joaquim da Cruz, que por certo não é correio de más novas; perguntando-lhe pelo estado da saude de V. S.ª como devia perguntar, me disse que V. S.ª passava muito incommodado, e como ninguem ha que mais arruinada a tenha, e por experiencia propria sei o que isso seja, senti a noticia, e lhe desejo o restabelecimento com a mesma verdade com que desejo concluir um tratado de treguas com o meu insanavel padecimento, mas em batalha com o mal ou livre d'elle, renovo e conservarei o protesto de amisade que a V. S.ª consagro, que vem a ser a mesma que até agora lhe consagrei. Se o estado da minha saude é máo, o dos meus negocios é pessimo; comtudo vejo lampejar não muito ao longe um vislumbre de completa felicidade. Propoz-se em conselho ministerial dar-me alguma representação n'este mundo, e sei de certo que se decretou e tem decretado fazer-me ajudante de um leigo arrabido, a quem chamam o P.ᵉ Fr. Claudio, investigador das materias primas dos officios, para compôr a chronica da Casa dos Vinte e quatro, e a quem os pentieiros offereceram e deram um corno, posto que devamos piamente crêr que muitos teriam muitos. A mim m'o darão, se com effeito domingo de tarde, que é o momento aprazado, vier de Queluz este diploma. Já m'o metteram na bocca para não fallar, não é muito que m'o dêm por premio para escrever. Não rejeito porque o tinteiro que agora é de vidro, passará a ser de corno, mas isto não é ir coherente n'este reinado!! Talvez haja ministro que possa dizer o que um celebre artista, que fazia no forno grandes curiosidades n'esta materia, para elle não inflexivel: copos, tinteiros, pentes, gargalos de borracha, etc.— Oh mestre, aonde foi

você aprender isto?—Isso são cousas tiradas da minha cabeça, respondeu elle. O mesmo agente d'este torto negocio me disse, que ainda outro dia pedira Sua Magestade a um tal José Luiz da Rocha, que lá tem no gabinete a *Besta 27.ª*, que lh'a dera a guardar quando veiu na consulta do Desembargo em Novembro de 1829; mais besta me parece qnem falla já em tal *Besea 27.ª* Disse aqui o sarilho humano chamado Antonio Ribeiro Saraiva, que a *Besta 27.ª* andava arreatada á marcha politica e negocios europeus sobre o reconhecimento, e que elle sarilho cooperara para a suppressão, para mostrar ás potencias que nada apparecia em Portugal que mostrasse opposição ao systema de moderação mandado abraçar pelo que respeita ao procedimento relativo aos pedreiros livres, como mandavam e dispunham as potencias para o reconhecimento; de maneira que a unica prova que se exige da legitimidade do senhor D. Miguel e dos seus direitos á successão ao throno, é aturar elle e aturarmos nós os pedreiros livres desencabrestados. Vamos a outra de outro genero. Entre os visitantes de boas festas veiu aqui quarta feira de tarde Antonio José Guião, fallou, fallou, fallou, e entre as cousas que perguntou foi, se eu sabia onde se poderiam achar as fórmulas das sentenças dadas contra desacatos. Lá lhe lembrei a do antigo de Odivellas, de que foi advogado o celebre Pegas, que anda impresso, e a do antigo de Santa Engracia, em que foi juiz Gabriel Pereira de Castro, que tambem impresso anda. Fallou-me logo, e creio que este era o maior negocio, no Doutor Caruncho, quer dizer, João Pedro Ribeiro, que criticara magistralmente Fr. Fortunato, e mais a mim, lhe respondi eu; e como não quero dever nada a ninguem, eu lhe pagaria o meu quinhão, e mais ainda o do senhor Fr. Fortunato.—Isso é o que se não quer, e é bom evitar contestações.—Melhor é não errar tanto as contas da Junta dos Juros.—Lá se foi e não contente. O diabo do Dr. Caruncho não quer que ninguem mais basculhe pergaminhos velhos, ha de ser elle o basculhador para encher livros grossos de cousa nenhuma. Ora basta de carta que o posso incommodar; e fallando-lhe em incommodos lhe dou mais um, e vem a ser o despacho do Ill.^mo na prorogação do breve da religiosa, que apresenta já acompanhado das primeiras licenças; e eu fico promptissimo para mostrar em tudo que sou de V. S.ª invariavel amigo

J. A. de M.

Pedrouços, 16 de Abril de 1830.

AOS SENHORES INVESTIGADORES

Lisboa 18 de Junho de 1812.

Ora vossês hão de ter estranhado o meu silencio, sendo eu aliás o ultimo apuro da civilidade, e merecendo-a vossés como duas personagens tão respeitaveis! Não estava em Lisboa, quando chegou o seu 8.º molho de grêlos, e eis aqui o motivo. Cheguei, vi, e respondi; vae o impresso, e por certo vossês tiveram alguma oração boa, que dispoz a seu favor a alma do censor, que não deixou ir metade do que eu havia escripto, e vossês mereciam. Dois alentadissimos pacovios sentados na tripode jornalista, e constituidos de motu proprio julgadores integerrimos de producções litterarias, ignorando os primeiros rudimentos de grammatica portugueza, mereciam uma tunda ou uma surra que os envergonhasse se isto fosse possivel. Por ventura sua a faculdade de imprimir está por extremo restricta n'este infeliz reino, de que vossês e os da confraria tenebrosa iam dando cabo de todo. Vae o que deixaram ir, mas vae o que basta para que o mundo conheça sua incapacidade, ignorancia e insufficiencia. D'esta mesma ignorancia tinha elle já fartos conhecimentos, depois que vossês se resolveram a pejar a capital e o reino de mais um apontoado de inepcias, chamado o *Investigador*, como se não bastasse o flagello dos folhetos, e de gazetas, que nos innunda. Porém vossês podiam ser muito maus rhapsodistas e toleraveis criticos, ou ajuizadores de obras alheias. Mas são tão asnos em aggregar noticias sediças no seu folhetasio, quanto são despropositados em suas avaliações. Eu mesmo, querendo usar de equidade, os desculpava a principio:—Isto é fome em dois assassinos de traquitana; juntaram-se, lembrou-lhes o meio de um periodico, leitura com que se occupa o mundo actual, e fizeram um periodico. Se os julguei

famélicos, não pude deixar de os julgar completamente asnos, quando nos remetteram a Ode—*A corja adusta*—como um modello de poesia, e seu auctor, tão cego por dentro como por fóra, como um classico. Alguns disseram:—Isto alem de ser uma parvoice, é uma patifaria; e esta canalha galenica já que não pode, como queria, arruinar a nação, vinga-se em a insultar. Que se podia esperar do mezinheiro Abrantes, que gritava pelo convento da Graça, quando lá foi estabelecer o hospital: Ham-de ir para o meio da rua; o Imperador ha-de ser servido!—Esta não pozeram vossês na apologia das unguentadas, entre as perguntas de Jeronymo Lobo! Pois d'esta ha vinte testemunhas contestes, e de outras mil ainda mais calvas, que vão engrossando a resposta que o publico indignado dá ao seu apologetico, e remette para o Rio de Janeiro. Ora baste d'isto, que não vem muito para o caso da analyse dos quatro primeiros cantos do poema *Gama*. Abriram-se aqui as comportas da parvoice, e deram-se a conhecer. Eu mesmo, sendo offendido, julgei que não era cousa sua mas d'algum dos irmãos da confraria, que de cá lh'a remettera; estou porém desenganado, porque as ultimas provas, que vão dando de parvoice nos numeros subsequentes, me tiram fora da duvida em que estava, de que fossem vossês os auctores da destampada analyse. Como os não faz chorar o episodio de Ignez, não presta o poema! Vossês não choram sobre as ruinas da patria, queriam enternecer-se sobre uma phantastica desventura! Quem achou até agora resquicios de sensibilidade na alma de um *pedreiro?* Sobre a dureza de seus corações se forma sua destampada sentença. Se vossês não chorarem bem sacudidos com um arrocho, com versos não choram por certo. Ora creiam vossês, que se não chorarem com o que eu compuz, fazem por certo rir o mundo sensato com o que vossês publicam. Eu não só me rio dos seus infelizes cadernos, rio mais do ár de importancia que vossês se dão. Desgraçados compiladores! Fazem um jornal para Portugal, e mandam para Portugal o que em Portugal tem ja apodrecido pelas esquinas; com quatro disparates chimico-medicos inintelligiveis, em que apenas se pode interessar algum matasanos, como vossês!

O grande serviço que tem feito é estragarem a linguagem; e não sabendo d'ella metade, a emporcalham com termos e phrases taes, que nos reduzem a um barbaro vasconço, tão escuro, torto e ôco, como vossês têem a alma! Ainda não produziram um só artigo, ou novo, ou util, e escondem tanto o veneno em suas parvoices, como manifesta perversidade o seu confrade Brasiliense, capataz da cafila, e varrido mentecapto, a quem já que a forca não faz emmudecer, eu

farei calar. Tremam, atomos imperceptiveis no paiz das lettras, vossês nada são. Existem em um paiz cheio de jornaes de toda a casta; nem d'estes mesmos sabem fazer uma compilação; e multiplicando-se ahi as producções litterarias, conforme o rol que vossês apresentam, não sabem da mais insignificante brochura fazer um extracto; muito seccos são vossês! Apenas servem para editores de papelada bolorenta, que de cá lhes mandam; e n'este estado de miseria attrevem-se a fallar no poema *Gama!* Ora vossês não esperavam uma resposta impressa? Sei o que ha de soffrer a sua hypocrita vaidade, porque conheço até que ponto costuma levar a presumpção um apalpador de pulsos, e observador de ourinoes; em vossês cresce mais esta vaidade, porque ao caracter de enterradores ajuntam as ventosidades de jornalistas, nova especie de entes ephemeros, conhecidos agora, e cuja nomeada acaba sempre detestada no fim da semana ou mez em que apparece o tristissimo periodico. Não posso consideral-os por lado algum, que não descubra dois burros coçando reciprocamente o pescosso de outros que taes. Apresentam as obras dos confrades acompanhadas sempre de antiphonas: se fallam no estouvado jacobino Almeida, tem o desaforo de dizer a pag. 426 do 11.º apontoado, que é um barão que procura a gloria da patria, e do seu principe, sendo um patife, que no botequim do Madre de Deus, no Rocio, tirou do chapéo o laço nacional, e o atirou aos pés, quando aqui consentimos os Franchinotes, os regeneradores da humanidade, como vossês são. Das parvoices e patifarias d'este abridor de c...ões se conserva aqui um vasto rol; e lembrado estará elle do que disse contra o Principe N. S. em quinta feira de endoenças a Manoel José Teixeira, saindo do hospital.

D'estas boas rezes sabem vossês elogiar as obras; se algum d'elles se tivesse sahido com o poema *Gama*, vossês procurariam leval-o áquella immortalidade, que premettem os jornaes, e affiançam os *Investigadores*, em quanto se não limpa o cú com elles. O auctor não é da irmandade; e basta isto para ficar anathematisado por decreto de sua absoluta vontade. Se vossês estabelecessem as regras da epopéa, e considerando o poema no todo e nas partes, mostrassem que não estava conforme ás mesmas regras; que peccava na construcção, na ordem, na forma, nos accidentes; que não conservava a magestade da narração epica; mostrariam ao menos que estavam enlabusados na theoria da tal arte poetica; mas decidir de estalo, com os cadinhos chimicos na mão, e dizer *não presta*, só porque vossês o dizem; isto é fanfarronada gazetal, ou um publico *garante* da sua parvoice.

Se vossês nos felicitassem com alguma producção sua original,

eu lhes faria a póda, e lhes mostraria como se analysa, como se critica, e como se decide; mas não lhes deu ainda para sairem do apertado circulo de máos compiladores.

Um de vossês ja se sahiu com uma traducção, que é a de Darwin;[1] mas é tão nojenta a salgalhada dos Gnomos e dos Sylphos, que não é possivel devorar uma pagina sem vomitos. Os versos soltos são duros como córnos, e estão de ponta uns com outros, de tal arte que jámais se ligam entre si; e com estes serviços se arvoram vossês em criticos! Ora baste; o papel impresso que lhes remetto dirá melhor o que vossês fizeram; e ainda que isto não seja carta de Alexandre de Gusmão, nem da cidadôa Valleré, bem podiam vossês com ella aformosear o seu periodico; e se vossês se não atrevem com ella, entreguem-na a seu camarada Hypolito, esse trombeta da pedreirada, legislador de Caracas, ou esse malvado réo de leza humanidade, que ainda não disse senão bafordos; e creia elle, e de caminho vossês, que se pôde escapar do barril de alcatrão que o esperava no Rocio, não me escapará a mim das unhas; e pois estou em um reino, aonde uma indulgentissima e mal empregada moderação não deixa responder a impressos com impressos, para zurzir a elle, a vossês, e a todos, serei em Londres.

J. A. de M.

P. S. Fico esperando no seu periodico as descomposturas, que lhes ha de suggerir esta minha carta; mas ellas me encherão de prazer, logo que venham acompanhadas d'esta carta, fielmente transcripta, da qual vão duas copias para o Rio de Janeiro n'este proximo navio; e se mandou imprimir uma porção, de que podem ficar certos se não destribuirá sequer uma, senão no caso de vossês me descompôrem sem a transcreverem.

---

[1] Refere-se ao poema didactico *O Jardim botanico*, traduzido de inglez por Vicente Pedro Nolasco da Cunha. Lisboa, MDCCCIII. In-16, de VIII-326 pp. (Com tres gravuras).

A ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO[1]

Ácerca das suas «Cartas de Ecco e Narciso»

Ill.^{mo} Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Tive a satisfação de lêr e admirar as suas *Cartas de Ecco e Narciso*, que me foram enviadas para a censura; a approvação e o louvor já vinham na primeira pagina, apenas se chegava a lêr o seu nome. Desde que li seus primeiros versos impressos, conheci que a natureza quiz fazer uma aberração da sua marcha ordinaria, vendo que principiava por onde os outros, e mais perfeitos, acabam, e esperei sempre que em cada producção nos désse um maior prodigio; e onde parará isto? Com suas poesias vejo que não pode marcar limites a perfectibilidade de sêr humano. Sendo pois tão seu admirador, não posso ser seu amigo, quando me considero procurador dos Poetas portuguezes, que floreceram no tempo dos portuguezes. Concedo que a poesia romantica é a primogenita de todas as poesias; os quadros campestres, e o amor foram os primeiros folles d'esta gaita, hoje tão destemperada; concedo que Theocrito, Bion e Moschus, eram os modernos de outros antigos, como nós somos os modernos d'estes gregos velhos, mas não concedo que os allemães e suissos fossem os primeiros reproductores d'esta antiguidade, como diz a tal senhora;[2] fomos nós os portuguezes, e só nós portuguezes; e primeiro escreveu Bernardim Ribeiro que Sannazaro, primeiro Christovam Falcão, que Bernardino Rotta, que Ludovico Paterno, primeiro Jorge de Monte-mór que Marco de Leo, que Jeronymo Benivieni, e primeiro o mimoso, o delicado, o natural Francisco

---

[1] Publicado pela primeira vez na obra *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, p. 386 a 390. Porto 1897.

[2] Allude a M.^{me} de Staël.

Rodrigues Lobo, e o *sentimental* Fernão Alvares do Oriente, que todos os pandos e bojudos allemães, porque o mesmo Haller, de quem tenho o retrato, mostra maior cabeça e mais vasta corpulencia que Vitelio. Não posso chamar caracter, porém manha ou mazella, a dos portuguezes não fazerem caso de cousa nenhuma; um poeta, e a India é para elles o mesmo, e perder ambas estas cousas é perder cousa nenhuma; e para elles é mais bem feito um cavallinho allemão com seu assobio no rabo, que o cavallo de bronze com el-rei D. José em cima. Todas as traducções da collecção de Huber não valem um Christovam Falcão, *auctor d'aquellas namoradas trovas*, como diz um historiador nosso; este Christovam Falcão achou-se com Affonso de Albuquerque na conquista de Malaca, e era capitão de um terço, que vem a ser cousa que por certo valia mais que trinta Tenentes-Generaes dos nossos de dragonas grandes. Ora, meu amigo, eu julgo que n'essa velha Coimbra ainda ha algum ginga como eu, que conheça e prese as cousas de Portugal velho, porque o moderno não tem cousas; e as *trovas* ahi foram impressas, como diz o padre Antonio dos Reis no *Enthusiasmo Poetico;* veja se la descobre um exemplar, e verá os allemães como fogem, ou se mettem a compôr *assomantes* volumes de direito. Olhe que os antediluvianos não eram mais chorões que *Crisfal*, quando diz:

E porquanto certo sei
Que as lagrimas são salgadas,
Aquellas doces achei...

Em uma roca fiando,
Mas o fuso lhe cahia
Dos dedos de quando em quando.

Veja se toda a melodia e sentimentaria dos romanticos allemães eguala a sentimental melodia d'esta prosa de Bernardim Ribeiro, que com muitos, e com todo elle conservo na memoria; — «Um freixo, que algumas das ramas estendia sobre a agua que alli fazia tamalavez da corrente, que impedida de um penedo, que no meio d'ella estava, se dividia, para um e outro cabo murmurando. Eu que os olhos levava alli postos, comecei de tomar algum conforto no meu mal, vendo como aquella pedra imiga de seu curso natural o empecía, bem como as minhas desaventuras sabiam em outro tempo fazer a tudo o que mais queria, que agora ja não quero nada.»—Todos os circulos de Alemanha, toda a confederação do Rheno, todos os cantos, ou canções das

vaccas dos cantões Suissos, não valem metade das naturaes lamurias de Francisco Rodrigues Lobo:

> Se ficas atraz,
> Como esta alma teme,
> Guiarei o leme
> Para onde vás.
>
> D'onde lhe veiu esta rez,
> Que ella poucas vaccas cria?
> Ganhou-a n'uma porfia,
> Nas festas que Ergasto fez.

Meu amigo, persuado-me que á excepção de um castelhano velho chamado *Castillejos*, ninguem eguala os portuguezes no espirito e lettra de poesia primitiva. Está mui moço, em boa edade, e é e deve ser saudado poeta; basculhe esses pulverulentos bacamartes, que por certo não são monturos de Ennio, e tenha de lá mão n'esta caraminhola chamada *poesia*, que se vae a terra

> *Inte omnis domus inclinate recumbit.*

Ja para mim não ha a gaita de Pan, nem a trombeta de Calliope; para lhe escrever esta carta deitei agua no tinteiro, porque a tinta estava reduzida a polme; um giz me basta para lavrar atraz da porta o rol da roupa.

Ha quatro annos sem interrupção, refazia, polia, e alargava o poema *Oriente*. Ja renunciei á mania de o tirar do cahos dos borrões. Fique cá para os futuros Saumaises. É tolice cantar a surdos. Tive minhas cócegas de passar dois mezes de inverno em Coimbra, e fazer algum contrabando em lettras, porque n'este meridiano de Lisboa não são fazendas de lei.

> Folgaria de ver-me as cans e a fronte
> Esse negro esquadrão, que entulha a ponte.

Mas como ahi Minerva é Pallas, e tudo é pancadaria, um arcabuz ou um cajado não me parecem muito azados para bater o compasso ás endechas das Musas, que como raparigas têm muito medo, e muito pouca vergonha. Vá continuando com o seu *Ecco*, que elle retumbará pelo universo:

Porque eu se em verso aos grandes exclamara:
—Olhae, que o dom das Musas não se herda,—
Logo o *eccho* dos grandes me tornara:
«Vae tu, e os versos teus beber da m...»

Perdoe esta caduquice de um velho, e creia que é

Seu amigo

Lisboa, 13 de Agosto de 1824.

J. A. de M.

Á FREIRA TRINA D. FELICIANA R***

(Do Convento do Rato)

I

Ill.ma Sr.a

Vindo de fora de Lisboa, achei a polida, discreta e attenciosa carta de V. S.a e com mais rasão peço a V. S.a me desculpe a demora da resposta. Sim, minha Sr.a eu acceito o Sermão do S.to Patriarcha, com muito gosto irei, e com muita applicação cuidarei n'elle, pois vejo agora pela sua carta, que ha n'essa edificante clausura um tão asisado ouvinte como V. S.a Por certo tão bom espirito ha de atinar com o caminho da perfeição, e assim como é um Anjo no que diz, eu não duvido, que seja um Anjo no que obre. Não se encontra no mundo isso. Ora pois, eu lhe desejo todos os bens, desejo-lhe o Céo.

Eu sou de V. S.a

Sincero admirador, e servo

C. 30 Janeiro de 1820.

José Agostinho de Macedo.

II

Ill.ma Senhora

A estimadissima carta de V. S.a me foi aqui entregue em Odivellas onde vim passar estes dias com minha irmã Religiosa n'este Mosteiro; eu lhe dei a lêr este monumento da sua discrição e civilidade, a que dei aquelles louvores que ella tambem merece, e eu sei conhe-

cer; minha irmã é dotada de um talento prodigioso, é um assombro de letras e intelligencia, e por isto digo que a apreciou lendo-a mais de uma vez, o que por certo fariam, e farão sempre os verdadeiros intelligentes. Isto não é uma resposta ao negocio, é um tributo dado a tão brilhante merito, com o de V. S.ª Ora pois estes justos louvores não devem ser um fomento de vaidade, mas um motivo de agradecer ao Céo a grande dadiva do seu entendimento.

Logo presumi que se não realisava a tróca, mas nem por isso deixarei de ter a satisfação de fallar n'essa Igreja, e o gosto de ser escutado de V. S.ª Irei na 5.ª Dominga ás quatro horas; na 5.ª feira santa irei tambem á hora costumada. Queira o céo que não haja no adro a matinada dos bonecos, que é mais gritaria de feira, que acção de piedade. Os actos da Religião não devem ser ridiculos, e se depois d'isto é na minha alma um acto sério, é aquelle no qual eu confesso, que estimo a V. S.ª, que uma carta sua é um bem, e eu um

Verdadeiro admirador e s.º de V. S.ª

José Agostinho de Macedo

Odivellas, 11 de Fevereiro de 1820.

III

Ill.ᵐᵃ Senhora

Com effeito, ámanhã é verdadeiramente para mim um Domingo de paixão e de paixões. É dia de S. José, e segundo o costume prégo todos os annos na sua Igreja de manhã, e de tarde, assim me sucede ámanhã. Os musicos que vão de tarde têm seus septenarios de Dores onde devem estar depois da funçâo de tarde de S. José, e de tal maneira me complicam as horas que não posso estar na Igreja d'esse Convento se não muito tarde, como eu já disse ao Procurador que o participaria a V. S.ª; n'estes termos fallei a um bom Prégador, que tambem vae por mim a S. Sebastião da Pedreira, para que no caso que eu ahi não possa ir antes de ir ao 2.º sermão de S. José, elle faça as minhas vezes. Espero que V. S.ª condescenda, para se evitarem esperas e murmurios. Minha irmã Freira Bernarda, a mais doente das creaturas porque tem hum perigoso aneurisma no pescoço e gota ro-

zea na cara, e o maior de todos os talentos,[1] que viu as cartas de V. S.ª, sae em Abril e deseja visitar uma tarde a V. S.ª Sou

De V. S.ª

18 de Março de 1820.

Servo obrig.mo

José Agostinho de Macedo.

IV

Ill.ma Senhora

Não sei se isto lhe parecerá uma secatura impertinente, porém como me disse que gostava de ver os destemperos do tempo, o maior de todos elles é esse que lhe remetto, e muito mais recommendavel por ser parto do engenho de um Religioso da SS.ma Trindade da Redempção de Cativos; se o auctor estivesse em terra de Mouros não o faria peor. Já se lhe respondeu, mas vae a apparecer coisa melhor. Se ámanhã domingo de tarde ou o mais certo na 2.ª feira não chover muito, eu irei por certo importunar a V. S.ª sobre a ida da emplastrada M.ª Cand.ª Sou

De V. S.ª

C. 17 de Fevereiro de 1821.

M.to V.or e Servo

José Agostinho de Macedo.

V

Ill.ma Senhora

Torno a importunal-a, ou a tomar-lhe o tempo preciso para as suas laboriosas occupações, para lhe dizer uma coisa, e remetter-lhe outra; dizer-lhe que hoje 19, de tarde, irei á vossa invisivel presença para saber qual seja a tarde desoccupada antes do Entrudo em que lá possa ir a doente; e remetter-lhe esses dois papeis ambos meus, um sem nome, outro com elle. No que tem nome verá V. S.ª o Céo; no

[1] Allude a D. Maria Candida do Valle.

que o não tem verá o Mundo, a mistura não é boa, mas ria-se do Mundo, e admire o Céo. Eu não sei dizer finezas, mas ahi vae uma. V. S.ª é o Céo pelas suas virtudes, estado e merito, eu serei o Mundo pelas minhas imperfeições, mas entre tanto mal, tenho um bem, que é ser

De V. S.ª

C. 19 de Fevereiro de 1821.

M.to venerador

José Agostinho de Macedo.

VI

Ill.ma Senhora

Todo o Mundo está levantado contra a Trindade (as Trinas defenderei eu). Appareceu agora um Barbeiro, que leva coiro e cabello. Todos fallam em casa de Frade que vem a ser uma coisa, assim por modo de uma coisa muito deslavada, muito dura e muito estanhada, e tudo isto é preciso para soffrer os golpes de tal navalha. Ha cá por estas ruas uns marcos chamados Frades de pedra, porque assim parecem pelo feitio; julgo que em cahindo algum, virá o Trino substituir-lhe o logar, porque é tão de pedra, que nada d'isto sente. Seja portanto caridade! Tomara eu ter um Fradinho da mão furada, que me adivinhasse, e me dissesse se devéras V. S.ª se persuade que eu sou

M.to seu venerador e obrig.do

P. S.
Inda não pude, por doente
ir fallar á doente.

C. 21 de Fevereiro de 1821.

José Agostinho de Macedo.

VII

Ill.^{ma} Senhora

Esse Padre que ahi está, e que tem uma cabecinha assim por modo de um gatinho cinzento, me deu noticias de V. S.ª, 5.ª feira em S. João de Deus. Grande caridade inspira este santo, pois o P.º a teve commigo em me chamar á vida, pronunciando o seu nome, porque quem me quer ver como um defunto, metta-me entre Frades, e então se fossem só os da casa, mais por aqui ou mais por alli, sempre lhe escaparia, mas era um enxame d'elles de todas as castas e feitios que n'aquelle dia alli se appresentam, e sendo o maior martyrio que fizeram a Nosso Sr. Jesus Christo, fazer-lhe muita pergunta, assentou aquelle embrexado de cacos e cabeças rapadas crucificar-me tambem com perguntas sobre as novidades do tempo. Eu já estava para cahir n'um fanico, quando o seu P.º cabeça de Gatinho me acodiu, dizendo-me que ao despedir-se da communidade (que saudades lá deixaria!) V. S.ª lhe dissera, que eu lá estaria no tal convento. Isto bastou, tornei á vida, fugi dos Frades, metti-me a um canto, a titulo de me lembrar das virtudes do Santo, mas foi para me recordar d'aquellas que adornam a pessoa de V. S.ª e pelas quaes eu sou

De V. S.ª

O mais, o mais, o mais que

Venerador e servo

P. S.
Sirva-se V. S.ª d'esse papel para me dizer que passa bem.

José Agostinho de Macedo.

VIII

Ill.^{ma} Senhora

Estou com muito cuidado em V. S.ª porque me dizia na sua ultima carta, e ha muito tempo que ella veiu! que estava na grade... Na grade? Nas grades, nas rotulas, nos buraquinhos, nos panos, &., &., &., cercada de inquilinos, de letrados, de escrivães, menos gente

terão as côrtes! É de presumir que lhe causassem dor de cabeça, e eis aqui o que me causa a mim cuidado, por isso mando saber de V. S.ª Passam-se, ou fingem-se Bullas para comer carne na Quaresma, só o triste de mim, e os tristes dos mais não têm uma Bulla para lá ir na Quaresma! E se por inquilino se pode lá ir, eu podia allegar esta razão porque me parece que moro na sua lembrança, e mais bem acomodado ficava no seu coração, se por ahi ha um cantinho devoluto; trataremos do escrito da minha obrigação. Como letrado não devo lá ir, porque eu não gosto de dar sentenças, se fosse para allegar razões, eu iria produzir as muitas que tenho para provar, que não ha uma pessoa tão chêa de meritos, tão adornada de virtudes, nem que mereça mais respeito que V. S.ª Assim advogo eu a minha mesma causa pois mostraria que me era devedora de grande affecto. Mas emfim, se não ha titulo pelo qual eu lá possa mandar, que é o remetter-lhe o *Cordão da peste* que já se imprimiu.[1] Engane com a sua leitura algumas horas do seu retiro, e d'estas tire ao menos dois minutos para se lembrar que é

De V. S.ª

M.to V.or e Servo

José Agostinho de Macedo.

IX

Ill.ma Senhora

A doente dará as suas satisfações, eu dou as minhas. As visitas d'aquella triste dependem da vontade e companhia do tal pessimo chôco chamado M.ª do Carmo, porque emfim uma Freira não ha de andar só, ou com a creada *a latere*. Ora o pessimo chôco, umas vezes não tem a galinhóla da cabelleira prompta, outras vezes diz que lhe doem dois tremendos joanetes, que tem em ambos os pés, outras vezes não está o bião da cal preparado para as duas covas que algum dia forão bochechas, e as mais das vezes não tem dinheiro para sege, porqne o irmão não lh'a empresta; e é tão soberba, que não quer que a Freira a alugue. Estes são os verdadeiros motivos e não o aneurisma, porque este seria o motivo para tudo, mas eu vejo que vão a Santos porque

---

[1] Lisboa, 1821. In-8.º de 44 pag. Assignado *Corcunda de boa fé.*

lhe fica ao pé da porta; mas a Freira não ha de dizer que a duvida está da parte d'aquelle aranhiço. Já que V. S.ª me não ouve, e só me tem ouvido sermões, ahi lhe mando um de S.ta Isabel[1] prégado em grande funcção, ao menos lêa-me, e se V. S.ª lesse no meu coração que garatujas acharia lá? Muitas; porém tambem em letra muito clara acharia, que eu respeito muito essa communidade, que me edifica essa clausura, e que sou

De V. S.ª

Ponha aqui o que lhe parecer

José Agostinho de Macedo.

X

Mana do coração (pode ser do coração de Jesus, e tambem pode ser do meu coração, com qualquer dos dois não fica mal). Se o tal meu coração não tem tido socego desde quinta feira passada, como é de presumir que o não tenha quando anda cá por fóra d'esse portão: os meus pés e a minha goella ainda o têm tido menos desde sexta feira até agora, e continuarão na mesma agitação até sabbado ás duas horas da tarde, que é quando em S. Sebastião da Pedreira acabarão as Dores da Senhora, e mais as minhas, isto é as dores dos pés, as dores do peito, da cabeça, e tudo o que me fica depois de tão continuadas gritarias, porque a dor de não ver a Mana... minto, de não ouvir a Mana, essa não tem fim, senão quando a oiço, porque até ouvil-a no Tribunal dando audiencia aos Procuradores, Letrados e Confessores, me faz bem á cabeça e mais ao coração. Veja que aranzel de desculpas de não ter lá mandado! E como se pode considerar menos feia a ingratidão de não ter mandado saber de minha Mãy? Ora pois todos estes descuidos, e infelicidades minhas se repararão sexta feira, logo depois das oito horas, quando lhe fôr pedir que pelas nove horas e meia se dê principio á Festa, a ver se um quarto depois das onze posso vir para S. José. Bom é que todos os nossos ajustes estejam feitos, como estão com toda a segurança e perpetuidade. Diga-me agora como está; talvez esteja sentada, olhe, se fôr no Cartorio, diga lá com-

---

[1] Lisboa, 1819. In-8.º de 36 pag.

sigo, não tem mais validade todas estas Escrituras, que a certeza com J. A. é

De V. S.ª

J. A.

XI

Mana do meu coração, eu guardo para a vista um verdadeiro enfado, porque me affligi com o seu excesso, espero que a mana condescenda sem escandalo, que eu lhe mande a linda caixa. Olhe que se fica vae ter ás mãos da Maria Candida, e que esta não tem que lhe meter dentro mais que unguentos para a cara, e ataduras para o pescoço, e das mãos da emplastrada é arrepanhada logo pelas gulosissimas das Portas da Cruz, que lhe não tiram a fralda porque lh'a não vêem, meias e lenços de mão desapparecem, e aqui lhe tenho guardados aneis e tres relogios preciosos, porque estiveram em perigo remoqueados para lh'os empenharem; são contos largos, e a lindissima caixa, é pena. Ora pois, recommende-me á nossa mãe, e na presença faremos os nossos ajustes, ainda que ha muito tempo está feito ser eu da minha querida Mana

Mano para sempre

J.[1]

XII

Minha Mana no Sr., é preciso ceder ao mais forte: o deputado Neri quer por força ouvir-me da Trindade no Espirito Santo, e como elles lá o têm, fica uma Pessôa de menos, resta-me dar-lhe conhecimento do Pai, e do Filho; a hora é incompativel e a distancia muita. Lá lhe envio o Prior de Santos que é toleravel, ainda que muito apaixonado de confissões geraes. Elle nada ha de receber, que n'essa intelligencia vae, e de sorte alguma lh'o offereçam, e isto não tem replica. Seja a festa ás dez e meia, e não antes; verdade seja que o P.ᵉ Thomé a quer cedo para ir ao Espirito Santo da Lapa, que começa á uma hora, e ás vezes mais tarde, mas a qualquer hora que comece em elle abrindo a bocca, é tal, que onde quer que estiver o Espirito Santo,

---

[1] Acha-se esta inicial formando monogramma com um *F*, inicial do nome da freira Trina. O mesmo monogramma se repete todas as vezes que as cartas são assignadas por um *J*.

elle o apanha e de uma dentada o leva. Como os Thomés são duros dos cascos, e não crêem o que se lhes diz, se elle não estiver pelas horas asignaladas, Thomés d'aquelles não faltam, e venha outro Thomé, e tome sentido n'isto. Eu estou doente, e com uma dor no pescoço da parte direita que me toma até ao hombro. Lá irá esta andarilha segunda feira e dirá tudo...

Seu Mano

SC. 16 de Junho de 1821.

J. A.

XIII

Mana, e Sr.ª minha, nenhuma das tres coisas da sua carta me aconteceram ainda; não morri, porque estou escrevendo, não fui a Odivellas, porque não tenho dôr de barriga; não deixei a amisade fazer ablativo porque existe da mesma maneira. Então onde estive, e onde estarei? Em Pedroiços, porque visto ter as casas pagas por um anno, e adiantado, e acabaria este anno para o S. João, tendo lá muitos trastes, alli vivo escondido, e mais seguro da minha vida, que de certo não o está em Lisboa. Eis aqui a verdade, como o é tambem que no dia 8 de Fevereiro lá estarei para o sermão do S.to Patriarca. Então fallaremos, e direi o que escrevo agora, que sou e não deixarei de ser

Seu Mano

José Agostinho de Macedo.

Pedrouços, 16 de Janeiro de 1822.

XIV

J. M. J.

Hontem e hoje! Pois então a Mãy doente, a Mana adoentada, e eu heide ficar assim muito enchuto sem mandar saber da saude da Mãy, e do coração da Mana? Se o signal de estar doente é ter Padres á cabeceira, basta o Lage sempre aos ouvidos para as considerar em artigo de morte. Quasi morto se foi elle embora na 5.ª feira. Se não resuscitar, nada se perde. Não cuidei que debaixo d'aquellas amarellas cinzas e amarella cabelleira, existisse um borralho com tanto calor!

Ora eu não sei se 3.ª feira me occupará Santa Rita, portanto irei ámanhã, se fôr, lá me acharei, não prepare o P.e Confessor, se eu lá apparecer, se mandará chamar. Agora que são dez horas, vou-me á Igreja do Hospital a uma festa de Dores, e isto é proprio do logar, porém nem lá tem cura aquella que eu sinto n'alma de não ter dado ha vinte annos com esses buraquinhos e farrapinhos para lhe ter dito em vinte, o que digo agora, e direi em todos, que sou

Seu mano

J.

XV

Pax Christi

Minha Mana, a minha tenção era ir esta manhã de romaria aos buraquinhos d'esse Sanctuario da Trindade onde as coisas são tão invisiveis, como incomprehensivel o Mysterio. Hontem quando acabei em Santa Anna, Santa com quem não tenho negocios nenhuns, porque um casamento que eu queria, e que me trazia um dote das mais raras prendas que o mundo viu, faça V. S.ª de conta, que é V. S.ª, nem esse pode ser; abriu-se a vontade ao P.e Fr. Confessor das Religiosas, que tem cara de escumadeira, para me pedir lhe fosse hoje dizer alguma coisa em louvor de S.ta Rita, a quem festeja por devoção. (Que será impossivel a este Franciscano, senhor do bollo, e director em chefe d'aquelle bando de Gallinhas do Cairo, que assim me parecem as illustres filhas do Serafim abrazado?) Não sei, o que sei é que me roubou a manhã, espero que me não roube a tarde, salvo se a festa, por que se vae de lá o Lausperenne, acabar no maior fervor da tarde, e tendo de vir a casa jantar, então pouco tempo ficará; mando esta mulher coxa para a prevenir, porém muito coxo serei eu quando não fôr beijar hoje a mão á minha amada e respeitosa Mãy, e dizer a V. S.ª Olhe Menina, o que? o que? Lá lh'o dirá

Seu Mano

J.

XVI

Porque não prégam os Padres que são Neris, ou que são Neros, ou que o foram, e não deixam de o ser? Nada. Confessam só. Olhe, Menina, entrando eu uma vez a 15 de Agosto em busca de uns musicos que deviam ir para outra festa, estava prégando o P.e Theodoro de Almeida, e exagerava a caridade da Sr.a para com o proximo, dizendo que quando a Sr.a nos seus principios, depois de ter sahido da mestra, estava em Nazareth, e as visinhas da rua, ou porta com porta queriam alguma cousa, a agulha, o dedal, o novelinho de algodão, ou a cabecinha de linhas, diziam a qualquer rapariga, á Zabel, á Salomé, á Magdalena:—Vae ahi a casa de *Maria Costureira.*—Olhe V. S.a que eu ouvi isto com os meus ouvidos, da bocca do P.e, velho já e decrepito, e talvez que apatetado. Prégar não, confessar sim, porque aqui as asneiras não se ouvem, dizem-se, e para constituirem a gente no estado em que vi (a palavra *vi* é excusada para ahi) ouvi a V. S.a Peço-lhe pelas cinco chagas, e se as cinco são poucas, pelas que lhe parecer, que tenha dó de si e amor á sua saude e existencia. Jesus Christo, bem nosso, entrava em casa dos peccadores, e S. Pedro lhe dizia:—Sr. ponde-vos na rua, porque eu sou um homem peccador.—O Sr. se deixou ficar, e consta que revelára á sua serva Maria do Lado ou Joaquina da Ilharga, que se assentara em um banco, e os Congregados nem com as Freiras do Rato, verdadeiros Anjos, o querem deixar estar. Olhe, Sr.a diga V. S.a ao P.e o que dizia S. Pedro a Christo: Sr. P.e não venha cá porque eu sou grande peccadora,—e se elle se fôr assentando no banquinho, saia V. S.a pela porta fóra. Eu tambem tenho minhas tinturas de vida mystica e governo das almas, e tenho sido consultado em casos muito apertados de securas de espirito, tibiezas, pouco fervor, raivas e gatos da visinha, e outras difficuldades da via unitiva, e tenho respondido com muita paz das consciencias. Suponhamos que V. S.a se tem rido algumas vezes da cabecinha do P.e Thesoureiro com grave escandalo da mamã, e da Sr.a D. Marianna Victoria, consulte-me que eu sou de segredo, verá como eu lhe digo, só para reparar este escandalo, se ria tambem da cabelleira do P.e Lage, para se não rir um do outro; a tudo lhe hei de ir buscar um remedio, para ir já desempoeirada, quando for ao P.e, e não vir de lá mais desconsolada que a M.e Maria da Agréda nos trinta annos que a Sr.a lhe não

deu lição, ou a Doutora S.ta Thereza, quando viu S. João da Cruz com dôres rheumathicas.

Sim Sr.a ámanhã, domingo, me levantarei cedo para achar o Deputado Ferrão em casa, e mandar a insinuação ultima ao Teixeira Homem. Tenha V. S.a paz, consolação e sobretudo desafogo de animo. Recommende-me com o maior affecto á minha querida Mãe. Muito amor lhe tenho, e muito obrigado lhe fiquei hontem, por me fallar como fallou dos escrupulos da Menina, e das tolices do Menino. Se eu lá fôr algum dia, e a não achar alegre, então não ha de ser

Seu Mano

J. A.

XVII

Nem ao menos a certeza de que fica entregue, para eu andar dias e noites entregue a um cuidado que se não pode explicar porque sempre me lembro o peor? Será falta de saude? Será abundancia de Veiga? Antes seja falta de vontade. Ora diga-me alguma coisa, para eu lhe poder dizer muitas. Queira o céo, que a resposta seja sua, e da sua mão, que beija em Christo

Seu Mano

J.

XVIII

Mana do meu coração, tinha escrito, e já fechado uma carta para lhe mandar, mas lembrei-me, que me enganava em uma coisa, e vinha a ser, que lhe annunciava a minha ida lá Quinta feira, esquecido inteiramente que era a Ascenção; ando com a cabeça á roda com idas a Pedroiços em busca de casas para a doente, e ainda hontem ficou decedido este difficil negocio. São tres horas da tarde, vou-me ao Vigario Geral a fallar-lhe no que me diz, e na sexta feira lá vou então. Saudades á Mãy, e a minha adoravel mana as receba com todo o coração do

Seu Mano o mais extremoso

J.

XIX

Minha Mana, e Senhora minha (assim escrevia o Veneravel Fr. Antonio das Chagas a uma que tinha) e como se ha de escrever na Semana Santa, quando até os santos estão escondidos? N'esse domicilio sempre ha semana santa para nós os filhos de Eva, por mais que gemamos, por mais que choremos n'este Valle de Lagrimas, não é possivel vêr as santas d'esse Paraiso senão debaixo de véos e entre cortinas, e a esperança de um sabbado de Aleluia é coisa que não apparece! Ora 6.ª feira ia eu bem contente, cuidando que a via, mas nada, ouvil-a quanto quizer, até mastigar a ouvi. Se eu ia agoirado! Encontro a Eternidade na escada, e lá em cima o antigo dos dias com sua cabelleira de mais, e ao pé d'elle não sei quem a segurar-lhe a chicara para se não babar e babujar aquella criança. E a minha querida mãy com um crianço d'aquelles! Desmame-o, engeite-o. Na Roda estimaria elle muito que o pozessem, tambem eu, mas como sou muito bravo e chorão, não me accomodava senão com uma Ama, estranharia todas as outras, não sei que lhe faria no cólo. Então quem é esta Ama? Pergunte-m'o a mim, que eu lhe direi que é V. S.ª Ah! minha Ama, minha Ama, porém minha Ama seca, que nem vel-a posso. Inda a minha miseria é maior! Coitadinho! Não conheceu Mãy! Pois eu a não vejo! Ahi vae a condecinha 5.ª feira á noite, não a quero cá fóra, eu lh'a pedirei; e agora a Mãy a benção, e a Mana? o coração. É muito pedir! Deus o favoreça

Irmão

J. A.

XX

Mana, e querida Mana do meu coração; hoje 6 de setembro pelas sete horas da manhã desembarquei de Paços de Arcos onde tenho estado sem vir a Lisboa; assim o quer a minha sina com gravissimo encomodo meu e até risco, deixando esta casa ao desamparo em mãos de uma velha, que se embebeda, e de outra mais moça que não tem juizo; mas que hei de eu fazer? Deixar em total desamparo uma doente a expirar, deitando de si postas de sangue com uma dor aguda que se não despede, já confessada e sacramentada! Vim hoje em razão de alguns sermões de Sabbado e Domingo e estou com tanto des-

asocego, que talvez embarque esta noite para vir aqui no sabbado de madrugada. Lá nem um minuto só me esqueço da minha F., e esta separação me tem lançado nos braços de uma tristeza invencivel, que se augmentou agora á vista da relação dos seus encommodos e trabalhos. Sim, parece impossivel que resista. A doença da Mãy me consternou: mande já já ás Necessidades buscar as milagrosas papas que lá dão com que repentinamente se cura essa molestia, eu fallo com experiencia propria, já tive um na mão esquerda, que me ia apodrecendo, e logo sarou. Se eu não fôr hoje, ámanhã lá mandarei, e escreverei com mais vagar, que alguma coisa tenho que lhe dizer. Supporte com constancia tantas penalidades, até que eu lá possa ir. Não duvide um instante da minha extremosa e constante amisade, digo o mesmo que tenho por tantas vezes repetido, e nunca faltarei ás que tenho protestado. Cresce todos os dias o meu affecto, a minha ternura, a minha saudade, e nunca diminuirá o justo amor que merece a minha F., de quem sou por escolha mais do que podia ser por natureza

Mano

J.

XXI

Senhora

Hoje 22 de Março ao meio dia encontrei o P.e Confessor; esta vista ou este encontro fez na minha alma uma commoção que é impossivel poder-se explicar. Foi um despertador, e a pena que eu merecia bem a executou! Agora oiça: a 19 de Maio, faz tres annos, fui atacado fóra de Lisboa, de uma molestia a que os Enterradores a quem nós chamamos Medicos, dão o nome de gota; e com tanta violencia, que do primeiro golpe me teve immovel na cama 32 dias. A semana que acabou trouxe 3 dias e 3 noites de dores do inferno. Isto me abysmou em pélago de tristesa, isto desconcertou todas as faculdades da minha alma, deixando-me só mais viva a memoria para meu algoz.

Eis aqui o que um velho tonto, gotoso, melancholico, e contra si mesmo rabugento pode dizer, não para desculpar de todo, mas para fazer algum tanto menos feia a nota de ingratidão. Se isto merecer alguma resposta, já que não tenho cabeça, se tiver pés, depois do toque de Alleluia, visto gosarem então os peccadores do perdão geral, irá

pedir o particular a V. S.ª o triste, mas eternamente lembrado de V. S.ª

Servo e obrigd.^mo

José Agostinho de Macedo.

Forno do Tijolo, 22 de Março de 1822.

XXII

Mana do meu coração (de todo), hoje dia de S. Matheus pelas oito horas e meia se acabou o meu cativeiro de jornadas por mar e por terra, pois á hora que digo, desembarcou no Cáes da Fundição de uma Falua toldada o costal dos emplastros com as suas competentes Donas de Honôr, e camareiras Thiofila, Miri Filisarda e Francisca, e eu, que só me faltou o acautelado ministerio dos bispotes. Aqui estou n'esta casa, que bem cuidado me tem dado em tão longas ausencias. Pode acreditar que esta madrugada me vinha lembrando que em casa acharia uma carta sua, porque nunca se me aquietava o remorso do meu silencio, mas que queria a Mana que eu fizesse? É verdade que tenho vindo a algum sermão, e domingo tive dois, mas sem entrar em Lisboa, porque um foi no Calvario onde ha umas Recolhidas ou Encolhidas que cantam bem, e outro foi no Lumiar, e de lá mesmo abalei de noite, sempre cheio de ancias com a enferma, porque além da noz do pescoço, póstas de sangue, rebentou-lhe um torno de materia do tornosello do pé direito da parte de fóra com que tambem está coxa, compondo eu tambem a Brigada das incuraveis com uma ferida no coração, que como se rasga pouco, dóe muito; com esta carta vae ter algum desafogo. A Mana é um objecto inseparavel da minha alma, e isto não é brinco; deve-me um cuidado extremo, e assim o deve acreditar, e assim o experimentará em quanto eu viver. Sinto a molestia da Mãy e sinto tudo, e agora constituido em mais algum descanço e menos ausencia, continuarei sem interrupção a escrever, e procural-a como por tantos titulos devo. Serve-me de consolação e consolação unica; os tempos vêm trazendo comsigo maiores tristesas, e é preciso buscar-lhe algum desafogo, e não posso ter outro mais que communical-a, como a pessoa de maior merito que por certo existe, isto lhe tenho dito, isto direi sempre.

Ora Mana, ao desembarcar cahiu esse paio de uma canastrinha,

já que comeram tantos, fique esse para lembrança do estrago dos dentes, não dos emplastros, mas das camareiras, merende-o a Mana domingo; parece que vae fugido, e escondido no fundo de tão grande condeça coisa tão pequena; não tenho outra, e antes ahi, que no buxo das taes Arpias, perdôe a tolice, mas Amor he menino, e

É seu Mano

J.

XXIII

Mana do meu coração, recolhendo-me agora para casa achei um excesso, que me enfadou; ora eu lhe peço que nunca mais me contemple assim; dinheiro, eu não lh'o acceito por sermões, e se não se enfastiam de mim, eu, e eu só os hei de prégar todos n'essa Igreja em quanto viver, eu lh'o remeto, e lhe supplico que o não tome por descortezia. Estou muito fatigado, porque me não pude eximir hontem de seis sermões, e todos do Sudario; tem-se-me conservado o coração em agitação grande, e vendo-me obrigado a sahir esta tarde, não podia andar. Ámanhã, domingo, tenho tres de manhã, na 2.ª feira tambem tenho, e trabalhoso, na 3.ª de tarde devo ir ás dos folhos com o destampatorio de um S. Francisco Xavier, que não sei o que lá fez a uma que diz nos seus cantares que se chama a Ex.ma Maria Honorata. Não posso, nem encostar o peito a esta mesa para escrever. 4.ª feira pela manhã ás oito horas, eu irei lá, e estarei até ás onze, e mais, se a Mãy se affligir, que em lhe parecendo me ponha na rua. Então levarei tudo dito... Vou-me deitar. Se estes e....... que aqui tenho me derem lá para as dez horas uma gemada como um infernal caldo com que agora mesmo me zangaram as tripas, passarei uma noite de rosas. Muita falta me faz minha Mãy!! Maior falta me faz a Mana, e sem ella não viverá

J. A.

XXIV

Mana do meu coração: que coisa é deixação, e desamor? Nunca espere isso d'este triste e apoquentado homem. Eu estou perseguido por todos os lados, e ha contra mim uma conspiração universal da Pedreirada, temo aparecer, não ha dia em que me não façam morto. Como lhe disse, ficaram as casas de Pedroiços pagas até ao S. João, o sitio é bonito e retirado, as donas das casas moram nas lojas, e são duas

velhas, uma chama-se Catherina Beata, outra Candida não sei de quê, fazem-me o comer, e alli estou tão triste e só, que nem lêr posso, e só de manhã vou dar algum passeio pela praia do mar, e sempre só. Esta é a minha vida ha mezes e só appareço aqui pela necessidade de algum sermão, a que venho. Talvez isto tenha algum dia mudança. O n.º da porta é 125, defronte das casas do Marquez de Borba.

Pode contar com o Sermão das Dores, mas cedo, porque talvez tenha outro, e com todos os mais. Dê-me muitas saudades á Mãy, e procure ter saude, socegando a meu respeito porque hei de ser em quanto viver, com todas as véras, e todas as forças da minha alma

Seu Mano o mais lembrado

J.

Pedroiços, 28 de Fevereiro de 1822.

XXV

Mana do meu coração; não tenho lá mandado, porque esta mulher adoeceu, e não tenho outra pessoa capaz para lá mandar; eu tambem não tenho andado bom, cheio de tristeza vendo o que vae, e antevendo o que irá dentro em breves audiencias. Se tem alguma cartinha sua, escrita com mais vagar que permite a incessante grade, mande-me esse cordeal, ou espéque da existencia. Como o tempo refrescou e humedeceu, e posso sem me lavar em suór dar um passo, com brevidade lhe farei uma visita, evitando os sabbados, dias terriveis, chamados de juizo, em que os que cá andamos por fóra, reputados cabritos, são precitos, e postos á esquerda; emquanto só elles ovelhinhas mansas, puras, castas e innocentes, se assentam ou tomam a direita, é o bem á bemaventurança, ou alli a gosam no ósculo do Sr. e que lhes faça muito bom proveito. Mana, tenha saude perfeita, a mesma dezejo á Mãy, e pelo que me pertence a mim, bem sabe que a dezejo muito vêr, e que se não esconda tanto. Os P.es da Companhia auctores do seu Instituto santo, assentaram que eram todas de alfinim e que podiam ser lambidas com os olhos, mas nem lambidas nem delambidas são; nasceram feitas mysterios da Fé para entrarem pelos ouvidos para desvanecerem a esperança, e darem cabo da caridade que vem a ser o mesmo que amor. Ora se gosta d'este, só o achará no

Seu

J. A.

XXVI

Mana, e senhora, eu ia lá depôr o pezo enorme das minhas saudades, mas fui buscar lã e vim tosquiado, ainda trouxe mais do que levei. E então ir algum pedaço de pano pardo o doce nome de filho, e o doce nome de Mano? Estou mais contente que um Deputado! A fallar sério, ainda não tive um abalo, nem uma surpreza mais agradavel na minha vida, do que a determinação da Sr.ª Prelada! Como a Mãy lhe hei de sempre obedecer, e a hei de sempre respeitar. E que hei de eu fazer a minha Mana adoptiva? Muita coisa, tudo quanto ella quizer, porque não ha uma pessoa mais benemerita. De vez em quando dar por lá a minha volta, gastar bons arrateis de ólhos pelos buraquinhos, e com os buraquinhos e não vêr mais que os buraquinhos, que estão feitos em forma de cruz, para tormento dos olhos, e mais dos corações. Eu hei de para a Pascoa, querendo Deus, tomar a lição do P.ᵉ Confessor, com a sua cabeça muito teza, esse não se embaraça com os buraquinhos, falla para a parede fronteira e lá irão aquelles suaves eccos, talvez que cansados do caminho, porque de ferrinho a ferrinho é um dia de jornada, ferir os delicados ouvidos de V. S.ª Que feliz sorte a d'aquelle Padre! Elle pode fallar nas Demandas, e eu não posso fallar na minha! Elle diz que foi ao Escrivão, que foi ao Letrado, que foi ao Juiz, eu ando pelo tribunal de um cego, que nem com esperança me despacha; e por mais que peço vista, acho-me com a Novena de S. José, tudo como no primeiro dia!! Mas serei como o homem da Quinta, vou-me deixando estar, e, ou boa demanda, ou má demanda, o Escrivão da minha banda. Então, não apresentei agora muito bem o antigo ditado! Seja para saude. Ahi remetto a V. S.ª um Livro de Profecias bem applicadas, e eu creio que Bonaparte foi o Precursor d'estes Anti-Christos, que nos estão martyrisando. Esse Livro tem feito endoidecer algumas pessoas cuidando que não tarda o fim do mundo, mas V. S.ª não tem cabeça de endoidecer, só se fôr por mim... Que fui eu dizer? Pelo amor de Deus não vá meter isto no bico á Mãy, senão quem a ha de ouvir ralhar? A primeira vez que lá fôr, vou tremendo de alguma chocalhice sua, e quando eu lhe pedir a benção, logo vejo pelo tom do—Deos o faça santo—se houve, ou não houve mexericos, isso logo se conhece. E V. S.ª que conhece? Conhece como os seus dedos, que me deu com os pés n'alma, e que eu que sou com todo o coração

Seu Mano

J.

XXVII

Mana em Christo, e em toda a Côrte do Céo, apertam-me as saudades de minha Mãy, e desejo saber como está, da Mana não tenho saudades, tenho um formigueiro no miollo que me não deixa parar apesar de ficar hontem com os bofes ralados com um sermão do Calvario no Desterro, e em cima d'este outro e de dormir pouco, de estafado; levantei-me agora, não me lembra se me benzi, aqui estou sentado, lembrando-me de lhe escrever e esquecendo-me que hoje será dia occupadissimo com exames de consciencia, e penitencies cumpridas á pressa para o que se ha de dizer á tarde ao ouvidor das virtudes e assim mesmo secante e importuno; não quero deixar acabar a semana sem novas suas, estou inquieto com a noticia que me dava da sua constipação, isto é um objecto sério, e desejo sobre elle alguma clareza que me socegue.

Queria hoje dizer-lhe muitas graças, que a divertissem e a esses puros Anjos que com a Mana vivem n'esse para mim tão respeitavel domicilio, porém estou consternado até ao intimo do coração. Já lá saberão da triste sorte do Patriarca; vae prezo e degradado para o Bussaco entre uma escolta de cavallaria. Isto é um attentado inaudito que vae assombrar não só Portugal, mas o mundo inteiro; o seu crime é não ter querido assignar dois artigos das bazes, o 1.º a Liberdade da Imprensa, de que se seguem mil patifarias, desafôros e desordens, o 2.º o da Liberdade de Consciencia para cada um poder seguir a Religião que quizer. Quem quizer ser Mouro, pode ser Mouro, pode ser Judeu, pode seguir o que lhe der na cabeça. Veja a Mana o que se seguirá d'este golpe descarregado na cabeça do Primeiro Ministro da Religião; como Cardeal, era a sua pessoa inviolavel, tudo se atropella, e o partido que elle devia tomar era ir para Roma como Cardeal. Quando elle me mandou essa honrosa Provisão que remeto á Mana para lêr, e a esses Anjos, e a Mana m'a entregará quando eu lá fôr 6.ª feira das Dôres, eu lhe escrevi e o desenganei que nada faria senão comprometer-se a si e a mim, que era irresistivel esta força que nos opprimia. Veja a Mana se eu tivesse escripto que me succederia agora? Antes escrever tolices e bagatellas, Exorcimos e Cordões &c. Ora a Sr.ª para outra vez, eu lhe direi muitas coisas que a divirtão, e a possam distrahir alguns instantes do pezo do seu estado e do seu emprego. Re-

commende-me muito á minha querida Mãe: eu a amo e sou muito seu amigo.

Para a Mana, não me basta mandar-lhe muitas visitas, é preciso levar-lh'as, e não as fio de ninguem, hei de ir eu mesmo em pessoa, e é coisa galante que em me vendo aquella mulher que está na porta, cá de fóra, (forte nariz tem!) sem eu lhe dizer nada, parece que adivinha, logo me diz:—Procura a Sr.ª Prioressa? Sim Sr.ª, lhe digo eu, mas olhe que tambem procuro a Sr.ª Escrivã, e ri-se a mofina, cuida que é graça! Ora a Mana gosta dos fechos das minhas cartas, e tenho estado a imaginar com que hei de eu fechar agora esta Carta? Com uma obrêa.

Até 5.ª feira.

XXVIII

Minha querida Mana do meu coração, é verdade que eu prometti quarta feira, que iria lá na sexta, e o prometti diante de testemunha, que tem tanta vista como cerimonia, que sendo mestre d'ellas, todas lhe esqueceram porque não usa de nenhuma. Ora muita parvoice cobre aquella cabelleira! Faltei na sexta feira, porque não faltou a chuva, e eu com tres sermões que tive na quinta, fiquei ralado e endefluxado, e por isto me deixei ficar na cama, pedindo ao céo que assim como deixava cahir tanta chuva, deixasse tambem cahir uma lage na cabeça d'elle para nos livrar de uma vez do não convidado pezo da sua visita. Viu-se coisa assim! Eu cuidei que era o dia de fazer testamento! Tudo estava prompto: o Procurador, o Confessor, o Escrivão, o Agonisante, e este com cara de defunto. Cara? Caveira: eu olhava para todos os cantos, cuidei que tambem estava a cova! Quando me vi no pateo, e em ár livre, olhei para traz a vêr se vinha a morte atraz de mim. Hontem, sabbado, quando encontrei o P.ᵉ Confessor, lhe disse, não todo livre de susto:—Inda estou vivo!—Mando agora lá e eu vou para Santa Appolonia tratar do Sr. da Paciencia, que é hoje a sua festa, lá lhe pedirei um bocado, e que seja advogado contra Lages e outros pezadelos, e ámanhã que é segunda feira das almas, terá esta minha apoquentada, a consolação de beijar a mão a minha querida Mãe e de dizer á minha amada Mana que sou e muito, e muito, e tudo.

Seu Mano

J.

XXIX

Mana, expuz as causas exteriores do meu apparente e tormentoso esquecimento, e preciso que exponha com a maior fidelidade as interiores. Sahi de lá, sim d'essas sombras, penetrado da mais viva magoa, não pelo que a Mana me deu a entender, mas pelo que me disse a Mãe. Aquelle a quem alli pozemos o nome de Veiga pequeno e que o Céo apartou d'ahi para casquilho Pastor de ovelhas ou de cabras lá para as montanhas d'onde tinha vindo, lhe accendeu no coração um combate entre destampados escrupulos e as impulsões da natureza. A Mãe me fez vêr com muito juizo a sua mortal afflicção em absolvições suspensas ou negadas, por quem namorava cá por este valle de lagrimas a bandeiras despregadas, e afflicta e bem afflicta conheci eu a Mana. Resolvi alli mesmo sem hesitar sacrificar para sempre a minha ventura á sua tranquilidade e paz. E que satisfação havia eu dar? Nenhuma; só o silencio e o retiro, julgasse o mundo o que quizesse. A compaixão e dó que eu sentia pela Mana, só se pode medir pela grandeza da dôr que me despedaçou a alma, vendo que era preciso mostrar que a não amava, para com este passo mostrar-lhe algum dia que a amava muito. Eu paguei esta aborrecida delicadeza: nunca mais tive um momento de consolação e alegria; aluguei uma casa em Pedrouços e lá vivia quasi sempre. O Mundo não tinha nem terá nunca em si todo, quem podesse compensar tal perda, porque não me canso de o dizer, e de o entender, que a Mana é a creatura mais perfeita pelos dotes de alma que tem existido, e dizendo eu isto diante de uma mulher Mesquitela, que ahi esteve, acrescentou com muita vivacidade:—e tambem do corpo.—Eu não lhe vi senão confusamente os olhos; se a estes e ao tom de voz o mais corresponde, teve Deus muita razão em a querer só, e os Frades das Necessidades em não quererem que ninguem lhe queira.

Assim vivi, Senhora, assim vivi, ou assim morri, e como eu nasci para morrer de zangas, em Agosto passado fui a Mafra em uma sege e dentro d'ella se meteu tambem um Frade Bento que andou por ahi ás costas com as mulheres de Villa Franca, para me moer o corpo e o espirito, o corpo com as alarvadas dimensões do seu, deitado sempre para cima de mim, o espirito com aquelle chorrilho de parvoices de que eu não sei se S. Bento, se S. Bernardo fôra mais liberal para com seus filhos. Teimou em fallar em o nome da Mana com muito lou-

vor é verdade, mas com a maior dôr para o meu coração pela lembrança da minha perda: nem com dezanove ovos fritos com manteiga com que ao almoço n'uma taverna encheu de uma vez a bocca, com pasmo da taverneira, deixou de fallar no seu nome. A 24 de setembro tambem vi e fallei nas Mercês, porque foi lá cantar a Missa um Oliveira, mais pacifico que Veigas grandes e Veigas pequenos, que pelas relações de espirito com a Mana, despertando a lembrança da minha desgraçada perda, me fez entrar em uma palpitação de coração, que nem ao sermão me deixou. Domingo á tarde tenho de ir a S.ta Isabel, e ainda que metido na capoeira de uma sege já estava temendo a vista d'esses telhados e paredes. Emfim, acabou tudo com a posse da sua carta, com uma arguição tão doce e tão espirituosa, tão digna da sua elevada comprehensão, que até é uma ventura ser criminoso na sua presença, só para ser assim arguido. Tenha tantas consolações quantas eu senti em lhe poder chamar Mana ainda antes da minha morte, de lhe poder dizer porque é minha Mana, que eu sou seu

Mano.

XXX

Minha q. M. d. m. c. vae-se estreitando este prazo, que poucos dias faltam! Parece-me que ainda hontem me dizia, faltam ainda cinco mezes! Seculos me parecem a mim os dias em que não tenho noticias suas. Já que hoje é um dia de tanto trabalho e tanta zanga para mim, quero ao menos a consolação das suas letras. Talvez que quando esta lhe fôr entregue eu esteja já em S.to Antonio da Sé onde El-rei vae, e onde se lhe faz pelo Senado uma grande festa de acção de graças pela sua vinda. É inexplicavel a tristeza com que eu estou; não me pude eximir d'isto, para me não expôr a grandes reparos, e perigosos. De melhor vontade estaria eu a um cantinho do Locutorio escuro, e antes vir de lá com belidas nos olhos, que ir vêr aquelle apparatoso espectaculo, e dar-me eu tambem em espectaculo. Quiz lá mandar sabbado, mas lembrei-me que era dia de Padres, dia tão fatal e vista tão temerosa, que até as moscas d'ahi desertam n'esse dia, e até ao Domingo pela manhã espreitam cá do Pateo se ha alguma reconciliação e se vae Padre, e só depois de desenganadas é que voltam aos seus costumados domicilios; se as moscas fogem, que farei eu? Todos os dias d'esta semana são para mim penosos com Praticas da Novena de S.ta Anna; a S.ta se lembre de mim, e me case com a vontade da Mana, pois me

dizem que esta S.ta é advogada d'estas coisas. Ora se já fechou os Livros das suas contas, dê-me conta do seu coração, escrevendo-me uma letrinha. São cinco horas da manhã, mas não admira que madrugue tanto, quem tanto se desvela em ser unicamente

Seu Mano

J.

P. S.—E minha Mãe?
Pois muitas saudades.

XXXI

Mana d. m. c. eu levo uma vida de cão; desembarquei hoje ás seis horas da manhã, e não viria a Lisboa se não tivesse sermão. Foi aquella Bernarda na profissão e no miolo meter-se, sahindo quente da cama, hontem pelas cinco da manhã na frigidissima agua do mar em Paço de Arcos, deu-lhe uma dôr no baixo ventre, ella chama-lhe taboa, seja taboa ou seja páo, que a poz ás portas da morte. Hontem todo o dia trabalhavam de continuo duas seringas, meteram-lhe nas tripas uma caixa de assucar mascavado, e uma pipa de azeite, grandes ruidos e estrondos ouvia eu, porém a dôr a continuar toda a noite até ás quatro horas que embarquei. Não bastavam os pinicos da casa, julgo que se apenaram os da visinhança, é certo que eu não chegava vez nenhuma á porta d'alcoba, que não visse aquelle embrulho empoleirado no pinico em cima da cama; quebrou-se um, entornou-se tudo, e não havia quem parasse; eu não sei que caldos fazia a moça, talvez os bebesse ella, porque os que appareciam eram mais claros que um desengano. Deixei-lhe dito que aquentassem em agua ardente, e lhe pozessem um pano molhado sobre o logar da dôr, se eu acabar cedo talvez vá lá esta tarde. Agora antes do sermão, se ainda achar em casa o deputado lhe darei o Requerimento, mal feito está, mas diz o que se quer dizer, se o não achar em casa então antes que vá embarcar, eu farei outro, porque as forças alli estão. Sexta feira 17 vou prégar do incomparavel S. Mamede, Santo que eu não conheço nem de vista, pois julgo que nem de páo o tem na Igreja, antes ou depois lá irei um bocadinho. Porque não fui eu despedir-me? Se fica, eu lhe fallarei, se não fica, eu não sahia de lá com vida, dizendo, esta é a ultima vez! Esta é a razão mais forte, além d'isto o calor tem estado de desesperar, e eu com uma terrivel debilidade nos joelhos, que me afflige bas-

tante. Tenho dado as minhas razões, e são verdadeiras ambas. Vou para a estufa, e se me derreto em suór a gritar, liquido-me em ternuras, e desuzado affecto por aquella de quem

E só Mano

J.

P. S.

Menos dizem os rapazes: ó Mãe, pão,
do que eu digo, ó Mãe, saudades.

XXXII

Minha querida Mana do meu coração, a sua carta me consternou como deve suppôr da minha exaltada brandura e sensibilidade. Pelo que pertence ás claras e efficazes intimações que heide fazer ao tal Deputado, descanse e confie em mim; os Requerimentos eu os ordenarei com a possivel energia. É lastimosa a situação do Convento, e o que é de todas, tambem ha de envolver a Mana, e por consequencia tambem a Mãe; a isto posso eu dar o remedio que o meu affecto me manda dar, e a subsistencia da Mana fica desde já por minha conta, nada deve padecer a unica pessoa a quem n'este mundo tenho dado o coração inteiro, a unica em que descobri merecimento, e a quem nunca deixarei de provar a mais ardente e verdadeira amizade. Eu escrevo isto hoje Domingo á noite, ámanhã de madrugada vou vêr as doentes; e como na terça feira heide prégar na Igreja das Salesias, ou como quer que lhe chamam, fico lá para vir pela dita Igreja que é em Belem, e na quarta feira eu lá mando; nada quero que falte á minha adorada Mana emquanto eu existir. Deve viver com commodidade o mais perfeito de todos os entes que existem; e além d'isto, tudo o que eu podér fazer de passos, de requerimentos e de supplicas, com a maior satisfação o cumprirei, desempenhando em tudo as obrigações de Mano, e confirmando com obras o que lhe digo com palavras, porque é unicamente

Seu

J.

XXXIII

Minha q. M. d. m. c. não cuidei que me levantava agora para me affligir com os seus excessos e incommodos! Não se contêm! Minha Mana, eu darei ámanhã de tarde conta de mim, se podér pessoalmente, e de manhã escreverei com vagar como devo. Sinto os seus incommodos, afflicções e trabalhos. E começarão elles outra vez? Que será de mim se elles pararem! Agradeça-me muito á Mãe o seu cuidado, dê-lhe muitos abraços filiaes, e a Mana? Hontem de tarde d'aqui mais de duas leguas me vi eu abysmado em melancholia, considerando profundamente na Mana. Ora pois, vou-me d'aqui para as gritarias, primeira ás roucas pipias de Santa Anna, segunda aos Frades Irlandezes do Corpo Santo, que tanto me entendem a mim como eu a elles; o que eu entendo bem é que tenho o coração rasgado em considerar na Mana, e que as palpitações que tem desde 8 de fevereiro serão constantes até ao fim da vida de

Seu Mano

J.

XXXIV

Mana e Senhora minha, mande-me dizer se o R.^mo P.^e Confessor entregou n'essa Portaria um abraço meu que eu mandava para a Communidade; eu lh'o entreguei no Salitre quando vinha hontem de S. Mamede e lhe pedi que o não deixasse fóra, que esfriava muito, que o désse á Maman, que na sua mão ficava seguro. Ora a festa de S.^to Antonio mudou-se para o dia oito, saiba isto, e que o Santo compadecido me approximou o prazo de eu ir a esse sitio, que para isto não eram precisos milagres de S.^to Antonio, e segunda feira que é dia da visitação, eu farei esta visita de tarde, e já que tudo em nós foi tarde, ao menos ficará sabendo, que por mais cedo que me levante, o meu primeiro — Pelo sinal da S.^ta Cruz — é dizer — Por F. R. andará hoje até tollo

J. A.

XXXV

M. M. d. m. c. vae esta cartinha com mais socego, ainda que com menos vagar; ando feito viajante de mar, agora que são sete horas desembarco de Pedrouços, d'onde sahi antes das cinco, isto me cança, e a molestia da doente me dá cuidado; sempre lavada em sangue, ainda que diz o enterrador Pinheiro que é proveitoso porque diminue a acção do aneurisma, e assim ando eu entre correios da morte e viagens do mar. Esta tarde vou a S. Mamede a uma Pratica de S.to Antonio—a Obediencia do Santo, e estou á obediencia do Sr. Prior, porque como vae ao Rato tem um titulo para ser obedecido: se não acabasse muito tarde poderia eu lá dar uma saltada? Isso dirá a Mana. Já lhe disse que fui domingo de tarde, e bem tarde a Odivellas e as duas festeiras Francisca Rosa e Gertrudes Palavra, ambas velhas e beatas, me gritaram do côro que fosse a uma grade, beijei o pé ao S.to na Cancella do côro, onde estavam tambem as creadas muito enfeitadas tocando tambor, e fazendo tamanha algazarra, que nada se ouvia, bailharam depois no côro perante o SS.mo Sacramento, que era uma consolação vêl-as; era um pedaço de céo com gargalhadas do povo espectador. Fui a uma grade chamada pequena, porque todas as oito mais estavam occupadas com guitarras e motim de dez Frades, trinta e tantos soldados de zabumba, e Freiras azabumbadas, cujo estrepito era a imagem do inferno virado com as pernas cá para cima. As duas Beatas que bebem muito vinho tambem m'o pozeram; não bebi porque parecia parente do do Calvario, e uns bolos redondos de farinhas podres chamados esquecidos, que não tinham de bons senão uma veneravel antiguidade, pois me pareciam do tempo dos Francezes. A tal Gertrudes Palavra, Mestra eterna de Noviças, me contou uma historia de Joanna Thomazia que eu não sabia, eil-a aqui tal e qual. As Bernardas além do eterno Officio, têm todos os dias o de Defuntos, e de certo não é pelos que matam com a sua formosura e discrição; a Noviça, se a ha, levanta a primeira Antifona de vesperas, e aponta o Psalmo. Ensinou-a pois a Mestra, e disse-lhe:—Olhae, vós haveis de dizer—*Me suscepit*, de pé, e depois—*Deus*, *Deus meus*—sentada; assim o fez Joanna Thomazia—e disse tudo—*Me suscepit de pé, Deus*, *Deus meus sentada,* e tudo no mesmo tom latim e portuguez tudo junto, sem se lembrar que a pé e sentada era a ceremonia; e desatando as Freiras a rir, ella muito arrenegada, gritou para a Mestra:—Não me ensinasse assim! Se vossê

é Bernarda eu sou Dominica. Eu ri devéras, e não ha um só destempero de Joanna Thomazia que não faça rir. A Abb.ª é tolla e Evangelista, e por tanto inimiga do Baptista, coitado, a gritar com as creadas, que não queria no côro mais tambor, nem mais fandango, e pegou n'um apagador para lhe dar, acudiu a tia Ignacia Laureanna que é irmã da Serpente que tentou Eva, pela sua edade, e acommodou a Abb.ª

Ora aqui tem a Mana bernardices para se divertir; não vá agora contar isto aos Padres Casmurros, impertinentes, tollissimos e moedores, que lhe encham a consciencia de escrupulos, e que lhe metam fezes no corpo. Aqui não ha escandalo, tudo é ao Divino e para maior gloria do Snr. Eu tambem sou Padre, e se não dirijo espiritos, posso regular corações, vire-o para cá que lhe fica seguro, e tão unido ao meu, que farão um só; agora vá papaguear tambem isto, que decerto entorna o caldo, e deita o caso a perder. Forte taramella de coisas nenhumas pelos buraquinhos imperceptiveis! Que mais lhe heide dizer! Que tenho muitas saudades de a ouvir, porque de a vêr, isso fica para mais devagar, de tomar á benção á Mãe a quem tenho o mais verdadeiro affecto pelo seu muito juizo e franqueza, e desejo com ancia que essa respeitavel Communidade a não deixe sahir do logar, que será uma pena que me custará muito, confio na sua muita virtude, que se não ha de subtrahir ao pezo. E a Mana? Tudo seu me dá cuidado, e sobre tudo a sua saude. Viva, porque é um anjo, e a creatura mais perfeita que existe, e a mais digna de existir. Eu estaria coisa de vinte minutos na grade de Odivellas, não me podia nem sentar lembrando-me do seu pezadissimo e rigoroso Instituto, e vendo tanta liberdade, nem tanto, nem tão pouco, mas não podia supportar uma coisa com a lembrança da outra. Umas que tanto se mostram, outras que apenas se ouvem. Aquellas nem se podem ouvir, e estas nem se podem vêr. Aquellas, tolas superfinas, estas por excellencia asisadas. Para aquellas nem o Mundo pode olhar, estas nem o sol as pode vêr. Aquellas sem vergonha na cara, estas com quatro varas de panno de linho. Aquellas uns cavallões, e estas uns serafins; se ao menos se trocassem os Directores! Os de cá para lá, os de lá para cá! Joanna Thomazia vinha dizer á Portaria, quanto lhe dizia o P.ᵉ no confissionario, e os arremedava: — Olhe, Bossa senhoria para que beio á religião? Para xer uma Besta nos peccados. Tanvem eu podia lá andar pelo Mundo, a bestir uma cajaca! Ora reze tres estaçoens — Olhem, disse-me agora isto Fr. Sebastião. Oh! mei Tio, eu mandei-o beber, não fiz bem! Fez sim, e o logar era para isso, continue. Pois olhe, mei Tio, em elle me chamando outra vez Besta, se cá entrar dentro, quebro-lhe a cabeça como

fiz a Fr. Manoel de Mello. Melhor é matal-o. Ai! tomara eu! Com esta grande secatura a terei eu mortificado, minha Mana, porem o meu intuito é devertil-a, e o meu mais firme proposito é ser emquanto viver

Seu Mano só

J.

XXXVI

O meu extremo cuidado me obriga, hoje mesmo, a buscar alguma noticia da sua situação. Muito me affligi domingo! E não ha um Director illustrado, que a obrigue por motivo de consciencia a suspender tantas fadigas? Valha-me Deus, eu não quero que escreva, não se mortifique, nem dobre o peito, peço-lhe só, que de palavra me mande dizer se experimenta algum alivio: até com as mãos postas (logo em acabando de escrever, porque agora estão occupadas) lhe supplico, que não cante, nem tóque, porque, diz a lei, que a vida está primeiro que a musica, e Deus ouve melhor o que se resa, que o que se grita. Para consolação dos fieis, julgo que é escusado; porque vi tantas malvas n'esse Pateo, que assentei, que ahi ninguem entrava já; mas se alguem fôr, contente-se com as malvas, excusa de ouvir violas. Beije por mim a mão á nossa boa e virtuosa Mãe, e acceite a mais viva e affectuosa Lembrança de seu

Mano

J.

XXXVII

Minha Mana, seis sermões hontem em Igrejas grandes, acabando o ultimo á meia noite, me mandam estar hoje na cama; e o cuidado e desasocego em que estou com a sua molestia, me manda com mais imperio, que procure noticias suas: seja como fôr, ou de palavra, ou por escripto, queira acudir a este velho caduco. Se eu pozer a cabelleira do Lage, e me fingir peticego, segundo a moda, ninguem dirá senão que o mesmissimo Ouvidor das suas Missas, e secador das suas grades, assiste ao Forno do Tijolo. Parecendo-me com elle, não tenho a ventura que elle tem. Eu quereria em uma calva lusidia ter pegada a sua cabelleira, e até nas bochechas as bostellas do P.^e Confessor, comtanto que assim mesmo bostelento, e desencabellado, tivesse a ventura, que tem estes dois servos de Deus e Ministros de Christo! Nunca a

Mana os veja á sua cabeçeira, ainda que os ature na sua grade, onde por certo estando a Mana restabelecida verá segunda feira de tarde, ainda que seja por um instante

Seu Mano

J.

XXXVIII

M. q. M. d. m. c. desfez-se o triste encanto das minhas jornadas, pensões e cuidados, que tudo isto quer dizer que se augmentou repentinamente o volume do Aneurisma no pescoço da pobre e atribulada Maria Candida, e foi preciso por mandado do Pinheiro metel-a logo em agua salgada, e marchar segunda feira da semana passada com ella para as praias de Pedrouços, levando tambem a carcomida Carmo com a sua perna podre, e mais grossa que um cortiço. Mudanças de trastes, arranjos de casa com tudo quanto isto comsigo traz, me tem feito a mim louco e doente; eu vim hontem sabbado á noite, hoje Domingo tive quatro sermões, começando pelo de S. João em S. Roque, onde me fallou o Principal Camara para ir a essa Igreja a 15 do mez que vem; o quarto sermão foi em Odivellas, d'onde chego agora que são dez horas da noite, moido, estafado e aborrecido, como a Mana deve suppôr, sem se me desprender do coração o punhal da amargura que me tem causado o estado em que considero a Mana com o cuidado em mim. Ora pois, socegue, que eu estou vivo, e é o que basta para não ter outro emprego mais que a lembrança da Mana. Eu sahi da grade muito consternado na 1.ª oitava do Espirito Santo, com a ideia dos Padres, e sobre isto me explicarei agora com vagar, porque esta só vae para socego da Mana e para me recommendar á minha amada Mãy. Torno a recommendar-lhe que socegue, a morte é só rival, mas antes d'ella é só de F.

J.

XXXIX

Minha Sr.ª e minha Mana, eu devia conforme a minha promessa ir á parte de fóra d'esse domicilio hoje terça feira, mas eu que mando, é certo que não vou, e porque? Porque tendo tido Domingo tres sermões, hontem segunda feira quatro, apparece mais outro para esta manhã de que me não posso sacudir, e é de S. José, e na Igreja da Pena, e não é pequena a que me fica de demorar mais 24 horas a minha ida, sendo tão vehemente o meu cuidado na saude da Mana, que me pôz outro

dia em não pequeno susto. Eu estou na verdade com a Mana, possuidor da gloria; que coisa é a Gloria? É o Reino do Ceo? E que coisa é o Reino do Céo! É um thesouro escondido em um campo; estamos no caso, a Mana é um thesouro de perfeições, e ainda o querem mais escondido? E tanto o está, que eu ainda lhe não puz a vista em cima. E o campo? Ainda o querem mais claro? Campolide, que quer dizer campo da batalha, porque se o Reino do Céo padece violencia, isto é, uma guerra viva de saudades. Ainda a coisa vae mais por diante; porque se diz que o homem que encontra este thesouro, vae, põe com domno tudo quanto possue para possuir o thesouro, mais o campo. Eis aqui o que eu fiz, puz tudo a andar. Formosuras, discrições e discretaças, tolas e toleironas, doidas, e mentecaptas, que era toda a minha fazenda, já lá vae, já vi tudo pelas costas, porque eu não quero mais que o thesouro que está escondido no Campo, e no Campolide. Logo estou na Gloria, porque o Reino do Céo é thesouro escondido no Campo, mas pelos outros campos passea-se, e por este anda-se á roda, ou faz andar a cabeça á roda. Depois da Bemaventurança assim pintada em papel, tratando das coisas da terra, digo que ámanhã, quarta, de manhã, lá vou ao campo onde está o meu thesouro, meu com o devido respeito dos Santos Valois e Matta, que com effeito mata a gente com a tal funcção dos buraquinhos; n'elles e por elles darei conta de mim, e lá fallarei com o P.e Confessor, que deu em Fiel de Feitos: e quem dissera, que as grades que toda a vida foram theatros das finesas, chegariam a ser Escriptorios das Demandas! E onde me embalaram desde menino, com setas, pyras, cadêas, chammas, ternuras, constancias e juramentos; agora são Escrivães (se fosse o Escrivão só!) Lettra dos procuradores, trapassas, e arenguices!! Deite-se o homem fóra da cêrca, porém Mana, não me deite para fóra do seu coração, nem minha Mãe da virtude da sua benção. De tudo isto pede vista, mas não a dão ao triste.

J. A.

XL

Mana do meu coração, eu tenho andado dividido, desde sexta feira até hoje, entre trabalhos do meu officio e cuidados na molestia da minha respeitavel Mãe, e não tenho lá mandado assim mesmo, para não parecer importuno, ainda que o motivo me justificava bastante. Não pequeno cuidado me causa a Mana tambem, porque me lembro que ha de andar muito afflicta. Mande-me noticias suas circumstanciadas, e que diminuam o meu cuidado; estou na maior impaciencia por lá ir,

mas o não posso fazer senão quinta feira, eu irei, parece-me que é tempo. O Céo permita que eu ache restabelecida a minha Mãe, e tambem a Mana sem muita tristesa, porque sem toda creio que não poderá ser; d'essa herança não me cabe a mim pequena parte, e só tem alguma pausa, quando vejo mecher a ponta do farrapinho, que da ilharga da Mana cobre tambem o fatal crivo, como se este não bastasse. Se elle estivesse cá da minha parte, eu joeiraria por elle as saudades, e os suspiros de modo que lá chegassem, mas assim, parece-me que até descançam no caminho. e se algum entra vae já frio de neve. Queira-os accolher no seu peito, a ver se cobram alento e calor, e correspondidos de lá, venham dar, e conservar a vida

Ao seu Mano

J.

XLI

Minha Senhora, e minha Mana em Christo: estou hoje, segunda feira ás oito da noite, como despedaçado com sete sermões, quatro hontem, e tres hoje, e ha duas horas que descanço. Bem vê que teria vontade de lhe dizer muitas coisas, mas irão algumas, e as outras um d'estes dias. Ora comecemos pelas de mais obrigação. Desejo que a Mana me recommende sempre á Sr.ª Prelada, mas que lhe vão lá fazer as minhas lembranças? Enfadal-a no meio do seu laborioso ministerio, mas se lhe podem dar alguma diversão, ahi vão muitas saudades. Que eu as tenho de lá ir, não tem duvida nenhuma, porque quando lhe faço os meus respeitosos cumprimentos tambem vejo mecher um vulto da parte opposta, e abaixando a cabeça rir-se muito, o que me não consola pouco. E as outras senhoras tambem não hão de ter recommendações? Sim senhora, e muitas saudades, porque eu tenho tantas d'esse respeitado e respeitavel domicilio, que repartidas por todas, ainda sobejam para a outra vez. Mas tenha sempre a Mana no seu cartorio uma grande reserva d'ellas não só para seu uso e gasto particular, porém para acudir ás mais necessitadas em occasião de securas de espirito. Olha que celleiro me manda fazer! dirá a Mana, melhor fôra que viesse elle, do que mandar para cá essas cargas de coisas tão surradas como são saudades, e se as tem para que se mata lá com ellas, venha-as matar cá. Sim Sr.ª e talvez que 5.ª feira de tarde, porque ámanhã vou com um Frade Bernardo visitar a emplastrada, na 4.ª feira vou ás dos folhos e denguices da Encarnação prégar do patriarcha S. Bento, que bons Burros nos tem dado ao dizimo, na 5.ª feira irei

então a esse Céo, que é a habitação dos verdadeiros Anjos. Olhe Mana, por ora ainda não sei que sejam outra coisa. Os Anjos ouvem-se quando N. Sr. os manda fallar, mas pôr-lhe a vista em cima, isso não acontece, e é o que lá me acontece a mim. Oiço um Anjo que é a sua Prelada, mas ver o Anjo, isso não é para mim. Oiço da outra parte um serafim abrasado em amor, mas vêr o serafim, isso não é para mim. A corçasinha com as tres côres não tardou em se mostrar a S. João da Matta, mas vêr eu as tres côres, isso não é para mim. Fez-se o Anjo tambem com as tres côres visivel a S. Felix e tinha dois cativos um d'aqui, outro d'ali. Felizes cativos que viam o Anjo. Se V. S.ª se mostrasse que é um Anjo, tambem se lhe veria aos pés um cativo, que é este seu creado, mas este cativo não tem a fortuna de vêr o Anjo, que tão preso o conserva. O meu Fado são Anjos, até móro na freguesia dos Anjos. V. S.ª como Anjo, manda-me coisas do céo, papos de Anjo, bolos celestes, toucinho do céo, e arroz que não é de telhado, é de telhas acima. (Ora não torne a mandar-me nada do céo), e aqui anda mettido n'esta Anjaria este Archanjo velho, sem sabor, repugnante, impertinente, e secador. O esposo de Santa Cecilia, disse que se ella visse o seu Anjo, se converteria á fé, mais faço eu, que sem vêr o Anjo bem convertido estou. Para quem, dirá V. S.ª? Para o Anjo. Quem é esse Anjo? É a Mana, e não o duvide, já sabe que o é, porque é invisivel; agora saiba porque eu lh'o chamo. Porque tem um entendimento angelico, tenha a certesa que ninguem falla, ninguem se explica, ninguem escreve como V. S.ª Aos meus olhos é um verdadeiro prodigio de entendimento, e por este lado só Deus a merecia. Os costumes e os sentimentos são angelicos. No mundo não existe coisa nem mais perfeita, nem mais respeitavel que a Mana. Acho-lhe graça em me arguir de dizer mal das mulheres; se todas as mulheres fossem as Freiras do Rato, eu diria bem d'ellas. Acha a Mana, que é coisa muito galante um exercito de gaivotas nuas a passearem pelo meio d'esse mundo, sem vergonha, sem juizo, sem modestia, tolas como um Frade, namoradas como heroinas de comedia, se escrevem, escrevem parvoices, e se fallam, dizem asneiras. Ora deixe-me pelo amor de Deus. Nunca as soffri, nem lhe fallo, isso é constante. Eu não as posso aturar, tomara esbofeteal-as a todas, ellas bem conhecem a minha boa vontade, e julgo que lhe correspondem. Se V. S.ª fosse uma secular, eu lhe juro, que então não queria vêr o Anjo. V. S.ª com um filó, com uns sapatos á Deusa, com a feira da ladra de trapos na cabeça, com um chale de pendurucalhos com um sacco de fechos dourados, até nem tinha juiso nenhum, nem se saberia explicar, era uma coisa assim por modo de

um mólho de tripas que alli ia pela rua. Deixe-se estar ahi, Menina, com essa cruzinha no peito, com esse véo bem comprido e bem espesso, que vista por uma peneira ou pelos buraquinhos do crivo, terá até á morte por seu

Mano

José Agostinho de Macedo.

XLII

Pax Christi
E seja louvado.

Lá mando agora esta mulher, porque o moço estava com muita pressa, e torno a certificar a Mana, que nenhum incommodo me causa servir a Mana, e servir a todas, e n'isso temos assentado de uma vez para sempre; tomara eu concorrer para a sua total felicidade, e fazel-as independentes de tudo, este é o meu desejo, e que a Mana tenha saude e a Mãe socego, porque me consternou muito o que hontem me disse o P.e confessor do estado do Convento sem recursos.

Recolheram as Sete Monicas nas ruinas que o fogo deixou, e dizem todos, e todas com a bocca cheia com que assopravam, que o fogo foi posto pela Fausta dos Inglezes, irmã do diabo que d'ahi foi para Odivellas, onde se foi juntar com ella levada pelo Frade Bento, cuja cabeça é rapada por fóra de cabello, e por dentro de juizo. Deus nol-o conserve até a hora da nossa morte. e a perdel-o, só por F. R. se lhe não daria a

J. A.

XLIII

Mana do meu coração, eu tinha promettido lá ir hoje, mas uma importunação de um Conego de Braga, que quer uma representação ás Côrtes, e outra importunação de egual naturesa vinda da Casa Pia, aqui me conservam em casa manietado sem poder fazer a minha vontade; mando a toda a pressa esta rapariga dos recados, para a livrar de cuidados, desejando muito ter letras suas, que venham dissipar-me a zanga em que estou. Saudades a minha respeitada e querida Mãe, e á minha Mana o quê? O coração do

Seu Mano

J.

XLIV

Não me pode esquecer a impertinencia do P.e nem ha sol que me aquente, apesar do que caíu agora em cima de mim desde Santos até ao Forno, á vista do rigorismo do Veiguinha. Quero-me accommodar com uma coisa que me lembrou, convem a saber, que costumam os grandes mestres de espirito provar a humildade e paciencia das servas do senhor, para lhe abater a vangloria dos seus raptos e visões. Alonso Rodrigues nos conta (a mim não vêm elles com essas historias) que dando uma vez conta a V. M.e Maria de La Antigua ao seu Confessor o P.e Luiz de la Puente, de se ter levantado palmo e meio do chão, estando com muito fervor na oração para agradecer ao Sr. a graça de lhe mostrar as almas que estão no Limbo, sem pena, nem gloria, como os que vão ao Rato, se distrahira d'este rapto espiritual com a dentada de uma pulga na coxa direita, e que tendo molhado com cuspo a ponta do dedo para a apanhar, o Sr. permittiu que se escapasse, de que teve tal impaciencia, que se lhe acabou a visão cahindo em terra d'aquella altura de palmo e meio com tanta força, que fez um gallo no traz, e que estivera em risco de levar bichas, que o Sr. compadecido lhe apparecera d'ahi a dois dias estando a serva de Deus no Cartorio e lhe dissera, não te desconsoles: Mana, eu permitti que desses aquelle batecú, para castigar a impaciencia de não apanhares a pulga que te distrahia da oração; eu quero comprovar-te na tribulação dando licença a um percevejo que te não largue de dia e de noite, de que a serva do Sr. sentiu muita vaidade de ser julgada digna de padecer por vontade do Sr. tamanho martyrio, e que ouvido isto pelo Confessor conheceu este em sonhos que era disposição divina mortificar aquella alma com um incessante percevejo, lhe chamou illusa e embusteira, negando-lhe quinze meses a absolvição, apartando-a de tudo o que eram consolações com o seu Esposo; até que o Sr. mandou suspender aquelle rigor, dizendo que estava comprovado o seu Espirito.

Parece-me que acertei attribuindo a este motivo a sua afflicção de espirito de quarta feira, pelo caminho dos escrupulos apartando-a das consolações espirituaes ouvindo sem gosto os passarinhos cantando á Hora, por tanto não se deve desconsolar; mas se V. S.a assentar que é por tolice do P.e; e por elle ter a cabeça do feitio de carneiro, então, Menina, faça-lhe o mesmo que eu fiz ás tres cidras do Amor, os tres I. I. I., mande-o á fava, e mande tambem ao P.e Confessor, que

pela manhã logo leva essa Carta do Sr. Deputado Ferrão ao Teixeira Homem, e que está o milagre feito, e eu vou já a S.to Antonio prégar da sua caridade, e se esta é tambem amor, tenha V. S.a muito a

J. A.

XLV

Minha q. M. d. m. c. Hontem, quarta feira, vindo de Pedroiços para onde se transferiu agora o meu Hospital volante, a que se juntou agora mais uma inchação (M.a do Carmo com a perna inchada), achei a sua carta, unica e verdadeira consolação que n'este Mundo tem, e terá a minha apoquentada vida, senti a injustiça manifesta da sentença; ainda que não me admira, porque não se lisongeam os Imperantes senão com aquelle indigno procedimento contra os infelizes Frades, e infelicissimas Freiras, tudo lhe tiram, e tudo lhe tirarão, que para isso lhe pedem roes, e mappas. Ora pois, minha mana, eu desejo todo o bem até ás insensiveis muralhas d'essa prisão, porque a encerram, isto é, o ente mais perfeito que existe, e por isso lhe peço que quando se intentar alguma causa, ou demanda, me deixem vêr os fundamentos ou documentos que para ella haja, não envolvam erro, ou motivo de decaírem de sua justiça para se lhes pouparem cuidados, despezas e desfeitas, que é o que mais se deve sentir, e se eu por falta de intelligencia não perceber, consultarei pessoas que entendam, e sejam desapaixonadas; o nimio zello do P.e Confessor talvez o engane algumas vezes. Estimo que esteja mais descançada sobre os seus escrupulos de consciencia, e que tenha firmeza nos seus propositos, e já que tem tanta luz no entendimento em que por certo ninguem a eguala, tenha tambem resolução constante na sua vontade, d'isto pende tambem a sua tão melindrosa saude, que se arruina com a inquietação de espirito. Tenha uma plena confiança na Divina Misericordia, Deus tem mais bondade, e mais juizo que os homens. Quizera fazer-lhe hoje uma visita rapida, porém não é possivel, cansado hontem com a vinda de Pedrouços ainda que por mar, cansado ou aborrecido de ouvir á velha: Ai! minha perna; e á quasi velha: Ai! meu pescoço! e em cima Pratica de Santo Antonio, ámanhã outra vez Pedroiços, porque ainda lá não está mais que metade dos trastes e faltam munições de cosinha, no sabbado Pratica de S.to Antonio, e ás tres horas da noite ir para Collares, e vir de lá tambem de noite, não me resta mais que a 2.a feira, e quando fôr ao Monserrate, saber n'essa Roda da saude da Mãe e da Mana, e se poder haver um quarto de hora de grade então le-

varei a novidade que houver. No Monserrate festeja-se o Senhor da Agonia, que vem a ser, festejo-me eu, festeja-se V. S.ª porque tudo são agonias, as dos meus olhos porque a não vêem, as do seu espirito com os Anjos dos P.es mas Nosso Sr. J. C. quando entrou em agonia diz o texto, que orava com mais afinco e proluxidade; eu farei o mesmo, pedirei á Mana até com impertinencia, que me queira muito, e quanto mais agonisado estiver, mais lh'o pedirei, porque só n'isto consiste o remedio unico das minhas agonias; veja lá se me acode ou não, seja o Anjo que me conforte, já que em tudo é Anjo, o tal calixsinho dos buraquinhos não é pouco amargo, mas vá, que mais vale pouco que nada, nem eu quero que d'elle me dispensem, nunca direi—aparte-se de mim este calix, mas venha para mim. Ora ande, que já estou cansado de esperar.

Mandaram-me de Coimbra esse papel a favor de Frades, que não é máo, mas ha a prégação dos Baptistas no deserto ou é o mesmo que se me dissessem a mim que não seja de V. S.ª

O mais... q? tudo

J.

XLVI

Minha Mana e Sr.ª a grande e escandalosa questão, não ficou decedida no sabbado, porque intervieram representações d'esses encarregados de Negocios Estrangeiros, que ahi existem, e principalmente do Delegado do Papa; mas eu desconfio muito, porque conheço o caracter dos sujeitos, e sei as disposições com que estão. Hoje se ha de ultimar o negocio, e creio que El-Rei o engulirá com a mesma frescura com que enguliu a desfeita que lhe fizeram na pessoa do Marechal. Segundo entendo, isto está de todo abandonado, pois já tinha mais que tempo de dizer—gósto, ou não gósto.—Mas nem todos têm a sinceridade que eu tenho, porque eu fallo claro, e digo, gósto muito da minha Mãe, gosto immenso da minha Mana, não gosto nada dos buraquinhos da grade onde os olhos estão em perpetua Quaresma, que vem a ser rigoroso jejum, porque se o vento dá no panninho preto que cobre os buraquinhos nunca é para o levantar antes é, como tenho reparado, para o abaixar ainda mais. Alguns ha tão ditosos que o vento lhe ajunta a lenha, para mim sempre a espalhou; e alli sopra o vento com previlegios de grude, porque pega o panninho em logar de o despegar. Só falto á Santa Regra um capitulo que determinasse, e

dissesse:—Item, mandamos, que quando as Religiosas fôrem aos buraquinhos, vão primeiro ao cubiculo da Mãe metter algodão nos ouvidos, que sempre lh'o terá prompto, e bem carpeado.—Item, recommendamos, que para o pasmo que isto causará aos peccadores que lhe vierem fallar, tenham sempre na grade da parte de fóra, e bem pendurado um molho de cebollas. Item, mandamos em virtude de santa obediencia ao P.e Confessor que ao presente é, e ao diante fôr, que se ponha sem pestanejar olhando para a parede, e acompanhando os hospedes que lá fôrem, desde que elles venham até que se vão. Item, recommendamos ás religiosas, M.es Porteiras e Rodeiras, e a quem mais convier, que tenham sempre na porta da parte de fóra uma mulher gorda fiando n'uma roca com uma cara de desmamar creanças, com dois olhos como duas beringellas, tão temente a Deus, que para bem do proximo não deixe passar para a escada das grades uma só mosca de que não dê fé, e de que não vá cochichar com as visinhas e amigas que assistirem pelo pateo, e que faça bem perguntas a uma velha que lá manda a irmã de J. A. que é muito curiosa, tola e intrometida.

Ora não quero fazer mais pesada a sua lei com outros capitulos. Divirta-se a Mana com essa boa e honesta historia, mal traduzida por quem nem sabia francez, nem portuguez. Conserve-me lá guardados os papeis do Patriarcha, que eu os trarei quando lá fôr. Se não causar encommodo 5.ª feira, eu irei. Immensas saudades a minha virtuosa Mãe e V. S.ª as acceite de

Seu Mano

J. A.

XLVII

Mana do meu coração, hoje não é dia de escritas, nem tem sido dia de idas e vindas. Eu me tenho conservado em silencio e em sobresalto. É de presumir que esta noite ahi vá ficar o Espirito Santo, meta-o lá para o Cartorio, falle-lhe da minha parte, trate-o com bom modo, peça-lhe para mim o que eu desejo. Eu podia buscar para elle um empenho nos Padres que dizem ser do Espirito Santo, porém creio que o mesmo Espirito Santo apesar de ser uma pomba sem fel os não pode já aturar, e se algum se vae meter nas andancias de ámanhã, elle abala e vae-se embora; mas vá-se tudo, e fique a Mãy, se isto assim succeder, eu serei feliz.

Vae o Sermão impresso; é tal o estado em que eu estou, que nem sei escrever, nem me lembra coisa que lhe diga, e rindo eu toda a mi-

nha vida com uma coisa que ouvi sendo pequeno a uma discreta Freira de S.ta Clara de Coimbra em um oiteiro de eleição, que era um mote que ella deu, e que deixou o auditorio extatico de assombro com o relevante juizo d'aquella extraordinaria mulher, vejo que se annunciava uma coisa, e que devia vir entender commigo quando eu tivesse cincoenta e seis annos menos um mez; emfim o mote era este, e lá se avenha V. S.ª com elle

—Foi eleita sacristã—

Isto que então fez acabar o Oiteiro ás gargalhadas (para que estamos n'este Mundo!) veiu a ser um objecto de tanta ponderação que d'elle pende a vida de

J. A!!!

XLVIII

Isto já é outra coisa, e já tenho logar de me dar a mim mesmo os parabens, eu os recebo, e me fico muito obrigado. Fizeram esses Anjos o que deviam; elles bem sabiam que esse era o modo de me conservarem em vida. Nosso Snr. lhe pague a caridade que commigo tiveram. A Mana esta tarde antes da Oração lhe annuncie o meu agradecimento, porque de outra sorte era arriscado o fugir o Touro da manada. Toda esta semana passada andei eu metido com os Frades Bernardos, está ahi o Geral, e cuidam em se justificar de suppostos crimes com que os têm enxovalhado n'esses papeis publicos, tenho-lhe feito varios requerimentos e representações, porque emfim tratam-me bem aquella emplastrada; agora me mandaram aqui um caixote de pêcegos que vêm quasi todos tocados, porque meter pecegos verdes em caixote, e este muito bem pregado com fortes pregos, só Frades Bernardos; ahi remetto á Mana os que entre centos pude achar sem podridão. Que será isto de habito Bernardo! Quer a Mana saber? No dia da funcção de S.to Antonio apresentou-se lá o Paio de Lingoas com a velha Carmo, busquei logar, e o tiveram em uma tribuna. Coisa rara, no fim veiu El-Rei a cima tomar um refresco, já tinha conversado muito commigo, e estando eu com a bostelenta de perna, e com a bostelenta de cara no cimo de uma escada por onde elle passava, beijei-lhe a mão e elle me levantou pegando-me em ambas as mãos, e voltando-se para a Freira, disse-lhe: Esta é sua irmã? Responde ella,—e uma fiel vassala de *V. Ex.*ª—No dito não o mostra, acudi eu, e ella fazendo peor a emenda que o soneto disse—de V. Magestade.—Elle riu muito, e mais os que com elle vinham, e como elle estava de confiança, pois até lhe disse que alimpasse a cara que estava muito suada, remendei

toda aquella scena com esta exclamação: — Seja tudo para honra e gloria do bemaventurado S. Bernardo! Ainda riu mais, e esqueceu-lhe por um pouco, que já não era Rei. Vamos aos pêcegos Bernardos. Em cima do caixote vinha essa carta de offerecimento, veja com que joia eu fico! Com o Procurador de S. Bernardo. Isto só elles o dizem, porque Procurador da Ordem de S. Bento, e até da de S. João de Deus todos dizem, mas os Bernardos não são Procuradores da Ordem, são Procuradores do Santo, que se cá tivesse demandas, achava-os peores que José Joaquim. Porque se não assigna a Mana: Escrivã da SS.ma Trindade? Porque não é tola, e porque tem tanto juiso, e tão singular discrição é, e será até á morte

Seu Mano

J.

XLIX

Mana do meu coração, hontem segunda feira foi um dia de incommodo, e cansasso para mim, tive dois sermões, e o segundo em S. Nicoláo acabou quando deram tres horas, e tão fatigado cheguei a casa que me deitei; hoje tenho outra prégação de manhã, e de tarde vou a mais prégação a Carnaxide, e sem me poder eximir. Não sei que força occulta nos anda fazendo pirraças, mas eu a vencerei, tomara ouvil-a, porque vel-a tem sua demora, porque a Mana me disse ha muito tempo que só no valle de Josafat, mas entre tanta gente, será buscar agulha em palheiro, se a Mana me não disser: — Olá, cá estou eu, chegue-se para aqui uma migalha, veja-me, e não se tire d'aqui, iremos ambos para o céo. Tudo isto assim será, mas a molestia, e os repetidos ataques que a Mana padece me tiram todo o socego, e lh'o digo com verdade. Eu vou já para fóra, mande-me dizer de palavra por esta triste mulher, e com sinceridade se está melhor ou peor, não me occulte isto, porque me traz em grande sobresalto e inquietação. Vou-me a minha vida trabalhosa, mas em quanto ella durar serei seu amante, e affectuoso

Mano

L

Minha q. M. do meu coração, agora acabo de desembarcar de uma terra chamada Trafaria, chego de bem longe a casa e devo já ir de casa para bem longe, onde chamam Arroios gritar de manhã e gritar de tarde sobre coisas que fez S. Sebastião quando era vivo, e de al-

gumas que tem feito depois de morto. Tal é a minha vida. Dizer-lhe que tenho vivido em mortal sobresalto depois que a velha que lá mando me veiu dizer que não podia escrever, é dizer-lhe o que deve crêr porque não me podia lembrar senão de que estava doentissima, e se não tenho lá mandado (que triste coisa!) foi por temer me dissessem já não está aqui. Deixemos isto. A sua carta tirou-me da cova, estou que não sei o que lhe devo dizer. Desde aquelle momento em que a essa sacristia foi ter um bocado de papel com letra sua, ainda não passou um quarto de hora, que eu não sentisse o que merece que eu sinta pelo ser mais perfeito que existiu e existe. Isto não é grade de Freiras, é o coração que falla.

Mana, são onze horas, devo ir para a tal Igreja, quando vier á tarde, ou quasi noite, eu escreverei com vagar e ámanhã lá tornarei a mandar. Eu não tenho outra felicidade mais que *Feliciana*. Isto não é nome, isto é vida para mim. Não desprese a sua saude, e acceite como quer que elle seja o coração de seu

Mano.

P. S.
Mil protestos de respeito e
saudade á nossa Mãy.

LI

Minha q. Mana do meu coração, ainda que não trate já de doentes, trato de gritarias por essas Igrejas; fui Domingo ao Barreiro, e por lá fiquei, vim quarta feira á noite, hontem sexta fui ao Sacramento de manhã e de tarde, hoje torno lá, ámanhã vou a S. Sebastião da Pedreira, segunda feira vou a Santos; e com esta vida ainda que tenha percevejos em casa, deixo-os morder porque nem tempo tenho para os matar; tomara que passasse o dia sete de outubro para ter algum socego n'este corpo, e n'este espirito, o do coração ha muito que o perdi, e com muito gosto porque o motivo é para mais, Diga-me como está; sei que hoje é dia occupado não só por ser dia de Sr. S. Miguel, a cujos pés devia fazer figura mais de um P.e Director, e Mestre de espirito, mas por ser sabbado, dia de Padres Directores, para os quaes até os dias de maio são pequenos. Estimarei que a nossa querida Mãe esteja de todo restabelecida e cedo terei o gosto de a ouvir. Disse-me hontem de tarde o Sr. Deputado, que a sua representação tinha sido remettida para a Commissão da Justiça civil, e que depressa appareceria. Ora pois, acabo aqui de escrever a um Anjo para ir fallar de ou-

tro, ambos invisiveis. Fique-se S. Miguel com as almas, e o outro tenha dó d'este corpo, ao menos d'estes olhos, porque não quer ver mais que F. R.

J. A.

LII

Mana do meu coração, nenhum incommodo tive, porque as horas fôram bem distribuidas, e tudo se fez a tempo ou o tempo concorreu, pois fazia vento bastante e fui depressa, ainda que o prior da egreja lhe custa estar em jejum até mais tarde, foi Congregado e por isto gosta de todas as commodidades, delicias e amores d'esta vida mortal. D'aquelle alto de Almada olhava para o Torreão das Aguas Livres, e via tambem a ponta do telhado da Igreja, porque ou de perto ou de longe, ahi não se vê mais que paredes, telhados, portas, rotulas, ferros, pannos e buraquinhos, mas nada d'isto faz esquecer o que está dentro. Eu frio! Só se a muita edade me faz parecer, e talvez chamem frio meu, o que será fastio alheio. Maria Candida tem agora uma grande amigalhota em uma Anna da Costa que ahi esteve, e lhe conta grandes coisas dos Padres Espirituaes e corporaes como boas festas, estes fazem esfriar tudo, e enfastial-as de tudo. Já disse á emplastrada que semelhantes contos não se ouvem, mas é o que se segue da estada de Senhoras em conventos recoletos. Eu não estou aleijado, não quero seges, e a 20 do mez que vem não fará calma, e com effeito o unico motivo porque não tenho lá ido é o calor, que em o fazendo não posso andar, nem respirar. Eu não tenho ahi a quem falle senão á Sr.ª Escrivã, nem ahi, nem em outra qualquer parte. Tomara ter mil occasiões de servir todas as outras por amor d'esta, porque só esta vale por quantas houve e pode haver. Ora para não demorar o galego, que é torto, me não espraio em saudades para a Mãe, mas eu lá mandarei a costumada mulher, que é coxa, para que estes aleijões correspondam a rectidão com que sou

Mano

J.

LIII

M. q. M. d. m. c. Vae esta cartinha saber de mim porque, com o que eu souber viverei ou morrerei; Gorgundofia e Felicidade não me deixaram satisfeito, porque me deixaram na mesma ignorancia. Mas de que me queixo eu, se eu não mandei lá a mulher como tinha dito?

E a minha vida? Hontem jantei eu ás dez horas e meia da noite. Vim de madrugada de Paço de Arcos, por mar; tornei a embarcar ás nove horas, fui para Almada, desembarquei ás quatro da tarde, não vim a casa mas fui direito á Igreja das Freiras do Salvador prégar de um Sr. Jesus assim chamado, de lá fui para uma Igreja chamada da Gloria, prégar de S. Sebastião, vim depois das sete horas para casa, e como tinham comido o jantar, foi preciso esperar que se fizesse a cêa que me serviu de jantar, deitei-me, de escandecido não dormi, bebia agua, agora são cinco horas, pedi um pouco de chá, mas como n'esta casa o guisado mais difficultoso é agua quente, sabe Deus quando m'o darão, e estou tão esvaido da cabeça que nem escrever posso, e com esta insipidez de carta, vou saber com certeza o que é a Mana? É a Mana. Mas o quê? E a mãy o que é? E eu o que sou?

Sou só da Mana

J.

LIV

Mana do coração: com effeito a tal grade pequena faz a gente devota de Santa Luzia, ficam por lá os olhos se a santa não acode; e quando nós os pecadores nos apanhamos cá fóra no pateo, supportando gradualmente o clarão do dia, respiramos, e eu cuidando que amanhecia, quando desci a escada, disse á mulher gorda da porta—Salve Deus a V. M.ce já tocaram á missa das almas no Monserrate?—Ella se sorriu e me disse:—Sr., está a cahir meio dia! Pois se cahisse em cima da cabeça do P.e Rego, não lh'a partia. Isso é verdade, tornou ella, porque se os olhos eram de carneiro, os cascos tambem eram do mesmo animal. Emfim, eu esfregando os olhos, costumei-me ao dia e vim para casa cheio de cuidados na doença da Mãi, e na tosse tão teimosa da Mana. Digam-me como estão, que para isso lá mando, ainda que isto parece mais formigueiro, que civilidade, e se é cerimonia, os grandes Mestres deitam grandes discipulos, só lhe não tenho aprendido uma, que vem a ser a carreirinha da sahida da grade, porque eu bem mostro que não ha pernas que me tragam, venho como cão pela corda; devendo sahir mais leve que elle, porque eu lá deixo o coração e elle não. Ora já que por lá ficou, trate-m'o bem, e como está dado, nunca mais o quero, e já que onde vae o pião, vae o ferrão, ahi tem todo o

J. A.

XV

Forte gritaria para nada! Ingrato, desconhecido, inconstante, voluvel, falso, enganador, esquecido, insensivel, &. Sim Snr., e acrescente-lhe occupado com papeladas de Frades Bernardos, que por me tratarem bem aquella gallinha choca os aturo em tudo, e os defendo com esta tal ou qual penna quanto posso. Hoje ainda que quizera não me podia demorar, vou para a grande festanga que fazem os barbeiros, cutileiros, espadeiros e tudo o que faz sangue e leva coiro e cabello, nos Martyres; vem assistir o nosso que foi rei, e ás tres da tarde ainda não estará a coisa acabada. Vamos ao negocio, quando fôr na Quinta feira onze do mez ás enfermidades do P.e Confessor, ajustaremos a hora do dia 14 porque devendo ir a Almada é preciso que ahi seja muito cedo. Adeus Mana, não me crimine sem me ouvir. Dê saudades a nossa Mãe, e se as quer minhas em logar de palavras ahi vae todo o

J. A.

LVI

Gorgundofia das Estrellas, e Felicidade Perpetua de S.to Agostinho, a felicidade d'este santo antes de meter a beato, era diz elle,— amar, e ser amado.—Se esta é a escrivã, eu não quero outra Felicidade. Mas será isto muita felicidade junta? Digo a verdade, eu não entendo! É preciso que te expliques mais, e que eu saiba que motivos tenha para a esperança dos buraquinhos. Descança pois, dorme, e depois explica-te, eu mandarei lá a mulher do costume. Quem quer que seja a Perpetua Felicidade, eu não quero senão Felicianna, só esta fez e fará feliz

J.

LVII[1]

Estou pasmado! O que a Mana sabe ralhar! Hei de escrever pouco para lhe dar pouca materia, no caso que o escrever pouco não seja nova materia para nova ralhação. Cuido que anda aborrecida com a entrega do officio, eu se estivera na vontade de todas, e de cada uma,

---

[1] N'esta carta termina a correspondencia com D. Feliciana; estavam reunidas ao caderno das cartas authenticas duas cartas que á Freira Trina dirigira D. Maria

não lhe acceitava tal entrega; a minha querida mãe tambem havia continuar a fazer meia no mesmo cantinho, e se tivesse calma abanar-se com o seu leque de papel. Muita coisa mais faria eu se estivesse lá dentro, ou quero dizer, dentro da vontade de todos, mas acceitem-me os

---

Candida do Valle, Freira bernarda do convento de Cós, que então vivia em companhia do padre José Agostinhode Macedo. Transcrevemol-as como elucidativas:

Ill.ma Sr.a

Se eu julgasse que o meu nome lhe era desconhecido, não me atreveria a escrever a V. S.a nem a offerecer-lhe os meus respeitos; mas sabendo que uma pessoa, que os laços do sangue prendem muito de perto commigo, lhe tem dado conhecimento de mim, tomo a liberdade de aparecer na sua presença, e de pedir-lhe a sua amisade, tributando-lhe para a merecer, a admiração que tenho pelo seu espirito, a qual nasceu das expressões que na minha presença lhe fez um seu admirador, o qual ahi esteve hontem. Eu dou o parabem a V. S.a d'esta visita, e ainda os não dei a J. A. de Macedo, porque ainda o não vi depois d'isto, e sei que elle os ha de estimar porque ambiciona muito ter occasiões de obsequiar a V. S.a Supposto que muito pouco permanente nas suas attenções, eu as julgo realmente sinceras. Eu desejo conhecer de perto a V. S.a, mas como ignoro o modo de lhe fallar, rogo-lhe me queira dizer se ahi fallam em grade, porque já disse ainda não vi J. A. depois que ahi foi. Eu respeito muito os conventos, e querendo a ventura que eu veja a V. S.a saberá então o meu estado, e a preferencia respeitosa com que eu sou

De V. S.

Ainda que desconhecida uma
fiel admiradora

Lisboa, 3.a feira.

P. S.
A Portadora é capaz de resposta; desculpe a má nota, mas quem pode escrever como V. S.a Que estilo! que estilo! José Agostinho tem razão de gabal-a.

Maria Candida do Valle.

Ill.ma Sr.a

Eu me envergonho da falta que tenho tido com V. S.a por não ter ha mais tempo procurado as suas noticias, desculpando por este meio o não ter ido a esse convento, como eu tencionava e appetecia; porém, minha Senhora, a minha saude me obriga a cahir em falta que a minha razão desapprova, e se não fosse attendivel esta desculpa, eu me não atreveria apparecer na sua presença com a mancha de impolitica.

bons desejos; comtudo, muito mal hei de ficar com todas se não fizerem isto, que é o que devem fazer. Se assim fizerem eu lhe cuidarei com toda a efficacia de que sou capaz em todas as suas demandas, que não irão como têm ido nas mãos dos zelosos Procuradores. Mas quem me manda a mim a meter-me a Espirito Santo d'esse Capitulo? Nosso Senhor as illustrará comtanto que fique a minha querida mãe, e ao pé d'ella a Mana, e em fazendo familia continuando a ser da mãe filho obediente, e da Mana amante esperdiçado

J. A.

Creio que meu Mano tem diminuido a minha falta juntando-lhe o estado da minha saude, e hoje creio que elle ahi mandaria, e que continuaria a dizer-lhe que eu passo do mesmo modo. Elle diz que V. S.ª tambem é muito doente, o que me tem feito muita compaixão; o céo queira dar-lhe uma completa melhora e todos os bens de que é tão merecedora. O nosso estado é muito doce, mas quando a saude padece, tudo é amargoso, porque não nos podemos dispensar de certos trabalhos que a mesma Religião traz comsigo. E não pode sahir? Esse Convento é tão apertado que nem á doença dispense a clausura; E diga-me isto, porque a poder sair, meu Mano lhe cuidaria no Breve, porque uma pessoa tão decente, e sendo Ecclesiastico, não deve fazer reparo. Perdõe estas reflexões, mas como sou muito sincera, por isso lhe.......... ....* eu desejo a sua felicidade e se podesse concorrer para ella, me julgaria muito venturosa. Eu se este verão não passar melhor tenciono recolher-me para o meu convento, mas heide de lá mesmo procurar as suas noticias; e como meu Irmão pode escrever-lhe sem reparo, por elle heide saber da sua saude. Veja V. S.ª se o meu inutil prestimo a utilisa em alguma cousa, que eu ambiciono occasiões de mostrar-lhe á evidencia com que sou

De V. S.ª

8 de Março de 1821.

Am.ª m.to att.ª

P. S.

A portadora pode esperar pela resposta de V. S.ª. Se não podér responder ella tornará quando lhe assignalar o dia.

Maria Candida do Valle.

* Illegivel, por se achar moido o autographo. (*Da revisão.*)

REQUERIMENTOS

Á

MESA DO DESEMBARGO DO PAÇO

Senhor

Diz o P.e José Agostinho de Macedo, Prégador regio, que quando recorreu a V. Mag.de sobre a prohibição de um periodico — *O Desapprovador*— feita pela Mesa do Desembargo do Paço por motivos incognitos ao supplicante, ignorava ainda que ella se estendia até ao *Espectador Portuguez*, em que o Supplicante, como é constante opinião de todos os bons, fez um notavel serviço ao Publico, e não duvida o supplicante dizer tambem ao Estado, pela força de razões com que combateu os insultos do *Correio Brasiliense*, com que desmascarou a perversidade do Maçonismo e Illuminismo; sendo todo dedicado a servir a causa publica da justiça e da razão; tomando apenas o supplicante como pequena parte do dito *Espectador* para refutar as inepcias e até blasfemias nascidas da ignorancia que Nuno Alvares Pereira Pato Moniz escrevera em um livro chamado *Parallelo dos Lusiadas com o poema Oriente* do Supplicante, o qual patenteou até á ultima evidencia os erros que, misturados com insultos se acham no mesmo *Parallelo*.

Não sabia o supplicante, nem pessoa alguma podia imaginal-o, que punia pela justiça a favor das sãs doutrinas contra as da falsa Filosofia e do abominavel Maçonico (ultimamente tão justa como elogiosamente prohibido por um Alvará de V. Mag.de), que refutar os sofismas, os aleives e injurias do *Correio Brasiliense*, e patentear a ignorancia, a má fé, e o rancor de Pato Moniz, seriam algum dia reputados culpa, e moveriam o mesmo Tribunal que licencion o *Espectador*

e o *Desapprovador*, a mandal-os recolher, sem dar ao Publico o motivo. Isto, Senhor, é uma especie de castigo feito ao Supplicante, e é bem notavel que se lembrasse esta prohibição quando o Supplicante insultado verdadeiramente, assim como o Redactor da *Gazeta*, requereu providencias a V. Mag.de contra estes insultos tão manifestos. E que satisfação se deu ao Supplicante e ao Redactor da *Gazeta* insultados por Moniz? Prohibir o *Observador:* mas isto é em apparencia uma satisfação, e em realidade uma affronta, quando se envolve em egual prohibição o *Espectador* e o *Desapprovador;* e parecerá sem duvida a todos os homens de probidade uma medida violenta, e talvez summamente impolitica em um tempo em que tão necessarios se fazem os escritos dedicados a combater as falsas doutrinas e a torrente dos vicios, não podendo ter maior triunfo os malevolos do que vêrem prohibidas as ditas Obras do supplicante, onde o Publico aprendia a conhecel-os e a detestal-os.

«Á vista do exposto, e sendo das leis de V. Mag.de que não quer jámais se obre arbitrariamente, derivando o direito da defensa da propria justiça, o supplicante tem jus a requerer se lhe faça constar os motivos porque merecem ser prohibidos os seus dois periodicos, pois ninguem deve ser castigado sem saber porque; offerecendo-se a fazer qualquer reparação que de justiça se deva. E quando não possa isto ter logar, por não preceder a dita prohibição de mais que de se ter julgado que a prohibir-se o *Observador*, que o insultava, ao Redactor da *Gazeta*, e indirectamente ao Governo, tambem se deviam prohibir o *Espectador* e o *Desapprovador*, dedicados até politicamente á defensa da sua Ordem, da Moral, da Religião e do Throno; n'este caso sollicita o supplicante a graça, de que não fique assim sancionada uma decisão em que parece não ha aquella imparcialidade que reluz e deve constantemente reluzir n'aquelle regio Tribunal. O *Espectador* e o *Desapprovador* estão quasi todos vendidos, pois tanta era a estima publica de que gosavam; e que fructo se tira de recolher das lojas alguma pequena porção que ainda haja? Nenhum fructo mais que o enxovalho da reputação do supplicante e o triumfo de occultos inimigos seus e do Estado, além mesmo de ser bem pouco honrosa esta medida assim tomada pelo mesmo Tribunal que licenciou os ditos Periodicos, que nada tem contra as Leis d'este Reino, pois o mesmo Tribunal os licenciou ouvindo os seus mais sabios e circumspectos Censores. Ao vêrem este desagradavel procedimento, que homens de bons sentimentos e saber se animarão a empregar os seus talentos em defender as justas Causas, que o supplicante defendeu? Assim, esfria o amor da patria, não

so escreve a verdade, e até se priva o Estado de um apoio moral tão necessario no tempo em que existimos. Portanto

P. a V. M. que em contemplação do notorio serviço que o supplicante fez no *Espectador* e no *Desapprovador*, se sirva expedir á Mesa do Desembargo do Paço ordem para que possam correr livremente os ditos Papeis.

E. R. M.ce

O P.e José Agostinho de Macedo.

=Junte-se aos mais papeis. Lx.a 1 de julho de 1819.

—Remettido com Aviso do Secretario dos Negocios do Reino de 26 de junho de 1819 para se juntar o presente requerimento do Supplicante, e consultar sobre tudo o que parecer.»

O Aviso foi dirigido a *Manuel Nicolau Esteves Negrão*, um dos iniciadores da *Arcadia Lusitana*.

Senhor

Diz o P.e José Agostinho de Macedo, Prégador Regio, que tendo requerido a V. Mag.de providencias contra alguns n.os do *Observador portuguez*, em que Nuno Alvares Pereira Pato Moniz o insulta, assim como ao Redactor da *Gazeta*, e indirectamente ao Governo, mandou V. Mag.de ouvir a informação do Desembargador do Paço, Intendente geral da Policia, e com ella remetteu os ditos papeis á Mesa do Desembargo do Paço. Não obstante a informação d'aquelle benemerito Ministro, julgou a Mesa necessario encarregar o exame dos papeis a outro dos seus Membros; e em consequencia de serem manifestos e graves os doestos e injurias impressas no *Observador*. e escriptas por Moniz, decidiu se prohibisse aquelle periodico. Mas o que é verdadeiramente incomprehensivel ao supplicante é que, como uma especie de compensação, envolva a Mesa em egual prohibição *O Desapprovador*, composto pelo supplicante, periodico que todos os homens probos e sabios estimam, que muitas pessoas conspicuas têm insinuado, e outras até pedido por escrito ao supplicante o continue, como um escrito

que sem injuriar pessoa alguma em particular, unicamente se dedica a debellar os vicios com rasões solidas revestidas de estylo joco-serio, pugnando a favor da Moral, da Religião e do Estado. Eis o que os malevolos desejam conseguido por elles até sem o requererem; e será isto um justo motivo para os homens de bem se espantarem de ver confundir o justo com o injusto. O *Desapprovador* perseguia os vicios com o ridiculo, não insultava pessoa alguma em particular: O *Observador*, contra os dictames da decencia e da moral publica abertamente se tem dirigido a insultar o supplicante e o Redactor da *Gazeta* do Governo. Parece que deve ser bem diversa a sorte de um e outro papel; e que não é conforme á rectidão com que costuma proceder aquelle regio Tribunal, envolver ambos em geral prohibição. E como isto é natural proceda de equivocação, ou de menos profundo exame, recorre o supplicante a V. Mag.de para que se digne mandar eximir o *Desapprovador* (de que o Auctor tem escrito 26 n.os) da referida prohibição attendendo a que n'este vae librada a reputação do supplicante e a do Censor privativo d'este periodico o sabio e circumspecto desembargador João Pedro Ribeiro; e não menos offende em certo modo a opinião geral, que via na publicação d'este periodico, assim como na do *Espectador*, pelo mesmo supplicante, um serviço feito ao Publico em obstar e confundir os funestos principios do Maçonismo e da immoralidade que tantos estragos fazem na sociedade. Portanto,

P. a V. Mag.de seja servido ordenar á Mesa do Desembargo do Paço que, mais bem informada de quanto está longe o *Desapprovador* de merecer ser prohibido como o *Observador*, haja de permittir continue a correr o mesmo *Desapprovador*, incluso o n.º 26, caso não tenha censura, pois n'esse caso se deve dar vista d'ella ao supplicante segundo a Lei, para satisfazer a ella: pois aliás será dar favor aos inimigos do supplicante, que já espalham fôra prohibido de escrever por ordem do Governo.

E. R. M.ce

Como Procurador

Joaquim José Pedro Lopes.

(Remettido para o Desembargado em 22 de Junho de 1819.)

Senhor

Diz o P.e José Agostinho de Macedo, que sendo impresso o n.º 26 do *Desapprovador* com a devida lieença de V. Mag.de em virtude da approvação do seu privativo e sabio Censor e Desembargador João Pedro Ribeiro, quando voltou para obter licença de correr ficou excusado; e como o supplicante tem toda a certeza que isto só poderia ser por equivocaçáo e sem justo motivo; 1.º porque nada differe do original licenciade por este regio Tribunal; 2.º porque não contém coisa algnma em que contravenha a Lei da Censura, que o supplicante perfeitamente conhece; 3.º porque as pessoas em quem falla são elogiadas por seus conhecidos talentos, e de nenhum modo vituperadas que é o que é justamente vedado: recorre portanto o supplicante a V. Mag.de se digne occorrer a esta equivocação, ou seja mandando-o outra vez ao Censor, se d'este procedeu o embaraço, ou mandal-o ler em mesa, para prova da verdade do supplicante, a fim de que por uma injusta exclusão do dito numero não fique desautorisada a rectidão com que este regio Tribunal procedeu na sua permissão para se imprimir, e achando-a conforme o original,

P. a V. Mag.de se digne de deferir a Supplicante segundo a justiça.

E. R. M.cê

José Agostinho de Macedo.

=Vae deferido. Lix.a 19 de junho de 1819.=

Senhor

Diz o P.e José Agostinho de Macedo, que mettendo á impressão o n.º 26 do periodico semanal o *Desapprovador*, que compõe em beneficio da Moral publica, e apoio do Throno e Governo de V. Mag.de censurando os vicios e debellando perniciosas doutrinas, acontece que, voltando o mesmo numero á conferencia para correr, e achando-se exactamente conforme com o original licenciado por este regio Tribunal, cuja licença assás fizera não ter causa que véde a sua publicação, fi-

cou todavia excusado, bem que o supplicante possa conhecer que justo motivo assim estorve, depois de já impresso, o publicar-se um papel em que nada se achou na censura, visto a licença que V. Mag.de lhe deu para se imprimir. Está o Publico, e sobretudo o grande numero de assignantes d'esta obra em grande espectação, e fazendo mil conjecturas, e desairosas ao supplicante, pela falta d'este numero, chegando até muitos a dizer fôra inhibido de escrever, como se V. Mag.de se podesse dar por mal servido de quem tanto, de bocca nos Pulpitos e de penna nos Escritos. tem profligado os vicios, e defendendo as solidas doutrinas da Moral da Religião.—Recorre portanto o supplicante a este rectissimo Tribunal, onde só a recta justiça e nunca a prepotencia nem o espirito de intriga poderão penetrar, a fim de que no caso de estorvo motivado da Censura, se lhe dê vista d'ella, na fórma da Lei, ou de outro qualquer motivo que faça obstaculo á publicação do dito numero, a fim do supplicante satisfazer a isso; e quando a excusa proceda de equivocação, roga o supplicante a V. Mag.de queira mandar que esta se emende, mandando que possa correr o mesmo numero,

P. a V. Mag.de seja servido deferir
ao supplicante como requer.

E. R. M.ce

José Agostinho de Macedo.

=Vae deferido. Lx.a 19 de junho de 1819.

Senhor

Representam a V. Mag.de o P.e José Agostinho de Macedo, Prégador regio de V. Mag.de e Joaquim José Pedro Lopes, Redactor da *Gazeta de Lisboa*, que Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, com licenças provavelmente subrepticias (pois é impossivel houvesse quem lêsse e desse licença para assim se imprimir), acaba de enxovalhar, doestar e insultar affrontosamente nos n.os 7 e 8 de um tal papel chamado (com vergonha da nossa Litteratura) o *Observador portuguez*, não só ao supplicante, mas até a *Gazeta*, os Censores do *Espectador portuguez* do P.e Macedo, o Desembargo do Paço que o licenciou, e tantos homens respeitaveis por sua sciencia e jerarchia, que fizeram estimação do

mesmo *Espectador*, assim como do *Semanario*, que publicou o supplicante Lopes em 1812 e 1813.

O atrevimento inaudito do mencionado Moniz excede tudo o que se tem visto impresso em Portugal e está justamente no caso que previniu o art. 25.° da Lei da Censura, que prohibe libellos famosos. Os supplicantes ajuntam aqui o folheto feito por Joaquim José Pedro Lopes com o nome supposto de *Hygino Antunes*, em que se criticam com toda a modestia, sisudeza e força demonstrativa os erros dos n.os 8 e 9 do *Observador* (do 1.° trimestre); e em vez de uma refutação litteraria decente, se fosse possivel fazel-a, solta Moniz dos ditos n.os 7 e 8 do 2.° trimestre um chorrilho de descomposturas ao A. das Observações (e envolvendo n'ellas o P.e Macedo), e entre os muitos termos affrontosos de que usa em todo o decurso do artigo *Critico* dos ditos dois numeros, que os supplicantes aqui ajuntam, (e n'elles em parte vão marcados a pag. 65, 66, 67, 68, 69 do n.° 7 e a pag. 78, 79 e 82 do n.° 8.°), são sobretudo notaveis os com que designa a *Gazeta*, de que o supplicante Lopes tem a honra de ser Redactor vae por seis annos com approvação do Governo de V. Mag.de; e o *Espectador* do supplicante Padre Macedo, designando a *Gazeta*, a pag. 65 — *folhas de papel pardo que andam todos os dias por muitas mãos e mais não sei por onde:* — e o *Espectador* e o *Semanario*, a pag. 67, por — *dois ludibriosos monumentos da ignorancia e do desaforo.* — Para Pato Moniz, author do infame artigo, e o qual é por elle assignado, é provavel seja *desaforo* combater os Pedreiros Livres, como se fez no *Espectador*, e publicar seus verdadeiros desaforos, sua correspondencia com os jornaes escriptos em Inglaterra contra este Reino, etc. Mas, se arguisse tudo isto depois de refutar com solidas razões o que com solidas razões se lhe provou, ainda teria desculpa, se bem que fraca; porém sem nada provar em contrario, affrontar com insultos é só caminho seguido por perversos. E não se contentando Moniz com o nome supposto de Hygino Antunes, quiz declarar mesmo quem era a pessoa que atacava, como se vê a pag. 79, onde se desmascara chamando ao supplicante Joaquim José Pedro Lopes — *Joaquim* Camello, *José* Batoque, *Pedro* Alarve, Lopes *Tapuya.* E houve Censor que tal approvasse? Só se pode acreditar dizendo que approvou sem lêr, aliás... não se sabe quem é mais criminoso.

Á vista do que os supplicantes levemente têm exposto, e que a simples leitura dos dois numeros juntos do *Observador* mais amplamente manifesta, demonstrando os supplicantes offendidos em suas pessoas, e attendida a injustiça que se faz alli aos sabios Censore dos *Es-*

pectador e ao Regio Tribunal do Desembargo do Paço, que o licenciou bem como aos Ex.mos Governadores do Reino, e tantas pessoas conspicuas que o leram com satisfação e o possuem, recorrem a V. Mag.de para que haja por bem commetter a averiguação d'este negocio (assás bastante) ao Ill.mo Desembargador do Paço, Intendente geral da Policia, para que em satisfação das referidas injurias mande prender e impôr qualquer outra pena que bem for legal, ao sobredito Moniz, que assignou os ditos artigos, (ou ao Editor no caso do Moniz não apparecer); mandando outrosim a Mesa do Desembargo do Paço prohibir e recolher o dito *Observador* n.º 7 e 8 (e mesmo o n.º 6, que já principiou a insultar os supplicantes o merece); fazendo-se publico na *Gazeta* o castigo do A. do Art.º e a prohibição dos ditos numeros para evitar com este exemplo de justiça semelhantes abusos da imprensa, em um paiz onde esta se acha regulada por sabias Leis. O individuo author do referido artigo é assás conhecido como correspondente do Redactor do *Portuguez* em Inglaterra, como author de um injuriosissimo escrito chamado *Agostinheida*, em que inventou affrontosissimos aleives ao P.e Macedo, e por outras taes feitos. Um homem que vae impune commettendo desaforos é um enxovalho da sociedade; e contra um tal sujeito que até assigna com — *Moniz* — no artigo de que se trata, invocam os supplicantes a justiça de V. Mag.de e a protecção das Leis.

E. R. M.ce

O P.e José Agostinho de Macedo.
Joaquim José Pedro Lopes.[1]

[1] Recebído na Secretaria do Reino, foi expedido para o Desembargo do Paço por João Antonio Salter de Mendonça em Aviso de 22 de Maio de 1819, dirigido a Manuel Nicoláo Esteves Negrão.

Ha um outro requerimento de Joaquim José Pedro Lopes, com certeza redigido por Macedo contra Pato Moniz, que no *Observador* o apontou como requerente *a carrasco*.

OPUSCULOS INEDITOS

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

SOBRE VARIOS ASSUMPTOS

RESPOSTA[1]

DO

GENERAL MARMONT

AO

ANTIGO AUCTOR DO VELHO «TELEGRAPHO»

MR. DE L'O

1812

Aquella urbanidade, civilidade ou *politesse* franceza, de que tanto fallam as antigas chronicas gallicas, ainda não está de todo extincta, ao menos n'aquelles homens que avultavam alguma coisa antes da epoca da nossa revolução, que começando em asnos acabou em tigres, e eis aqui o que me obriga a responder-vos, e a romper o silencio observado pelos meus predecessores ás vossas piedosos cartas e salutiferos conselhos. Antes que partisse de França a substituir o logar de meu camarada o principe de Massena, eu já tinha noticia e conhecimento das vossas cartas, porque todas ellas foram religiosamente recolhidas no palacio dos Sonhos, e depositadas no somnifero salão da Mediocridade, no armario n.º 1 da Politica de dedo. Não imagineis, Mr. de L'O, que tenha sido descortezia a demora da resposta, esperava-se pela ultima vossa, porque respondendo a esta, se respondia a todas as outras tão eguaes, e semelhantes na substancia como em os accidentes. Não sois conhecido em França, nem mesmo declaraes aos portugueses o vosso nome, senão pela letra O, que é uma interjeição admirativa. O coxo Talleyrand, o patife Savary, por noticias havidas do des-

---

[1] As cartas a que a presente serve de resposta encontram-se no periodico *O Telegrapho.* A 1.ª no n.º... de 1811; 2.ª no n.º 6 de 1812 e 3.ª no n.º 35 do mesmo anno. São assignadas com a unica inicial *O* (que significa Oliva) e por isso o auctor é desinado por José Agostinho com o nome de Mr. de L'O.

cabellado Lagarde, combinadas com o contexto das vossas cartas, vos marcaram por um caixeiro, ou comico arithmetico de alguma repartição; porque todos os vossos conselhos, planos, estimativas, prophecias e arbitrios, se reduzem a uma bem manejada, porém mal succedida taboada. A regra de tres é a vossa ancora medicinal, com ella daes batalhas, determinaes conquistas, e até apeaes, ou levantaes a corja de Marechaes, que como capinhas têm vindo um apoz outro, cada qual por valente, fazer sua sorte aos indomaveis touros portuguezes, que uma vez que fizeram ir pelos ares a embolação em que os quizeram meter em 1807 e parte de 1808, não ha forças, nem manhas francezas que os possam subjugar, e o boléo que levou o capinha Massena chegando-se ás formidaveis trincheiras, era para aventar com elle até aos cornos da lua. Sois pois julgado em França por um arithmetico fallador: cada carta vossa é um *Deve* e *Ha de haver*. Sois semelhante a vós mesmo, e como todos os exordios das vossas identicas cartas acabam sempre por um *lá vae*—lá vae tambem.

Mr. de L'O, quando um principio é falso, todas as consequencias d'elle tiradas, ou queridas tirar, não são sómente falsas porém destampadas. Desde que vos metestes a conselheiro dos marechaes harpias, e prognosticador de futuros successos peninsulares, estaes em um falso principio, que é causa dos vossos erros arithmeticos-politicos, e das continuas risadas que dão á vossa custa os milhafres do quarto voto, que compõem o conselho aulico e intimo do ladrão Bonaparte (ninguem o conhece e detesta tanto como eu, Marmont). Vós vos persuadis que elle intenta conquistar a Hespanha. Aqui é que para o vosso entendimento torce a porca verdadeiramente o rabo. Vós estaes em Portugal, não estaes na Hespanha, não sabeis o que cá vae, nem o que tem ido, nem o que irá estes dezoito meses, que nos devemos demorar cá. Conquistar a Peninsula é coisa que Bonaparte nunca imaginou seriamente, nem deliberadamente quiz. Esta minha proposição requer uma prova, porque parece que os factos publicos estão destruindo a mesma proposição. Na Peninsula existem exercitos, tem suas prescriptas e deliberadas posições; em Madrid existe um tal boneco de comedia chamado rei, e á roda d'elle quatro infelizes castelhanos, tão asnos como elle; as provincias estão occupadas, e cada uma tem seu cardador, chamado governador; eu mesmo me chamo o Duque Marmont, conquistador *in fieri* de Portugal. E para que é tudo isto? Não é para conquistar, subjugar e possuir a Peninsula? Não senhor, senhor contador, não é para isso. Em a Hespanha estando reduzida ao estado da Austria, ao estado da Prussia, ao estado da Suissa, ao es-

tado da Dinamarca, v. m.^ce^ verá largar a Hespanha, como se deixa uma borracha, depois de muito bem escorrupichada. Não gaste o seu tempo, Mr. de L'O, em me mostrar que a Hespanha é inconquistavel, e que Portugal nos tem feito ir tantas vezes a falla ao bucho. Agradeço-lhe o bom zelo que tem em me aconselhar para me evadir á colera do patife de meu amo. V. m.^ce^ não o conhece por certo! Ide roubar a Peninsula, diz elle aos seus favoritos; e o que vem primeiro dá a conhecer maior grão de privança, porque vindo em primeiro logar tem mais onde meta o braço até ao cotovello. O primeiro enviado a Portugal foi Junot, o mais inepto, o mais miope de todos os soldados francezes, porém o mais valido e o mais querido; deu-lhe a divisão do exercito mais pobre que havia em França; era uma enfiada, ou cambada de mendigos esfarrapados; o general não tinha roubado a Italia, a Alemanha a Holanda, &c.^a^ era preciso vestir aquelles nus, saciar aquelles famintos, e dar alguma coisa ao triste granadeiro Junot. Tão asno faz v. m.^ce^ a Bonaparte, que se persuadisse que com aquella miseravel canalha se conquistava um reino como o de Portugal? Isso era erro que o não commetteria um cabo de esquadra. Para os mandar vestir e comer; para dar alguma cousa (e levou mais que todos) a Junot, que preparos, que antecedencias não houve? Que bons veadores e apontadores achou elle nos maiores desavergonhados que viu no mundo, que são aquelles perfidos portuguezes, que metteram a sua patria nas mãos d'aquelle hebetado arlequim! Encheu-se como ninguem; sempre com a grelha n'alma, porque nunca se deitou na cama que se não lembrasse que amanheceria feito em frangalhos nas mãos dos rapazes da rua, patriotas mestres, cujo fatal assobio é mais medonho para ouvidos franceses, que, que toda a artilheria das linhas. Foi batido Junot, commetteu mil erros, expoz os Girondios a serem, como foram, açoutados; tornou para França sem reino, sem ducado, sem exercito, e sem as sagradas aguias, porque se lá appareceu alguma foi derrabada; mas com muito dinheiro, muitas joias, muitos quadros riquissimos, muita preciosidade; e que lhe succedeu? Nada; porque desempenhou a sua missão, que era roubar, representando bem uma comedia por nove meses, que levou por fim a mais formidavel pateada que se tem escutado. Ora parece que meu amo, vendo as suas tramas descobertas, e seus veadores conhecidos; os inglezes empenhados na defensa do reino, tudo em armas de norte a sul, e o rapazio prompto para o assobio, que tanto nos aterra, que devia desistir do projecto da conquista de Portugal, ou se a intentasse, mandar um exercito, tal que podesse abafar de um jacto o reino (que na verdade parece que tem

mandinga, porque não ha entrar com elle!) mas Soult era compadre, e ainda não tinha levado rasca, era preciso contental-o: vêde para onde o mandou, para o Porto, onde Junot não tinha empolgado as garras, porque Taranco e companhia, ainda que ladrões, tinham mais vergonha que o miseravel Junot. Veiu Soult ao Porto, roubou e fugiu, porque não vinha senão roubar, e o projecto da conquista estavel e permanente ainda não entrou na cabeça ao desavergonhado de meu amo. Não vos pareça, meu amigo arithmetico, que por elles trazerem comsigo officiaes civis empregados e por empregar, financeiros e jurisconconsultos, taes como o Lagarde, que querem estabelecer alguma forma de governo permanente; tudo isso são sanguixugas que vêm engrossar-se cada uma pela sua repartição, como a experiencia vos mostrou em nove meses, nos quaes se não cuidou mais que em levar couro e cabello. Tornemos á Hespanha que é a vossa teima, Mr.

Para roubar um reino á vontade é preciso primeiro que tudo enfraquecer este mesmo reino, desorganisal-o, e mais que tudo corrompel-o e desmoralisal-o; mettel o em confusões, tirar-lhe, alterar-lhe, confundir-lhe o governo, e dar-lhe cabo das forças physicas, para não haver quem resista á escandalosa violencia da empalmação universal. Nenhuma razão de politica militar obrigou o ladrão de meu amo a mandar para as margens do Baltico quarenta mil castelhanos, exercito respeitavel, exercito temivel; este golpe de mão de um ladrão mestre, era, e foi o exordio da ladroeira que até hoje se tem seguido desde a farça de Bayona: logo vereis outros motivos da nossa estada em Hespanha, sem o projecto, ou presupposto de conquista. O mais opulento reino do mundo era a Hespanha. Se fores a Cantão lá vereis correr patacas; se vieres ao Oder vereis as mesmas patacas; o dinheiro que na Europa anda em visivel circulação é o dinheiro hespanhol; parece que nasce n'aquelle Potosi como nascem as batatas; eis aqui o que fez cócegas ao ladrão de meu amo, quiz e quer e quererá sempre roubar a Hespanha; para isto é esta farça apparatosa de reis, de ministros, de governadores, de empregados. Se vós aqui estivereis, verieis as formigas em grande ponto; ha quatro annos que acarretamos para aquelle infernal, profundo, insondavel formigueiro da França, e em quanto acharmos que acarretar não nos vamos embora. O estado miseravel da França em commercio, agricultura e artes obriga ao proseguimento da teimosa expoliação da Hespanha. É moralmente impossivel fazer da Hespanha um reino francez: *(veiu com o direito de herança)*. Se Filippe V veiu succeder na sua corôa, veiu com o direito de herança, a que assentíram os povos; agora não estamos n'esse caso, é

coisa muito differente, e para aqui estabelecermos um reino francez era preciso abolir, e exterminar de todo a gente hespanhola, o que é impossivel; este roubo, que nós temos agora feito com alguma facilidade, se nos tornaria impossivel existindo aqui o antigo exercito, que levou La Romana, existindo a dynastia dos Bourbons, existindo o caracter da nação; era preciso remover tudo isto para roubar á vontade, postoque desde o dia 2 de Maio de 1808, logo vimos que nos havia custar alguma cousa.

Não imagineis, Mr. das contas, que se podia fazer na Hespanha, subsistindo a Monarchia e o exercio, o que se fez na Alemanha; meu amo é ladrão sagacissimo, e sabe o que faz. Na Hespanha, para desgraça da nação, havia e ha pedreirada, mas não tanta, nem tão fina e superlativa como a pedreirada de Alemanha, que abrissse voluntariamente as portas de Ulm, ou a pedreirada da Prussia, que deixasse cortar e envolver os formidaveis batalhões de Frederico, e eis aqui porque lá fomos roubar, sem cuidar primeiro em furtar monarchas, desorganisar exercitos, e entrar com pés de lã, como fizemos na Hespanha, occupando as fortalezas para que os inglezes não entrassem, que é o nosso universal pretexto, e com o qual até expoliámos os Estados do veneravel Pontifice Tivemos a dita de encontrar aquella boa alma, aquella joia de Godoy, o maior patife que o sol tem aquentado desde Caim até aos nossos dias. Entrámos á nossa vontade, sem opposição de exercitos, sem governo, no meio do pasmo e universal obstupefacção do povo, sem apoio, sem união, sem fóco ou centro de governo fixo, sem armas, sem forças moraes, aturdido com a tempestade dos nossos mentirosissimos boletins, suppondo-nos homens de ferro, invenciveis, e sobre tudo genios de ordem superior; e n'estas favoraveis disposições começámos a roubar, e a acarretar para França. Quiz o supremo salteador da Europa, embuir ou embalar o povo hespanhol, fazendo-lhe crêr que tinha um chefe, ou cabeça; por isso appareceu em Madrid o grão Murat, com alçada pelo mesmo senhor, mostrando que se organisava um reino, e que o povo mudava de chefe, mas não de Constituição ou soberania; e se o ladrão Murat não roubasse e matasse tanto ás descancaras, a nação avezava-se ao jugo temporario, que duraria até ficar de todo cardada; mas o ladrão Murat tanto quiz comer por junto, que arrebentou, e fez entornar o caldo da ladroeira pacifica e moquenca; e eis aqui, Mr. o Calculador, porque o ladrão supremo veiu com a farça do triste José, fazel-o e appellidal-o rei de Hespanha, Indias e suas annexas; quiz vêr se aquietava a nação, que assim mesmo desarmada, e sem governo, deu cabo do bravo Dupont.

Ora como a labia do reisinho Pepe não pegou, e o roubo não podia ir continuando pacificamente, venham exercitos para Hespanha. Cada general seja um rei de uma provincia, que roube com força descoberta, como até agora temos feito, e continuaremos a fazer até que se acabe de pellar a Hespanha, ou que alguma força imprevista nos obrigue a entrouchar mais depressa a fatiota. N'este caso fica a comedia acabada, vae o panno abaixo, a Hespanha fica exhausta, nós os marechaes ricos, e premiados como queremos e não podemos ser dentro da França, e os castelhanos em tal estado que nem uma arvore, ou uma unica rez lhe fique, com que não possa transmittir um real para Inglaterra que é o verdadeiro projecto do Salteador imperial.

Meu Mr., nunca a França poderá dispôr de uma força tal que occupe simultaneamente todos os reinos que compõe a vasta monarchia hespanhola na mesma peninsula, e de maneira que esta mesma força seja permanente, e fixa para subjugar d'est'arte os castelhanos. Sem isto são inconquistaveis, porque não vos pareça que meu amo é tão parvo, que não calcule até ao ultimo quadrante o resentimento do povo hespanhol, que em qualquer das provincias, e em qualquer tempo que se conhecer com maior força que a franceza alli existente, não se levante desde logo, e não dê cabo dos franchinotes francezes; a chaga do escandalo é incuravel no coração dos hespanhoes, e o vulcão da vingança não tardará de arrebentar, apenas vir que pode repellir tão barbaros usurpadores. Ora vós que fazeis tantas contas de sommar, que sois tão calculador dos que morrem cada mez, que me pareceis guarda-livros de cemiterio, não me direis quando, ou como poderá a França conservar na Peninsula exercitos que cubram, abafem, tyranisem e subjuguem sempre e simultaneamente toda a vastissima extensão da peninsula? Não vos mateis em calculos, que fazem rir os nossos rapazes da eschola, nem em prophecias, que desconcertam a circumspecção dos sebastianistas francezes; Bonaparte não quiz, nem quer conquistar a Hespanha, porque não póde; se elle podera ter em todos os reinos exercitos, tudo fôra seu; porém como é impossivel esta conservação de forças, rouba e abala. Os povos deixam-se roubar em quanto são escanhoados por forças a que não podem resistir; em estas forças aballando, como a injuria não esquece, eil-os ahi levantados logo. Tal é o motivo porque se conserva a Austria e a Prussia com uma apparencia de soberania; bons desejos tem da rapina, mas depois de desorganisadas com que exercitos permanentes as ha-de conservar em respeito, vassallagem, e submissão? Se o ladrão côrso fosse um conquistador generoso como eram os romanos, então segura estava a Hespa-

nha: por exemplo, já que a Hespanha é a vossa teima, e o assumpto das vossas ociosas cartas. Os romanos não roubavam tudo, não alteravam as leis, os costumes, a religião dos povos, respeitavam a humanidade, conservaram os soberanos, enchiam de nobresa as mesmas cidades com os privilegios de municipios, e para terem os pobres subjeitos a um moderado tributo bastava a presença de um simples proconsul com uma guarda. Vêde o que praticaram na Palestina com os judeus; até conservaram com respeito o culto publico, sacrificando elles mesmo no templo; e bastava Pilatos, e a mulher de Pilatos, e uma patrulha de pretorianos para ter avassallado nobremente a Palestina. Nós por ordem de nosso amo não somos assim: esfolamos até aos ossos, escravisamos, matamos, profanamos, violamos, escandalisamos as mesmas cinzas fechadas nas sepulturas, porque não nos cheiram a defuncto, cheiram-nos a ouro, e por isto vos digo que o intento de quem nos manda não é conquistar, é sim roubar, e abalar. Não imagineis, Mr., que somos asnos, e que queremos ser reis de desertos. Meu camarada Massena entrou em Portugal, e então o seu procedimento é o de um conquistador, que se quer conservar? Não. Assolou o terreno que pisou; se pudese entrar na fadada Lisboa, que é bocado que não passa das goelas a Bonaparte, assolava, roubava, e abalava; porque, crêde, a conservação da conquista portuguesa é impossivel; isto é tão conhecido por meu amo, que se não tivera medo d'elle, eu vos participara as instrucções particulares que trago, já que na distribuição do roubo universal cahiu a minha sorte em ultimo logar. Eu vim ao rabisco, não vim á conquista, ficae n'isto, e conhecei de uma vez a politica de Bonaparte. Sem guerras no coração da Europa ha tres annos, com que diabo havia de sustentar, vestir, calçar, pagar ao enxame infinito dos farroupilhas de seus exercitos, conservando-os estacionados no coração da França desde a infamissima convenção de Tilsit? Esta canalha brava berrando com fome, tiritando com frio, dentro da França, aturava lá aquelle ladrão? Não vos admireis de virem levas e gargalheiras desde a Polonia, da Holanda, e de Napoles para o degoladouro da Peninsula; vós não conhecestes quando estivestes em França quem era Bonaparte; é um monstro, e tem mais malicia e dissimulação que Tiberio: o que elle quer é enfraquecer os paizes em que domina, porque a cada momento teme o grito da liberdade, que seria infructuoso se não tivesse forças que o auxiliassem, e a politica sanguinaria d'este Atila é remover todos os obstaculos da tyrannia, e sabe bem que o caminho mais breve de lhe dar cabo é envial-os para Hespanha, e expol-os ao formidavel assobio do rapazio portugues, que em duas pa-

lavras só nos faz o processo, e dá a sentença: «*Mata, que é francez*»; o crime é o nome, o summario é a presença, a sentença é morra, e o instrumento é o assobio, que aqui mesmo junto aos muros de Toledo me torna humidas as pantalonas do lado posterior.

Outra cenreira é a vossa, nas vossas cartas, supplementos, testamentos e codicilios, que vem a ser, que não temos que comer em Hespanha; vindes com a acaixeirada regra de tres: — se em 1811 tem só um alqueire de cevada para comer, em 1813 quantos selamins terão? Quando escrevestes a vossa primeira carta ao assalvajado José, já lhe allegaes o artigo *fome* como uma poderosa arma, e concordo comvosco que a fome é coisa terrivel, mas é para quem a tem, por ora ainda os francezes a não sentiram deveras na peninsula, porque vós que tanto sabeis contar, tambem deveis saber discorrer d'esta maneira: — Quem vive, come; os francezes duram, logo os francezes comem. — Na vossa carta a Massena insistis no artigo fome; na que me escreveis agora tambem me ameaçaes com o grande exercito da fome. Mr. famulento, eu commando barbaros, que em quanto existir o ultimo burro de um aguadeiro não ficam sem jantar; até agora se não é muito lauta a nossa mesa, não sentimos a rafa com que nos ameaçaes. É pasmosa a fertilidade d'estas provincias, e como a primeira lei do exercito francez é sustentar-se á custa dos paizes invadidos, é certo que elles não deixam de encontrar papa onde quer que a procuram. Em quanto estamos roubando não é a fome que nos atrapalha; e olhae que nem por isso são magros os que por la têm apparecido apanhados por esses intrepidos portuguezes que na verdade vos digo que são leões indomitos, e conheço que é ainda mui pouco o que se diz das suas antigas façanhas. Com que, meu agoireiro da fome, desenganae-vos, que por mais contas de diminuir que façaes, poderá faltar que comer aos castelhanos, mas a nós, verdadeiras aves de rapina, nunca a codea ha de faltar; e não é d'esta razão tão rebatida em todas as vossas cartas, que nasce a vossa promettida inconquistabilidade da Hespanha. Somos capazes de ir tirar das barrigas alheias o sustento recebido ainda depois de passadas vinte e quatro horas.

Mr., sobre a inconquistabilidade de Castella, muito tinha que vos dizer. Esta parte preciosa da Europa já foi conquistada e possuida pelos Phenicios e Carthagineses; foi conquistada pelos Romanos, e tambem a vossa formidavel Lusitania; é por isso que por uma traição, mas n'isse somos nós mestres, e é a nossa primeira arma, foi conquistada e possuida desde o quinto até o oitavo seculo pelos Suevos, pelos Alanos, e pelos Godos, que aqui em Toledo levantaram o solio de uma

brilhante monarchia, desde o reinado de Athaulfo, até ao reinado de Rodrigo; foi finalmente conquistada e possuida tranquillamente desde a entrada do Conde D. Julião pelos Sarracenos, até á ultima expulsão d'estes do reino de Granada nos dias de Fernando e Isabel: crêde, meu amigo calculador, que quando por Tariffa entraram os mouros, não acharam a Hespanha em peior estado, nem mais corrompida, nem mais dividida em partidos e facções do que nós a achámos, quando entrámos por Bayona, e por Irun; nós primeiro nos encaixámos para dentro como amigos, e depois nos declarámos possuidores, porque á viva força não mettiamos cá o cachaço dentro, assim como o não mettemos em Portugal, depois da surra de açoutes que levou o triste Junot; porque deveis saber, meu curador de debilidades, que cedemos sempre, todas as vezes que seriamente e sem pedreirada somos atacados. Esta é a grande verdade, a cuja reverberante luz ainda as mais bellicosas nações da Europa não têm querido abrir os olhos. Ora, se o nosso intento fosse não roubar, como eu vos digo, mas conquistar a Hespanha, o que poderam fazer os Sarracenos, nós mais barbaros, mais atrozes, mais ladrões, mais impios que elles, não o poderiamos fazer tambem? Se o meu aladroado amo podesse primeiro empalmar as Indias, e fazer-se senhor de tres potentissimos imperios, de que ellas constam, Peru, Mexico e Chili, então contasseis com a absoluta conquista da Hespanha; mas de que serve a meu amo este pão sem aquelle pedaço? Sem patacas, e sem de onde ellas venham, de que lhe serve um terreno quasi tão grande como a França, cheio de desesperados, e com essa corcunda de Portugal, aonde se não pode metter dente, que não acudam os malditos rapazes com o detestavel, e *redutavel assobio* atemorisador dos mais resolutos Duques da moderna França! Não vos canseis pois com os calculos da inconquistabilidade da Hespanha, que são ociosos e inutes: Murat, Augereau, Victor, Regnier, Soult, Massena, Suchet, Macdonald, tudo tem vindo roubar; não são depostos, são substituidos, para chegar a todos, e todos levarem rasca. Quem não diria que Massena levava tombo de gozo, apenas chegasse a Paris com as mãos abanando? Pois não foi assim, riu-se Bonaparte, e disse-lhe com o vosso Camões:

> Oh lá, *Massena* amigo, aquelle outeiro
> É melhor de descer que de subir!

Aquelles bichos portuguezes não são os macarronis da Italia; alli fostes vós grande cousa; e então, que me trazeis de presente? Junot

veiu desnarigado, e vós que ereis *anjo* vindes desazado! Se pega, pega, se não era graça. Lá em França crê-se que ahi estão as minas de Cata-preta, quem pode furtar que furte, que para isso se tentam essas invasões em ár de conquista. Eis aqui porque eu me não quero metter em camisas de onze varas, e porque sei que de lá venho tosquiado, não me resolvo a ir lá buscar lã; aqui estou até encher os alforges, em os abarrotando marcho, para vir outro, e dos ladrões titulares não faltam, para vindimarem a Hespanha, mais que Davoust e Oudinot; estes dois não são mais queridos de meu amo, por isso virão ao lavar dos cestos; que ainda então se chama vindima, ainda que não haja nem um cacho. Se vierem não lhe escrevaes, que eu lhes mostrarei a vossa carta, que é o mesmo; os calculos que me fazeis são os mesmos que tendes feito, e que fareis, porque as circumstancias são identicas, e as vossas cartas são parentas das nossas uniformes proclamações.

Vós me fazeis um rol ou mappa das terriveis partidas que nos acossam por todos os lados, sem nos deixar repousar; que nos roubam o que roubámos, e que nos tornam doidos, sem aquella união de correspondencia, sem a qual o plano rapinante não pode ir por deante; eu as temo, até os seus nomes são terriveis: o Chaleco e o Manco são dois diabos no nome, e na coisa; mas o mais terrivel é o Medico; este é um Cesar, mata com a espada, e com a penna; tristes das aguias se lhe engolem um rècipe; isto é que mata, e não a vossa annunciada fome; tres medicos bastariam para metterem na cova os Marenguistas todos do mundo.

Ora sabei que estranho muito aqnella passagem da vossa carta, em que soltaes as azas ao espirito prophetico, e annunciaes o futuro estado dos francezes e hespanhoes na peninsula; dizeis que isto acabará na guerra mourisca; escaramuçarem e recolherem-se aos seus respectivos castellos. Isto é boa consolação para o pae da creança, e vos devem ficar muito obrigados os castelhanos. Depois que Pelaio sahiu das Asturias e começou a escaramuçar com os mouros, até que sahiram de Granada, passaram seculos, e se por esta sahida dos francezes esperam os castelhanos, não vos dôa a cabeça até então, que largos dias tem cem annos, e perdido o tendes se para lá o guardaes. Isto não dura muito, e não estejaes fundando castellos em Hespanha, em acabando a rapina, o primeiro que se põe a andar é o mano José, que não pode tardar, porque de rei está reduzido a uma capatazia, e apanhou por empenhos um numero no Terreiro de Madrid para vender trigo por miudo; a vossa gazeta o disse, e é uma verdade, e já

eu lhe embarguei alguns moios; creio que está agora vendendo aveia para as galinhas que o cercam. Eu vou-me atraz d'elle; os mais tomarão as de Villa Diogo, em não tendo que empalmar, pois não viemos cá para outra coisa.

A respeito de Portugal, não fallemos; coisa de o conquistar, isso é o mesmo que pedir verdade a um francez ou marmellos a um carrasco. Aqui em se fallando em Lord, tudo fica amarello, e eu não tenho receita mais apta para os accommodar quando se amotinam, se não dizer-lhe: Oh Elanistas e Austerlzianos, parece-me que ouço o assobio dos rapazes do Terreiro do Paço! —Moita, tudo fica calado, e ainda aqui me contam alguns restos do n.º 70, o que lhes fizeram os sapateiros da praça, quando sahiram de S. Domingos com o rabo entre as pernas para embarcarem.

Aqui chegou Girard com as calças na mão, e uma dentada no cachaço; pergunto-lhe pelo seu exercito, pelo bravo Mont-Brun, pelo façanhoso Aremberg, encolhe os hombros, e diz que apparecera o diabo á náo da India em rio de Molinos: olha de vez em quando para traz, e diz delirante e espavorido: «Lá vêm os rapazes a assobiar!...» Com que, em Portugal não fallemos, o passado, passado. Se n'esta hora arrebentasse Bonaparte, sem esperarmos pela vossa guerra mourisca, nem eu pelo Manco e pelo Medico, tudo se punha a andar, porque acabado o capataz dispersava-se a companhia dos ladrões, e faliam n'um momento todos os vossos calculos.

Agradeço-vos o conselho que me daes, de aconselhar Pepe que marche commigo para a America, ou que vá commigo visitar seu irmão Luciano, eu excuso de levar commigo trambôlhos; Bonaparte que o ature quando acabada a cardada se recolher com os outros ao vestuario. Ora já que me daes tantos conselhos, tambem eu vos quero dar um, que vem a ser, que não sejaes propheta, que sois miseravel n'isso. Vós dissestes a 6 de junho de 1810 que não iria lá Massena, que tinha chegado a Valhadolid, e foi; máo propheta sois. Vós prophetisastes a 31 de outubro do mesmo anno, que a Russia, Dinamarca e Prussia declarariam guerra á França, já lá vae o anno, e ainda o não fizeram. Vós prophetisastes no mesmo dia, dando a prophecia como uma verdade, que haveria uma revolução na Suecia, e ainda não appareceu. Vós no mesmo dia e hora dissestes que Pepe dentro em oito meses abdicaria voluntaria ou involuntariamente, a mal posta corôa de Hespanha; já lá vão mais oito meses, e ainda o não fez. Vós dissestes e prophetisastes que n'esse tempo as Côrtes nomeariam um regente e ainda o não fizeram. Vós dissestes que n'esse instante haveria por

todas as provincias de Hespanha umas Vesperas sicilianas, e o sino ainda não acha horas de tocar a vesperas. Vós prophetisastes que Bonaparte desenganado dentro em dois annos, que a segunda mulher não lhe dá successão á corôa, terá guerra com o imperador de Austria, e n'esse mesmo tempo a mulher estava prenhe, e vae parindo como uma rata, e a paz e harmonia continúa sem alteração entre o imperador de Austria e Bonaparte. Ora que tal está o propheta? Vós sereis como os sebastianistas de vosso reino? Como quereis que se acreditem os vossos calculos arithmeticos, se as vossas politicas prophecias falham por este feitio? Ainda continúo com a liberdade de vos aconselhar, e vos digo que vos deixeis da mania de escriptor publico, mania que tem invadido n'esse reino tantas cabeças, e que vos deixeis da moda de fallar no ladrão de Bonaparte, coisa já tão fastidiosa e impertinente; aproveitae os vossos talentos empregando-os em coisas uteis e gloriosas á vossa patria. Annunciaes certa facilidade no estylo, que vos distingue da caterva infinita dos borradores de papel que tem entulhado esse reino, onde não entrará mais um francez armado; empregae esta facilidade em objectos interessantes. Eu sou um marechal francez, mas tive educação, e fui alguma coisa antes da peste revolucionaria, conheço os francezes, e crêde que dizer-lhes verdades é prégar aos hereges. Da Hespanha não sáem se não depois de bem roubada, ou então a páo, e devéras, que é o modo de os levar. Cartas e calculos são armas inuteis. Livrae-me, já que sois meu amigo, livrae-me vós do terrivel Lord, que é capaz de moêr a paciencia a um santo; unico homem no mundo, que nos sabe pôr sal na moleira, contra o qual não ha planos, porque parece que falla com o diabo á meia noite para advinhar tudo, desconcertar tudo, e encher tudo de espanto e medo; e se eu, como governador de Cidade-Rodrigo, Mont-Brun e companhia, fôr ter alguma vez ás praças de Lisboa, pilhado pelo infatigavel Hill, livrae-me, eu vos peço, do assobio dos rapazes, que é o que basta para confundir todo o S. Cloud, e aterrar os mais campanudos Friedlandistas, e é tambem o que mais assusta vosso conhecido

Marmont, o Duque.

27 de Novembro de 1811.

CARTA

DO

DR. MANUEL MENDES FOGAÇA

AO SEU AMIGO TRASMONTANO

SOBRE OS PERIODICOS DO TEMPO

> Deixae das artes o estudo,
> Allucinados mortaes;
> Quem chega a ler os Jornaes
> É doutor, e sabe tudo.
>
> BANDARRA, *Trova das Tezouras.*

PROEMIO

A obrigação do christão é dar credito ao que Deus disse, porque elle o disse; a obrigação do vassallo é dar credito, e prestar inteira obediencia ás leis do soberano; a Deus porque é Deus, ao rei porque o representa. Depois d'isto, ha na historia factos, que negal-os seria offender o consenso publico, e a auctoridade humana. Mas tomara que me dissessem que lei divina, que lei de soberano legitimo, que consenso universal de seculos e de homens, me manda que dê credito a uma gazeta?... Não quero dar credito a nenhuma gazeta do mundo desde o alto *Monitor* até ao baixo *Investigador*. É verdade que o mundo em pezo não lê, nem quer lêr senão gazetas; e chegou isto a um acepipe de phrenesi epidemico, como se não bastassem as que temos em Portugal vêm de fora, como vêm drogas para as boticas, e em se juntando dois homens que tenham fome, o recurso é este:—Façamos um periodico—e um periodico é feito. Depois do periodico feito, olha um para o outro, e diz: «Muito bom é o nosso periodico! Como fica a nação! que luzes espalhamos! Como fica o povo instruido! sem lêr o nosso periodico, como podem os homens saber alguma cousa?...» Ora

quem são estes periodicos, a quem com prodigioso emphase chamam —as folhas publicas?—São uns aggregados de inepcias, de baixissimas assentações, de vergonhosissimas lisonjas, de destampadissimas e solemnissimas mentiras, de arbitrios, ou alvitres oucos, de discursos e reflexões eminentemente pueris; e sobretudo são uns raios estragadores e exterminadores da lingua portugueza, que está tão desfigurada, tão invertida, tão adulterada com o pestilente sarapatel de novas phrases, e novos termos, que a não conheço já, principalmente nos periodicos que vêm de fóra. Andam os homens tão enfrascados, tão atolados n'estes monturos, que não ha já paciencia humana para tal soffrer.

Ora, inimigos leitores, além do ides lêr n'esta carta, sabei e pasmae que desde que Bonaparte sahiu de Burgos (se é que lá esteve) tem sahido até hoje 9 de março de 1812 seiscentes e vinte e tres esquadrões de cavallaria do guarda imperial de Castella para França. Tantos tenho escrupulosamente contado nas gazetas castelhanas transcriptas em os nossos periodicos. Pelas contas diarias dos mortos nos hospitaes (onde não são assistidos) acho que em quatro annos tem morrido nos hospitaes setecentos mil francezes. Á vista d'isto, meus inimigos leitores, dizei-me: quando encontraes na rua um jornalista, que inchando as bochechas vos diz:—Já viu o nosso periodico n.º 1:000?—dizei-me se não tendes vontade afogar um periodiquista? Pois tenho eu.

Vale.

CARTA

Amigo, recebi a vossa carta, e com ella o curioso mappa, que remettestes. Só a vossa paciencia poderia levar ao cabo uma obra de tanto pezo. É verdade que conservaes os preciosos monumentos dos papeis chamados periodicos, unico deposito dos humanos conhecimentos, e fóra dos quaes não ha mais do que trevas, ignorancia e erros; elles são a guia do entendimento, a paz do coração, e a unica regra fixa que existe do gosto, e da critica; encerram em si o verdadeiro archetypo do bello ideal (como tão erradamente chamava Marco Tullio á historia) os mestres da vida, os esteios seguros da velhice, os unicos fachos a cujo indefenito e universal clarão nos podemos seguramente conduzir pelas tortuosas e obscurissimas verêdas da politica. As nações e os monarchas lhes estão sujeitos, d'elles pende, como de um fio o destino vacillante dos povos; desenvolvem e aclaram o labyrintho das leis, dão o verdadeiro preço ás producções litterarias; o nome, e a reputação

á eternidade, ou á sepultura dos sabios alli se encontram; penetram os sanctuarios dos gabinetes, e determinam com justiça os interesses das monarchias, o seu estabelecimento, progressos e decadencia: alli são notados os erros, e os acertos dos generaes de exercitos; a conservação, dilatação e prosperidade do commercio d'alli pendem, e alli finalmente se encontram dictames, e lições de moral, regras infalliveis de prudencia, canones da mais sublime philosophia, os sabios de todos os seculos são obrigados a reconhecer a superioridade de um periodico, e a confessar quão pouco se adiantaram no conhecimento da natureza, quão pouco promoveram a felicidade da especie humana, quando comparam os immensos fructos de suas vigilias e estudos com uma gazeta, com um diario! E com effeito, meu bom amigo, que aguia não abaterá seus altanados vôos, quando vir remontado muito para cima das nuvens um periodiquista! Que encolhimento o de Platão, o de um Archimedes, de um Galileo, se o destino os conservasse para vêrem o *Conciso*, o *Compostellario*, a *Estrella*, a *Abelha* e o Lagarde depois de jantar? Que pouco se conheceriam adiantados na eloquencia um Massillon, um cardeal Passionei, se entre suas estudiosas fadigas chegasse a ler:

«Noticias confidenciaes: O partidario Caracol com o partidario Chaveco, ajudados pelo partidario Manco, se embuscaram no Curral de Naval Carnero, cahiram sobre a columna inimiga depois do mais bem dirigido fogo, tomaram um mulo com tres sacos de cevada, ficou o campo juncado de cadaveres; da sua parte tiveram uma cavalgadura menor contusa, espera-se por horas o detalhe da acção.»

Ora meu amigo, na verdade, um entendimento que se pode levantar tanto, que chega a traçar um tão soberbo quadro com tanta força de colorido na expressão, com um estillo tão verdadeiramente castiço, que é estar a gente a ver aprisionar e desalbardar o mulo, e os inimigos precipitada e vergonhosamente fugindo, e os tres partidarios, senão com os direitos á corôa mural, ao menos com o jus á ovação, ou pequeno triumpho, deve contemplar todos os outros escriptores não só covados, mas leguas abaixo de si, repimpando-se na cadeira magistral, e ornear d'esta maneira: «Povos da terra, sabios, magistrados, generaes, legisladores, philosophos, historiadores e todos vós, oh mortos que estivestes no congresso de Utrecht, e de Meerester, vinde a meus pés, que eu vos ensinarei a todos o que deveis fazer; e guardae-vos bem, olhae, não erreis, porque possuo, dada pela mesma sabedoria, a vara censoria para vos zurzir.»

Isto, e muito mais pode um periodiquista, com a auctoridade que

elle tem, dada por seu sobrehumano mister. E vós, meu amigo, acabaes de enriquecer o mundo com uma obra de que já a imortalidade se fez senhora, e com ella e por ella podeis dizer com a mesma modestia de Horacio:

> O docto ibéro estudará meu livro,
> E o bebedor do Rhodano pasmado
> Ha de ler meu politico tratado:
> Nem de todo morreu. Focinho agudo
> Pernas em vez de pello
> Eu já sinto nos hombros o cabello,
> E em branco cysne me transformo e mudo.
> (Ode 20.ª, Liv. 2.º).

Mas tambem deveis ser ingenuo e confessar que não chegareis a tocar a immortalidade com as mãos, podendo dizer como o outro miseravel com duas trovas de Filinto:—Posteridade és minha!—se não fossem os periodiquistas. Está a vossa livraria riquissima, e mais opulenta que era a do Vaticano, com a immensa collecção de gazetas que tendes feito desde o dia 2 de Maio de 1808 até 22 de Fevereiro de 1812, e d'estas minas inexhauriveis das sciencias humanas, vós tendes extrahido por semana, por mez, por anno, uma lista exacta dos francezes mortos na Hespanha, a ferro frio e quente, e por conta que não pode mentir, porque é puchada a somma ao sabbado de cada semana á margem das mesmas gazetas, e daes em conta corrente, sem dolo, fraude, malicia ou cousa que duvida faça, porque lá está tudo, e todos podem contar,—um milhão novecentos trinta e quatro mil seiscentos e dezeseis soldados francezes mortos na Hespanha, a maior parte pelas guerrilhas, e quasi tudo com bala raza.—Com effeito, meu bom amigo, quando vêjo estas verdades arithmeticas, infalliveis de sua mesma natureza, não posso conter a minha indignação contra aquelle malevolo castelhano chamado Feijó, que se atreveu a compôr um grande discurso, que intitulou—*Fabulas gazetaes!*—Pois um periodico pode mentir? Oh sacrilega audacia de um escriptor pervertido! e talvez comprado pelo partido dos homens de juizo, que se chama o partido armado contra o diluvio gazetal! Não pode mentir, nem enganar-se jámais, porque se ha homem que se possa, e que se deva de justiça chamar eminentemente sabio, é o auctor de um periodico; as suas decisões são oraculos, a sua sciencia toca as extremidades do universo; comprehende em grande e pequeno todo o quadro da natureza, o que Buffon fez e conseguiu em quarenta annos, um jornalista consegue

em um folheto mensal. Buffon preparou por quinze annos os materiaes para o primeiro volume da Historia da Natureza, um diarista faz dois primeiros volumes d'aquelles em meia folha dos seus portentosos numeros. Oh sciencia immortal! oh curadora, oh mezinheira dos debeis, dos fracos, dos coxos, dos mancos, dos timidos! oh espancadora poderosissima da ignorancia! oh convertedora de praças da quarta ordem em praças da segunda ordem! Sciencia sobrehumana! Tu pintas apparelhos, tu quebras as chicaras, tu lhe deitas gatos. Tu só és capaz de conservar um commercio epistolar com os maiores generaes do mundo! Tu és a verdadeira mineralogia, tu achas mais ferro em Punhete, que em toda a Suecia em pezo. Tu commentas, tu calculas, tu adivinhas, tu promettes, tu prognosticas, tu mentes que fedes, tu consolas, tu levantas, tu prostras, tu indagas! Oh Burleta italiana filha do Papaver egypcio, pela tua narcotica virtude, a quem deves tu o conhecimento das diposições que para ti tem os individuos privilegiados do Destino (e privilegiados tambem) para fazerem essas enormes e arreganhadas carantonhas, boccas de furias, dentuças de cavallo marinho, a quem deves tu tudo isto? A um periodico! Os teus bufos, as tuas primas bufas caricatas, a quem devem seu merito, sua nomeada, senão a um periodico?

Ah meu amigo, estas minhas vigorosas apostrophes de nada servem quando os factos fallam. Vós sabeis, que depois da diplomacia não ha sciencia mais difficultuosa, e trabalhosa que a chronologia (deixae fallar os pedantes, e crêde estas verdades): pois sabei que um periodiquista de uma pennada só reune todos os conhecimentos chronologicos, os mais profundos e dilatados; determina com tanta exactidão uma epoca, e uma data, que os sabios todos e da primeira magnitude, que trabalharam na correcção gregoriana, ficam postos a um lado e de queixo cahido. Ora vós sabeis que eu me tenho dado a estes estudos, com algum amnco, e por muitos annos, e vos affirmo que em ajustar a epoca do diluvio variam muito o douto Usserio, o profundo José Cesar Scaligero, o portentoso Petavio, o sublime Newton, o vastissimo Saliano, o sabio e muito sabio Sirmondo, emfim não é coisa de brinco, e presuppõe estudos teimosissimos. Pois, meu amigo, em um d'estes dias do passado Janeiro me veiu á mão um relevantissimo diario. Admirei a hora do preamar, não gostei do jejum annunciado, ardi devéras com o fatal cambio a 25 $^{3}/_{4}$; mas o que me fez entrar em extasi e pasmaceira embaçante, foi esta portentosissima sentença:—«N'este dia abriu Noé a janella da Arca, e a tornou a fechar.» Como fiquei? Semelhante ao medroso pae Enéas, o mais chorão dos heroes.

Ficou-me a voz pegada, o pello a pino. Apenas pude dizer: o Noé teve razão em tornar a fechar a janella; se na Armenia fizesse tanto frio, como hoje está fazendo em Lisboa, em trinta e oito gráos de latitude norte. Depois que tornei a mim e que o cabello se me amaciou, comecei de ver e conhecer plena e cabalmente que coisa seja um periodico e um periodiquista! É uma sciencia verdadeiramente de infusa. Tantos sabios discordantes, consumidos em continuos estudos, um Petavio, com tres alentadissimos volumes in-folio sobre a rasão e ordem dos tempos, não determina esta epoca; os annaes de Saliano ficam indecisos, e um periodiquista diz:—Hoje abriu Noé a janella da Arca, e a tornou a fechar!—Oh sciencia immortal! Sem um *Diario*, sem uma *Abelha*, sem um *Conciso*, sem um *Correio*, sem um *Investigador*, que seria do mundo! Como se aquietariam em suas lubricidades os bandulhos humanos sem um *Café para depois do jantar!* Ah meu amigo! a minha vasta bibliotheca é um armario, lá estavam alguns livrecos (nem um só em francez) a moça pedia-me serradura para fazer fumo a chouriços, lá lh'os entreguei, acabaram na chaminé hoje; hoje 24 de fevereiro teve logar esta espantosa, mas bem merecida conflagração. Já não tenho livros, e de que me servem elles? Uma gazeta, um periodico calculante suppre tudo.—Eu sou prégador (e de aluguer!) é preciso estudar os modellos ou exemplares da eloquencia: oh Cypriano admiravel e dulcissimo! Oh agudo e ardentissimo Tertulliano! delicado Ambrosio, fluentissimo Chrysostomo, e tu, oh aguia sobre todos, Nazianzeno, de que me servis vós, se um meu amigo chapelleiro me deixa ler a *Gazeta*, e outro meu amigo amador das boas lettras, me empresta o *Investigador?* Oh *Telegrapho!* Oh tu, que és mina de diamantes de Visapur, tu me espiritualisas, me enleias, me fecundas, me empanzinas! Harmonioso Roberti, as tuas divinas paginas me encantavam; mas se eu tenho o *Diario*, de que serves tu? Eu devo fallar bem portuguez, porque fallo em publico, e porque sem pureza e elegancia varonil não ha eloquencia; deveria estudar Lucena, Ceita, Heitor Pinto, Vieira, e a ti tambem mimoso e discreto Jacinto Freire: ah! charlatães, charlatães, ide-vos d'ahi, ide-vos envolver no pó da vossa antiguidade; de que me servis vós, se eu tenho a linguagem mais apurada, mais castigada, mais dilatada, mais rica, mais farta, mais abundante, mais harmoniosa, mais castiça, e menos bastarda no meu rico *Investigador!* Além de vêr alli dilatada infinitamente a esphera de meus conhecimentos, podendo ir marcar com o dedo a cova onde se enterram os burros, e os cães mortos para fazer vélas de espermacetti! Já sei que ha o chinchonino, e que vão muitas gentes ás invejas para serem vacci-

nadas pelo doutor Laranjadas; alli tenho o meu thesouro da lingua! Quero dizer *explicação*, digo *esclarecimento;* quero dizer *Junta*, digo *Comité;* quero dizer *comarca*, digo *arrondecimento;* quero dizer *barreiras altas*, digo *insurmontaveis;* quero dizer *proponho*, digo *movo;* quero dizer *Presidente do Erario*, digo *Chanceller do Exchequier;* quero dizer *rebater os esforços do inimigo*, digo *depreciar;* quero dizer *lucta cançada*, digo *lucta penivel;* quero dizer *index do que se trata n'este livro*, digo *contentos;* quero dizer *honrado senhor F.*, digo *honorable;* quero finalmente citar uma passagem de um classico portuguez, pois traslado a Ode—*Corja adusta*—do botequim. Ora, meus amigos quinhentistas, mettei-vos a um canto, isto é outro fallar. O destino da lingua portugueza está nas mãos de um periodiquista; e bem dizia aquelle verso impresso de Garção:

Estuda portuguez pela *Gazeta*.

Quem quizer escrever uma historia da nação com tanta gravidade, pureza, propriedade e elegancia como João de Barros, não largue das mãos a *Gazeta* e o *Diario*, olhe que vae perdido. A philosophia, a historia, a critica, a hermeneutica, a politica, a eloquencia, e sobretudo a verdade, estão nos jornaes. Isto, meu amigo, isto ainda é andar pela rama, ha coisas muito mais essenciaes, ponderaveis e utilissimas. O destino das nações, a liberdade dos povos, a queda do collossal imperio, tyrannico e oppressor, alli estão marcados, descriptos, assignalados em seus impreteriveis periodos, e sobretudo eu alli admiro a sciencia symbolica: parece que viajaram no Egypto, que foram iniciados pelos sacerdotes cophtas nos mysterios e hierogliphicos de Isis, alli está tudo! A consolação das nações oppressas alli está; alli está o termo das suas esperanças muitas vezes falliveis e fallidas; porque o implacavel Conciso, como rival pertinacissimo, faz pregar uma mentira quando se tinha feito uma promessa!—Que mysterio, meu amigo! Que Bandarrices superfluas! Eis o momento da inspiração do delirio extatico!

No alto Aragão
Manobra o Durão;
O Empecinado
Anda arrenegado
No baixo Aragão:
Acode depressa
Suchet mandrião!

E vae senão quando toma-se Valencia! Ah Conciso, Conciso, tu

é que me enganaste! Por amor de ti fiquei com um palmo de bocca aberta, e não tenho outro remedio mais que encampar-te uma mentira!... Vêde, meu amigo, o que acabo de dizer, e como me transporta a leitura do resuscitado, que parece que me assento na tripode de Delphos, que entro na cova de Trophonio, que me alapardo na concavidade de um carvalho de Dodona.

Nós os homens de vista curta, e que não somos periodiquistas, e a quem a madrasta natureza não quiz dotar de talentos tão delgados e subtis que podessemos com elles armar um jornal, ou uma patifaria como o *Correio Brasiliense*, e fallarmos e calumniarmos por um tostão, e calarmo-nos por dois tostões; nós os homens pequenos, e que apenas poderemos chegar com o entendimento a conservar o nome do intrepido Longa, do destemido Caracol; nós que nem poderemos seguir com a imaginação, por tarda, pennugenta e pesada, nas marchas o proprio Manco, apenas vêmos os factos, mas não nos foi dado nem conhecer as suas causas, nem abranger as suas consequencias; paramos como pupillos, e se o mestre nos não allumia ficaremos para sempre atolados nas sombras do erro. Vimos a *rendição* da Cidade de Rodrigo; para nós ficou na classe de um facto ordinario da guerra; sitiou-se, formaram-se parallelas, abriram-se brechas, foram praticaveis, assaltaram-se, entrou-se a praça, rendeu-se, ganhou-se, entregou-se com inaudita generosidade a seus antigos possuidores; este é o facto para nós os pequenos. Não viajamos, fomos tão asnos que toda a vida levamos no estudo inutilissimo da historia, da philosophia e das boas artes. Cosidos, pegados e grudados em uma banca, na solta e ligada oração fizemos algumas coisas que geito têm; assim perdemos o nosso tempo, quando para sermos sabios uma só coisa era precisa e uma só coisa bastava:—O *Monitor* chimica e passear.—Emfim não nascemos para voar sobre as azas do *Diario*, e assim ficámos, e por isto é para nós a *rendição* da Cidade de Rodrigo um acontecimento não extraordinario, mas ordinarias vicissitudes da guerra. Mas um jornalista, um jornalista! Que é mais do que dizia o marujo a Architas na Ode de Horacio:—Que corre o polo com a mente, que conta a terra e o mar, e a areia que não tem numero.—Um jornalista com este facto da *rendição*, pega na Europa toda, põe-na no collo, e começa a olhar para ella de cabo a rabo. Considera o vasto imperio do ladrão, os reinos furtados de que se compõe, ou compagina e diz muito serio:—Ora o grão-Cão perdeu tudo com a *rendição* da Cidade de Rodrigo.—Isto seria assim, mas tinha sua dureza fazel-o engulir assim aos piissimos leitores. Tu só, oh sciencia periodiqueira, tu só podias inventar

um symbolo que fizesse conhecer aos homens obstupefactos o seu grande achado. Confesso-vos, meu amigo, que nunca admirei tanto uma lembrança tão profunda e me desgostei tanto de mim! Com a argilla de Mismia, oh conto dos contos! tu serás sempre contado! Com a argilla de Sevennes se fez para o ladrão um famoso apparelho de chá; a porcellana do Japão eram panellas da Panasqueira á sua vista, e a obra e o feitio ainda sobrepujava á materia; a pintura excedia á materia e feitio, os desenhos eram de Raphael resuscitado; no bule estava pintada a batalha Marenga; na manteigueira a batalha de Wagram; no assucareiro a de Eylau; na leiteira a de Jena; e na grande tigella de lavar a de Austerlitz; nas chicaras e nos pires estavam as campanhas de Italia, a empalmação de Bayona e a incorporação da Hollanda; os reisinhos do Rhin, a nesga do Piemonte, a ladroeira da Etruria, o roubo de Veneza, o escandalosissimo latrocinio da Romania, a intrusão de Napoles, as maquias de Valais, o trambolinho de Genova, a politica da Prussia, o serventuario da Suecia, emfim todas as peças do monstruoso edificio da tyrannia, e todos os espeques d'aquelle collossal phantasma. Eram já distribuidas as chavenas, o perola recendia, e o perfume chinez toldava a dourada abobada do pavilhão de Flora; só se distribuia com cautela o assucar, por ter sido o anno escasso d'essa colheita, e ter dado o pêco nas beterrabas no momento da destillação. A longos sôrvos se levava o anti-somnifero elixir, e ia quasi vasando a sua envernizada malaga o empanturrado ladrão; n'este comenos chegam Manuel Berthier e Antonio Xavier Cambaceres, e dizem:—Senhor meu amo, aqui está de officio a *rendição* da Cidade de Rodrigo!—Palavras não eram ditas, como se aquillo fosse saude de *toast*, já quando ninguem sabe de que freguezia é, cahiram as chicaras no meio do chão, esmigalhou-se o apparelho, porque não houve alli mãos de aranha que se podessem segurar a essas moitas. Acabou-se, meu amigo, a historia toda do pavilhão de Flora, das chicaras pintadas, e aqui tambem eu não acabara de abrir a bocca, e se tivesse um páo na mão tambem o deixava cahir nas costas de alguem.

Vós sois curioso, e desejareis saber aonde se encaminha, e que queira dizer esta obscurissima allegoria. Ora crêde que se o auctor, quem quer que seja, porque é anonymo, a não deixára explicada, por mais que os Saumaisses futuros se matassem em commentarios, e suassem todos os Brumanos, todos os Douzas, todos os Lambinos, todos os Turnebos do mundo, nunca atinariam com o genuino sentido d'esta fatal caqueirada, vista e acontecida no pavilhão, ou no salão de Flora. Quer dizer, meu amigo, diz o periodico, quer dizer que com a *rendi-*

ção da Cidade de Rodrigo cahiu todo o fatal imperio do ladrão Corso; que a *rendição* fôra a pedra que buscou os pés de barro do grande collosso que viu Nabuco; que tantas victorias ou alcançadas ou compradas; que tantos reinos ou entregados ou roubados; que tantas provincias sorvidas na França; que tantos thronos ou captivos ou vilipendiados; que tão ferreo poder esmagador de tantas cabeças, que a prepotencia absoluta de Bonaparte; que os enxames de soldados com que elle enche e suja a Europa; que tantas fortalezas occupadas e guarnecidas, tantos proconsules sanguinarios espalhados pelo vasto dominio do monstro; tão severas, tão barbaras, tão desconfiadas cautelas de policia com que elle especa e escora seu infernalissimo throno, que sua luciferina malicia e perfidia, sua insaciavel ambição, sua implacavel vingança, finalmente que todas as garras e todas as presas d'este sanguinario tigre, tudo isto junto, em uma palavra, todos os oppressores resultados da fatal Revolução franceza se acabaram, se extinguiram, se aniquilaram com a unica *rendição* da Cidade de Rodrigo, pequena praça da Hespanha occidental, escondida na fronteira montuosa da Lusitania. Seu baque não sómente soou de uma extremidade á outra da Europa, mas faz rebelar a Hollanda, libertar-se a Hespanha, conhecer-se a Austria, revolver-se a Russia, armar-se a Italia, organisar-se a Prussia, restabelecer-se a Confederação Germanica, consolidar-se a Suecia, decidir-se a Dinamarca, e inutilisarem-se tantas batalhas e as conquistas ou rapinas de vinte e dois annos continuos. A *rendição* da Cidade de Rodrigo desperta do lethargo a inteira França, e faz-lhe sacudir o jugo que apathica ou verdadeiramente estupida tem arrastado. Tudo isto quer dizer o repentino esmigalhamento do apparelho de Napoleão, á unica voz da *rendição* da Cidade de Rodrigo. Ora isto, á primeira vista, e a entendimentos curtos, grossos e obtusos como o meu, parece estar judiando com o genero humano! Mas não é assim, meu amigo! Oh profunda sciencia periodiqueira! Tu não só o dizes, tu o comprehendes, e tu só vês ao longe tão remotas e tão disparatadas consequencias! Nós não temos viajado, meu amigo, e de operações chimicas apenas conhecemos as da nossa panella na cozinha, e nos dias mais memoraveis lá nos estendemos ao extracto da perdiz e do presunto; fermentação de liquidos conhecemos a dos toneis, cujo gaz nos levanta mais que o voador Lunardi. Temos uma cabeça tão mofina que, ainda que se não perca nos mais profundos labyrinthos da metaphysica de Locke, não pode conservar os nomes dos guerrilheiros; mezinheiros de frouxidões e debilidades não podemos ser, porque isso é obra de empiricos e de charlatães; emfim não somos dos mimosos

filhos da sciencia, e ainda que nos ligamos ambos para investigar, quem nos ha de mandar as Cartas de Alexandre de Gusmão? e que correspondencia temos nós para Caracas e Venezuela? No mundo não ha senão dois caminhos para a fama, para a honra e para a immortalidade; ou pedreiro ou periodiquista; para um quer-se pouca vergonha, para o outro muita sciencia, muita chimica, muitas viagens, e um *Conciso* que não minta, um *Monitor* que nunca engane; eu estou velho para tudo e nada direi até que venham os gloriosos resultados que esperamos do sul da Hespanha. Pedi a Deus que nunca venha e nunca chegue o grande exercito da fome, porque primeiro hão de morrer os donos das casas que os hospedes, e eu creio que se não pode descarregar mais acerbo e profundo golpe no coração dos consternados hespanhoes que annunciar-se-lhes que os malvados marenguistas só despejarão seu tyrannisado reino quando a imperiosa fome os obrigar. Isto é ultrajar aquella generosa nação, porque é dizer-lhe tacitamente que não tem forças que oppôr a seus barbaros aggressores, que os recursos estão exhauridos, que os exercitos são nullos, e que esta fome que obrigará a retirar os barbaros para além dos Pyreneos deixará primeiro despovoada e erma a Hespanha, que o ultimo boccado de pão que houver ha de existir na mão de um francez e não na mão de um castelhano, porque se os castelhanos não têm forças para os combater no campo, tambem não terão forças para lhes vedar a rapina que de suas colheitas hajam de fazer os francezes para se sustentarem a si. Não posso com socego ouvir e lêr estes destemperos. E que paciencia, meu amigo, é precisa para vêr um homem, em longas paginas, prophetisando a retirada dos francezes de Hespanha, e depois de estarmos todos, Tyrios e Teucros, pendentes por largas horas da boccarra do Enéas contador, sahir-se —*post varios casus, post tot discrimina rerum*— sahir-se com o grande e portentosissimo achado, que a época da retirada dos marenguistas será quando não tenham que comer! Que tal está a consolação para o pae da creança? Qual é o ladrão que se demora muito em uma casa onde não acha nem uma bilha de agua? E gasta um homem d'estes longos rodeios e longos calculos para chegar a este resultado?... Hespanhoes, animo, que isto não é nada! Os francezes hão de estar no vosso territorio emquanto acharem que comer! Ora seja pelo amor de Deus! É verdade que esta lembrança de matar os francezes á fome não é nova; não sei (ou sei) em qual d'elles li ha muito que os hespanhoes deviam não cuidar em lavouras, e só esconder batatas em covas pelos montes; embrenharem-se n'estes mesmos montes, e quando os apertasse a fome comerem batatas. Que batataria seria precisa para

sustentar mezes, e talvez annos, uma inteira cidade refugiada em um monte, onde os francezes não podessem ir? Mas não é só este o inconveniente que soffreria em sua execução o plano batatal. Lembra-me outro. Vós sabeis que as batatas são inquietissimas, e duas horas que se demorassem na cova grelavam todas, e lá se ia o plano, as batatas e os batatívoros todos que existissem na montanha, de dia ao sol e de noite ao relento. Eia pois, meu amigo, paciencia; o diluvio das gazetas é universal, já em 1646 as havia em Lisboa, e as que desde então houve até 1762 (anno do meu illustre nascimento) eram cheias d'aquella sisudeza, simplicidade nobre e pura linguagem portugueza que tiveram nossos bons avós. Morreu José Freire Mascarenhas Montarroyo, morreram em Portugal os periodicos dignos de Portugal; e dizem dois periodiquistas em Inglaterra que a *Gazeta de Lisboa* é a peor do mundo! Pois sabei que um hortelão ata melhor um mólho de grelos que elles a mixordia do seu jornal.

Talvez me digaes, e me pergunteis, se eu não temo crear-me inimigos? Quem, eu? vós não me conheceis! Sabei que isso é para mim um sobrehumano prazer. Quando eu disse que tinha morrido el-rei D. Sebastião, mais de cincoenta escriptores (quarenta e nove foram ecclesiasticos), para me provarem que elle estava vivo, fizeram todos uniformemente este grande e invencivel enthymema:—Vossê é um ladrão, um perjuro, um falsario, um delator, um asno, um endemoninhado, um faccioso, um tolo: logo está vivo, e ha de vir d'aqui a tres ou quatro tesouras mais, el-rei D. Sebastião... E então, não são para desejar inimigos d'estes? Depois d'isso, meu rico amigo, um a um são taes os taes inimigos, que cada vez se recolhe mais tarde o

Vosso cordeal amigo

29 de Março de 1812.

Manuel Mendes Fogaça.

P. S.

Vou fazer-vos mais comprida esta carta com um *Post-scriptum*, mas como a viva roda dos periodicos não pára, e são semelhantes ás sezões, uns todos os dias, outros com alguma intermittencia, outros com intervallos mais longos, como pertinacissimas quartans, eu os leio, e ainda que abata o entendimento a seus pés, pelo que pertence á humilde e cega crença que se lhes deve dar, como oraculos da verdade humana, não deixo comtudo de commetter um enorme e horrorosis-

simo attentado, que é fazer algumas reflexões sobre os artigos da mesma crença a que nos obrigam; conheço que é um escandaloso atrevimento, porque á vista de um periodico não fica no miseravel mortal outra funcção mais que lêr, acreditar e emmudecer de respeito e temor... As nossas intellectuaes faculdades devem ficar paralyticas, e seria mais desculpavel duvidar de uma verdade geometrica ou arithmetica que de um annuncio gazetal; eu ultrajarei menos a razão se disser que dois e dois não são quatro, do que se disser que a partida do Amor não se retirara por lhe faltar o cartuchame, mas sim porque se lhe introduziu o medo nas tripas. Ora pois, meu amigo, eu sou um criminoso, aventurei-me a fazer uma reflexão sobre outra reflexão periodiquista. Sim, dizia o papel:—Porque razão Blacke, que ha cinco annos era coronel, e tem andado envolto na guerra desde 2 de maio de 1808, chegou a capitão general (marechal) e o Empecinado com o mesmo tempo de milicia ha de estar em brigadeiro?—Eu não podia resolver esta questão senão depois de vêr resolvida outra questão, que vem a ser: Entre quaes dos dois pontos ha maior distancia? de coronel a marechal, ou de carvoeiro das serras de Cuenca a brigadeiro dos reaes exercitos? Meu amigo, tal foi o meu atrevimento, e não sei o que será de mim pelo haver dito. Parece-me que ha mais alguma distancia de carvoeiro a brigadeiro que de coronel a marechal: logo o Empecinado tem corrido maior espaço em menos tempo, e a patria premiou e promoveu mais depressa o Empecinado que o Blacke; faz mais quem de um carvoeiro faz um brigadeiro, que quem de um coronel faz um capitão general. É verdade, meu amigo, que eu poderia resolver a questão por outro caminho ou atalho mais breve; e concedendo que fôra muito maior o adiantamento de Blacke que o do Empecinado, e concedendo a este maior somma de serviços, dizer:—Senhor, queira o senhor lembrar-se de que o Empecinado tinha um officio só e o Blacke tinha dois; o Empecinado era carvoeiro, mas não era pedreiro, o Blacke era coronel e era pedreiro. Olhe, senhor, aqui tem a chave de todos os mysterios do seculo. Porque se abriu a fortaleza de Ulm, estando lá dentro vinte e cinco mil allemães, com boa côdea para dois annos, e de fóra doze mil francezes sem pão e sem artilheria? Porque Mack, sendo general, era tambem pedreiro. Porque vencia Hoffer, e contra os interesses reaes de um grande imperio é teimoso Romanzow? Porque um não era, e o outro é pedreiro. E porque razão innumeraveis velhacos e desavergonhados inimigos jurados da nossa patria, que eram descobertamente apaixonados sequazes e agentes dos francezes, viraram a casaca, por-

que viram o caldo entornado, e declamam, mas com riso pardo, contra os mesmos francezes, promptos á primeira das duas? Porque não acaba de levar o diabo de uma vez a raça infame dos pedreiros, que não são os das obras publicas, são os das obras occultas. Ora basta, meu amigo: não se me diga o que me disse já um pedreiro achanfanado: «Que as minhas palavras nunca chegaram a entrar por umas salas excellentes!!...»

P. S. 2.º

Está para sahir impressa uma obra *badala* contra o triste poema *Gama;* esperae com alvoroço esta obra, e com dois alvoroços a sua resposta.

O BOI NO CHÃO

Obra extrahida dos Manuscriptos do defuncto

ENXOTA-CÃES DA SÉ DE LISBOA

Dada á luz por seu sobrinho

ANDRÉ CALADO

ADVERTENCIA DO EDITOR

Meu tio, que Deus haja, proximo a espichar o rabo, e a encostar para sempre aquelle alto bordão que no portico da nossa santa Sé era o terror dos cães, porque bordoada sua nunca mais teve remedio, chamando-me junto á sua cabeceira, me disse:

«André, é verdade que tu tens a supervivencia do meu honrado e tremendo officio, e que aquelle bordão de que só a morte me podia despojar vae ser depositado em tuas mãos; é preciso que eu te deixe as minhas advertencias e conselhos, unico legado e unica herança de que eu posso dispôr e tu receber: dinheiro do meu ordenado e emolumentos tu bem sabes onde fica depositado, mas sem reversão a meus legitimos herdeiros, porque os taberneiros, nem lembrados da muita agua que deitaram no vinho com prejuizo das partes, nunca se lembraram de restituições; deixo aquelle páo, e o jus a elle, por força do alvará que confirma a supervivencia; e como tu sabes latim, porque o tens ouvido ensinar, e bem, aos meninos do côro, sempre te lembro um verso de Virgilio, poeta muitos furos abaixo do nosso divino Camões:

Et Pater Eneas et Avunculus excitet Hector.

E para morrer sem escrupulos, sempre t'o digo em portuguez:

Do tio Enxota excite-te a lembrança
Fazer nos cães horrifica matança.

Esta é a minha primeira advertencia, que baldada é, porque te

conheço o genio, e sei que dirá a posteridade:—O André sae ao tio.— Não és capaz de contemplação com cães, sejam de que jerarchia forem; sei que em te ficando ao alcance do páo, sem se sentirem do lombo e coxearem de todos os quatro pés, não deixarão o adro; ganirão muito, mas dentada não te hão de dar, pois nunca as deram n'este teu moribundo tio; emfim, saberás sustentar o nome *Enxota*, sempre memoravel nos annaes da pancadaria, como se viu nas ultimas guerras na derrota dos exercitos das cinco classes. Outro legado, mais importante talvez, eu te vou consignar, conforme as disposições de direito em nossas ultimas vontades, e já declarado em meu testamento, para o livrar dos harpeos dos residuos. Vês aquelle caixão velho e carunchoso?» —Vejo, lhe disse eu.—«Pois alli estão depositados os meus manuscriptos e n'elles eternisada a memoria de mortaes lambadas, que eu descarreguei com aquelle páo, minha e tua insignia, e já conhecido em cabeça de morgado dos *Enxotas*. Muitos desejarão vêr queimado aquelle Archivo e Torre do Tombo, e tombos que levaram muitos cães! É um thesouro, André, é um thesouro! Elle servirá de illustração a muitos seculos, e se pode converter em utilidade tua quando te escassearem as mezadas do teu ordenado; nunca vás ao Banco ou a maltez com rebatimentos, nada de esfolações; quem tem a que se torne não é pobre; vae ao caixão, tira a eito e a esmo um dos empilhados manuscriptos, e como vêem mais quatro olhos que dois vae sempre com elle ao Forno do Tijolo, que se lhe faltarem adubos lá se lhe porão, e não só adubos, porém mãos e boa vontade; pois sempre se julgaram armas invenciveis a pá do Forno e o páo do *Enxota;* e de lá, André, imprensa com elle, e com elle poderás deitar mais uma sardinha nas brazas e beber mais um quartilho pela alma de teu tio...» Como fallou em quartilho, se lhe avivaram mais as côres do rosto já enfiado, tomou um viso de alegria, mas foi a visita da saude, porque d'alli a dois momentos, sem o ministerio dos medicos, porque então não teria vivido tanto tempo, mas nas mãos do tempo e no regaço da natureza, deu aquella alma envinagrada ao creador, com aquella paz com que morre o homem a quem a consciencia diz que cumprira os seus deveres, e ninguem o fez melhor no exercicio e funcções de *Enxota*.

Como me apertaram circumstancias para me utilisar da minha legitima, metti a mão no fatal cofre e sahiu o manuscripto que dou á luz com o titulo de *Boi no Chão*. Não me compete fallar do seu merecimento, pois sou parte interessada; o publico lhe fará justiça, e me dará os agradecimentos, e dirá:—Mal o haja quem fez calar o *Enxota!*... Mas ainda, graças ao sobrinho, gosamos da sua alma nos seus escriptos!

O BOI NO CHÃO

O Boi, que dava marrada
Como tiro de canhão,
Sentindo-se farpeado
Deitou outro Boi no chão.
(De um máo Poeta.)

Poucos dias ha que acabando *completas* na Sé, e com ellas a minha obrigação, porque ainda que fique a porta aberta para a devoção da Senhora da Rocha os cães fogem com a escandalosa bulha que fazem os pobres ao guarda-vento, sahi a dar o meu passeio, e um pouco dilatado, porque custa a achar ermida em que não haja misturadas de vinho novo, e succedeu-me ir pela rua das Portas de S.ta Catharina, como diz o novo oval letreiro, mysterios da figura eliptica em geometria, e vi um ajuntamento na loja de um livreiro, e me admirou, por que não tratavam de politica em tom serio, soltavam gargalhadas, e ainda que ha coisas em politica que as mereça, não é este o costume dos leitores de periodicos: cheguei-me mais de perto, e vi que um dos sessores lia um folhetote, e os outros escutavam: fizeram pausa geral quando me viram, porque a preseoça do *Enxota* sempre é de algum peso no meio das mataduras dos congressos do Chiado; comtudo, pela materia do escripto, julgada da minha competencia, me disseram que se riam do maior destampatorio que tinha apparecido em letra redonda desde que as imprensas trabalharam e deixaram de trabalhar; pedi-lhes que proseguissem na leitura, e tiveram commigo a contemplação de começarem—*dà capo.*—Logo o titulo produziu em mim um d'aquelles movimentos irreflectidos com que a natureza exprime a verdade; virei-me para um canto, cuidando que tinha alli encontrado o páo da enxotaria. O dono da loja me offereceu gratis um exemplar, porque emfim alguns não podem deixar de confessar que tiveram em mim pae e mãe; ainda que poderá haver algum que me obrigue a accrescentar a esta palavra a phrase—que o pariu!!—Recolhi-me mais cedo, porque a curiosidade apertava, e accendendo um côto d'aquellas propinas que na egreja já se não dão, com impaciencia e sofreguidão me assentei, e com um palmo de bocca aberta de espanto li:

> «Resultados dignos de toda a admiração, condignos da maior contemplação, talvez nunca vistos e observados na historia da magistratura portugueza, provenientes de horrorosas conspirações e das maiores cabalas, prevaricações e attentados a que estão sujeitas todas ou quasi todas as auctoridades rectas, incorruptiveis e imparciaes, que podem dizer com Horacio—*Impavidum ferient ruinae.*»

Eu disse commigo, benzendo-me:—Ou isto é titulo para alguma edição do Carlos Magno accrescentado com exposições e notas, ou então é a historia da perseguição que fez um ministro de um bairro a um homem honrado, que mora aqui na rua das Cruzes, ao pé de S. João da Praça, na qual o dito ministro inventou e forjou mais patranhas, mentiras, tramoias, calumnias e testemunhos falsos, do que caraminholas e sonhos se acham em toda a historia de Carlos Magno e dos seus Doze Pares; e pelos quaes testemunhos falsos o dito magistrado merecia que lhe fizessem o que os turcos queriam fazer a Gui de Borgonha, se os onze Pares não lhe acudissem, como consta da mesma historia!

Virei a pagina e fiquei-me no meu pensamento; e com que me enganarei eu, conhecendo a canzoada toda? Porque o dito ministro, querendo em seu prologo fallar dos outros, se retratou a si mesmo ao natural, dizendo em portuguez bastardo e com nova syntaxe:

> «Os calumniadores e prevaricadores inficionam e perturbam os estados, e as nações mais cultas (que parvoice!) merecem um odio eterno, assim como todo o louvor e applauso aquelle cavalleiro e artista intrepido e impavido, que no meio do combate e da victoria entrega o rojão ao capinha (isto devia ser depois) e á gente de Guiné o inimigo.—*Proaebuit humi boi.*—»

Á vista d'isto o empeçado Couto, o enigmatico Magriço, o obscuro Pato e o *Diario do Governo* eram a mesma clareza e perspicuidade, primeiras virtudes do estylo! Pois o tremendo titulo ou arrepiador frontispicio vem desaguar em um prologo com a mais insulsa de todas as chocarrices, concluindo e rematando com o antigo Favasecca, ou Talaia, a tourear, que no meio do combate dá o rojão ao capinha, e diz aos pretos que acabem o combate com as devidas cortezias ao meritissimo dos Romulares; ficando com o titulo do boi de Virgilio e jul-

gar-se vencedor de um inimigo casado, e chamar-lhe boi, não é muita cortezia.

Assentei de levar ao fim este impavido de Horacio, cujas idéas escriptas são tambem do mesmo Horacio:

Como vãos sonhos d'um febricitante.

As cabalas, as horrorosas conspirações, os horrorosos attentados, que o tal Juiz commetteu contra o honrado e innocente vizinho meu José Luiz da Silva, destroem-se, e se verifica o crime de moeda falsa, que o preclarissimo ministro lhe empurrou, por se lhe acharem entre alguns centenares de contos de réis em papel dois bilhetes de meia moeda falsos, o que mil vezes se acha em só dois bilhetes de meia moeda, sem que o miseravel a quem os empurraram faça moeda falsa, com um engano que houve n'uma decima de demanda de calote em casa de pasto.

Ora eu, que desejo que se embacem e se empanzinem com calotes mestres todos os tasqueiros das casas de pasto, porque não ha um só que não embuta gato por lebre, ou burro morto por vitella, quiz profundar esta materia tão bem qualificada na obra do ministro Furtado, ou bifado, com o titulo de horrorosa conspiração! pois diz elle que lhe imputaram o crime da embofia ao tasqueiro para se vingarem dos males que elle causou a um terceiro com a imputação de moeda falsa, sem elle ser tasqueiro, nem arrematante da decima.

Um tasqueiro, assim como a todos logra na comida, e haja vista a qualquer d'esses Cambaios, não quer que nenhum o logre na paga; e quando vêem que esta se demora, nenhum é tão asno que deixe crescer muito a divida sem que no mesmo instante levante a cesta, enrole a manta, peça a chave do quarto e ponha a andar o pechincheiro; elles descobrem bem na cara quem tenha lombrigas; ora demos por demonstrado um postulado. Os que caloteam os estalajadeiros, tasqueiros, hospedeiros, etc., sempre mudam o nome, pelo que pode succeder, e até o mudam no passaporte quando vêm de fóra. Podia ir o caloteiro em questão aboletar-se á estalagem da Ribeira velha, e dando o seu nome lembrar-se de dizer, eu sou, por exemplo, José Ignacio; abala o Furtante da estalagem sem se despedir do dono da casa; busca-se este homem, e o diabo, que já carregou uma tranca, vae deparar com um d'este nome, que foi ministro de um bairro; este nega; convence-se pela negação, cae-lhe a dizima em cima; o contractador o que quer é a dizima; torna o diabo a carregar outra tranca, e este con-

tractador é cunhado de José Luiz da Silva. Que tem J. L. da S. com as dizimas que o cunhado cobra por virtude da arrematação? E que importa ao contractador que o amigo caloteante da estalagem se chame Manuel ou Gonçalo? Mas o ministro diz:—Como é cunhado de J. L. da S., por este foi persuadido que pregasse aquella surra ao ministro. Pergunto, e pergunto como *Enxota*, a quem até os cães importam: quem condemna os réos negativos, quem os senteneia a pagarem por isto a dizima, são os ministros incorruptiveis ou é o contratactador das sizas? Vem cá, homem, ou animal deitado no chão, *humi boi:* porque te queixas do contractador, que cobra a dizima, depois de condemnado o réo meliante, e não te queixas dos ministros que o condemnaram? Não me queixo (diz o boi no chão), não me queixo dos ministros, porque estes não são cunhados de J. L. da S., que me aqueceu deveras, por amor da diligencia da moeda falsa, a que eu não fui; queixo-me do contractador da siza, porque tem parentesco com elle. Logo me não passou pela malha vêr eu tão torta a balança, que o boi no chão pinta no seu folhetote, como todos podem vêr, e admirar o fiel tombado.

Que diabo de vingança era esta do pagamento de uma dizima de sentença de calote, por alguma tigella de feijões comidos n'uma estalagem, que contrabalançasse as enormes perdas, os incalculaveis prejuizos no commercio, e mais que tudo no credito e reputação de um dos contractadores do Tabaco, por cujas mãos passam milhões, infamado publicamente, preso e atormentado, porque se acharam dois bilhetes de meia moeda em sua casa e quatro patacões castelhanos do mesmo jaez? Se ao Erario em pagamentos vae tambem ter papel falso, porque não apparecerá tambem em uma casa de grosso commercio? Segue-se que o Erario faz papel, porque lá apparece algum bilhete? Queriam que J. L. da S. pregasse os patacões no balcão, como se faz no açougue ou na taberna?

Vamos ao que o ministro chama—Triumpho da victoria.—O Duque da Victoria sei eu quem fôra, mas triumpho da victoria nunca cuidei que tão calva parvoice se escrevesse em portuguez, e pela mão e penna de um magistrado biqueiro, porque estava persuadido que um homem que veste uma toga, e põe por cima uma capa, era um homem não só que soubesse fazer o seu nome, mas que conhecesse que de inimigos e contrarios se pode alcançar um triumpho; mas alcançar um triumpho de uma victoria, esta só o antigo Couto ou o moderno togado. Dos senhores bécas alguns provam bem mal! Não se diga que o *Enxota* é injusto e que prolonga o páo, tanto contra um cão cadelleiro como contra um pacifico e modesto. Que coisa mais propria de

um magistrado que fazer bem uma petição, pelas muitas que despa-cham a torto e a direito? Faz este ministro uma petição, para que o douto escrivão Vera Brandão lhe passasse uma certidão da sentença de absolvição da dizima, em que elle ou outro em seu nome fôra condemnado por negar ter comido sem pagar na estalagem de João Manuel, que é a questão de que se trata, limitando-se ao contractador, que pede a dizima seja de quem fôr, e o demandado que a não quer pagar, porque não foi elle o que comera, que fôra outro que tinha o mesmo nome, e se isto não fôra não iriam pedir a dizima a este ministro. N'esta demanda de João Manuel Redogoneiro auctor, e Furtado comedor o réo, não se trata de outra coisa, e pede o ministro ao ministro que o escrivão lhe passe por certidão que o contractador da dizima é cunhado de J. L. da S., e que por isso se lhe pede a elle ministro a dizima, só por lhe fazer uma pirraça!

Querem-nos fazer a todos loucos n'este seculo das luzes? Pois o contractador pede a dizima por ser cunhado de J. L. da Silva, ou pede a dizima por ter sido n'ella condemnado o réo pela sentença do juiz? Pedir um ministro ao ministro que mande ao escrivão que certifique que os contractadores são cunhados ou parentes de J. L. da Silva? Pois o escrivão Vera Brandão é o cura da freguezia, e tambem tem no seu esçriptorio o livro dos assentos dos baptisados e casamentos? Eis aqui uma usurpação do poder do Ex.^mo^ Vigario geral, feita pelo ministro, que manda ao escrivão que passe certidão de obitos, casamentos, baptisados e enterramentos!

Ainda aqui não pára a petição do ministro, porque assim como um abysmo chama por outro abysmo, uma parvoice chama por outra parvoice. O *Pede* da petição é mais destampado que a mesma petição! Já sabemos de que a petição trata: vejamos o seu resumo no *Pede:*

> «P. a V. S.ª seja servido mandar-lhe passar a certidão requerida das respectivas sentenças, com a declaração das competentes custas, e o mais que supplica summariamente e de que faz menção o presente requerimento; bem entendido que a referida moeda papel falso veiu a custar á nação talvez acima de oito milhões. E receberá mercê.»

Pela dizima, ou pelo dizimo d'isto, levou algum dia o Couto muitas grozas de palmatoadas. Se a petição pede a certidão das respectivas sentenças, isto é, do calote da tasca e da condemnação da dizima, diga-me toda a magistratura, e olhem que fallam com o *Enxota*, que

vem aqui fazer este appendice:—«Bem entendido que a referida moeda papel falso veiu a custar á nação talvez acima de oito milhões?—Descobrem-se nas carteiras de J. L. da Silva dois bilhetes de meia moeda falsos, talvez á surrelfa introduzidos pelos seraphins investigantes, e isto custa á nação acima de oito milhões! Isto não é o *triumpho da victoria,* isto chama-se o triumpho da parvoice ou da malicia! Que fecundas duas meias moedas! Pariram oito milhões! Porque não vão para o imperio do Brazil, pois vi outro dia na *Gazeta* que lá sobeja terreno e falta a população! Onde tem chegado a logica do seculo! Condemnam um caloteiro na dizima, quem o condemna é a sentença do juiz; depois da sentença o arrematante das dizimas; este arrematante podia ser outro; succedeu ser cunhado de J. L. da Silva: logo, como em casa de J. L. da S. se acharam dois bilhetes de meia moeda falsos, segue-se que J. L. da S. fabricou no seu laboratorio oito milhões de papel falso; e alcançou o ministro um *triumpho da victoria,* visto o escrivão Vera Brandão ter certificado que um dos dois irmãos Esteves Alves é cunhado de J. L. da S., e que aquelle para desaggravar o cunhado foi pedir uma dizima a quem a não devia pagar, como se o arrematante fosse julgador e não cobrador, ou como se este podesse cobrar antes que a sentença do juiz mandasse pagar! E que culpa tem J. L. da S. do que fez o cunhado, mandado pela sentença condemnatoria do ministro? Este é que devia ser aperreado, e como boi deitado no chão, *humi boi,* porque antes de proferir sua sentença na causa intentada por Manuel João, tasqueiro do mal-cozinhado, se não certificou da identidade da pessoa do réo caloteante, e que queria comer de mofo na taberna.

Ora eu quero ser justo, como um homem revestido do poder executivo, porque cão que a mereça nunca deixou de a levar no lombo; dou e não concedo que J. L. da S. pedisse a seu cunhado Alves Esteves ou Esteves Alves, que vem a ser o mesmo, estando ambos a tomar café, depois de jantar, no caso que jantassem juntos, e lhe dissesse: «Ó Manuel, tu não me farás um favor?»—«O quê?... se estiver na minha mão, conta com elle.»—«Queria que, em logar de ires cobrar a dizima da sentença caloteira ao melcatrefe que logrou o chanfaneiro do Caes da Moita, a fosses pedir ao que foi ministro de Belem, porque tem o mesmo nome; e emquanto a coisa se não acclara fazer-lhe dar quatro cuadas, como elle me fez dar a mim quando me mandou dar busca de moeda falsa, sem elle vir, me prendeu e intentou arruinar-me.»—«Sim, eu vou logo a essa diligencia.»—«Demos este delicto hypothetico em J. L. da S., de que o réo se livrou, mostrando que nunca comera

na estalagem sem pagar, e que se a sentença condemnava um Fulano Furtado, que havia mais Marias na terra, que os Furtados são muitos e os furtantes muito mais; e que a esta deslindação do equivoco de nome elle deu caracter de primeiro *triumpho da victoria* com sua balancinha torta pintada em cima; justifica isto por ventura o deslindado Furtado, e livre do crime de comer de calote, d'aquella serie de crimes attentados, e atrocidades, de que foi convencido pelos tribunaes de uma maneira tão evidente, que talvez não haja d'ella exemplo em toda a historia de processos criminaes e conclusos com o maior escrupulo e observancia das regras de direito?

Isto é uma imputação de tal natureza que á vista d'ella tremeria o mais intrepido dos homens, o Enxota Cães da Sé, Amaro André, se não vira tudo não só demonstrado legalmente pelas decisões e sentenças dos tribunaes, pelas régias determinações, pela existencia dos factos, mas pela publicidade da imprensa, offerecendo-se ao conhecimento do mundo, ao exame até dos maiores inimigos da justiça e da verdade, em um folheto de 105 paginas em 4.º A não ser a clemencia dos augustos Monarchas portuguezes, este homem que deita o *boi no chão*, porque mostra que não comera gratis na taberna, casaria tão ligitimamente com a forca, que não se desatariam estes laços matrimoniaes sem se desatar primeiro a corda, em que bem e seguramente o tivesse pendurado o mestre carrasco.

A defensa que em todos os seus comprovados crimes allega este cordeiro innocente e perseguido, é atribuir tudo á intriga e vingança de um tal J. L. da Silva, que, diz elle, prendera por moede falsa, que vem a ser, acharem-se na mão do dicto J. L. da S. dois bilhetes de meia moeda, que lhe haviam empurrado entre contos e contos, e mais contos de reis em papel, no giro do seu negocio. Assim o diz o auctor do livro de 19 paginas intitulado «*Resultados dignos de toda a admiração e condignos de maior contemplação*» a pagina 10 do mesmo livro, na certidão n.º 2, no segundo *triumpho da victoria*, por estas palavras: «Que todas as imputações e crimes, que se lhe arguiram, e denuncias que se deram em juizo, foram producções de uma intriga e machinação urdida por J. L. da S.»

Este homem que isto diz, começou a mostrar-se criminoso, e a levar alentadissimas tundas dadas pela justiça, desde que começou a apparecer e a figurar na sociedade civil. Quero que J. L. da S. urdisse tudo o que no ministerio de Corregedor elle commeteu de falsidades atrocissimas na funcção de dois bilhetes de meia moeda, e que no anno de 1819 amotinaram Lisboa inteira e seu termo, quero tudo

isso; mas quem poderá dizer que a era de 1800 é a mesma que a de 1819? ha a differença de dezenove annos contados: bem. Em 1800 era o homem do *Boi no chão* (humi bos) vereador na sua terra Alpedrinha, (como eu sou velho no adro do Sé, lembra-me passar muitas vezes para baixo, com muita companhia, e para cima com menor, um carrasco muito habil, chamado o Alpedrinha, porque era natural d'esta notavel villa), e como vereador mais velho serviu de Juiz na ausencia do outro, que seria tal como elle: fez tão escandalosos attentados, e commetteu taes despotismos, que por um accordão, ou resolução do Desembargo do Paço de 27 de Março de 1800, foi, não só reprehendido e suspenso, mas prohibido para sempre de entrar em pauta para outra qualquer funcção da governança=com cinco rubricas dos ministros do Desembargo do Paço, e registado nos livros da Camara da mesma Alpedrinha.

Tambem esta seria intriga e machinação de J. L. da S., que estava em Lisboa, sem advinhar que em Alpedrinha existia um camarento F. Fortunato, que dezenove annos depois veiu desgraçadamente a conhecer, quando lhe metteu em caso Justiniano Joaquim, e Felix Joaquim da Costa, e outros mais, para lhe darem busca, e para o trancafiarem na cadêa? E chama o homem do *Boi no chão* (humi bos) triumpho da victoria a uns rabos de palha d'este comprimento, e que se não podem esconder, pois andam e correm por quantos auditorios ha, promptos a passarem certidões de comprimento e grossura dos referidos rabos, como iremos vendo, porque quem tem telhado de vidro não atira ao do visinho, e é de direito natural e positivo, divino e humano, repellir a força com outra força, e desmascarar o calumniador com as suas mesmas heroicas proezas.

Quer um homem que tinha uma filha, ou para a perder, ou para algum por força casar com ella, que esta filha estivesse prenhe, cousa por certo que não é muito difficultosa, nem são precisas grandes diligencias, segundo affirmam os peritos; para provar judicialmente e conforme o direito esta prenhez perante o magistrado territorial e auctoridade constituida, conforme começaram a dizer ha tempos a esta parte, houve mister que se chamassem duas parteiras examinadas e exprimentalmente vistas n'aquellas danças, as quaes segundo as infalliveis regras da sua arte obstetricia, vejam, observem, palpem, e conheçam com o contacto de suas mãos e instrumentos perfurantes, e naturaes tentas de seus dedos, se ha alguma creatura que se mecha, dentro de outra que tambem se bulla, como consta dos autos que em taes galhofas se costumam fazer, e de que se extráem certidões para

as mãos curiosas e juntadoras de importantes papeis e processos raros. Devem pois ir a casa do ministro a ré, que se julga mais gorda e nutridinha do que devia andar, as duas mestras buscadeiras, e que devem conhecer que não é obstrucção nem hydropesia o objecto em questão, mas creatura viva, que a seu tempo sahirá d'aquelle domicilio. As parteiras examinantes e perscrutantes foram a casa do ministro de Belem, não viram a ré, nem estrotegaram com as mãos o corpo de delicto incluso no ventre da mesma ré, que isso em casa do tal ministro não era preciso, mas seduzidas por elle pae da creança que devia ser reconhecida prenhe, assignaram o auto do exame, sem lh'o lerem; no qual juraram pelos gráos recebidos em sua faculdade, que a mulher estava prenhe; porque o que se queria era infamar a mulher: mas como parteiras de consciencia, estimuladas de remorsos, ou mais depressa do temor do castigo do perjurio, em materia de honra, se foram denunciar, e protestar contra o engano do ministro, declarando que nunca viram a mulher prenhe, nem tal barriga apalparam, e entretanto por um auto de exame não feito ficou a mulher eternamente infamada. Este facto, muito anterior á moeda falsa, e seu achamento por Justiniano Joaquim e seus adjuntos, tambem foi preparado por J. L. da S., para se vingar do ministro, não lhe tendo este feito ainda o catatáo? Facto que, junto aos mais, grangeou ao mesmo ministro a sua suspensão, determinada pelo Governo.

Ora na verdade, o ministro tem razão em dizer na fachada da sua obra, que são factos nunca vistos e observados na historia da magistratura portugueza! — Desde que ha ministros em Portugal, tão respeitaveis em geral pela sua integridade e luzes, ainda não appareceu um com tantas prevaricações, e de tudo é causa J. L. da S., que até á funcção dos dois bilhetes nunca tal burro tinha albardado! O mesmo escrivão se denunciou sobre aquella inaudita falsidade. O réo auctor da celebrada obra da prenhez, tão vulgar e ordinaria, que sem ella acabaria o genero humano, em breves audiencias foi solto, com o seu direito salvo para pedir perdas e damnos, a quem o tinha feito, ou queria fazer, pae por força.

A coisa mais divertida, que eu tenho tido na minha vida d'Enxota, entre milhares de rebaldarias de cães, ou tolos ou matreiros, que eu tenho legitimamente enxotado e escovado, foi a leitura de uma passagem da sentença absolvente, que o ministro transcreve a folha 17, quasi na ultima, da sua grande obra «*Resultados dignos*...»

«Não podem (dizem os ministros que fizeram a sentença)

não podem ser admittidas em direito, nem fazer prova as denuncias que de si mesmo fizeram as parteiras, jurando que nunca viram a mulher prenhe (tendo posto tantas a parir!) e que só assignaram um papel, cuidando que eram alguns preliminares para a abertura do congresso da grande victoria, mas que tal mulher nunca viram, nem sobre ella tinham posto olho, mão, ou dedo.»

As razões em que se fundam os tres togados julgadores são estas, pag. 17 da grande obra:

«Em egual monta se devem ter as denuncias das parteiras, uma vez que se tenha em consideração o pouco que merecem pelo seu sexo, subjeito a suggestões, e interesses de que são susceptiveis.»

Como o sexo da parteira é o mesmo, e do mesmo feitio, pouco mais ou menos, que o das outras mulheres, todas ficam bem servidas pela docta sentença proferida; todas devem ficar em regra de obrigação, porque ainda que todas não sejam parteiras, todas têm o mesmo sexo, parteiras e não parteiras, e os tres magistrados firmam-se no sexo, e não na profissão. Finalmente, não se deve fazer caso em juizo das dictas parteiras, porque têm um sexo subjeito e attreito a suggestões. Muito bem, e eu concordo n'isto com os magistrados. Mas que magistrados são estes, que na mesma pagina, e poucas linhas abaixo, querendo provar que tal mulher prenhe parira (e se não parisse arrebentava!) se referem e allegam por prova incontestavel o testemunho de uma parteira! Eis aqui as suas palavras:

«Dando á luz tres mezes depois uma menina, como testifica a propria parteira, que lhe assistira n'aquella hora!...»

Oh flôr, oh honra das parteiras todas! Parece-me que o teu sexo é de outra natureza, e de outro feitio! A tua palavra honrada é um pé de evangelho! Não ha duvida que a mulher pariu, porque a parteira o diz... Mas, oh gloria e honra da jurisprudencia! Esta mesma parteira, que diz que a mulher pariu, é a mesma, ou uma d'aquellas que fôra ao exame, pag. 17. Ah, senhores desembargadores!... Quando a parteira diz que não vira a mulher no exame, mente: quando o diz

que ella parira, falla verdade!... No parto é forte o sexo, e não está subjeito a suggestões; no exame é fragil, e susceptivel de interesses!

E quem tem culpa de tudo isto? Quem ha de ser? É J. L. da S., porque sendo este caso muito anterior ao achado das duas meias moedas, elle foi o que corrompeu a mesma parteira para fallar verdade. Mente a parteira, quando diz que não vira a mulher prenhe, falla verdade a parteira, quando diz que a mulher pariu; tem sexo, e não tem sexo!! As testemunhas têm crédito para condemnarem J. L. da S., e não têm crédito para condemnar o ministro que o condemnou a elle! Isto é que são *resultados nunca vistos na historia da magistratura portugueza!*

No meu Promptuario de casos raros, que tenho entre os meus manuscriptos, e que deixo aos meus herdeiros, consignei um d'aquelles successos, que eu, envolvido sempre em canzoadas, julgei sempre o mais extraordinario, e que nenhum cão contra outro cão era capaz de fazer, ou inventar. Achou o ministro, auctor da obra maxima dos «*Resultados dignos e condignos*» uns autos velhos, em que se tratava de uma alicantina de um certo José Luiz de Novaes, o qual despachando cincoenta rolos de tabaco para Palermo, porque não era pelerma, deu com elles em Setubal, e com a vista gorda das justiças d'aquella Villa os introduziu pela terra dentro, ou como se diz, pelo sertão da mesma villa. Que achado! (disse o auctor do livro dos *Resultados condignos*). Este tratante dos rolos chama-se José Luiz, o sobrenome não faz ao caso: eu posso empurrar este panal a José Luiz da Silva, porque como são identicos os dois primeiros nomes, metto no escuro o *Novaes* de um, e o *Silva* do outro, e dou cabo do Silva como se fosse o Novaes. Ora aqui nos autos vem o nome de um catraeiro, chamado Manuel Leal, que acarretou os rolos: se elle fosse vivo, campava eu! Mas a diligencia é mãe da boa ventura. Oh Justiniano, vê tu se ahi pela Junqueira, ao pé do Porto-franco, encontras um catraeiro velho, chamado Manuel Leal, ou alguem que o conheça, e traze-mo cá, que é preciso para uma diligencia de serviço. Dicto e feito. Quem escaparia ao tal Justiniano? Foi, achou, falou, e conduziu. Deve advertir-se que o caso dos rolos do Novaes tinha acontecido havia dez annos: o Leal jurou que andara com os rolos de José Luiz, e não dizia *Novaes* porque não sabia que o homem que lhe affretou o bote tinha este sobrenome: e o integerrimo ministro, assim que o Leal dizia *José Luiz* accrescentava elle — *da Silva*. Lembrou-se em casa o Leal, que tinha um recibo de uma divida, que pagara a José Luiz de Novaes, e que a mulher o tinha guardado no seu cartorio, e lhe disse como bom algarvio: «Oh mu-

lher do diabo, tu não guardaste um papel que te dei ha dez annos?» —«Sim, marido, marido de um anjo; aqui está o recibo que dizes; porque se tu és Leal no nome, eu sou-te leal em todos os meus procedimentos, &c.ª—Então é que o Leal cahiu em si, e foi desdizer-se ao ministro, protestando que o José Luiz contra quem jurava não era *Silva*, mas *Novaes*, e que ia barrada toda a embofia em que S. S.ª o mettera, pois tal Silva nunca servira, nem conhecera. Não lhe quiz acceitar esta retractação, chamando-lhe ainda em cima tolo; e por conselho de Antonio Marcelino, seu compadre, e de outras pessoas de probidade da taberna do Mendes, na Junqueira, se foi denunciar á Intendencia, onde pelos documentos que apresentou se lhe tomara sua denuncia.

Ora á vista d'isto, que havemos de dizer, senão qne o auctor dos *Resultados condignos* é um homem que sabe bem aproveitar os cahidos dos outros homens, sem se embaraçar com as bagatellas de nomes, de épocas, de datas, ou de factos? Fez-se um desaforo de empalmação de tabaco por um sujeito chamado José Luiz; pois então não tem duvida, este empalmador de tabaco é José Luiz da Silva. Tudo o que fizeram os Josés Luizes ha de ser feito por força por José Luiz da Silva. Se o armador, que queimou a patriarchal ha mais de cincoenta annos, se chamasse José Luiz, apesar de José Luiz da Silva não ter ainda nascido, ou ser de mama, segundo o auctor dos *Resultados condignos*, por força era este, ou tivesse ou não tivesse nascido, e para o meritissimo corregedor um *triumpho da victoria*, e para o mundo um *boi no chão* (humi bos).

Desde que tenho o páo d'Enxota n'estas mãos limpas e imparciaes, semeando arrochadas nos cães á direita e á esquerda, sem me escapar goso por manhoso e surrateiro que fosse, tendo-se-me feito os cabellos brancos n'esta honrada profissão, ainda ao meu conhecimento não veiu caso semelhante a este, por isso o deixo consignado em meus escriptos para que a mais remota posteridade conheça em que mãos tem sido por muitas vezes depositado o pandeiro da governança bairral. Pelo unico titulo da obra de 19 paginas escassas e incompletas, se conhecerá o subido ponto a que chegara entre nós a insipiencia e a ignorancia; e depois d'isto os limitados conhecimentos de um homem, que fez os *Burros*, que mettendo tantos na estribaria, lhe escapou este, por certo o mais alto da agulha que entre as mesmas raças de Alter tem apparecido!!

*

* *

Eu, André Calado, fallo, e declaro que apesar de apertar as mãos na cabeça quando li este manuscripto de meu tio, por me parecer impossivel que taes cousas tivessem acontecido em Portugal, comtudo, duas rasões fortissimas me obrigaram a publical-o: a 1.ª é o conhecimento practico, que tive sempre, e ainda tenho, da verdade e inteireza de meu tio, cujo caracter era tão direito como o páo que empunhava, e com que cumpria as obrigações do seu officio, não dizendo nem escrevendo nunca cousa que assim não fosse, nem zurzindo viva alma que o não merecesse: — e a 2.ª vêr eu com os meus olhos impressas agora, e com todas as faculdades e licenças necessarias, tanto as acções do ministro, legalisadas até perante Tribunaes supremos, como impresso e publico o livro de dezenove paginas, intitulado «*Resultados dignos e resultados condignos.*» Meu tio não se mettia em calças pardas, e camisas de onze varas, se não podesse com documentos impressos com licença tapar a bocca a alguns curiosos, que, ou por amor ao tal ministro, seja quem fôr, ou por odio ao Enxota, pois lh'o têm sediço, se atrevessem a grazinar sobre a veracidade e evidencia dos factos tão solemnemente comprovdos.

Se o auctor do livro «*Resultados*» não apparecesse com elles, ninguem se resolveria a renovar memorias passadas; e ha certa cousa que é peor mecher-lhe. Mas quem ha tão de ferro, que vendo por cima dos balcões dos livreiros, que vendem livros postos em pilha os exemplares do livro «*Os Resultados dignos e condignos*» se contenha, e não queira vêr uma balança gravada em páo, com o fiel torto, com o boi no chão, e por timbre 1.º — 2.º — e 3.º triumpho da victoria, e um homem impavido ferido com as ruinas do universo, e no fim um vereador da Camara do Senado (sendo até agora o Senado da Camara, talvez esforço do seculo das luzes, que alterou não só as palavras, mas as idéas) um homem que chama aos outros homens — meus inimigos antagonistas — e querendo mostrar seus crimes, lhes chama *tenacissimos, execrandos:* um homem que chama ás auctoridades *incorruptivas*, não sabendo que havia incorruptiveis!

Que muito, se para emenda dos outros, se diga alguma cousa d'este, sem transgredir os limites da caridade christã, e os da cortezã, civilidade? Escrever assim e imprimir, é assentar em sua consciencia, que todos os homens são uns pedaços d'asnos.

Está cumprida a prophecia de meu tio Enxota, que com as lagrimas nos olhos, e a voz intercadente me disse poucos dias antes de espichar: «André, isto está acabado! aqui andaram correndo ha tempos uns sete quartos de papel chamados 1.ª, 2.ª, 3.ª &c.ª *Falla aos Portuguezes,* e eram producções de uma toga conselheira: toma sentido, André; algumas pessoas dizem que eu fallo com o diabo á meia noite; não importa: toma sentido, André: estas sete palavras, ou fallinhas, eram o estertor do enfermo — Lettras —: outra toga conselheira apparecerá com um escripto, que será o ultimo bocejo do enfermo — Lettras —; depois d'isto ninguem mais escreverá; começará então a espalhar-se uma sombra espessa de pasmaceira; que entre ella girará como um cometa de rabo por este escuro espaço, a *Gazeta:* só ella formará uma summa de todas as sciencias, será um novo Pedro Lombardo, Mestre das Sentenças: as suas variedades, os seus casamentos por loteria rifadeira, as suas noticias reconditas da Arabia, do Thibet, de Calcuta, e de Tonkim; o seu cadastro de Travancor, com as minas do monte Oral, é o que basta: á vista d'isto todos os conhecimentos humanos são cousa nenhuma, e com isto mostrarão os portuguezes de ambos os hemispherios quanto tenham aproveitado com as luzes do seculo.»

Se isto não é ser propheta, então digam que o foi Gonçalo Annes Bandarra. El Rei D. Sebastião ainda não veiu, e a parvoice já cá está.

PARECER

DADO ÁCERCA DA SITUAÇÃO E ESTADO DE PORTUGAL

DEPOIS DA SAHIDA DE SUA ALTEZA REAL

E

INVASÃO QUE N'ESTE REINO FIZERAM AS TROPAS FRANCEZAS

O homem de bem, e amante da sua patria, não deve ser infiel á sua mesma consciencia, nem dissimular seus sentimentos, até n'aquelle momento em que vir sobre seu pescosso pendente o ferro da tyrannia. A verdade ousa apparecer e annunciar-se até na presença de oppressores; e como se me pede o meu parecer sobre o estado d'este reino, e consequencias da sua usurpação, eu o darei com aquella ingenuidade e liberdade, que teria se fallasse no meio de uma republica, e opinasse sentado entre os livres membros do parlamento de Inglaterra. O primeiro resultado da inconsiderada paz de Tilsit foi a invasão de Hespanha e Portugal; n'este tratado se começou a divisar o plano de Bonaparte sobre a monarchia universal. O orgulho e ambição que o deslumbra, nunca lhe fez desconhecer a desporporção dos meios que toma com o irrealisado fim do abatimento de Inglaterra pela sua exclusão do continente. Bonaparte é homem de muita malicia, mas de nenhum estudo, e de limitados talentos. É certo que se affiança sobre os effeitos de suas primeiras missões, porque perpara um punhado de malvados, no meio de uma nação. Não se lembra que roubando e cativando os monarchas indispõe os povos.

O Principe de Portugal podia mallograr os seus ardis até depois de ter dentro da capital um exercito de mendigos salteadores. Evadiu-se ao seu refalsado furor, e Bonaparte com este furor abateu e quasi arruinou o mesmo reino, a que chama conquista e possessão sua.

Deixou de ser reino, e quem poderá resolver o problema; quando e como o poderá ainda ser? Desde a sua fundação até á morte do decimo sexto monarcha, se manteve, se dilatou, e se enriqueceu tanto, que de nenhum outro depois da queda do Imperio romano se podem contar tantos prodigios, valor, espirito patriotico, politica, litteratura, rasgos heroicos, tentativas arduas e felizmente acabadas, o fizeram para sempre memoravel. O maior dos seus monarchas, D. João 1.° conheceu o genio da nação que o firmou no throno, viu que era preciso dilatar-se, estender-se, e conquistar. Foi o primeiro soberano que deixou por um momento o throno para se entregar ao Oceano, e ser conquistador; levou de um golpe Ceuta; eis aberto o passo para a gloria de Portugal, que chegou depois a não caber no globo. O commercio do Oriente, feito por algumas potencias maritimas do Mediterraneo, as enriquecia. Portugal busca pela conquista de Africa a do Oriente. Era preciso constancia, paciencia, e valor. Nos reinados de Duarte, Affonso 5.°, João 2.°, e Manuel, tudo se tentou, e tudo se conseguiu, e nos ultimos annos de João 3.°, Portugal na carta geographica do globo occupava maior espaço que tinham occupado os antigos Romanos, e que talvez não chegue a occupar nenhum imperio no mundo. São ingenuos os seus historiadores; porém, se quizermos dizer que não são acreditaveis, porque são parciaes, Laffitau e Raynal dão claro testemunho a esta verdade, e fica a toda a sua luz pelo estudo da geographia antiga e moderna. Ás possessões da Berberia se ajuntaram todas as costas occidentaes de Africa desde Cabo Verde, Serra Leôa, Castello da Mina até ao Cabo da Boa-Esperança; toda a costa oriental de Africa até ao Cabo de Guardafu, as boccas do Erythrêo, e Persico, com a ilha de Ormuz, toda a enseada de Cambaya até Diu; toda a Costa do Malabar até ao Cabo Comorim, a ilha de Ceilão e costa de Coromandel, e desde Meliapor até Malaca, tudo conheceu o septro portuguez, e correu victorioso até Bengala, e peninsula de Macau; estabeleceu o commercio do Japão, quasi todas as ilhas d'aquelle imenso archipelago, possuiu Timor, Tidore, e Ternat, não tinha mais que vêr, e que conquistar na Asia. Dilatou-se na America, parte do globo despresada em o começo, e onde pode agora lançar os alicerces ao mais florento, formidavel, e poderoso imperio do mundo. Desde o rio das Amazonas até ao da Prata tem mil e quatrocentas legoas de costa; e desde a costa até ás cordilheiras ou Andes, pelo menos mil e duzentas; o interior é incognito, mas será ainda povoado, pela fatal, forçada emigração da Europa.

N'este esplendor se conservou até á morte de Sebastião. O dominio estranho de Castella, a politica soberba de Filippe Prudente, a con-

ducta de seu filho e neto, a teima de fazer Hollanda uma republica poderosa, a força de quarenta annos de guerra, abalaram o grande collosso da monarchia portugueza, que restabelecendo-se depois não ficou em toda a sua integridade; porém, um portuguez digno de eterna memoria, e o maior homem da nação, dentro dos limites de Portugal, quasi o restituiu[1] ao antigo esplendor, magnificencia, e representação, com planos vastissimos, e destramente executados, com politica profunda, com constancia heroica, e com verdadeiro amor da patria, á qual se votou de um modo que honrará sempre a humanidade; e por isto nunca Portugal se pode com justiça chamar uma potencia secundaria na Europa. A necessidade, as relações, o commum interesse o ligou sempre intimamente á Inglaterra; e se esta só pela sua illuminada legislação se soube fazer em tudo superior a Portugal, deve-lhe a sua mesma grandeza, parte de seus thesouros, e a vasta extensão e opulencia do seu commercio.

Um só dia acabou a obra de muitos seculos, e Portugal retrogrado não poderá por tempos offerecer mais que o espectaculo que offereceu desde Sancho 1.° até Affonso 4.°[2] Cem leguas de extensão desde a barra de Caminha até ao Cabo de S. Vicente; pouco mais de trinta leguas de largura, eis aqui a que está reduzido o que se chamou vasto imperio Lusitano. Seis pequenas provincias, que não sustentam seus habitantes, pouca cultura, nenhum commercio externo, as artes extinctas com a opulencia e o luxo, não farão vêr mais que a scena da penuria, e da miseria. Não tem exercito, não tem fabricas, falta em que empregue a industria, e n'este estado é impossivel a repentina passagem para a primitiva frugalidade, ou pobresa. Eis aqui o que foi, e o que Portugal agora é.[3] O maior erro politico, que até agora se tem commettido no mundo foi reduzil-o a este estado; e este erro nunca

---

[1] O Marquez de Pombal.

[2] Esta proposição é verdadeira nas circumstancias em que os Francezes pozeram o reino, descarregando taes golpes nas suas bazes, que a esperança do seu restabelecimento seria illusoria. Não se previa a insurreição em Hespanha, n'este facto prende o encadeamento das causas que concorrem para a nossa liberdade. Do estado da Hespanha pendeu a resolução dos Portuguezes, e da resolução dos Portuguezes o desembarque dos Inglezes.

[3] Este papel foi feito no dia um que se cumpriram seis mezes da invasão franceza. Agora se conhece que nenhum plano politico obrigou os Francezes a invadir o reino, elles então reduzidos á necessidade de roubar, e vieram unicamente roubar. Roube-se, ainda que se se arruine uma nação: este é o grande principio ou base de todas as operações do grande covil de salteadores, ou gabinete das Tulherias; todas as nações primeiro se queixam de roubadas, que de perdidas.

se poderá remediar, porque já a Inglaterra não deve, nem pode atalhar a sua grandeza, o seu dominio, e a preponderancia que vae a ter, e terá sempre no mundo.

Este erro politico abrange toda a Europa, e esta vae a sentir terriveis effeitos da queda, ou ruina de Portugal; a sua conservação, integridade, e independencia convinham a todas as nações; e era do interesse commum a continuação da monarchia portugueza no estado em que existia antes da sua destruição; esta destruição enfraquece as potencias do continente, e só engrosa infinitamente o poder, a opulencia, e a soberania de Inglaterra:[1] remove para sempre a época de uma paz solida, vantajosa, e permanente, e reduz á extrema desgraça os miseros portuguzes europeus. Estas proposições não entraram nunca nos calculos dos mais profundos politicos. Se a Inglaterra ha muito tinha intentado para utilidade sua fazer por politica o que agora um impeto inconsiderado, ou o que é mais verdade, um plano abortado lhe foi metter nas mãos muito á medida do seu desejo, podendo até esta época desvanecer a esperança de o conseguir. A lisongeira pintura do discurso do immortal Pitt em 1800, não offerece mais que uma especulação brilhante, que deslumbra por um momento, porque conhecia este politico que realisando-se alcançaria a Inglaterra a maior e mais vantajosa de todas as victorias, e augmentava a somma dos seus interesses até ao infinito. É formoso um quadro de uma nova Lisboa no interior do Brasil, de novas conquistas, novas leis, novo commercio, este projecto sahiu primeiro da cabeça do maior politico de Portugal, Antonio Vieira;[2] mas nunca se realisaria, se a supposta e até agora

---

[1] Todas as tentativas do ministerio francez contra a Inglaterra tem sido em favor d'esta, e prejuizo d'aquelle. Querem dar um golpe no commercio da Asia tomando o Egypto, perdem uma expedição que custou oitenta milhões de cruzados, uma esquadra, um exercito. Querem a ilha de Malta para fazer damno aos Inglezes; perdem Malta, e fica nas mãos dos Inglezes. Querem o Cabo, arruinam os Hollandezes, e fica o Cabo nas mãos dos Inglezes. Preparam esquadra em Copenhague para attacar os Inglezes, perdem Copenhague, e a esquadra passa para poder dos Inglezes. Querem excluir os Inglezes de Portugal, dão-lhe a entrada no Brasil, perdem o exercito de Portugal, e existem em Portugal e na America os Inglezes. Pretendem assenhorear-se da Hespanha para excluirem os Inglezes do continente, perdem a Hespanha, e a esquadra de Cadiz, e penetram os Inglezes o interior da Hespanha. Trata-se de paz, e Bonaparte mostra-se ao mundo um aggregado de fraqueza, e de ignorancia.

[2] Alexandre de Gusmão o lembrou de novo a El-Rei D. João 5.º; ambos se enganavam. Para equilibrio da Europa e prosperidade d'este reino convem que o throno se não transfira jámais. Portugal e a Europa decahirão no momento em que o Brasil deixar de ser uma colonia.

não vista força o não obrigasse; e o para sempre dia memoravel 30 de Novembro de 1807 deu nova face ao mundo. Desenvolvamos estas grandes proposições, e possa a Europa conhecer-se no quadro fiel que lhe vou apresentar no parecer que me pedem.

1.ª PROPOSIÇÃO

A forçada emigração do Principe Regente deixou o Portugal europeu em estado de não poder ser reino independente, nem continuando a guerra, nem depois de feita a paz.

Demonstra-se:

Portugal era uma potencia maritima e mercantil, e só começou a sentir vantagem depois da descoberta de ambas as Indias; a sua posição local só o forçou a ser uma potencia guerreira com um reino limitrophe, cioso sempre da sua prosperidade, e nunca esquecido das suas antigas pretenções; mas a politica, os tratados, as allianças, tinham de todo supprimido o rancor, e feito esquecer as duas épocas de uma liberdade e independencia felizmente conseguidas; e n'este estado devia Portugal dar-se todo ao commercio, utilisando as suas vastas possessões com o verdadeiro caminho da sua felicidade. Portugal conhecia o que tinha dentro em si. A pezar de todas as especulações sobre a agricultura, todas as leis, todas as providencias dadas pela economia politica, nunca pode haver trigo sufficiente para o consumo annual da sua população: eis aqui um genero indispensavel, que lhe era preciso haver de paiz extranho, e este genero era comprado, ou era havido pelo metal representativo do seu valor. Depois d'este genero de primeira necessidade, seguem-se os outros de que carecia, e que o costume convertido em natureza tinha feito indispensaveis, e até os do luxo, cousa necessaria em as monarchias, apesar das declamações de moralistas melancholicos. Isto era o que Portugal não tinha; mas nas vastissimas possessões ultramarinas, as mais ricas do globo, tinha tudo, tudo aquillo de que as nações européas necessitavam, e as suas transacções mercantis faziam passar pela praça de Lisboa trezentos milhões de cruzados annuaes. Só Londres lhe excedia. Um governo, em apparencia frouxo, mas profundamente sabio e politico, tinha convertido com apparente condescendencia, Lisboa em um porto franquissimo: a informação dos tratados de commercio com a Inglaterra, que parecia impune, e não procedia de frouxidão, era o meio de tornar o com-

mercio mais florecente, e de enriquecer sem risco a praça de Lisboa (tenha esta asserção dureza no commercio, deve-se attender mais para a pratica, que para as occas theorias). Acima de quatrocentos navios andavam na carreira do Brasil, as fazendas exportadas d'aquelle vasto paiz, em tanta abundancia como diversidade, eram em parte compradas em Lisboa pelas nações da Europa, e em parte depois de estabelecido o commercio directo como Norte, conduzidas aos seus portos, por especuladores portuguezes. Esta abundancia dos generos coloniaes, e a riqueza inexhaurivel do numerario, que nunca cessaram de dar as minas do Brasil, attrahiram a Portugal todas as nações, e affluiram todos os objectos de necessidade, ou de luxo. Sabe-se (nem é do meu instituto mostrar) o que n'este reino importava a Russia, a Suecia, a Dinamarca, a Hollanda, as Cidades livres, a França, as mesmas potencias Berberescas, e sobretudo a Inglaterra, ou para o consumo d'este reino, ou para se transferir ao Brasil, fechado com a mais constante severidade a todas as nações européas, para fazer a opulencia de Portugal, ficava o bem que agora não possue, nem possuirá jamais. O reino ficou reduzido pela emigração do Principe aos seus primitivos limites depois da ultima expulsão dos Mouros do Algarve no reinado de Affonso 3.º, e ficando com o mesmo territorio, não tem os mesmos costumes, as mesmas necessidades, o mesmo caracter, as mesmas paixões, o mesmo espirito que então tinha! não pode por isto ser a mesma monarchia que então foi.

Existe em guerra, não tem exercito, nem organisando-o o pode manter, vestir, e pagar; não tem metaes, e despojado do numerario que existia em circulação por uma exorbitantissima contribuição, nem tem dentro em si, nem tem com que haver de fóra pelas transacções mercantis com que possa refazer esta immensa e irreparavel perda: e não só não pode já adquirir a abundancia, mas nem ao menos satisfazer a necessidade. A classe a mais opulenta, e a mais essencial, que era a do commercio, está constituida ás portas da mendicidade; os fundos que ainda possuia dentro do paiz, estão exhauridos pelo pezo das exacções, e pelo progressivo consumo: os fundos que tinha nas colonias estão para sempre alienados, ou passe, ou não passe o reino a mãos estranhas. Os proprietarios dos navios não os verão cruzar a barra de Lisboa. Como cessou a abundancia, e a riqueza do commercio, ficou e estará sempre paralisada a classe dos artistas mechanicos; acabaram todos os objectos de luxo, e existe mais de um milhão de braços ociosos, innumeraveis familias reduzidas á extrema penuria; a população decrescerá, e diminuirá diariamente, e por isto o ultimo re-

curso da necessidade, que é a agricultura, que se diz agora a base da grandesa das monarchias, para dar um ár de justiça ao desasisado projecto de abater uma potencia[1] pela ruina de todas as outras, irá em diminuição. A emigração, apesar de se tomarem as medidas mais violentas para a vedar, augmentar-se-ha todos os dias, e ficará o reino despedido de uma terceira parte dos seus habitantes; e faltando o commercio externo e interno, é chimera querer fazer do simples Portugal uma monarchia independente no estado de guerra. As rendas publicas, e do estado, ou se extinguirão de todo, ou se reduzirão a uma tão pequena somma, que não bastarão a manter uma sombra da magestade e do decoro de um monarcha; e consumidos que sejam por uma vez na terra aquelles generos que o paiz em si não tem, e que vedado o mar lhe é preciso atrahir de fóra com despezas incalculaveis, ficam para sempre estancados todos os recursos de haver mais (salvo se os homens se quizerem reduzir juntamente com os monarchas áquelle estado de intoleravel frugalidade em que Portugal existiu nos seus dois primeiros seculos). Se na especulação isto parece realisavel, na pratica é impossivel. E que poderá representar no quadro da Europa um monarcha de mendigos, não por vicio, mas por necessidade? É pois irrealisavel a soberania, e até mesmo a conservação de Portugal no estado da guerra maritima, que uma potencia invencivel n'este elemento faz a toda a Europa, e um anno de tão teimoso bloqueio reduzirá os povos europeus á mesma condição de Portugal.

Poderia o reino manter o commercio continental com as potencias confinantes? Não poderá existir este commercio, ou a Hespanha fique com as suas colonias, ou as perca. Se fica, não tem que tirar de Portugal, ainda que Portugal podesse haver algumas producções do Ultramar; se não fica não pode trazer a Portugal os generos territoriaes, em primeiro logar porque lhe não sobram; em segundo logar porque tem tudo dentro em si quanto Portugal lhe podia dar em commutação. Mas feita a paz maritima, e accelerando esta época, poderá Portugal ter um monarcha, ser independente e subsistir?

---

[1] Este é o especioso, o grande pretexto com que Bonaparte pertende curar todas as suas tentativas. Diz que quer abater a Inglaterra, e obrigal-a no abatimento a fazer a paz. Elle sabe que a Inglaterra, bem desenganada como está, nunca lhe acceitaria proposição alguma. Elle suppõe que os povos desejam subtrahir-se á influencia ingleza, e a pezar dos protestos dos povos, lhe vae introduzindo exercitos, que ninguem lhe pede. Roube-se tudo, e seja a minha familia de reis; eis aqui a influencia d'Inglaterra de que elle quer livrar o mundo!

2.ª PROPOSIÇÃO

No estado da paz, Portugal desmembrado do Brasil não pode ser uma monarchia.

Concedendo por um instante só, que a Inglaterra por algum incidente accedia á paz continental, e que por base d'esta paz concordava na desmembração de Portugal, que o mesmo Principe do Brasil assentia á perda do seu incontestavel direito á posse d'este reino, e que n'elle reconhecia uma potencia estranha e independente; com todos estes impossiveis realisados não mudava a condição presente de Portugal, nem sahia do abatimento de miseria, e de infelicidade a quem um só dia o reduziu. Eu ainda concedo mais um impossivel, que é o livre accesso, e commercio aos povos do Brasil. N'estas falsissimas supposições, que possue Portugal que transfira ao Brasil, porque possa haver o seu ouro, e as suas producções? Sal, e vinho, e algum azeite; o primeiro genero o pode haver no Brasil, e se até agora se não permittiu, assim o pedia o interesse do estado. O segundo não é de extrema necessidade n'aquelle clima; o povo, e classe infima lhe substitue a aguardente; para as classes superiores, das ilhas, e do Cabo se lhe subministrará em abundancia. O terceiro genero é muito incerto em Portugal; tirando o necessario para o consumo interno, pouco sobeja, e ainda subejando muito, que pode avultar, para com elle extrahir do Brasil todos aquelles generos, e em tanta copia que possam reproduzir, ou fazer ver um pequeno e passageiro vislumbre do antigo esplendor? Trazer do Brasil, da India as drogas com que commerciar com as outras nações, eis aqui o que nunca consentirá a Inglaterra, nem pode consentir. Ainda que em Portugal se desenvolva, se promova, e se dilate a industria franceza, e chegem aqui á ultima perfeição as manufacturas, os tecidos de algodão, de lã, e de seda, o estabelecimento de fabricas em o Brasil, que o novo monarcha deve de necessidade estabelecer, e aperfeiçoar, as colonias de artistas inglezes, que todos os dias crescerão a olho n'aquelle immenso paiz; a introdução infinita das mesmas manufacturas inglezas a um preço commodo, porque os inglezes, como é constante, sabem perder a tempo, a alluvião dos generos da Asia que os mesmos inglezes vasarão no Brasil, tudo isto dará desde logo golpes decisivos e mortaes n'este imaginado commercio de Por-

tugal independente. Se para Portugal como potencia independente no estado da paz, se abrirem os postos do Brasil, porque se não abrirão tambempara as outras nações européas? e estabelecendo com ellas um commercio directo, que poderá figurar no meio d'ellas este retalho de terra, pobre, desprovida, e até aqui pouco industriosa, porque até aqui foi excessivamente rica? Ainda com estes dados nada poderá ser Portugal, que devemos olhar desde já extincto como monarchia, e como nação. Depois d'isto, quem não vê que depressa se despovoará este reino no meio de uma paz constante, e que ficará reduzido, ou a uma charneca continua, ou a admittir colonias francezas para conservar a sua população? Os interesses de familia, a adhesão ao Principe, aos costumes, ás leis, aos usos, á liberdade nobre, que têm todos os portuguezes, as mesmas preoccupações que conservará sempre pelos fóros, pela nobreza, pela côrte; o invariavel respeito e amor, que conserva á religião; a aversão ao trabalho, que é do caracter nacional, a penuria domestica, a exclusão dos empregos publicos que ha seis mezes completos hoje experimenta, a extincção necessaria que deve haver em repartições do exercicio de justiça e fazenda, a certeza de um estabelecimento commodo em um novo imperio que se vae a crear, obrigará a uma total emigração de todas as classes. Ficará por isto para este infeliz reino tão prejudicial a guerra como a paz, tornando-se impossivel a conservação de uma monarchia independente, salva sempre a mania de reduzir os homens ao primitivo estado do Pacto social.

3.ª PROPOSIÇÃO

Portugal, assim como as outras nações civilisadas da Europa, não póde ser reduzido ao estado primitivo.

A emigração precipitada do Principe isolou a Europa, acendeu mais o facho horrivel da gerra, e removeu indefinidamente a época da paz, influiu em todas as constituições dos povos. Vemos rompidos de todo os vinculos que nos uniam ao novo mundo, e que faziam communs os bens de ambos os hemispherios. O uso converteu em necessidade inevitavel as producções da America, só privativas a este paiz, que produzidas em tanta copia só podem bastar ao consumo das nacções européas. As riquezas d'alli vindas estabeleceram e arraigaram o luxo, e deram outro caracter aos costumes, e houve mistér progressões

lentas e infinitas para chegar a este estado. Depois que se dissipou a segunda barbaridade da Europa com o estabelecimento das artes e cultura das sciencias, começou a mesma Europa a gastar algumas drogas orientaes, vindas a Aleppo e Alexandria pelo isthmo de Suez, e conduzidas pelos Venezianos, Pisanos, e Genovezes, derramou-se este gosto por todas as nações, porque tambem vinha com elle a opulencia. Despertaram a actividade dos Portuguezes, franquearam pelo mar a passagem para a India, e esta espantosa descoberta alvoroçou e mudou a face da Europa, estimou-se o que era regalo, amolleceram-se os costumes com o luxo asiatico, e a Europa quiz comer, quiz trajar com a mesma pompa, e tudo conseguiu de sorte que em 1550 ja não era a mesma Europa de 1497. Assim progressiva e gradualmente chegou a dar o espectaculo que deu a França sob Luiz 14.º, Portugal sob José 1.º, e as outras nações no estado em que as vimos. A impulsão que as conduziu a este ponto foi muito vagarosa, e que impulsão bastará para as reduzir ao estado de que ha tantos annos (seculos digo) saíram, e que é para ellas estranho, repugnante, intoleravel? A momentanea e repentina? Eis aqui um sonho politico, e que não se metteu ainda em cabeça ao mais esturrado publicista. Suspirou por este estado, e até pelo insocial o atrabiliario João Jacques, e esta chimera ficou nos seus incendiarios escriptos[1] e como pode esta chimera realisar-se agora por um capricho tomado por vingança?[2] Para excluir os Inglezes de todos os portos do continente poderão todos os povos renunciar a todas as commodidades, prazeres, riquezas, commercio, artes liberaes e fabrís, luxo, e reduzir-se á simples agricultura para o simples necessario, e farão isto em um só momento, sem violencia, sem o sentimento das privações, e do estado de polidez passarão ao de semibarbaros, com a mesma pressa com que se muda no theatro a vista de um palacio na

---

[1] João Jacques é o mais contradictorio de todos os homens. Suspira pelo estado insocial, e escreve o *Contracto Social;* grita com vehemencia contra os romances, e escreve uma novella voluptuosa: grita contra os theatros, e escreve comedias. Deita os filhos na roda, e escreve o *Emilio.* Levanta-se contra a musica, e vive de a trasladar. Suspira pelos bosques, e não ha forças que o arranquem de Paris. Declara guerra aos grandes por toda a parte, e morre em casa de um marquez. E é este o idolo dos regeneradores do globo!

[2] Os Francezes, que annunciavam e assoalhavam com todo a emphase da impostura esta pretendida frugalidade pela extincção do commercio, e abandono das colonias, se mostraram em Portugal insaciaveis de luxo, e de delicias asiaticas! miseraveis, que sempre andaram descalsos por pobresa, não se fartaram de carruagens, comiam pelas ruas assucar aos punhados, adoravam o café, e até quereriam coser o ouro na propria pelle. Os Francezes não são moralistas, nem politicos; são ladrões.

vista de uma choupana? Viverá por ventura contente a Russia, reduzida a pastar com os ursos da Livonia e da Siberia, e deixará ou poderá deixar a navegação, o commercio, olhará com indifferença, e até com despreso para os seus teares, para as suas cordoarias, e um milhão de artistas opulentos retirar-se-hão para a Ukrania e Polonia a cultivar a terra para só comerem, e não venderem? A mesma França poder-se-ha dividir em duas partes, mandará os velhos para a lavoura, os mancebos para a milicia, ir-se-ha despovoado quanto se fôr derramando em vasta conquista, onde lhe é forçoso mantêr exercitos sempre renovados? E persuadir-se-ha que acha sempre recursos constantes fóra do commercio, da navegação, e das artes de luxo, de que foi sempre um inexhaurivel manancial, e com que soube conservar-se na opulencia, no fausto e na gloria, sem lagrimas e sem sustos? Poderá a Italia passar do seculo dos bailarinos, gorgeadores, e jardineiros, repentinamente para o seculo dos Fabricios, Emilios, Cincinnatos, e Serranos? Deixará as poucas sêdas que tece para pegar no arado? Mas esta passagem, ainda que violenta, não será duravel; abatida que seja a Inglaterra pela exclusão das suas manufacturas, syncope do seu commercio, as nações tornarão ao seu antigo estado, recobrarão o perdido esplendor, e então deixada a agromania serão ricos pelo commercio.[1]

4.ª PROPOSIÇÃO

Com a guerra feita ao commercio não se abate a Inglaterra; os seus recursos se estenderão até ao infinito pela emigração do Principe de Portugal.

Todos os principios que estabelece a França para o abatimento da Inglaterra, produzem consequencias oppostos e contrarias á mesma França. Creio que ha para as cabeças calculantes entestadas com o estranho Systema continental uma molestia epidemica, que é o delirio.

---

[1] A teima mais conhecida de Bonaparte é tirar aos Inglezes o senhorio dos mares; constituamol-o por um momento nas mãos dos Francezes, eis aqui a Europa mais desgraçada. Com o mesmo descaramento com que Bonaparte se diz o despota do continente, se diria e se faria o despota dos mares. Concedam-lhe no mar as mesmas forças dos Inglezes, qual seria o povo que não ficasse escravo do maior tyranno que viu o mundo? Para ter tanto imperio como Cesar, é preciso ter os talentos de Cesar.

Não só parecem desprovidas de conhecimentos commerciaes, mas até mostram que não têm a idea que exita a palavra — Commercio—. Quando se faz guerra ao commercio de uma nação como a Ingleza, faz-se ao de todas as outras nações. Só ha uma nação no globo, cujo commercio se arruinaria sem que as outra soffressem, que é a China, porque nada recebe das mãos extranhas mais que o anfião, que paga aos Inglezes de Bengala. Para mais nada sahiu ainda dinheiro da China. Se os Inglezes fizessem só o commercio da importação, fechado tudo nada lhe restava, mas talvez que a exportação exceda a importação. Por um mappa estatistico do anno de 1807 entraram nos portos da Russia nos dois mezes de Junho e Julho mil e duzentos navios inglezes em lastro, para exportarem; este anno de 1808 nenhum entrará, salvo as formidaveis esquadras, que nenhum poder destróe. Não nos apartemos d'este paiz: estão fechados os seus portos ás manufacturas inglezas, e não está estagnado o commercio da Russia: primò, porque os Inglezes não exportam; secundò, porque os Inglezes não deixam exportar as outras nações. Se a Russia tem em si recursos internos que a façam subsistir sem luxo, e pode soffrer as privações dos generos coloniaes, e permanecer particularmente ociosa, se pode dar nova destinação aos seus artistas, e deixar estacionarias as suas fabricas, quem disse aos calculadores que falharão aos Inglezes os mesmos recursos, e a mesma tolerancia nas privações, e nova destinação que dar aos seus fabricantes? Quem disse que esta supposta estagnação do seu commercio com os povos europeus acabará na Inglaterra o espirito patriotico, e desunirá o povo, estancará os thesouros do mundo de que é senhora, e a obrigará a anniquilar a sua marinha, e com ella perder o senhorio dos mares, e a pedir ou acceitar as vergonhosas condições de uma paz precaria, que seria em todos os casos mais funesta e prejudicial para a Grã-Bretanha que a guerra de muitos seculos? Eis aqui o que é impossivel realisar-se; e querer intentar a ruina d'esta nação por um golpe parcial dado no seu commercio é um rematado delirio, é uma ignorancia crassissima dos immensos recursos da Iglaterra. A violenta emigração do Principe de Portugal forneceu á Grã-Bretanha meios efficacissimos de eternisar a guerra, de engrossar o poder, de dilatar o commercio, de amontoar thesouros, e de se construir soberana absoluta no imperio dos mares. Accrescentou-se ao seu dominio uma porção da America maior que a Europa desde o Volga até ao Mediterraneo, desde o Cabo de Finisterra até ao Bosphoro da Thracia. É verdade que não tem população proporcionada á sua extensão por agora, mas virá tempo em que a maior parte da Europa vá povoar o

Brasil[1] a emigração é indispensavel, e talvez que não esteja muito remota a epoca em que toda a immensa porção do globo, que corre desde o isthmo de Panamá até á ponta da terra dos Pátagões, ou do Fogo, banhada pelos dois Oceanos, Pacifico e Atlantico, não reconheça mais que um senhor, e que este, o maior dos imperios, seja uma verdadeira e vigorosa colonia ingleza. Cortar-se-iam estas vantagens á Inglaterra, se á pancada de uma vara magica apparecessem repentinamente em todos os mares forças navaes superiores ás suas, que se podessem apossar com a rapidez do raio de todos os pontos essenciaes que ella occupa. Era preciso que voasse aos áres feito em pedaços o fatal propugnaculo de Gibraltar, escôlho onde se quebram as impotentes furias de uma nação rival: era preciso que se lhe arrancasse das mãos a ilha de Malta, o dominio indirecto da Sicilia, que perdesse o Cabo da Boa-Esperança, a ilha de Ormuz, a de Ceilão, o passo do Sunda, as torres e os baluartes de Malaca, as boccas do Ganges, e ambas as suas margens do norte e sul até Calcuta, e os vastissimos e opulentissimos estabelecimentos de Bengala; que retrocedendo os expulsassem do Indostão que todo é seu na costa e contra-costa do Malabar, que se lhe arrazassem os dois famosos emporios do seu commercio, as cidades de Baçaim e Bombaim; que perdessem o que tão gloriosamente defendem nas reliquias do imperio portuguez, em Goa, Bardês e Salsete. Dêmos por um instante os Inglezes excluidos de ambos os mundos, e sem os recursos que tiram já do Brasil, cujo ouro passa todo para as suas mãos. Obrigar-se-iam a acceitar a paz? Não! Eis aqui a voz, que parece ainda sahir do mausoleo de Pitt. Nós seriamos depois de todas estas ruinas ainda mais projudiciaes e formidaveis aos nossos inimigos, poderia dizer com verdade este grande homem. Com effeito, transtornados todos os vastos projectos e planos de Pitt, transferido o Brasil a outras mãos, que não fossem portuguezas, arruinados os estabelecimentos do Cabo da Boa-Eesperança, e podendo alguns milhares de Persas organisados em exercito por aventureiros Francezes em um dia expulsar os Inglezes da Asia, e correrem desde a ilha de Ormuz até á enseada de Ainão e Cabo de Singapura, para os espancar de quantas bahias, surgidouros, ancoradouros, portos, praças, fortalezas, ilhas, que possuem pelo espaço mais de tres mil leguas pelo norte e sul de toda a Asia, e para isto atravessando tantos imperios diversos, tantas cordilheiras de montanhas inaccessiveis, ramificados do Caucaso e Gate, quantas correm desde as fronteiras

[1] Eu procedo na hypothese da permanente usurpação de Portugal, e d'aquella cavillosa divisão, que agora nos descobre o escripto de Cevallos.

da Persia até não só ao Ganges, onde não chegou Alexandre, que não passou do Hydaspe, rio que desemboca no Indo, mas até Cantão, executando-se esta façanha rodamontica pelo exercito Gallo-Persa, ainda que o seu monarcha para o conduzir deixasse imperfeito o *poema-epico* [1] que anda compondo, annunciado em uma gazeta de França, executando-se tudo isto, não restando aos Inglezes mais que a sua ilha, e a inexpugnavel praça de Gibraltar, devia a nação jurar a guerra eterna como apoio da sua independencia e soberania. Mas que guerra? A que talvez não lembrasse ao mesmo Pitt, porque talvez os seus calculos profundissimos não se fundavam sobre dados impossiveis. A guerra de piratas, com que infestariam e assustariam o mundo inteiro, arruinando o commercio e a navegação de todos os povos, não deixando coalhar a mais pequena esquadra. Eis aqui tornados em formidaveis ladrões os que não quizeram deixar ser commerciantes. Não podem ser invadidos na sua ilha, por que os Bretões do decimo-nono seculo não são os do seculo de Julio Cesar e de Claudio; o Oceano e as Dunas lhes formam um propognaculo invencivel. É uma nação toda energia, toda fogo, e um só espirito anima todos os cidadãos. Deixemos delirios, vejamos a nova situação da Inglaterra, e a influencia que n'ella teve a emigração pretendida do Principe de Portugal para o Brasil. Querendo que a Inglaterra não tenha outras bases mais que o commercio, este começou ja a prosperar e a dilatar-se sobre-maneira. Eu prometto ao Brasil colonias de todas as nações européas. *Rebus sic stantibus;* a primeira que de necessidade deve emigrar é a Hollanda, povo activo, paciente, industrioso, e de uma fleugma especuladora, e que conheceu o Brasil por experiencia e posse; prometto a emigração da Dinamarca e da Suecia: eis aqui o Brasil povoado de colonos e de artistas. A emigração de Portugal o povoará de soldados, de proprietarios e de capitalistas, as minas não estão ociosas; aos gentis domesticados por outra politica não observada até agora se ajuntarão os Africanos conduzidos sem ferros, e eis aqui a Europa nos confins do Brasil. São incalculaveis as vantagens que a Grã-Bertanha tirará d'este immenso imperio. Todos os metaes encontrados já em tanta abundancia que parece vegetarem com as plantas, madeiras de construcção, eternas na duração, nenhum navio seu irá mais a Riga buscar os pinhos de Livonia; o consumo infinito das suas manufacturas, e exportação exclusiva das producções d'aquelle vasto paiz, de que a Europa

---

[1] Annuncia-se esta grande obra juntamente com a invenção das seges de aluguer pelos especuladores Persas, em a *Gazeta de Lisboa,* riferindo-se ao *Monitor,* no antigo — Persia —.

toda, até a enfraquecida Italia e a mesma Turquia necessita: a posse das ilhas da Madeira e Açores para deposito d'estas mesmas producções; eis aqui mananciaes inexhauriveis de riquezas para a Inglaterra; e no estado de paz, que não convem á Grã-Bertanha, eu prometto todo o commercio do Brasil feito immediatamente pelas suas mãos, aquelle commercio que os Inglezes que até agora faziam no infelicissimo Portugal. E é assim que a França intentou abater a Inglaterra? Parece que assim lhe quiz augmentar o poder, e accumular os thesouros. O golpe contra ella fulminado resvalou unicamente sobre Portugal, não só agonisante, mas extincto para sempre. Se houvesse um congresso de representantes de todas as nações para ultimarem a grande e necessaria obra de uma paz, eu votaria que se não começasse a deliberar sobre este objecto da consolidação da Europa sem que o voto unanime de todos os povos pedisse o restabelecimento do Principe emigrado no throno de Portugal. A nenhuma das nações seria a paz vantajosa sem que ella se levantasse sobre esta base. Mas concordaria, accederia a Inglaterra a esta proposição? Ella o não fará, sem attentar contra a sua mesma gloria, poder, riqueza, e soberania. A conservação do Principe no Brasil assegura á Inglaterra para sempre o senhorio absoluto dos mares, dá um consumo infinito ás suas manufacturas em um imperio creado de novo, e que necessita de tudo: indemnisa-a da perda (se alguma sente) do vedado commercio continental; obriga por termos as outras nações a haverem das mãos dos Inglezes todos os generos coloniaes, ou a soffrerem privações continuas: esta conservação offerece aos Inglezes dobrados meios de perpetuarem a guerra, e de continuarem o fatal bloqueio do continente, em que os povos estalarão, e com terrivel e espantosa reacção cahirão sobre a origem e causa dos males do mundo:[1] esta conservação offerecerá aos Inglezes novos recursos para o commercio e defesa das suas possessões orientaes. Os seus transportes, as suas esquadras farão a sua primeira escala pelos portos do Brasil, ficando-lhes mais commoda a navegação do que lhes ficaria demandando primeiro a ilha de Santa Helena e depois

---

[1] Não foi precisa a continuação do bloqueio para a insurreição da Peninsula: a inaudita maldade de Bonaparte, a sevicia e a rapina levadas ao ultimo excesso pelos seus malvados satelites; o sacrilego roubo dos monarchas de Hespanha, despertou os povos; todos se armaram, e as vantagens constantes dos Hespanhoes são o thermometro da decadencia do sanguinario e tyrannico imperio francez. Todas as apparencias indicam o ultimo periodo da sua existencia, e o Imperador córso terá a mesma sorte que o seu patricio e concidadão, o Rei Theodoro: tal o destino dos aventureiros sem talentos, e dos usurpadores como Phocas.

o Cabo, sendo por tudo isto a emigração do Principe para o Brasil vantajosa á Inglaterra, e funesta a todos os outros povos. E qual será a sorte de Portugal?

5.ª PROPOSIÇÃO

Portugal, pela emigração do Principe, fica o mais desgraçado de todos os povos, e inutil a todas as potencias.

Pela primeira e segunda proposição, Portugal nem no estado de guerra, nem no estado de paz, desmembrado das possessões ultramarinas, e supposto vago de direito e de facto, póde ser uma monarchia independente: está pois reduzido á condição mais deploravel a que até agora tem chegado nação alguma, e de que não ha exemplo no vasto quadro da historia do mundo. As conquistas e o dominio dos Romanos no tempo da republica, ou do imperio, não reduziram a este estado nação alguma das subjugadas. Era um reino maritimo, e não tem forças navaes; era mercantil e não tem commercio; era guerreiro e não tem exercito; era conquistador atê aos limites da terra, e não tem nem um palmo de terra das conquistas de ultramar, nem as Berlengas; era o mais rico dos secundarios, e é pobre sem recurso; era activo e perfeito nas suas manufacturas, a que se dava, e não tem nem uma fabrica; e para ser ainda mais funesta esta espantosa e repentina metamorphose, até mudou na ordem moral: tinha uma legislação fixa, e passou para a arbitraria, tinha caracter seguro, generoso, egual, intolerante de costumes extranhos, e passou repentinamente para a baixeza, para a infamia, para a vileza da adulação [1] e para sentimentos tão servis, que não só devem enjoar os seus mesmos dominadores, mas fazel-o o horror da humanidade, e o aborrecimento dos povos da terra. A apathia, a indolencia, a indifferença, tendo seus limites podem chamar-se virtudes heroicas; mas, transgredidos estes limites não podem ser mais do que infamia; podia subjeitar-se nobremente, deliberar, e representar, sem que perscindisse d'estes direitos deixados intactos,

---

[1] A este funesto estado se reduziu pela infidelidade de alguns individuos inimigos da patria; elles a entregaram aos Francezes, elles os acclamaram em publico theatro, e está demonstrado que existia entre nós uma seita de conspiradores de todos os estados, homens immoraes, ou tão ingnorantes, que se deixaram illudir das cavillosas promessas de ladrões, e praza a Deus que ainda este pernicioso espirito de partido não permaneça com a força do incendio debaixo de cinzas! Era axioma entre estes perversos, que todo o homem de talentos devia ser do partido francez, e estes malvados fazem votos pela ruina, para se salvarem na destruição da patria.

até á mais abjecta escravidão; emfim, transformou-se do reino florescente, fundado com tanto valor, conservado com tanta sabedoria, dilatado com tanta gloria, famoso por tantas acções illustres, respeitado pelas suas virtudes, distincto pelos varões notaveis em todas as classes de litteratura, em um aggregado de miserias, opprobrios e ludibrios sempiternos. As provincias assolladas, a capital soberbissima e opulentissima, quasi erma, sem fausto, e sem representação. Dentro em si não tem trigos, não tem metaes (tendo aliás minas de todos elles) não tem generos coloniaes, não tem pannos, não tem dinheiro, está reduzido á simples agricultura, á pescaria litoral, e para isto mesmo falto de braços, porque a diminuição de populacão será na rasão directa do augmento da penuria e indigencia. Lisonjear-se com o chamado *futuro brilhante*, é querer cegar-se nas bordas do abysmo em que vae a cahir para se precipitar mais apressadamente. Nunca as desgraças foram caminho para a felicidade; estão não só obstruidos, mas extinctos de todo os canaes que a podiam conduzir unicanente a esta roubada felicidade. Se a Inglaterra tentasse com força armada a liberdade e restauração de Portugal[1] veria inutilisado o seu risco, abortadas as suas deligencias, apenas apontassem nas fronteiras imaginadas forças que o quizessem domar; á mais pequena intimação, largaria tudo, e pagaria uma vil continuação da existencia a troco de voluntaria escravidão. O seu remedio seria considerar-se uma colonia do imperio do Brasil, com uma regencia livre e honrrada; ou desmembrando-se do Brasil, reduzir-se a uma rigorosissima democracia, para imitar a Hollanda no commercio, franquear os seus portos a todas as nações, negociar com os generos do paiz, promovendo mais a cultura dos vinhos, e aperfeiçoando as suas salinas, navegando, que é este o genio, e traficando com os generos exportados da America, consentindo-o a Inglaterra, pela lembrança da antiga adhesão; estes os meios de uma toleravel existencia para os Portuguezes: se não é que sobre elles se realisa algum d'aquelles fataes decretos, que assignal-a ás monarchias impreterivel termo.—*Non stabit, et non erit hoc, et adhuc sexaginta et quinque anni et desinet Ephraim esse populos.* Isaias, cap. 7.

Lisboa 29 de Maio de 1808.

José Agostinho de Macedo.

---

[1] Este papel foi feito a 29 de Maio de 1808; ainda a Hespanha não tinha despertado do lethargo, e ainda Portugal não conhecia pela ultima experiencia a intenção dos Francezes. Os dois principaes objectos que o devem occupar são: primeiro — extinguir a raça dos conspiradores: — segundo — conservar-se na defesa, ainda depois de segura a sorte da Hespanha, e restabelecido Fernando 7.°

N. B.

Este papel, de que não tinha anterior conhecimento, foi-me emprestado em 11 de Fevereiro de 1848; o transumpto estava porém tão desfigurado, não só por uma multidão de incorrecções orthographicas (em geral de facil emenda), mas muito principalmente por faltas e erros de sentido, que, tratando de o copiar, foi por vezes necessario adivinhar o que o auctor disse, e ainda apesar de todo o cuidado alguns logares escaparam em que não foi possivel completar as phrases, havendo todavia por melhor deixal-o assim, do que inserir nos periodos coisa que não se podia reputar inteiramente conforme á letra do original. Se no futuro encontrar outra copia mais correcta farei as convenientes emendas, mencionando as variantes que se offerecem. — Entretanto, ninguem versado na materia deixará de reconhecer aqui o estylo, as ideias, e os sentimentos de J. A., e ainda que por ventura se occultasse o nome do auctor, o contexto o daria facilmente a conhecer.

Innocencio Fran.co da Silva.

INDICE

CARTAS E OPUSCULOS INEDITOS

CARTAS

Ao Padre Fr. Joaquim da Cruz, Procurador geral do Mosteiro de Alcobaça

A Fr. Fortunato de S. Boaventura

A Fr. Francisco Freire de Carvalho, Superior no Collegio da Graça de Coimbra

A um amigo do Vigario Geral

Ao Arcebispo Vigario Geral D. Antonio José Ferreira de Sousa

Ao Dr. Fr. Domingos de Carvalho, graciano, lente de prima de Theologia na Universidade de Coimbra

A Fr. Christovam Henriques, religioso do Convento da Graça

A Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa,
Administrador da Imprensa regia

A Joaquim José Pedro Lopes

A Francisco de Paula Ferreira da Costa

Ao Desembargador José Ribeiro Saraiva

A Claudio Joaquim dos Santos

A Fr. Alvaro Vahia,
Secretario geral da Ordem de S. Bernardo

Aos Senhores Investigadores

A Antonio Feliciano de Castilho

Á Freira Trina D. Feliciana R... do Convento do Rato

Requerimentos á Mesa do Desembargo do Paço

OPUSCULOS INEDITOS